

CARLOS, A FACE OCULTA DE MARIGHELLA

Edson Teixeira da Silva Junior

expressão
POPULAR

CARLOS,
A FACE OCULTA DE MARIGHELLA

EDSON TEIXEIRA DA SILVA JUNIOR

CARLOS,
A FACE OCULTA DE MARIGHELLA

1ª edição

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR

São Paulo - 2009

Projeto gráfico e diagramação: *Krits estúdio*
Revisão: *Geraldo Martins de Azevedo Filho e Ricardo Nascimento Barreiros*
Capa: *Marcos Cartum*
Imagem da capa: Projeto Marighella vive, 2009
Fotos: Projeto Marighella vive, 2009
Impressão e acabamento: *Cromosete*

Dados internacionais de catalogação-na-publicação (CIP)

S586c Silva Junior, Edson Teixeira da
Carlos, a face oculta de Marighella / Edson Teixeira da Silva Junior --1.ed.-- São Paulo : Expressão Popular, 2009.

416 p. : fots. p.

Indexado em GeoDados - http://www.geodados.uem.br
ISBN 978-85-7743-112-0

1. Carlos Marighella, 1911-1969 - Militante. 2. Prisioneiro político - Brasil. 3. Guerrilhas - Brasil. 4. Comunismo - Brasil. 5. Tortura - Brasil. 6. Brasil - Política e governo. I. Título.

CDD 301.412
CDU 392.6 H

Bibliotecária: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

1ª edição: outubro de 2009

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR
Rua Abolição, 197 – Bela Vista
CEP 01319-010 – São Paulo-SP
Fone/Fax: (11) 3105-9500
vendas@expressaopopular.com.br
www.expressaopopular.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO

LINCOLN DE ABREU PENNA[1]

Carlos Marighella quando jovem acompanhou a Revolta de 1935, que as forças reacionárias apelidaram de Intentona Comunista, embora fosse uma iniciativa de integrantes da Aliança Nacional Libertadora (ANL), com grande participação dos comunistas. Esse experimento revolucionário fracassou e os motivos disso são vários, a começar pelo método de tomada do poder via unidade militar sem a devida retaguarda e mobilização popular necessárias para a sustentação do movimento. Todavia, Marighella tinha conhecido a faceta dos revolucionários de então, dispostos, mesmo nos erros de seus camaradas, a levar adiante a chama da revolução. A revolta não deu nem poderia dar certo, mas a disposição de enfrentamento diante da adversidade calou fundo naquele estudante, que mal abraçara a bandeira da revolução socialista no Brasil.

Veio o Estado Novo e o país conheceu a ambiguidade de um regime difícil de ser combatido. Não só a conjuntura internacional era

---

1 Professor do Programa de Pós-graduação de História da Universidade Salgado de Oliveira. Professor aposentado da UFRJ.

francamente favorável à ditadura promovida por Getúlio Vargas com apoio dos militares, como também internamente o anticomunismo crescera bastante após os episódios de 1935, sobretudo em virtude de uma bem urdida manipulação dos fatos de modo a colocar os comunistas como traidores da pátria e a serviço dos interesses antinacionais. Em paralelo a isso, havia também a política de cooptação sindical adotada pelo regime ao lado de uma legislação trabalhista a fomentar a harmonia entre capital e trabalho, em meio a vigorosa ação repressiva contra as lideranças que se opuseram àquele estado de coisas, cujo objetivo era precisamente isolar e eliminar qualquer possibilidade de influência comunista junto à classe operária.

Crescera Marighella, nesse momento, tanto como militante próximo aos sindicatos quanto na qualidade de quadro do Partido Comunista do Brasil (PCB). A dedicação às tarefas partidárias e a correta compreensão das normas do partido dotaram-no de elementos mais do que suficientes para galgar prestígio na organização. Com o fim do Estado Novo e a denominada redemocratização, em 1945, Marighella é eleito para a Câmara Federal. Fora um dos 14 deputados a integrar a bancada comunista na Constituinte, juntamente com Prestes, então eleito senador, com grande votação. A atuação do constituinte Marighella projetou-o, agora, para além do partido. Passara a ser respeitado como um parlamentar capaz de dialogar com os seus adversários com argumentos a surpreender os mais críticos de seus contendores nas batalhas da Constituinte.

A defesa que Marighella fazia da necessidade de reforma agrária era não só bem fundamentada como também rica para o convívio com os seus pares. O deputado José Joffily da UDN debateu muitas vezes as alternativas para a questão agrária no Brasil, num dos momentos de maior demonstração da importância do Parlamento. Além de possuir uma oratória cativante, era também um verdadeiro intelectual orgânico, pois muitos de seus escritos primaram pela elegância e contundência ao mesmo tempo em matérias sabidamente

complexas. De um modo geral, essas qualidades não eram muito comuns na vida do partido, pouco afeito às questões teóricas e ao gosto das atividades intelectuais.

Com o golpe de 1964, Marighella aprofundou suas divergências com a direção do PCB e sua saída foi profundamente lastimada pelos militantes dessa organização, inclusive alguns dirigentes que, mesmo divergindo de suas teses, o consideravam um quadro excepcional e profundamente comprometido com a revolução brasileira. Até aí, a biografia de Marighella é por demais conhecida. Mas o lado do homem a acalentar tantos afetos e a saber igualmente distribuí-los aos que com ele conviviam até há pouco era inteiramente ignorada. Esse lado precisava ser mais conhecido e ressaltado. Essa foi a tarefa cumprida por Edson Teixeira da Silva Júnior, com brilhantismo e seriedade.

Carlos, a face oculta de Marighella é um livro necessário e oportuno. Necessário porque, nos tempos atuais, a figura francamente altruísta do comunista Carlos Marighella precisa ser conhecida pelas novas gerações induzidas, quase sempre, para o caminho fácil do individualismo pragmático. E, oportuno, porquanto restabelece a realidade dos fatos, contra a visão maniqueísta construída pela ideologia dominante, cujo papel consiste em fazer passar a todos a ideia de que os que se insurgem são desviantes, marginais, ou simplesmente agitadores contumazes, desordeiros, enfim.

Este livro repõe a figura exemplar desse combatente pelos direitos sociais das camadas populares. E manteve-se íntegro o tempo inteiro de sua vida dedicada à causa da revolução, integridade que incluiu o jeitão caloroso com que se relacionava com os outros, companheiros ou não de uma jornada marcada por adversidades, mas também por alegrias que sabia compartilhar com aqueles que se beneficiavam de sua amizade. E, ao trazer essa face oculta, porque deliberadamente ocultada pela visão distorcida da vida na clandestinidade, esta visão preconceituosa, profundamente contrária ao seu espírito franco e generoso, o autor desfaz a imagem do político profissional como alguém

destituído de sensibilidade para com os seus semelhantes. A ternura de que falava Che a propósito das tarefas de um revolucionário está plenamente presente nas atitudes de vida desse belo personagem tão bem biografado neste livro.

Ao descrever a trajetória de militância política de Marighella, Edson acrescenta, ao que dele já era sabido, uma dimensão humana extraordinária do homem amante da vida e apaixonado pela possibilidade de participar dos processos de transformação de seu povo, sem se despregar dos sentimentos de fraternidade, companheirismo e sadia amizade que, como poucos, sabia conquistar. Os depoimentos de familiares e de camaradas de partido, seja os que com ele atuaram no velho PCB ou os que marcharam ao seu lado na ousada ação política da ALN, são todos de admiração ao homem que deu a vida à causa da libertação desde os tempos da ANL na década de trinta do século que já se foi. Século das revoluções socialistas e das lutas de libertação nacional.

A leitura deste livro proporciona para quem conheceu pessoalmente Marighella uma sensação de reencontro; para quem não o conheceu, desperta uma imensa curiosidade. Reencontro com tempos em que se acreditava na força das ideias, na palavra dos homens e, sobretudo, no engajamento coletivo a promover o encontro com o futuro que se construía junto. Curiosidade diante de um personagem cuja dor, a perda, o despojamento, a alegria contagiante e a determinação se encontravam num mesmo ser. O baiano que vivera no Rio e se estabeleceu em São Paulo, por imposição partidária em virtude da importância crescente do movimento sindical a crescer no ritmo da industrialização do país, era, na verdade, um cidadão do mundo. Carregava consigo a ânsia libertária sem jamais assumir atitudes diferentes da do cidadão comum. Diferente deste, tinha, sem dúvida, o ardente desejo de derrubar ordens e sistemas. E assim conduziu sua vida.

Tive, como orientador de Edson, neste trabalho acadêmico submetido como dissertação de mestrado de História Social, a

oportunidade de acompanhar a evolução das linhas que constituem o texto agora oportunamente transformado em livro. E o melhor testemunho dessa experiência a confirmar o que penso a respeito do valor dessa publicação é a perfeita interação entre sujeito e objeto de estudo. Edson não faz uma hagiografia, tampouco se deixa contagiar pelas várias facetas do rico e múltiplo personagem. Consegue admirá-lo ressaltando com senso crítico o homem que se encontra mascarado pelo mito criado em torno de suas atividades de quadro da militância revolucionária. Essa capacidade de lidar com um ator político de forte empatia e de personalidade forte é o melhor elogio que se pode fazer ao livro que ora se está lançando.

Um homem de mil traços, de inúmeras aventuras, de contagiante simpatia e de grande ternura diante da simplicidade de um gesto infantil, capaz de perder horas a fio a discutir uma jogada do craque de sua predileção no último clássico do futebol, paixão nacional, que ele também apreciava, como apreciava uma bebida, aquela que "passarinho não bebe". Esse dirigente do PCB; burocrata, segundo ele; foi, com a mesma desenvoltura, o principal líder revolucionário da época da ditadura militar, o inimigo número um do regime. Mas foi também o lúcido dirigente a aconselhar que os militantes que não se encontravam identificados pelos órgãos da ditadura – e, portanto, a salvos ainda da mira da repressão buscassem outros caminhos enquanto era tempo. Sem perder o rumo, Edson nos traça o perfil de um quadro exemplar e de uma época ímpar na história política do Brasil.

INTRODUÇÃO

O personagem aqui biografado é Carlos Marighella, militante do Partido Comunista desde a década de 1930 até agosto de 1967, quando rompe com o partido e passou a atuar na luta armada, como principal liderança da Ação Libertadora Nacional (ALN).

Este estudo biográfico tem como prioridade um objeto centrado na trajetória do homem comum, Carlos Marighella, procurando revelar facetas diferenciadas do personagem, sem isolar o contexto com que desenvolve sua trajetória dentro do Partido Comunista e a fase da luta armada.

Ao priorizar o lado humano do personagem, reunimos dois objetivos:

- recuperar a imagem do cidadão Carlos Marighella em seu cotidiano;
- relacionar a atuação política de Carlos Marighella com atitudes presentes em sua trajetória de vida.

O primeiro objetivo se contrapõe a uma tendência padronizante sobre a imagem pública do militante comunista e revolucionário, desqualificada por vários momentos pela repressão política. Fato

consumado com a denominação de inimigo público número um da ditadura militar, a ele atribuído. No segundo objetivo, procuramos reter das atitudes da trajetória de vida um elemento que se coadune com as opções políticas. Com isso não se quer opor o indivíduo ao contexto, mas sim revelar a relação existente entre ambos, que é uma característica central das biografias.

As hipóteses propostas se dividem em duas:

- a análise do cotidiano do cidadão comum Carlos amplia a compreensão de sua trajetória política;
- a impetuosidade é um elemento imprescindível na atuação política de Marighella.

Segundo Heller, "a vida cotidiana é a vida do homem inteiro".[2] Ou seja, ao atuar na vida cotidiana, o homem expõe toda a sua individualidade, sua personalidade. Age colocando em funcionamento "todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias e ideologias."[3] Justamente por agir explorando suas capacidades, o homem não as realiza com toda intensidade. Os grupos sociais – como exemplo, a família e a escola – têm função inicial de transmitir ao indivíduo as normas da cotidianidade. À medida que "o indivíduo é capaz de orientar-se em situações que já não possuem a dimensão do grupo humano comunitário, de mover-se na sociedade em geral e, além disso, de mover por sua vez esse mesmo ambiente",[4] ele já reúne condições para ingressar, por inteiro, na cotidianidade. A vida cotidiana de Carlos, e não só a vida pública de Marighella, pode fornecer elementos importantes que situem melhor o personagem. Não obstante, para este estudo biográfico, a impetuosidade é uma capacidade presente no cotidiano de Carlos Marighella e relacionada à sua trajetória política. Não se quer com isso retirar o contexto das

---

2 HELLER, Agnes. *O Quotidiano e a História.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

3 *Idem. Op. cit.*, p. 17.

4 *Idem. Op. cit.*, p. 19.

opções políticas do personagem, nem resumi-las ao ímpeto, mas verificar a sua presença na trajetória do personagem.

Estruturalmente, o trabalho foi dividido em uma apresentação, seguida de três capítulos. A "Apresentação" tem a função informativa sucinta, onde é abordada a trajetória pública do personagem, destacando-se os principais momentos da intervenção política de Marighella.

O primeiro capítulo, "Carlos em família", é dividido em duas partes. A primeira parte, "Po-li-te-a-ma" focaliza a infância e adolescência em Salvador, cidade onde nasceu Carlos Marighella. Procura-se revelar aspectos ocultos da trajetória do líder comunista, antes de ingressar na militância política. São enumeradas certas posições tomadas pelo menino Carlos junto à família; pelo irreverente estudante de engenharia da Escola Politécnica da Bahia, como as provas em versos, oferecendo também um panorama sobre a família Marighella, em Salvador. A segunda parte reúne a convivência com Clara Charf e Carlos Augusto. O romance com Clara Charf, dentro dos limites da vida clandestina decorrente do envolvimento de ambos com a militância política comunista, não amordaçou o cotidiano do casal. Carlos Marighella poderá ser analisado em seus hábitos mais comuns, como o interesse pelos exercícios físicos, o empenho na leitura, a divisão de tarefas, entre outros. Antes do casamento com Clara Charf, Marighella teve um relacionamento com Elza Sento Sé, operária da Light. Nasceu daí seu filho Carlos Augusto, que compartilhou um bom período de convivência junto ao pai e Clara Charf. Dessa relação podemos ampliar ainda mais a face oculta do personagem, mostrando a relação entre pai e filho.

"Sem Perder a Ternura" compõe o segundo capítulo. A intenção é conciliar os momentos de militância no Partido Comunista com as relações humanas com os demais militantes, em que Marighella impinge um estilo diferente das demais lideranças. Destaca-se nesse capítulo a resistência organizada pelos presos comunistas no presídio

da Ilha Grande, entre 1939 e 1945, através do Coletivo. As prisões e torturas por que passou o personagem merecem destaque, são elementos relevantes para caracterizar a repressão política brasileira. Outro ponto analisado são alguns discursos no Congresso Nacional, quando Marighella era deputado Constituinte, entre 1947 e 1948. A reação do personagem ao 20º Congresso do Partido Comunista não poderia ser suprimida, haja vista que esse episódio é um marco na trajetória do movimento comunista de todo o mundo.

O terceiro capítulo, "Sem Tempo de Ter de Medo" situa o personagem no seu rompimento com o Partido Comunista e procura enfocar a sua atuação dentro da Ação Libertadora Nacional (ALN). Ressalva-se que em nenhum instante o objetivo é oferecer um retrato completo do que veio a se constituir a ALN, haja vista que essa organização tem particularidades que aqui fogem aos pressupostos desta dissertação. Como exemplo, pode-se apontar a forma como surge a ALN, em São Paulo, a partir do Agrupamento Comunista, fato ainda pouco explorado. A opção pela luta armada foi uma decisão difícil para Marighella. Alguns militantes do Partido Comunista contribuem para registrar esse momento.

A morte de Marighella não constitui objeto central deste trabalho por não a considerarmos um fato isolado das sucessivas quedas de militantes da ALN e da luta armada, de modo geral, depois de 1969. A morte de Marighella merece um enfoque mais amplo sobre a própria ALN e a repressão política desencadeada pela ditadura militar.

Resta agora uma análise sobre a biografia. O caminho percorrido pela biografia no final do século 20 deve ser interposto com o desenrolar da história política. O desenvolvimento desta, suas retrações e avanços, amplia as condições básicas para compreender a inserção da biografia como possibilidade de pesquisa.

O conceito de política está associado ao poder, ou melhor, à prática de poder. Logo, traz implicitamente uma disputa pela conquista do poder. Não qualquer poder. René Rémond explica que "só é política

a relação com o poder na sociedade global, aquela que constitui a totalidade dos indivíduos que habitam um espaço delimitado por fronteiras que chamamos precisamente de políticas".[5] A história política não pretende criar um determinismo, um 'tudo é política'. Mas é sua tarefa realçar o político como "o ponto em que conflui a maioria das atividades e que recapitula os outros componentes do conjunto social".[6] Mesmo na aparente forma apolítica pode-se vislumbrar uma recusa dos indivíduos à macropolítica, ou até a preferência das disputas políticas no interior das relações desses indivíduos.

A história política ficou consagrada, no Antigo Regime, como um método de investigação que visava dar legitimidade às atividades políticas da época. Uma história fundamentada na glória do soberano e a exaltação da monarquia. A crise do Antigo Regime redireciona o objeto inerente à história política, priorizando o Estado e a nação.

A biografia entrava nesse cenário no passo em que carrega uma tradição de centrar-se no indivíduo procurando revelar seus feitos anedóticos, sua vida privada desprovida de interação com o contexto de sua época.

A relação história e biografia é uma herança grega que situava a história ao lado dos acontecimentos coletivos e colocava a biografia como uma análise de fatos e gestos de um indivíduo, cujo sentido poderia ser sugerido pelo autor.

Levillain amplia a tradição da biografia ao apresentar o método biográfico de Suetônio, no império romano: "Suetônio afirmava claramente que escrevia biografias e não história".[7] O que, por outro lado, significa dizer que seu interesse era escrever a história de um rei e não de seu reinado.

Peter Burke caracteriza as biografias do renascimento italiano como "textos repletos de anedotas sobre uma pessoa já contadas por

---

5 RÉMOND, René (Org.). *Por Uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

6 RÉMOND, René (Org.). *Op. cit.*, p. 444.

7 LEVILLAIN, Philippe. *Op. cit.* p. 146

outras pessoas, frequentemente ignoram a cronologia e, em geral, introduzem materiais irrelevantes, dando uma impressão de ausências de forma".[8]

No século 19, com o método positivista, ganha rigor a correlação dos fatos com a fonte documental. Com isso o indivíduo se afasta da circunstância em que o fato se concretiza.

A biografia, nas últimas décadas, é um objeto de discussões e debates que não se encontra isolado das questões que assolam a historiografia. Duby aponta para uma característica que a historiografia recebe desde o início dos anos de 1930, "onde os historiadores haviam voltado sua atenção para os fenômenos econômicos".[9] A biografia estaria condenada à prateleira.

Mas a história não é imune ao tempo em que é escrita. Logo, a historiografia passaria por um redirecionamento das linhas de pesquisa, além da análise das estruturas, das fontes seriais, os processos de longa duração: "a virada dos anos de 1970 para os anos de 1980 trouxe transformações expressivas nos diferentes campos de pesquisa histórica. Argumentou-se em defesa da abordagem biográfica, que o relato pessoal pode assegurar a transmissão de uma experiência coletiva e constituir-se numa representação que espelha uma visão de mundo".[10]

Na proposta de construir uma biografia sobre Carlos Marighella procuro estabelecer uma relação do indivíduo com as normas de seu tempo, ou melhor, o sistema de normas a que esteve inserido e que conseguiu burlar, a sua relativa autonomia. O indivíduo deve ser compreendido "no papel que desempenha no seu ou nos seus grupos, o valor que lhe é reconhecido, a margem de manobra de que dispõe,

---

8 BURKE, Peter. *A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV., v.10, nº 19, pp. 83-97, 1997.

9 DUBY, Georges. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Zahar/UFRJ, 1993.

10 AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

a sua relativa autonomia face ao enquadramento institucional em que vive".[11] E a esse indivíduo corresponde a biografia à medida que ela se centra sobre a vida de um personagem singular.

A esta altura, duas observações devem ser enumeradas. A primeira a respeito de explicar que ao priorizar essa face oculta, não relego a um segundo plano a trajetória política do personagem, mesmo porque boa parte de seus escritos, discursos, posições, enfim, de suas ideias políticas, trazem sua visão de mundo e da época que viveu. Por outro lado, a biografia política – ressalto que toda biografia contém um componente político na medida em que reflete uma cultura, uma época – tem como característica a articulação entre o micro e o macro histórico, ela não se basta apenas com os dados referentes ao biografado, é indispensável a inclusão do lugar social.

A segunda observação é sobre a relação existente entre biografia e história de vida. Esta enquadra o personagem do nascimento em diante, ou seja, inclui todo o registro possível de uma trajetória. As biografias políticas são mais seletivas, o que não implica excluir dados relevantes da personalidade do biografado. A história de vida pode estar presente nas biografias que se propõem a verificar, até então, facetas diferenciadas de um personagem, procurando fornecer dados novos, para ampliar a inserção do biografado no mundo político.

---

[11] VERNANT, Jean-Pierre. "O indivíduo na cidade". *In* Veyne, Paul [*et.al*]. *Indivíduo e Poder*. Lisboa: Edições 70, 1988.

APRESENTAÇÃO

Carlos Marighella nasceu no dia 5 de novembro de 1911, em Salvador, Bahia. Filho de Augusto Marighella e Maria Rita do Nascimento Marighella, era o primogênito de uma família numerosa: Anita, Agostinho, Humberto, Julieta, Tereza, Edwirges e Caetano.

Passou a infância junto com a família, na Rua Barão do Desterro nº 9, na Baixa dos Sapateiros, em Salvador. Demonstrava uma aptidão para os estudos, deixando para os irmãos, em especial Humberto, os passos do bom mecânico Augusto Marighella.

Tanto em sua passagem pelo Ginásio da Bahia, quanto pela Escola Politécnica, onde ingressou com 18 anos no curso de Engenharia, ele se destacou pelo hábito de responder as questões das provas em verso.

O ano de 1932 foi atribulado: escreveu um poema criticando o interventor Juracy Magalhães e conheceu sua primeira prisão, aos 21 anos de idade; em seguida, ingressou no Partido Comunista. Já em 1934, interrompeu o curso de Engenharia, no terceiro ano. Daí em diante, o jovem, que, antes de ingressar no Partido Comunista, já apresentava inquietude com as injustiças sociais, terá toda sua

vida dedicada aos trabalhadores, ao socialismo e ao combate ao imperialismo.

Marighella saiu da Bahia para o Rio de Janeiro, sendo novamente preso em 1º de maio de 1936. Será barbaramente torturado, mas resistiu a seus carrascos: "nada a declarar". Em agosto de 1937 foi anistiado pela "macedada" – como ficou conhecida a anistia do Ministro da Justiça, Macedo Soares. Voltaria ao cárcere em 1939, já na ditadura do Estado Novo. Dessa vez ficaria detido no Presídio Especial de São Paulo, daí para a Ilha de Fernando de Noronha. Mais tarde, com a cessão dessa ilha como base naval estadunidense, no início da Segunda Guerra Mundial, foi transferido para a Ilha Grande.

Com a anistia de 1945, logo após a deposição de Vargas, Marighella foi libertado. O Partido Comunista estava na legalidade, uma nova Assembleia Nacional Constituinte seria convocada e Marighella foi eleito deputado pela Bahia.

Como parlamentar, se caracterizou por intensa participação nas sessões da Câmara. Proferiu 195 discursos em dois anos de mandato. Discursos que eram, basicamente, contra a intervenção imperialista no Brasil e, ao mesmo tempo, um aliado inseparável dos trabalhadores, denunciando as dificuldades por que passavam.

Na esteira da guerra fria, o governo Dutra cassou o registro do Partido Comunista e, logo ele passou a atuar em São Paulo, sobretudo na área sindical, tendo participação na greve dos 300 mil. Nesse mesmo período, fez uma viagem à China e à União Soviética, onde teve contato direto com o *socialismo real*.

Em 1956, realizou-se o 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Kruschev, primeiro secretário, denunciou os crimes de Stalin. As revelações do 20º Congresso provocaram um abalo nos partidos comunistas de todo o mundo. No Brasil não foi diferente, muitos optaram por abandonar o Partido Comunista. Marighella continuou.

Em 9 de maio de 1964, já na ditadura militar, Marighella foi baleado dentro de um cinema carioca – o Cine Esky – Tijuca. Resistiu

à prisão, resistiu à tentativa de assassinato e denunciou a ditadura e a brutalidade do regime recém instalado. Ficou preso por 80 dias. Foi libertado por um *hábeas corpus* impetrado pelo advogado Sobral Pinto.

Diante do imobilismo do Partido, diante da violência da "ditadura militar fascista" – como a caracterizou Marighella – no fim de 1967 ele liderou a dissidência paulista do PCB: surgia o Agrupamento Comunista de São Paulo, que logo viria a ser a Ação Libertadora Nacional. Concretizou-se assim o seu rompimento definitivo com o Partido e passou a atuar na luta armada de resistência à ditadura militar. Os órgãos de repressão o elegeram o inimigo público número um.

Carlos Marighella foi assassinado pela ditadura militar em 4 de novembro de 1969, por volta das 20 horas, na Alameda Casa Branca, em São Paulo, no bairro dos Jardins.

Na manhã do dia 5 de novembro, a professora Philomena Gebran recebeu a seguinte informação de Terezinha Furtado, pessoa que trabalhava em sua casa, e, como de costume, já havia lido os jornais: "Professora, mataram o nosso Che Guevara"!

CARLOS EM FAMÍLIA

Po-li-te-a-ma!
O Elevador Lacerda com sua torre gigante,
como um H monumental enfeitando a Bahia.

E as praias seguindo,
abraçando a cidade...
Areias brancas
como a espuma das ondas.
Visão da Cidade de Salvador no Mar
em uma viagem de Saveiro.
Carlos Marighella

O Brasil, na passagem do século 19 para o 20, era a contradição de uma sociedade agrária, que ensaiava os primeiros passos da indústria. Na verdade, a agricultura, "ainda em 1920, ocupa 66,7% da população economicamente ativa do país".[12] O poder político hegemônico da "República Velha (1889-1930)" era marcado pela alternância de

[12] FRAGOSO, João Luís. "O Império Escravista e A República dos Plantadores." *In História Geral do Brasil.* Maria Yeda Linhares (organizadora). Rio de Janeiro: Campus, 1996.

presidentes ligados a grupos econômico-políticos de Minas Gerais e São Paulo. A disputa entre o café e o leite se impôs aos interesses dos demais Estados da República. Na Bahia não será diferente.

A saudosa "Bahia de Todos os Santos" convivia com a Bahia de todos os coronéis. No início da República, a política baiana ganharia características que se estenderiam até 1930: "uma divisão política entre o litoral e o sertão, um forte sistema de grupos múltiplos dominados por personalidades, e um alto grau de política de reflexos pavlovianos, ditada segundo o capricho do governo do Rio".[13]

A sucessão de Afonso Pena, que morreu em 1909, contou com a articulação de Pinheiro Machado, do Partido Republicano Rio-grandense, com os coronéis do Norte e Nordeste do país, em torno do apoio à candidatura de seu conterrâneo, o Marechal Hermes da Fonseca. O candidato a vice-presidente seria o governador de Minas Gerais, Venceslau Brás. Formava-se uma frente que compreendia o Rio Grande do Sul, o Exército e Minas Gerais. Do lado oposto, com a campanha civilista, Rui Barbosa encabeçava a chapa de oposição, juntamente com o governador de São Paulo, Albuquerque de Lins. A vitória do Marechal Hermes da Fonseca facilitaria a candidatura de José Joaquim Seabra ao governo da Bahia, marcada para 1912. J. J. Seabra atuou, na Bahia, como cabo eleitoral do presidente eleito. O ano de 1911 foi agitado pela sucessão no governo baiano. A situação se complicou quando o governador João Ferreira Pinho renunciou, faltando três meses para completar seu mandato. O governador interino, Aurélio Viana, do Partido Republicano Baiano, manobrou no sentido de transferir o legislativo estadual para fora de Salvador e proibiu a participação dos "seabristas" nas sessões. A crise política só foi resolvida com a intervenção do Marechal Hermes da Fonseca, inaugurando um recurso dos presidentes que, a partir de 1910, "usaram

---

[13] PANG, Eul-Soo. *Coronelismo e Oligarquias (1889-1934)*: *A Bahia na Primeira República Brasileira.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

o Exército nacional para resolver disputas políticas locais e estaduais a favor de seus interesses".[14] Com a recusa do governador Viana em acatar uma determinação judicial que garantia o acesso dos "seabristas" ao Legislativo do Estado, acentuou-se o impasse, só resolvido com a intervenção direta do presidente Hermes: "que ordenou ao general Sotero Menezes, veterano da Guerra de Canudos, que garantisse a decisão judicial".[15] À ordem do Marechal, desencadeou-se um terrível bombardeio na capital baiana. Recuperada a normalidade, garantiu-se a eleição de Seabra, em 1912, contrariando os interesses do Partido Republicano na Bahia.

Na casa número 9, da Rua Barão do Desterro, na Baixa dos Sapateiros, bairro de Salvador, vivia a família de Augusto Marighella e Maria Rita do Nascimento Marighella.

Maria Rita nasceu no ano da Abolição da Escravatura, em 1888. Descendia dos negros haussás, sudaneses "afamados na história das sublevações baianas contra os escravistas".[16] A irmã de Carlos Marighella, Tereza, insiste em dizer que o temperamento de sua mãe teve uma influência muito forte na educação dos irmãos, sobretudo em Carlos:

> Ela era uma pessoa muito doce, muito compreensiva, muito caridosa e humana. Ele teve a quem sair, ela ajudava muito as pessoas necessitadas. Os pobres chegavam lá em casa e ela dava o que tivesse, embora nós tivéssemos pouco, aquele pouco ela sempre tinha para dar a alguém.[17]

Por Augusto Marighella dedicar-se à oficina mecânica, localizada nos fundos da casa, a mãe mantinha um contato maior com os filhos, alternando tarefas domésticas com a educação.

---

[14] PANG, Eul-Soo. *Op. cit.* p. 100.

[15] JOSÉ, Emiliano. *Carlos Marighella: o inimigo público número um da ditadura militar.* São Paulo: Sol & Chuva, 1997.

[16] MARIGHELLA, Carlos. *Por que resisti à prisão*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

[17] Depoimento de Tereza Marighella colhido pelo autor em 30.07.1998.

Augusto Marighella era italiano de Ferrara, Norte da Itália, região da Emília, chegara como imigrante a São Paulo e se transferira para a Bahia. Caetano, irmão caçula e afilhado de Carlos Marighella, declarou ao *Jornal da Tarde* que Augusto Marighella "foi ferreiro na capital paulista e esteve, com muitos outros operários, fazendo manifestações para conseguir a fixação do período de trabalho em oito horas diárias. Ficou marcado e fugiu para a Bahia onde foi motorista do asseio (limpeza pública)".[18] O conteúdo da reportagem revela a intenção de associar a imagem de Augusto como agitador político, numa tentativa de estabelecer, sob esse aspecto, um elo entre o pai e o filho Carlos. Uma considerável parte da imprensa, durante a ditadura militar, foi um instrumento determinado em traçar uma imagem negativa de Carlos Marighella: qualquer chance era aproveitada. O fato, no entanto, é que Augusto Marighella não viria a se tornar um militante político engajado. Foi, no limite, um dedicado profissional de seu ramo, isso ficou mais nítido à proporção que a família crescia e a oficina se tornava a principal fonte de sustento. Foi ele quem introduziu, na Bahia, o martelo de borracha, que não era conhecido, para ser usado em consertos de automóveis. Essa informação é de Carlos Augusto, o Carlinhos, filho de Carlos Marighella. Ele diz ainda que o avô, durante a Segunda Guerra Mundial, ensinou converter motor a gasolina em motor a gasogênio, principalmente na região da Chapada Diamantina.[19] O abastecimento de combustível durante a guerra era limitado. Além disso, Augusto Marighella era a pessoa que consertava navios na Bahia. Dos filhos, o que mais se aproximou do ofício do pai é Humberto, o Betinho, como era chamado pela família.

Carlos Marighella foi o primeiro filho do casal Augusto e Maria Rita. Depois viriam Anita, Agostinho, Humberto, Julieta, Tereza, Edwirges

[18] *Jornal da Tarde*, São Paulo, 10.11.1969.

[19] Depoimento de Carlos Augusto Marighella colhido pelo autor em 6.11.1998.

e Caetano. Na infância, Carlos Marighella aprontava das suas. Sua mãe recordava aos irmãos quando passavam os soldados do Exército baiano marchando próximo a sua casa: "ele ia atrás, sumia, ia marchando também".[20] Ironia do destino: ele, bem mais tarde, seria caçado em todo o país pela ditadura militar, que o nomeou inimigo público número um.

Tereza Marighella guarda na memória as falas de sua mãe. Ela explica que o irmão era muito levado, gostava muito de fugir, qualquer porta aberta, portão aberto, ele já estava na rua. A mãe o repreendia, amarrava-o com uma corda no pé da mesa para evitar a fuga. Tereza se recorda de uma vizinha que fazia um alerta a sua mãe: "mãe que prende o filho, mais tarde o filho pode ser preso". Quando as prisões ocorreram na trajetória política de Carlos Marighella, Maria Rita se arrependeu de ter amarrado o filho. O que a vizinha não sabia é que a militância política de Marighella, como a de vários militantes, comunistas ou não, que lutaram por transformações na sociedade brasileira, foi uma história que revelaria a face brutal da repressão do Estado, para garantir os interesses das elites no poder, seja esta civil ou militar, ou civil-militar. O método preferido utilizado pela repressão foram, em vários contextos políticos, as prisões seguidas de tortura, que, em qualquer circunstância, é um recurso criminoso sem justificativa, a perda da credibilidade de qualquer órgão de segurança e do Estado.

Retomando Marighella – que, aos quatros anos, aprendeu a ler – era difícil para sua mãe conter certas situações. Quando saía com a mãe era comum ele ler anúncios do cinema, em casas comerciais. A mãe querendo andar, puxando-o e ele lendo. Maria Rita nunca se esqueceu quando com quatro anos, ele dizia: "PO-LI-TE-A-MA",[21] que foi um local onde se realizaram bailes de carnaval e também cinema, em Salvador, desde 1900. Foi demolido em 1933. Mais tarde, na

---

20 Cf. depoimento de Tereza Marighella.

21 *Idem*.

escola, no início do ginásio, costumava corrigir a mãe quando esta lia "Nabocadonosor", imperador na Babilônia antiga. Carlos Marighella retrucava: "Não é 'Nabocadonosor', é Na-bu-co-do-no-sor".[22]

Já Augusto Marighella era rígido com os filhos; afinal, eram oito e criá-los exigia uma definição sensata das prioridades. Porém, procurava municiá-los como podia. O interesse de Carlos Marighella pelos livros era incentivado pelo pai, que comprava livro à prestação. A leitura será um hábito do qual Marighella não se afastou durante toda a vida. Era comum, na casa da Rua Barão do Desterro, pai e filho conversarem sobre a Itália. Tereza se impressionava com o conhecimento do irmão.

A cultura baiana é bastante caracterizada pela sua ritmidade. É difícil imaginar algum baiano que não tenha gosto pela música. O próprio sotaque baiano soa rítmico. Evidentemente, não queremos criar um determinismo. Em Marighella o contato com a música esteve presente, nada profissional. Gostava muito de fazer paródias tocando o bandolim da irmã Anita. Tereza Marighella não se esquece de um refrão que o irmão cantava nas horas vagas: "Justiça de Deus na voz da História".[23]

Com o irmão Caetano, dividiu alguns momentos de lazer. Ambos saíam no carnaval fantasiados de mulher: Caetano era a "francesa" e Marighella a "cigana" que ia lendo a mão das meninas, sem esconder o rosto. Marighella tinha alguns relances de boêmia. No final da década de 1920 e início dos anos de 1930, em Salvador,

> o modismo dos intelectuais juvenis eram as serenatas em Itapuã. Os poemas, as músicas compostas ao dedilhar do violão, são facetas de Carlos Marighella testemunhadas nas longas viagens da Baixa dos Sapateiros até Itapuã, no período em que se levava um dia, por caminhos difíceis, para atingir aquelas praias.[24]

---

22 *Idem*.
23 *Idem*.
24 *Jornal do Brasil*, Caderno B, 12.07.1979.

O interesse por futebol fez com que Marighella, no início da adolescência, pedisse a seu pai uma chuteira. Augusto foi taxativo: "Você escolhe! Ou lhe dou a chuteira para o futebol ou uma botina para ir à escola e sair à rua". Passados dois dias, Marighella fez a escolha pela botina: "depois que ganhou foi para a oficina mecânica do pai e pregou alguns cravos na sola. E a botina passou a servir de chuteira".[25]

À medida que a família vai crescendo, a presença de Marighella em casa não era tão assídua. Ocupava-se com os afazeres do estudo no Ginásio da Bahia e com os primeiros passos na militância política. No Ginásio da Bahia ficaria notória a prova de Física que respondeu em 40 versos, cujo tema era 'Catóptrica, leis de reflexão e sua demonstração, espelhos, construções de imagens e equações catóptricas'. Cursava, então, o 5º ano do Ginásio da Bahia, em 23 de agosto de 1929, aos 18 anos. O tema da prova fora sorteado na sala de aula, antes do exame, um detalhe pouco conhecido. Marighella assim respondeu:

Ginásio da Bahia aos 23
de 29 deste oitavo mês.
....
Doutor, a sério falo, me permita,
Em versos rabiscar a prova escrita.

Espelho é a superfície que produz,
Quando polida, a reflexão da luz.
Há nos espelhos a considerar
Dois casos, quando a imagem se formar.
–
Caso primeiro: um ponto é que se tem;
Ao segundo um objeto é que convém.

---

[25] *Jornal da Tarde*, 6.11.1969.

Seja a figura abaixo que se vê,
o espelho seja a linha betacê.

O ponto P um ponto dado seja,
Como raio incidente R se veja.

O raio refletido vem depois
E o raio luminoso ao ponto 2.
Foi traçada em seguida uma normal
o ângulo I de incidência a R igual.

Olhando em direção de R segundo,
A imagem vê-se nítida no fundo,
No prolongado, luminoso raio,
Que o refletido encontra de soslaio.

Dois triângulos então o espelho faz,
Retângulos os dois, ambos iguais.

Iguais porque um cateto têm comum,
Dois ângulos iguais formando um.

Iguais também, porque seus complementos
Iguais serão, conforme uns argumentos.

Quanto a graus, A+I possui noventa,
B+J outros tantos apresenta.

Por vértice opostos R e J
São iguais assim como R e I.

Mostrado e demonstrado o que é mister,

I é igual a J como se quer.
Os triângulos iguais viram-se acima,
L2, P2, iguais, isto se exprima.
IMAGEM DE UM PONTO

Atrás do espelho plano então se forma
A imagem, que é simétrica por norma.

IMAGEM DE UM OBJETO

Simétrica, direita e virtual,
E da mesma grandeza por final.

Melhor explicação ou mais segura
Encontra-se debaixo na figura.
....[26]

A prova em versos rendeu a Marighella nota dez e "ficou exposta no corredor do colégio até 1965, protegida por uma moldura envidraçada, como exemplo para os demais estudantes".[27] O Ginásio da Bahia ficava no Bairro de Nazaré, futuro Colégio Central. Por lá passaram, na década de 1930, Mário Alves e Jacob Gorender, que estudaram bem depois de Marighella. Gorender afirmou que o colégio era laico, não tinha aula de religião.[28] É dele também a informação de que existia nessa escola um professor de história, Conceição Menezes, um incentivador do interesse por sua disciplina. Gorender atribui a

---

26 MARIGHELLA, Carlos. *Poemas: Rondó da Liberdade*. São Paulo, Brasiliense, 1994. Os espaços pontilhados foram preenchidos pelo enunciado das questões, além da figura desenhada, que também faz parte da prova. Nota-se ainda que, conforme é uso na Bahia, R pronuncia-se "rrê"; J pronuncia-se "ji"; L pronuncia-se "Lê".

27 *Jornal do Brasil,* Rio de Janeiro, 07.07.1979.

28 Depoimento de Jacob Gorender colhido pelo autor em 07.12.1998.

escolha de Marighella pelo nome de guerra Menezes, na militância, em homenagem a esse professor.

Carlos Marighella era um jovem que gostava de música, de futebol, de carnaval e de estudar. A militância política revolucionária não é algo que surge da simples relação do indivíduo com a sociedade. A tendência geral do indivíduo com o meio é acomodar-se, para tanto não carece o Estado em incentivar o desenvolvimento de meios coercitivos, através de suas instituições. A aproximação de Marighella com a política é algo que vai se construindo ao longo de sua vida, e uma das características essenciais de sua trajetória política foi a capacidade de intercalar uma intensa atuação com a ternura que Che Guevara julgava imprescindível.

O jovem estudante, devorador de dicionários, vai aos poucos construindo suas convicções políticas. Na rua onde morava, Marighella não se contentava em concentrar seus esforços apenas para seu proveito:

> Ele pegava as crianças que não frequentavam a escola e os adultos que não sabiam ler e levava todo mundo lá pra casa para ensinar. O forte dele era a Matemática. Às vezes, as crianças estavam ruins na escola, a mãe pedia e ele dava aula, sem cobrar nada.[29]

Não que Marighella fosse um gênio, mas sua inteligência, aliada a determinação fizeram com que sempre se destacasse nos estudos. No Ginásio da Bahia, mesmo que não fosse às aulas, era procurado pelos colegas para explicar os pontos da matéria.[30] O estudante já começara a aprontar das suas, a rebeldia aflorava no futuro revolucionário e alguns indícios surgiam no Ginásio da Bahia. Marighella não era apenas o estudante da prova em versos. Tereza atenta para dois protestos de Marighella no Ginásio: um em que ele raspou a cabeça. A hoje professora Tereza explica: "O padre raspa a cabeça e deixa aquela coroa, ele fez o contrário, raspou a cabeça toda em volta

---

[29] Cf. depoimento de Tereza Marighella.

[30] *Idem*.

e deixou só aquela coroinha de cabelo em cima".[31] O outro protesto é mais cômico: não se usava sandália na escola, ele cortou o sapato, fez uma espécie de sandália para ir a escola. A mãe o repreendeu pelo ato, Marighella respondeu prontamente: "Mãe! Jesus Cristo andou de sandália, por que eu não posso andar?".[32]

"Todas as famílias felizes se parecem entre si; as infelizes são infelizes cada uma a sua maneira".[33] A família Marighella era feliz a sua maneira. Era uma família numerosa, com oito filhos, no mínimo espera-se uma casa movimentada. Sem dizer que nos fundos funcionava a oficina de Augusto Marighella. A vida da família Marighella tinha alguns rituais próprios de toda família. Como bom italiano Augusto fazia questão de ver todos os filhos reunidos à mesa, misturava vinho na água e todos bebiam na hora da refeição, na qual não faltava a macarronada. As brincadeiras rolavam soltas entre os irmãos, como a guerra de travesseiros e a correria no quintal, que era grande. Todo domingo os filhos eram acordados por Maria Rita, o destino era a missa na igreja católica. Apesar de o pai ter a vida presa à oficina, era brincalhão. Uma das brincadeiras favoritas era quando ele chegava em casa, a farra era motivada pela pilhéria dos irmãos, que o chamavam de papai-buick – um carro estadunidense da General Motors. Ele enrolava a toalha e simulava uma perseguição à garotada.[34] Carlos Marighella participava a seu modo, era um gozador de primeira, gostava de apelidar os irmãos. Caetano, por exemplo, era o Sergipano, por ter pescoço enterrado. A irmã Julieta apelidara de canela de sabiá, porque tinha as pernas finas. Tereza era a professora sem juízo, ela caçoava de ele ter envolvimento com a política, ele em resposta lançou esse apelido. Para os irmãos ele era o "Carrinho", não tinha apelido especial.

---

31 *Idem*.
32 Cf. depoimento de Tereza Marighella.
33 TOLSTÓI, Leon Nikolaievitch. *Ana Karênina*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
34 Cf. depoimento de Tereza Marighella.

A aproximação de Carlos Marighella com a militância política ocorreu no decorrer de seu ingresso na Escola Politécnica da Bahia, no curso de Engenharia. Data desse período a sua aproximação com o Partido Comunista, fundado no Brasil em 1922. Porém, a opção política de Marighella foi por ele definida da seguinte maneira: "Abracei a causa do comunismo quando ainda frequentava os estudos de Engenharia Civil na velha Escola Politécnica da Bahia".[35] Prossegue Marighella mais adiante: "desde criança habituei-me a meditar sobre um problema a respeito do qual meu pai falava quase diariamente: por que o pobre trabalha toda a vida e nunca tem nada?"[36] O cidadão Marighella vivia seu cotidiano, mas isso não o impedia de ater-se às injustiças sociais:

> O estudo, o tato intelectual com os problemas da vida, o gosto pelos livros, a tendência para a observação científica levaram-me na lógica formal ensinada no ginásio à indagação teórica em torno da filosofia marxista. Buscava uma interpretação da sociedade brasileira, algo que explicasse as contradições observadas no ambiente em que vivia – operários, estudantes, homens e mulheres do povo, sincretismo religioso, preconceitos das elites. E em tudo isso, presente, inarredável, a imagem das crianças, sofrendo, trabalhando, pongando em bondes – como eu via diariamente em Salvador, para ganhar uns míseros tostões vendendo jornais. Como homem do povo, escolhi cedo o caminho, que só podia ser o da luta pela liberdade.[37]

A luta pela liberdade foi um princípio inseparável da trajetória política de Marighella. Seja no Partido, ainda como estudante, seja nas prisões por que passou e resistiu, seja como deputado constituinte em 1946, seja na luta armada de resistência à ditadura militar. Essa determinação de luta, ele deixou registrada no poema "Liberdade",[38] escrito em São Paulo, em 1939, quando se encontrava detido no presídio especial:

---

[35] MARIGHELLA, Carlos. *Por que resisti a prisão.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

[36] MARIGHELLA, Carlos. *Por que resisti a prisão*. *Op. cit.*, p.23.

[37] *Idem*.

[38] MARIGHELLA, Carlos. *Poemas: Rondó da Liberdade*. *Op. cit.*, p. 21.

"Não ficarei tão só no campo da arte,
e, ânimo firme, sobranceiro e forte,
tudo farei por ti para exaltar-te,
serenamente, alheio à própria sorte.
... E que eu por ti, se torturado for,
possa feliz, indiferente à dor,
morrer sorrindo a murmurar teu nome."

Na passagem pela Escola Politécnica, Marighella conservou o hábito de escrever provas em versos. Não chegaria a concluir o curso de Engenharia, foi até o terceiro ano. Numa prova sobre as propriedades do hidrogênio, Marighella dissertou com precisão. Corria o ano de 1931, dia 27 de junho:

"De leveza no peso são capazes
Diversos elementos, vários gases.
O hidrogênio, porém, é um gás que deve
ter destaque, por ser o gás mais leve.
Combina-se com vários metaloides,
Com todos, aliás, e os sais haloides
Provêm de ácidos por aquele gás
Formados reunindo-se aos metais.
Cloro e Hidrogênio combinados dão
Um ácido – o clorídrico – e a explosão
Produzida por bela experiência
Pode ser de funesta consequência.
Vale a pena que seja aqui descrita
Essa experiência, que acho tão bonita.
O desejado efeito se produz
Na escuridão, ausente toda a luz.
O cloro ao lado do hidrogênio fica
Num vaso, e isso por forma alguma implica

Numa veloz combinação dos dois,
Porquanto a mesma só virá depois.
Então, do vaso em se chegando à boca,
Uma chama, rebomba, estrugue, espouca
O violento estampido que anuncia
Pronta a combinação. À luz do dia
Faz-se a combinação rapidamente
(Nesse caso o perigo é iminente).
De uma notável propriedade goza:
Atravessa veloz qualquer porosa
Superfície e, por ser incomburente
É queimado, não queima. A luz ardente
Que possui é de cor azul no tom,
E, na harmônica química, o seu som
É típico e semelha um longo ronco
De um urso velho dorminhoco e bronco".[39]

Nessa prova em verso, um detalhe pertinente é o jogo de palavras um tanto desconhecidas. Isso se deve ao próprio hábito de leitura e a fama de "come dicionário", atribuída por sua irmã Tereza. Palavras como "rebomba", "estruge" e "espouca" não são vocábulos tão comuns. Por outro lado, ambas as resoluções de provas aqui dispostas exprimem a habilidade do estudante com os respectivos assuntos abordados.

No final da década de 1920 chegava ao fim a "República Velha", caia o monopólio da chamada política do café com leite. As elites do poder apresentam sucessivos choques entre si, que produzem uma circulação no poder. A década de 1920 é caracterizada por um acentuado desgaste das oligarquias paulista e mineira. No campo da arte, de 11 a 18 fevereiro de 1922, são os artistas que se manifestam na Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo. No

[39] MARIGHELLA, Carlos. *Op. cit.*, pp. 8-9.

setor militar, a intolerância dos tenentes com a política oligárquica era latente, surgiram movimentos questionando a corrupção da República, mas sem um projeto político e econômico concreto: "o país mergulha entre 1920 e 1929 num clima de efervescência política e cultural, de disputas ideológicas e inquietação social – fundação do Partido Comunista, revoltas armadas, irrupção do modernismo, renovação católica e acirramento da disputa presidencial".[40] A Revolução de 1930, por mais que apresente limites quanto à transformação da sociedade brasileira, foi um acontecimento político inter-relacionado com o desdobramento da agitada década de 1920, e de fato proporcionou algumas modificações no cenário político do país: "com efeito, pode-se dizer que o exercício da cidadania começa a se efetivar a partir de 1930; antes de sua existência era uma prerrogativa das elites que não concebiam em sua ótica a extensão desse princípio ao povo, sempre depreciado e tido como incapaz de influir no destino do país".[41]

A Revolução de 1930 assinalou a deposição de Júlio Prestes, sucessor de Washington Luís, e a ascensão ao poder de Getúlio Vargas, pela Aliança Liberal, liderada pelo Rio Grande do Sul. Para consolidar a rede de apoio ao novo poder instalado, o governo Vargas adota a nomeação de interventores nos Estados. Na Bahia, o nome escolhido foi o interventor cearense, de 26 anos, o tenente Juracy Montenegro Magalhães. No plano político, Juracy desenvolveu uma política que era permissiva com o controle da Bahia pelos coronéis, minando assim as bases políticas do Partido Republicano Baiano e do Partido Republicano Democrático. A oposição mais contundente a nomeação de Juracy se resume ao fato de ele não ser baiano. José Joaquim Seabra, o mesmo que foi apoiado por Hermes da Fonseca, em 1912, é um

---

[40] BRANDÃO, Gildo Marçal. *A Esquerda Positiva*: *As duas almas do Partido Comunista – 1920/1964*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

[41] PENNA, Lincoln de Abreu. *Uma História da República*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

dos principais articuladores dessa oposição. No entanto, a enérgica ação de Juracy no combate ao banditismo do cangaço, que ameaçava o coronelato, aliada a uma política de modernização da economia do cacau, revelou-se suficiente para consolidá-lo no poder: "conseguiu empréstimos do Banco do Brasil e do governo federal para o aprimoramento da valorização da economia, importação de novos equipamentos e desenvolvimento do uso industrial do cacau".[42] O questionamento sobre a inconstitucionalidade do interventor do Estado motivava uma série de manifestações em Salvador.

Em São Paulo ocorreu uma revolta contra o regime de Vargas, o motivo era o mesmo: a inconstitucionalidade do regime instalado. Em Salvador, no mesmo ano, a repressão do governo era intensa:

> o governador Juracy trava verdadeira guerra contra a imprensa, censurando e empastelando jornais, prendendo jornalistas, opondo-se a qualquer movimento constitucionalista no Estado. Em 22 de agosto ordena que o prédio da Faculdade de Medicina seja cercado pela polícia, e reprimida a assembleia estudantil para a organização de atos de solidariedade à revolta paulista pela recondução do país à normalidade constitucional; 514 estudantes e 7 professores são presos, registrando-se ainda a morte de um civil.[43]

No meio dessa turbulência, Carlos Marighella conhecerá sua primeira prisão. Da prisão registra-se o trecho do poema "Vozes da Mocidade Acadêmica", em que Marighella ataca Juracy Magalhães:

> "Qual Zigomar, tu me encerraste um dia
> Nas celas vis da infinda galeria,
> Provisório galé!
> Por tóxico – me deste uma água escassa!

[42] PANG, Eul-Soo. *Op. cit.*, p. 221.

[43] Assembleia Legislativa da Bahia. *Bahia de Todos os Fatos*: *Cenas da vida Republicana 1889-1991*. Salvador: Assembleia Legislativa, 1996.

E imenso bolachão – foi a argamassa...
Que ligaste ao café".[44]

Carlos Marighella se aproximava do Partido Comunista e sua prisão foi um arraso para a família. O pai, Augusto Marighella, temendo maiores complicações, resolve enterrar os livros de Marighella.[45] A inserção no Partido leva Marighella a se transferir para o Rio de Janeiro.

Hoje, num olhar a distância, Tereza se recorda de quando veio para o Rio de Janeiro a procura de emprego e estudo, que já havia iniciado na Bahia, em 1948; o Partido Comunista havia sido cassado e na esteira da repressão do governo Dutra, também foram cassados os mandatos dos deputados comunistas, entre eles Marighella. Tereza chega ao Rio de Janeiro no final de 1947. Marighella era deputado. Foi pedir a ele que lhe arrumasse um emprego, pois já era formada como professora primária, desde 1945, na Bahia. Ele disse que não ia influenciar em nada, que não daria carta nenhuma. Marighella a orientou para fazer concurso.[46] Tereza Marighella foi aprovada no concurso do governo do Estado do Rio de Janeiro, hoje é professora aposentada, lecionou no presídio Esmeraldino Bandeira, em Bangu, foi uma amiga para os detentos, seguiu seus próprios caminhos, sem o menor ressentimento com o irmão. Diga-se de passagem, uma professora realizada. Mas, em alguns momentos da trajetória de Tereza Marighella, temos um exemplo típico do modo como uma imagem negativa esteve associada a seu irmão. Ela, por duas vezes, tentou arrumar emprego no Rio de Janeiro, o motivo de não consegui-lo era o mesmo: o sobrenome. Na primeira vez, quando chegou da Bahia, logo no início de 1948, tentou arrumar emprego junto a Secretaria de Fazenda do Estado, lá conheceu a primeira retaliação, com aquele

[44] MARIGHELLA, Carlos. *Rondó da Liberdade. Op. cit.*, p. 13.
[45] Cf. depoimento de Tereza Marighella.
[46] *Idem*.

sobrenome ficava difícil. Posteriormente, fez uma prova para telefonista. O rendimento no exame foi satisfatório. Tereza Marighella foi chamada para a entrevista, preencheu a ficha de inscrição e foi orientada para aguardar um comunicado, que confirmaria a negativa. Mesmo quando professora de português – Tereza complementou seus estudos no Rio de Janeiro, na Suam, formou-se em Português e Literatura – do presídio Esmeraldino Bandeira, na década de 1970, o dia de pagamento era um constrangimento. Os bancos não possuíam a tecnologia de hoje, o pagamento era na base da listagem e da fila – por sinal, as filas ainda continuam. Tereza Marighella tinha seu nome chamado, o relato é dela mesma: "todos me olhavam meio espantados, dava uma vergonha, dava uma vontade de chorar".[47] Marighella já não era o simples "Carrinho" de Salvador, já tinha uma sólida carreira política, foi preso, resistiu às prisões, foi deputado constituinte em 1946 e, em 1967, liderou o racha do Partido Comunista em São Paulo e partiu para a ação armada contra a ditadura militar. Parodiando o próprio Marighella: a injustiça também está presente na voz da história. Isso é matéria para mais adiante.

Por hora, retornemos a uma análise final sobre a infância e a adolescência do personagem na Bahia. Podemos verificar que a impetuosidade é uma característica inerente a qualquer indivíduo, seja no cotidiano, seja no engajamento político, enfim, em várias circunstâncias. Entretanto, no caso de Carlos Marighella, na infância podemos reter alguns indícios dessa impetuosidade, como exemplo: as fugas constantes e o interesse precoce pela leitura. Na adolescência, esse ímpeto é mais direcionado, as provas em versos e os protestos no Ginásio da Bahia, bem como o episódio em que negocia com o pai a chuteira ou a botina, a alfabetização desenvolvida na Barão do Desterro. À medida que sua inserção num espaço social maior se acentua, essa impetuosidade que Marighella traz como característica

---

[47] Cf. depoimento de Tereza Marighella.

é um elemento que não pode ser desprezado. A proposta aqui é verificar como essa impetuosidade se construiu na trajetória de vida do personagem e qual a contribuição que ela tem na trajetória política. É evidente que as opções políticas de Carlos Marighella estão imbricadas num contexto político muito complexo e específico, seja no Partido ou na luta de resistência à ditadura militar, em momentos distintos da conjuntura brasileira: o peso do político é sempre maior. O ímpeto será um elemento estratégico para ampliar a compreensão da trajetória política do personagem, em especial a sua opção pela luta armada. Isso não significa que a impetuosidade seja uma condição obrigatória para todo revolucionário. No caso específico de Carlos Marighella ela o foi, e teve um peso relevante.

Com Clara Charf e Carlos Augusto

Urca, Pão de Açúcar – o bondinho flutuando
como uma caixinha de fósforos dependurada no ar.

O rádio, a televisão, a novela, o cinema,
o futebol com o Maracanã – o maior estádio do mundo, que ficou
incompleto porque é a imagem do Brasil.
(Carlos Marighella, Rio de Janeiro, 1958)

"Alameda Casa Branca, 10 horas da manhã de ontem. De Marighella, resta apenas uma grande mancha seca, de sangue, que a terra e o cimento da calçada não beberam de todo".[48] Assim informava o *Estado de S. Paulo*, em 6 de novembro de 1969. Não era essa a mesma opinião dos familiares de Carlos Marighella após sua morte em 4 de novembro de 1969. Desde o assassinato, a família Marighella empenhou-se em recuperar a imagem do militante revolucionário. O Departamento de Ordem Política e Social (Dops) paulista fez o

[48] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6.11.1969.

sepultamento de Carlos Marighella ignorando a posição da família. Na cova rasa, número 1106, do Cemitério de Vila Formosa, todo cuidado era pouco. Uma equipe composta de 12 policiais armados com metralhadoras acompanharam o cortejo fúnebre. A cova em que foi enterrado Marighella não tinha cruz nem vela, algo que acontecia mesmo com indigentes.[49] O aparato policial, certamente, temia qualquer ato da Ação Libertadora Nacional em resgatar o corpo. Ressuscitar é que Marighella não podia, apesar dos muitos mitos ligados a sua pessoa, às vezes causados pela própria valentia que demonstrara no entrevero com policiais. Dias depois chegaram ao cemitério o filho de Marighella, Carlos Augusto, e o irmão e também afilhado, Caetano. Vinham da Bahia para prestar a primeira homenagem. Foi um ato singelo, vivia-se o tempo da ditadura civil-militar e o que valia naquele instante era a presença do irmão e do filho como representantes dos familiares. Carlinhos, como é conhecido o filho de Carlos Marighella, providenciou flores e uma cruz de cimento para o túmulo. Era apenas um gesto, um primeiro passo para o que viria marcar, dez anos mais tarde, a obstinação pela memória do líder comunista.

Em 1979, no desenrolar da Lei de Anistia aprovada no Congresso Nacional, retornaram do exílio para o Brasil muitos militantes. Entre eles Clara Charf. Daí em diante, Clara e Carlos Augusto se unem na tarefa incansável de recuperar a imagem de Marighella. No mesmo ano de 1979, o corpo é transladado para a Bahia, para o Cemitério de Quintas, em Salvador. Antes foi motivo de um ato público no Sindicato dos Engenheiros, em São Paulo. Todos os anos seguintes, na medida do possível, Clara e Carlinhos promovem eventos com o mesmo objetivo. Um fato considerável foi a vitória na Comissão dos Mortos e Desaparecidos durante o período da ditadura militar, criada

---

[49] *Jornal da Tarde,* São Paulo, 07.11.1969. Durante a ditadura militar era comum o sepultamento de militantes políticos tratados como indigentes. Trata-se de uma medida que visava dificultar a localização dos corpos e ao mesmo tempo serviria para isentar a repressão política dos crimes cometidos.

pela Lei nº 9.140, de 1995,[50] ressalvando-se que essa lei ainda não é o bastante para se fazer justiça aos crimes cometidos pela repressão política, durante a ditadura militar. O Estado brasileiro reconhece oficialmente o assassinato de Marighella. Nota-se que no início dos trabalhos o Estado organizou a Comissão visando reconhecer casos onde ficava comprovada a morte de pessoas dentro das dependências do Estado. Marighella foi morto na Alameda Casa Branca, rua localizada no bairro dos Jardins, em São Paulo. Foi fuzilado sem chance alguma de reação, num cerco policial envolvendo 45 policiais. Relatos oficiais da época atribuíam um tiroteio que acabaria por provocar o assassinato de Marighella, que segundo o Dops, havia reagido. Laudo pericial do próprio Dops constatou que do revólver calibre 22, portado por Marighella, nenhum tiro foi dado.[51]

Como assinalou Jânio de Freitas: "Não poderia haver troca de tiros entre autores de um cerco e o cercado que não usou a arma cuja posse foi atribuída".[52]

O personagem deste trabalho é Carlos Marighella e, nessa parte, a narrativa se restringe a sua relação com Clara Charf e o filho Carlos Augusto, procurando ressaltar aspectos diferenciados da vida cotidiana que revelam facetas desconhecidas do personagem. A ordem cronológica dos fatos narrados não se acomoda numa sequência, assim como a contextualização dos períodos abordados é sucinta, sofre cortes temporais, que ao longo do trabalho serão devidamente

---

50 É importante apontar o fato de que a Lei nº 9.140/95 preconiza a indenização de mortos e desaparecidos durante o regime militar mediante provas documentais apresentadas pela Comissão de Mortos e Desaparecidos. Logo, recai sobre as famílias um levantamento pormenorizado sobre o destino do desaparecido político. Boa parte da documentação encontra-se sob domínio do Estado, dificultando a comprovação do desaparecimento.

51 Maiores detalhes sobre o trabalho da família ao longo dos anos e na Comissão de Mortos e Desaparecidos durante a ditadura militar, ver o cuidadoso trabalho de Emiliano José. *Carlos Marighella*: *o inimigo público número um da ditadura militar*. São Paulo: Sol & Chuva, 1997. Em especial o capítulo 2.

52 FREITAS, Jânio de. "A Prova Escrita". *Folha de S. Paulo,* São Paulo,14 maio. 1996.

repostos com maior abrangência. Para concluir, parcialmente, uma análise sobre os caminhos da abordagem biográfica e a sua relação com o personagem Carlos Marighella ao longo da sua trajetória política.

O romance entre Clara Charf e Carlos Marighella se iniciou na segunda metade da década de 1940, exatamente, em 1948. Tanto Clara quanto Marighella pertenciam ao Partido Comunista. Ambos com trajetórias díspares que acabaram se encontrando. Clara descendia de família judaica. O pai Gdal Charf e a mãe, Esther Charf, eram da Ucrânia, da região de Odessa. Gdal se instalara, na década de 1930, em Alagoas, na capital Maceió, onde desenvolvia a atividade de mascate. Logo percebeu que as possibilidades em Recife seriam mais promissoras do que em Maceió. Em 1942, a família Charf se transferiu para a Pernambuco. Clara, os pais e os irmãos Sara e Abraão. Em Alagoas, Clara presenciou algumas manifestações de oposição ao nazismo, ia despertando assim seu interesse por política. Em Recife, com a morte da mãe, foi obrigada a abandonar os estudos e começou a trabalhar. O sonho de ser médica esbarrava nas circunstâncias da vida. Entre 1942 e 1945, foi trabalhar na base naval estadunidense, em Recife, como datilógrafa copista. Graças ao incentivo da mãe, ela havia estudado inglês e datilografia, fato que a ajudou a garantir o emprego. A aproximação com o Partido Comunista ocorreu quando, na conjuntura nacional, o Partido passou a atuar na legalidade, insuflado pelo papel desempenhado pela União Soviética na derrota imposta ao nazifascismo. Entrou para o Partido e atuou na Associação de Mulheres. A noção de comunismo ainda não era embasada teoricamente. Pesava a sensibilidade das dificuldades da própria vida da família, marcada pelos limites de uma vida dura e de muita batalha, como a própria situação a sua volta, e um olhar atento às injustiças sociais no Recife. Em 1945, se transferiu para o Rio de Janeiro, convenceu Gdal e passou a morar com Sarah Shurt, tia materna. Além de médica, desejava ser aviadora, via nessa profissão alguma identificação com a liberdade. Mas, naquela época

a aviação era tarefa reservada aos homens. Conseguiu emprego em um escritório da Panair. Adiante, prestou concurso para a Aerovia do Brasil e conquistou a vaga de aeromoça. O conhecimento da língua inglesa foi importante para alcançar a nova função.[53] No Rio de Janeiro o elo com o PC foi mais direto. A militante frequentava a célula do Partido no Largo do Machado. Célula era o local de referência, localizado em um bairro, ou local de trabalho, em que atuavam os militantes do PC. O contato com Marighella foi acidental, se cruzaram casualmente na sede do Comitê Central, na Glória. Clara, como era aeromoça, ia algumas vezes à sede do Partido, na Glória, recolher correspondências. O contato com Marighella, que para ela era um desconhecido, se resumiu numa troca de olhares. Não seria tão simples passar desapercebido um mulato de um metro e noventa de altura olhando em sua direção. O estreitamento se realizou quando o Partido Comunista organizou a Assessoria Parlamentar Coletiva, que assistiria aos deputados comunistas eleitos para a Constituinte de 1946. Clara integrou essa Assessoria, que era comandada por Marighella. O romance surgiu nesse ambiente de trabalho, onde os dois se apaixonaram.[54]

Ela foi flagrada por um conhecido de seu pai vendendo jornal do Partido Comunista pendurada num bonde, na cidade do Rio de Janeiro. Não era uma burocrata do Partido. A partir daí algumas tensões começaram a surgir em relação a seu pai. O casual espião enviou uma foto para o Recife. O temor de que a filha fosse presa fez com que Gdal se deslocasse para o Rio de Janeiro e pressionasse a filha para que retornasse com ele. Como o PC teve seu registro cassado em 7 de maio de 1947, a cassação dos mandatos dos comunistas seria uma questão de tempo e logo a repressão acirraria os ânimos. Clara se refugiou na casa do ex-deputado comunista José Maria

---

[53] Depoimento de Clara Charf colhido por Emiliano José em 20.07.1996.

[54] *Idem*.

Crispim. Mas o impasse continuava e só foi solucionado quando Clara atendeu ao pedido do pai. A intervenção de Marighella acabou por também auxiliá-la na decisão. Mesmo assim, ela continuou a atuar no Partido, tudo sem o consentimento de Gdal Charf. Seria perfeitamente compreensível a preocupação do pai com a filha, nada que atingisse um grau de anticomunismo exacerbado. Gdal não era um judeu ortodoxo, sendo bastante flexível em relação às tradições judaicas. No entanto, judeu ou não, qualquer pai apresentaria a mesma inquietação. O fato é que Clara estava decidida a continuar a atuar politicamente no Partido Comunista e, além disso, já se encontrava envolvida numa relação amorosa com Carlos Marighella. Elaborou um plano de fuga do Recife para o Rio de Janeiro. Casou com Carlos Marighella em dezembro de 1948. Isso se realizou com o Partido retornando à clandestinidade, ambos com prisão preventiva decretada; a evidência leva a concluir que não precisariam de papel oficial para oficializar a união.[55]

A vida conjugal de Clara Charf e Carlos Marighella se entrelaçava com os difíceis momentos por que atravessa o Partido Comunista após a cassação dos mandatos dos parlamentares, lançado novamente na ilegalidade. Não foram poucas as privações divididas pelo casal, pois a clandestinidade exigia que mantivessem suas reais identidades sob sigilo. Os aluguéis jamais poderiam trazer o nome de ambos, levando-se em conta que Marighella já era bastante conhecido. Em oposição, a vida do casal, tomado os devidos cuidados, seria um álibi para ludibriar a vizinhança. Nem por isso Clara e Marighella tiveram a paixão esvaziada. Além do amor em comum, os unia a ideologia política e a dedicação às atividades partidárias. Marighella, com a perda do mandato de deputado, passou a receber uma ajuda de custo para se manter. O Partido Comunista auxiliava os militantes mais procurados.

---

[55] Depoimento de Clara Charf colhido pelo autor em 03.11.1998.

Clara descreve Marighella como um homem alto, de porte atlético, cabelos crespos, lábios grossos, nariz meio adunco, com mãos grandes e gesticulação acentuada ao falar. Ela destaca que o marido sempre procurou manter-se fisicamente em boa forma, mesmo nos momentos de clandestinidade. Os exercícios físicos eram um dos hábitos preferidos de Marighella. Nos momentos de maior liberdade política gostava muito de caminhada, sempre que podia caminhava, essa foi uma inclinação marcante em sua trajetória. Relatos de companheiros de Marighella atestam que o baiano gostava muito de doces. Nos tempos difíceis de clandestinidade, em São Paulo, entre 1937 e 1938, ele percorria distâncias enormes, evitava a condução, guardando o dinheiro para comprar doce. Como parlamentar, no Rio de Janeiro, uma década depois, Marighella preferia fazer a pé o percurso entre o Palácio Tiradentes – na Praça XV – e o escritório parlamentar dos comunistas, situado na Avenida Rio Branco.[56] Além da caminhada, a dedicação aos exercícios físicos foi uma tônica bastante presente em seu cotidiano. Nos momentos de clandestinidade procurava fazer exercícios em casa mesmo. Como não havia recursos disponíveis para a aquisição de instrumentos, Marighella improvisava. Pegava duas latas de leite em pó, enchia de cimento, atravessava um cabo de vassoura entre as latas e pronto, já possuía o necessário para manter sua forma física.[57] Em outra oportunidade, na segunda metade da década de 1950, Marighella aparecia em casa com algo semelhante a um remo. Simulava uma situação de remador e, em paralelo a atividade, aproveitava o tempo para aprender inglês. Àquela época saíram os primeiros discos em inglês, ele aproveitava o tempo "remando" e ouvindo os discos para aprimorar o idioma.

De fato, o interesse por atividades físicas pode ser notado em algumas fotos de Marighella. No episódio em que resistiu à prisão,

---

[56] Cf. depoimento de Clara Charf.

[57] *Idem*.

em 1964, logo quando é solto, apareceu nas redações dos jornais denunciando o tiro que havia sofrido. Retira o paletó e passa a apontar o local onde a bala o atingira. Nota-se um abatimento pela prisão a que se submeteu, mas também podemos verificar um pouco de seu porte atlético. Evidentemente, nada que se aproxime de uma escultura grega clássica, mas realça um porte físico cuidadoso. Clara ressalva que esses hábitos de praticar exercícios eram circunstanciais, estava muito ligado à conjuntura.

Marighella era fascinado por leitura; não foram poucas as vezes que chegaria em casa com alguns livros e publicações. Lia de tudo. Do pouco que o Partido Comunista assegurava a seus militantes, sempre sobrava uma quantia para adquirir livros, tanto para si quanto para presentear os amigos e parentes. Um costume que o acompanhava desde a adolescência. Outro hábito mantido é a relação com a música. Esta não ficou restrita a Salvador. O destemido militante comunista tomava o cuidado de trabalhar escutando música, sua preferência, nessas situações, era por ritmos rápidos, músicas como "Tico-Tico no Fubá", sucesso da década de 1940, facilmente ouvida nas rádios. A relação com a música é eclética. Talvez por influência de Augusto Marighella, tenha despertado seu interesse pela ópera. Juntamente com os livros, sempre que podia comprava alguns discos. Contava com o apoio de Clara Charf, que havia estudado piano em Alagoas. Além de ópera, o comunista Marighella admirava o chorinho e a música popular brasileira, sobretudo Noel Rosa.[58] O samba, por sinal, serviria de inspiração no poema "Como Nasceu o Samba", onde Marighella explica, a seu modo, a origem do ritmo no Brasil:

> "Dizem que o samba nasceu na Bahia,
> mas dizem também que nasceu no Rio de Janeiro.
> Vestiram a cidade com um vestido de nylon moderno,

[58] Cf. depoimento de Clara Charf.

só que era feito com raios de sol de um dia tropical,
quando o sol arrancava faíscas das águas da Guanabara,
como quem tira reflexos de luz de um espelho de metal.

Quando foi noite,
por cima do vestido de sol,
botaram na cidade um manto de estrelas,
que um malandro do morro
cortou a navalha um pedaço de céu.

E começou um batuque no morro...
E uma cabrocha dançava, dançava,
com um vestido de sol e um manto de estrelas,
remexendo.

Um malandro que levava embaixo do braço
um embrulho de fubá para o mingau da família,
ficou bestificado,
e o embrulho caiu e espatifou-se no chão.

De manhã quando os pássaros acordaram
e ouviram o canto do morro que ainda estrugia,
calaram o bico e não cantaram mais,
só que foram pro chão
catar o fubá que havia caído.

E pegavam o fubá e o fubá caía...
e tornavam a pegar e o fubá fugia...
E o batuque batendo em cadência perfeita...
O espetáculo no morro era tão imponente,
que dava um remelexo no corpo da gente.

E assim que o samba que nasceu na Bahia
acabou nascendo também no Rio de Janeiro".[59]

Não se deve entender Marighella como um conhecedor profundo de música. Trata-se aqui apenas de apresentar costumes do personagem no seu cotidiano. À mesma medida, os poemas escritos por Marighella são de todo compostos de versos previsíveis, sem perder o brilho: era um revolucionário poeta e não um poeta revolucionário.

Na cultura brasileira samba e futebol são ingredientes indispensáveis; porém, não são obrigatórios. Futebol era uma das paixões de Marighella, torcedor do Corinthians, em São Paulo, e do Flamengo, no Rio de Janeiro, clubes de grande popularidade nacional. Na Bahia, torcia pelo Vitória. Na clandestinidade, não poderia ir aos estádios, mas procurava acompanhar lendo as notícias esportivas. Num episódio ocorrido dentro de um táxi, acompanhado por Clara Charf, um chofer o interrogou sobre uma partida entre times de São Paulo. Marighella estava desinformado. Ao sair do táxi ele lamentou com Clara o constrangimento por não ter conhecimento do fato narrado pelo motorista.[60] A simpatia pelo futebol fez Marighella registrar um poema em homenagem a Garrincha, "Alegria do Povo", destaca-se uma estrofe que demonstra a mortal jogada do ponta-direita:

"Voa Garrincha,
invade a área contrária,
indo até a linha de fundo
para cruzar...
E as redes balançam
no delírio do gol".[61]

---

59 MARIGHELLA, Carlos. *Poemas: Rondó da Liberdade*. *Op. cit.* pp. 46-47.
60 Cf. depoimento de Clara Charf.
61 MARIGHELLA, Carlos . *Rondó da Liberdade*. *Op. cit.,* p. 50.

Outro detalhe salientado por Clara é o gosto por presentear as pessoas. Marighella poderia esquecer uma data de aniversário, a do próprio casamento, mas não raro surpreendia com alguma lembrança. Sobre esse aspecto, podemos verificar em carta endereçada ao irmão Caetano, residente em Salvador, datada do mês de fevereiro de 1960, na qual relata as novidades. Não se esqueceu de relembrar ao irmão o dia 14 de janeiro, data em que se comemorava o aniversário de Caetano. Assim escreve: "Não esqueci o 14 de janeiro. Seu presente está comigo e logo você o receberá".[62] Aliás, o acesso à família sempre esteve presente, dentro dos limites impostos pela atividade política. A irmã Tereza, então no Rio de Janeiro, recebia a visita de Marighella algumas vezes. Num desses encontros coincidiu ser aniversário de seu filho, José Augusto, e de sua filha Regina Lúcia. O filho completaria cinco anos e a filha um ano. Como as datas eram próximas decidira-se fazer a festa conjunta. Na hora de cantar o parabéns, José Augusto pilheriou, queria o aniversário só para ele, chegou a puxar a toalha em tom de inocente protesto. Marighella, que estava acompanhado de Clara, se divertiu muito com o fato. Pegou um guardanapo e escreveu um verso parodiando uma peça de teatro em cartaz no Rio de Janeiro. Tereza recorda:

> "No dia de seu aniversário
> José Augusto Teixeira
> chorava de fazer dó!
> encenando aquela peça:
> bububu no bobobó".[63]

---

[62] Carta manuscrita de Carlos Marighella ao irmão Caetano Marighella. Edições Contemporâneas: Rio de Janeiro, 02.02.1960.

[63] Depoimento de Tereza Marighella colhido pelo autor em 30.07.1998.

> Esse seria um dos últimos contatos mais íntimos com o irmão. Em 1964, Tereza soube pelo rádio que Marighella havia sido baleado num cinema na Tijuca, ao resistir à prisão, fato mencionado anteriormente. O marido, Armando Teixeira, fez uma incursão no Hospital Souza Aguiar onde Marighella estava internado. Tereza, com o sobrenome que possuía, rapidamente seria identificada, e, além disso, estava abalada emocionalmente. Armando Teixeira usou da habilidade para chegar ao leito onde se encontrava Marighella. Aguardou cuidadosamente a distribuição das senhas, não anunciou o objetivo de sua visita. Chegada a sua vez, tratou de localizar rapidamente o leito onde estaria o cunhado. Ao vê-lo, se aproximou. Marighella, percebendo sua presença, alerta piscando os olhos, avisando-o da presença de dois agentes policiais à paisana. Armando será interpelado pelos policiais sobre o motivo pelo qual ali se encontrava. Disfarçou afirmando estar a procura de uma pessoa que imaginara ser aquela no leito. Marighella estava vivo.[64]

Na convivência entre o casal, Clara enfatizou a divisão das tarefas domésticas como um dos componentes mais marcantes que atenuavam a vida de militante. Ambos não possuíam ninguém para auxiliá-los nas tarefas da casa, e também viviam atarefados com a militância. Principalmente nos momentos de clandestinidade, a cooperação era fundamental. Marighella combinou com Clara que lavaria as roupas, ela se encarregaria de passá-las. Inexistiam máquinas de lavar naquele tempo e Marighella não sabia passar roupas. Enquanto Clara cumpria sua tarefa, Marighella havia combinado que leria, em voz alta, os jornais ou alguns textos políticos, assim a companheira não sairia prejudicada. Clara nunca encerou casa, era o marido que, de acordo com as circunstâncias, se encarregava dessa tarefa. Na verdade, a preocupação de Marighella era manter o ambiente organizado, desde a adolescência tinha essa característica. Na luta armada, orientava os mais novos para limparem a casa que alugavam, mesmo porque era uma medida de segurança, não era para deixar nada bagunçado. Na

---

[64] *Idem.*

convivência com Clara atos mínimos como pendurar toalha e lavar louça eram imprescindíveis. Ou seja, nesse aspecto Marighella se afastava de uma concepção machista, reinante na sociedade brasileira. Já foi destacada a avidez de Marighella pelo estudo de línguas estrangeiras. Uma situação cômica ocorreu em 1952, quando viajou para a China e para a ex-União Soviética. Marighella chefiou uma delegação do Partido Comunista. Clara destacou que o conhecimento do marido sobre a língua inglesa centrava-se na grafia, ou seja, Marighella tinha a prática de consultar o dicionário e verificar a grafia e o som das palavras, bem como o seu respectivo significado, enfim, um amplo domínio do vocabulário. Quanto à pronúncia, não era das melhores. Na viagem à China, aprender o idioma do país revolucionário de Mao Tse-tung exigiria muito tempo. A solução encontrada por Marighella foi treinar o inglês. Passaram a dialogar tudo em inglês na convivência mais íntima. O prazo era de um mês. Clara explica que ele possuía um problema, em algumas pronúncias ele trocava o H e o R pelo L, por exemplo: ao dizer hat, chapéu em inglês, dizia lat. Rato em inglês, *rat*, ele pronunciava lat. Realizado o treinamento, Marighella partiu para a viagem. Por medida de segurança ela ignorava o país que ele iria. Quando retornou, um ano mais tarde, Clara o interrogou sobre como havia se virado com os defeitos da pronúncia. Marighella explicou que havia ido à China e à União Soviética. Na China, Marighella explicou que, assim como ele, o chinês trocava o R pelo L, e acabaram se entendendo.[65] No decorrer da década de 1950, a convivência do casal passou a ser dividida com Carlos Augusto.

Carlos Augusto Marighella nasceu em 22 de maio de 1948, no bairro do Méier, na cidade do Rio de Janeiro. Era o filho de Carlos Marighella com uma funcionária da Light, Elza Sento Sé. Elza nasceu na Bahia, em 1922, o curto romance com Marighella ocorreu quando era funcionária da Light. Os dois se conhecem nas atividades políticas

---

[65] Cf. depoimento de Clara Charf.

envolvendo os funcionários da empresa, que reivindicavam melhoria nos salários.[66] Os comunistas atuavam politicamente na empresa. Do romance com Marighella, terminado no mesmo ano de 1948, nascera o filho Carlos Augusto. Carlinhos não manteria contato com o pai, isso ocorreria anos mais tarde. A razão de tal afastamento não é difícil de ser analisada. O ano de 1948 assinalou nova clandestinidade para os militantes do PC. O contato com o filho só poderia trazer transtornos. Ana Montenegro explica que a mãe não pôde registrar Carlinhos por uma razão muito simples: Marighella estava ilegal.[67] Elza retornou para a Bahia com o filho. Diante da situação em que se encontrava seu pai, a melhor solução seria ir para Salvador. Carlinhos passou oito anos junto da mãe em Salvador. O retorno para o Rio de Janeiro foi para conhecer o pai. Favorecia esse encontro a situação política do país, um pouco menos acirrada para os comunistas. O PC apoiou Juscelino Kubitschek para a Presidência da República; com a vitória de JK, a tendência era a situação se amenizar. Porém, em 1957, a casa de Marighella e Clara, no Méier, foi invadida pela polícia. O casal não se encontrava e por isso escaparam de ser presos.

Em 1958, iniciou-se o único período em que Clara e Marighella viveriam com suas reais identidades. Já era hora de conhecer Carlinhos. No retorno para o Rio, em princípio, Carlinhos ficaria sob os cuidados da avó materna. Marighella alugou um apartamento na Rua Mem de Sá para os dois. Até então pai e filho não se conheciam pessoalmente. O encontro ocorreu na escola Vladimir Mata, Carlinhos cursava a terceira série primária, é dele a narrativa que se segue: "fiquei ressabiado, impressionado com a figura física, me aproximei. Meu pai me colocou no colo e me beijou. Era uma pessoa extremamente carinhosa e revelava ali seu traço terno e atencioso com os jovens, apesar de ter sido um homem muito atarefado".[68] Ele passou a viver com

---

66 Depoimento de Carlos Augusto Marighella colhido pelo autor em 6.11.1998.
67 Depoimento de Ana Montenegro colhido pelo autor em 6.11.1998.
68 *Jornal do Brasil,* Rio de Janeiro, 12.07.1979.

Clara e Marighella num apartamento situado na Rua Correia Dutra, no Flamengo, bairro carioca. Marighella prestou todo o auxílio ao filho em relação aos estudos, não importando se a avó o matriculasse em colégio religioso, o que acabou acontecendo quando o menino foi matriculado na escola batista, localizado na Rua Frei Caneca.

A relação de Marighella com o filho se deu num clima de aproximação cada vez mais intenso. No estilo de Marighella não bastava fornecer apenas orientações acerca dos estudos; do pouco tempo que tinha com o filho, procurava retribuir-lhe toda a atenção desejada. Era comum propor a Carlos Augusto a resolução de problemas de matemática, aliás, um de seus assuntos preferidos. Carlinhos fica admirado ao relembrar como o pai conseguia alternar as exigências da atividade política com o carinho dispensado a ele. Era o tipo de pai que beija os filhos toda noite, propunha brincadeiras, ajudava Carlinhos a montar pequenos brinquedos manuais, ia à praia, geralmente aos domingos, isso quando podia. Em algumas visitas a companheiros do Partido, nos finais de semana, era comum Marighella levar o filho. Muitos queriam conhecer o filho do revolucionário comunista. À proporção que o menino crescia, Marighella começou a orientá-lo sobre sexualidade. Falava abertamente sobre o assunto. As razoáveis noções científicas sobre sexo, Carlinhos assimilou com o pai. Marighella recorria a livros para demonstrar ao filho o que era um pênis, uma vagina, chamando a atenção para possíveis doenças e cuidados a serem prevenidos. Alerta também sobre o cuidado que Carlinhos deveria ter sobre a questão da virgindade das moças e os danos eventuais ao frequentar prostíbulos.

A residência onde viviam Clara, Carlinhos e Marighella era modesta. O apartamento de um dos maiores dirigentes do Partido Comunista se resumia a um quarto e sala, cozinha e banheiro. No entanto, não era uma vida de privações. Tinham telefone, televisão, gravador, que era raro na época, a alimentação era boa, Carlinhos estudava em bons colégios, não seria forçoso afirmar que compunham um estilo da classe média carioca.

A relação entre Clara Charf e o filho de Marighella era cercada pelo mesmo carinho. Clara procurava agradar o menino. Ele adorava os pães da culinária judaica que ela fazia, pães à base de farinha de trigo, água e sal. Para Carlinhos, ele tem o privilégio de tê-la como segunda mãe. Assim como o pai, Clara vivia atarefada com a militância, aos poucos Carlinhos vai assimilando o clima da família. Nas férias ia para Salvador, rever Elza Sento Sé e os parentes.

No início dos anos de 1960, Carlos Augusto começou a ler livros que tratam de política. A atmosfera em que vivia tratava de incentivá-lo no assunto. Marighella municiou o filho com livros clássicos como a *História da Riqueza do Homem*, de Leo Hubberman; *A Origem da Família, do Estado e da Propriedade Privada*, de Engels, e, como não poderia deixar de faltar, a literatura baiana de Jorge Amado. Carlinhos chegou a ter algumas discussões marxistas com o pai, nada ainda muito elaborado. A literatura fornecida era direcionada, mas nunca exerceu qualquer pressão ostensiva para que o filho integrasse o Partido Comunista, o que ocorreria mais tarde por sua própria iniciativa.[69]

A década de 1960, como veremos mais adiante, foi marcada pela instalação da ditadura civil-militar no Brasil. Os efeitos daí advindos caem em cheio sobre a relação de Carlinhos com o pai. O último contato que teve foi quando o visitou no Dops do Rio de Janeiro. Marighella estava preso por resistir à prisão. Ele e sua tia Anita, irmã de Marighella, contataram Sobral Pinto para impetrar um *habeas corpus* que o libertaria. Enquanto isso não se realizava, ficar no Rio de Janeiro era muito arriscado. O pai preso, Clara Charf clandestina. Carlos Augusto retorna para Salvador. A relação com o pai restringiu-se à troca de cartas, nunca mais o veria.

O militante revolucionário, *a priori*, não deve ser analisado como um ser totalmente aquém dos fatos comuns do dia a dia, os princí-

[69] Cf. depoimento de Carlos Augusto Marighella.

pios políticos, conjugados com as atividades da militância, tomam boa parte do tempo, e podem inclusive se diluir e exercer um peso considerável que orienta a conduta do indivíduo em seus atos mais comuns. Em contrapartida, ao atuar politicamente, isso já não ocorre, pois o indivíduo já atua acima da cotidianidade, potencializa sua ação.

A vida de Carlos Marighella será extremamente dedicada a atividade política. Uma análise de sua trajetória revela uma vida pública completamente ligada ao Partido e depois à Ação Libertadora Nacional. O cotidiano com Clara e, posteriormente, com a companhia de Carlos Augusto, deve ser retido nessa inter-relação com a militância. O tempo não era tão disponível para os prazeres do dia a dia. Por outro lado, não devemos compreender o personagem como detentor de uma característica apenas marcada pela solidariedade e afetividade. Momentos de tensão, ou até de choques pessoais, surgem de qualquer relação madura e franca, seja entre amigos ou entre familiares.

O estudo da trajetória de um militante comunista, como o foi o revolucionário Carlos Marighella, é priorizada sobre o ângulo do seu pensamento político. Traço perfeitamente compreensível, pois se trata, como já afirmamos, de uma vida voltada para os princípios revolucionários que delinearam os comunistas ao longo do século 20. O público tem um peso e um interesse muito maior que o privado. Por outro lado, também nas relações da vida privada, a dimensão política não está ausente, pois é ela quem coordena as ações e determina as escolhas.

A biografia como gênero de abordagem historiográfica, apresenta uma característica recente, mais propriamente a partir da década de 1970, quando "os autores procuram resgatar facetas diferenciadas dos personagens e não apenas, como nos trabalhos tradicionais, a vida pública e os feitos notáveis dos mesmos".[70] Para tanto, é comum re-

[70] SCHDMIDT, Benito Bisso. "Construindo biografias – Historiadores e Jornalistas: aproximação e afastamento". *In Estudos Históricos – Indivíduo, Biografia, História*. Rio de Janeiro, Vol.10, N 19, 1997, P.1-156. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da F.G.V.

correr a certos aspectos da história de vida que se afastam da intenção de aplicar ditirambos sobre o personagem.

Marighella é apenas um exemplo, jamais imune a críticas. Carlos Marighella também é um exemplo que encerra uma tendência estereotipada da análise sobre a militância dos comunistas. É um personagem que tem em sua trajetória política uma marca especial pela inserção na guerrilha urbana. Cria-se daí um componente enriquecedor de discussão, através do personagem e sua trajetória política, sobre a própria questão envolvendo a luta armada, não ofuscando a sua trajetória dentro do PC. Entretanto, a vida pública pode, muitas vezes, ser utilizada para rotular. Os interesses podem variar. No caso de Carlos Marighella, a ditadura militar tentou a todo custo ofuscar uma trajetória de acertos e de erros, sempre procurando associar a figura do personagem ao que se chamava de terror: a luta armada. "Marighella, o chefe do terror", era a expressão favorita. A linearidade da vida pública, muitas vezes exigida em demasia na análise de aspectos do cotidiano, tinha a intenção de divulgar uma imagem negativa do personagem. Algo como se o "chefe terrorista", em sua trajetória de vida, não fizesse outra coisa a não ser estar voltado exclusivamente para a revolução comunista. Essa linearidade criou a falsa imagem de um indivíduo mecanizado em relação à revolução. Ao analisar o cotidiano do personagem, podemos verificar que o militante comunista, o "chefe do terror", era uma pessoa comum, um simples mortal, porém, determinado pela busca da liberdade do povo brasileiro. Talvez o mero registro da trajetória de um revolucionário acabaria por encobrir essa face oculta, humana e profundamente generosa do homem Marighella.

SEM PERDER A TERNURA

Hoje o mundo respira mais livre,
– Você, sim, que é muralha, União Soviética!
Muralha.
Colônia dos 2 rios, Ilha Grande, 1944,
Carlos Marighella

A trajetória de Carlos Marighella no Partido Comunista foi marcada por intensa dedicação. Foram mais de 30 anos de militância política no Partido. Mas, esse elo não implica analisar a trajetória do personagem tendo o PC como o objeto central. As intervenções do Partido Comunista na macropolítica brasileira é um objeto muito mais amplo do aqui que se propõe. Interessa os momentos em que o personagem tem destaque nessas intervenções. Como exemplo: a participação na resistência do coletivo dos comunistas, no presídio da Ilha Grande, entre 1939 e 1945; a atuação do personagem como deputado constituinte em 1946; a clandestinidade, em seus vários momentos; o Marighella editor da *Revista Problemas*, de 1947 a 1949; até a reação ao 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956. Definidos esses momentos, o centro

da abordagem passa a ser o lado humano do personagem em suas relações dentro do Partido. O rompimento com o PC é matéria do próximo capítulo, pois daí Marighella vai construir sua opção pela luta armada.

Fundamentar a trajetória de um militante comunista tendo o seu lado humano como ponto principal é uma tarefa complexa. No caso dos militantes do PC, muitos estereótipos são atribuídos, nem sempre condizentes com a realidade de cada momento, sem levar em conta que o homem é o seu tempo. Num artigo publicado no *Correio da Bahia*, em 8 de março de 1990, Ana Montenegro explicou a dificuldade em separar o humano do político: "ao longo do exercício da prática das ideias, há sempre um confronto entre o ser e o estar na vida cotidiana".[71] Marighella era uma referência dentro do Partido Comunista. Porém, não abdicando de uma aproximação mais intimista junto aos companheiros de partido: o humor, a solidariedade, a cordialidade e a valentia são marcas registradas do personagem. Em contrapartida, o outro Carlos possui características um tanto retraídas. A liderança de Luiz Carlos Prestes dentro do Partido pode ser questionada de vários pontos, mas o carisma do Cavaleiro da Esperança era uma realidade. Ana Montenegro narrou as impressões que teve de Prestes, durante os contatos na legalidade do Partido, em meados da década de 1940, e mais tarde, no exílio:

> a impressão que ele me dava era de que, como pessoa humana, não desejava ser conhecido, no sentido da intimidade de seus sentimentos, de suas emoções. Nunca presenciei um gesto de carinho de sua parte, mesmo com as pessoas mais íntimas. Nunca o ouvi falar de outros assuntos que não fossem os políticos partidários, mesmo um comentário qualquer sobre uma notícia, um livro, uma peça de teatro. Nunca deixou a sua postura militar, até na maneira como se sentava e como se punha de pé.[72]

[71] MONTENEGRO, Ana. "O Homem". *Correio da Bahia*, Salvador, 08.03.1990, p. 6.
[72] *Idem*.

O comportamento de Prestes somado ao que ele representava para o Partido, e para a sociedade brasileira, acabou por criar uma referência dentro do Partido Comunista Brasileiro. Talvez a explicação mais plausível seja a presença considerável de militares no Partido, por mais que estivessem próximos do comunismo não abandonavam os rígidos métodos contidos no setor militar. Para Gorender:

> o PC se singularizou no quadro mundial pelo afluxo de oficiais do Exército, bem menos da Marinha, sobretudo do Exército. Esse afluxo se dá nos anos de 1930 e continua nos anos de 1940. A principal significação é a desagregação do Tenentismo, que gera um fluxo de oficiais, ou de ex-oficiais, que vão para a esquerda e até para o PC.[73]

Mas o PC não deve ser entendido como um grande quartel do Exército; à proporção que o Partido atuou na sociedade brasileira, vários setores foram incorporados a seus quadros.

Em 1936, Marighella saiu da Bahia e se transferiu para o Rio de Janeiro. O ano de 1935 foi marcado por intensa agitação política no cenário nacional. A Aliança Nacional Libertadora, organizada a partir de janeiro de 1935, atuou como uma organização diferente do que até então se via na política brasileira. Sob a liderança de Luiz Carlos Prestes – que ingressou inicialmente na Internacional Comunista e, como conseqüência, teve que ingressar, desde 1º agosto de 1934, no Partido Comunista do Brasil e, um ano depois, passaria a fazer parte do Comitê Executivo do Partido – a ANL defendia três princípios básicos: "o anti-imperialismo, o antifascismo e a luta contra os interesses latifundiários. Preconizava a constituição de um governo popular, a reforma agrária, a suspensão da dívida externa e a nacionalização das empresas estrangeiras que operavam no Brasil".[74] A Aliança Nacional Libertadora, como o seu próprio nome sugere,

---

73 Entrevista de Jacob Gorender a *Revista da Bahia*, Encarte Especial, dez. 1988, p. 12.
74 PENNA, Lincoln. *Uma História da República*. *Op. cit.*, p. 196.

reunia os mais variados segmentos da sociedade brasileira, com destaque para os comunistas, sindicalistas e boa parte de uma corrente extremada do tenentismo. Da teoria à prática, a Aliança insurgiu a 24 de novembro de 1935 contra o governo de Vargas. O foco inicial foi o Estado do Rio Grande do Norte, seguido pela cidade de Recife. Três dias depois, foi a vez do Rio de Janeiro, sob a liderança do 3º Regimento de Infantaria do Exército e a Escola de Aviação. O movimento no Rio não teve grande sucesso,

> desarticulados das grandes massas trabalhadoras, os insurretos se veem depressa sob o cerco de tropas muito superiores. Após longas horas de árduo e sangrento combate, a insurreição é derrotada no Rio.[75]

O mesmo aconteceu no Recife e em Natal, apesar do sucesso inicial.

O período que antecedeu o Estado Novo contou ainda com a Ação Integralista Brasileira, liderada por Plínio Salgado, versão brasileira dos regimes de extrema direita em ascensão na Europa, como o fascismo e o nazismo. A AIB era um contraponto ao comunismo e ao marxismo, para tanto se valeu da influência do pensamento católico tradicionalista, de um nacionalismo exacerbado e o primado da família e da nação.[76] A aproximação com o governo Vargas, com a indicação de Plínio Salgado para o Ministério da Educação, em 1936, parecia ampliar as perspectivas de poder, o que se tornaria ilusório: em 3 de novembro de 1937 é assinado decreto que extingue a AIB. Como ocorrera com a ANL em julho de 1935. Era o caminho que levaria ao Estado Novo.

Nesse clima de agitação e progressiva repressão é que Marighella saiu da Bahia e chegou ao então Distrito Federal. As prisões por que passaria na segunda metade da década de 1930 serão descritas por ele da seguinte maneira:

---

[75] GORENDER, Jacob. "Figuras do Movimento Operário: Prestes." *Revista Problemas*, Rio de Janeiro, ano 3, nº 24, pp. 118-125, jan.-fev. 1950.

[76] PENNA, Lincoln. *Op. cit.* pp. 199-200.

> já fui torturado a frio, no mesmo Dops de hoje e na antiga Polícia Especial! Isso foi em consequência da derrota do movimento armado de 1935, desencadeado pela Aliança Nacional Libertadora. Embora eu não tivesse participado desse movimento, e mesmo sem jamais ter sido militar em minha vida, fui preso por atividades subversivas. A tortura a frio por que passei então no cárcere, sob a vigência da ditadura de Getúlio Vargas e Felinto Müller, ensinaram-me que é melhor mil vezes morrer lutando com os policiais do que permitir-lhes que supliciem o preso imobilizado e sem poder oferecer resistência".[77]

Em 1936, já não era apenas o estudante da prova em versos, já era um militante de destaque. Nota-se que Marighella afirmou não ter participado da Aliança Nacional, em 1935; essa informação deve ser compreendida como uma participação direta nos acontecimentos, o que não o afasta por completo como membro do Partido.

A prisão no Rio de Janeiro é novamente citada numa sessão do Congresso Nacional, de 21 de agosto de 1947, na Comissão de Inquérito sobre os atos delituosos da Ditadura do Estado Novo:

> no dia 1º de maio de 1936, por volta das 6 horas da manhã, eu me dirigia para uma casa sita na Ladeira do Castro, não me recordo agora o número, à procura de um amigo cujo nome também não retive por completo – o farmacêutico Taciano – e, ao bater na porta de seu quarto, fui surpreendido com a presença de investigadores que lá se encontravam. A porta foi aberta, naturalmente entrei e os investigadores me agarraram, tiraram o cinto, os suspensórios e me fizeram descer, ainda agarrado pelo cós das calças, pela Ladeira do Castro, acompanhado dos tiras, até um automóvel parado na Rua do Riachuelo.[78]

---

77 MARIGHELLA, Carlos. *Por que resisti à prisão*. *Op. cit.*, p. 37.

78 Comissão de Inquérito sobre Atos Delituosos da Ditadura. Ata de 21.08.1947. *O Estudante Marighella nas prisões do Estado Novo*. RJ: Editorial Vitória Ltda., 1948.

No Presídio Especial, o homem que na década de 1960 seria qualificado pela propaganda oficial da ditadura militar como o chefe do terror deu o seu relato:

> As torturas a que fui submetido foram as seguintes: depois de murros e pontapés e outros golpes que me aplicaram, fui queimado por todo o corpo com pontas de cigarros que os próprios investigadores estavam fumando. Além disso, o investigador Galvão tirou seu alfinete de gravata, que enfiou debaixo de minhas unhas, deixando-as em sangue. Reuniram-se todos e, através dos golpes chamados 'chave de braço', fui levado ao chão várias vezes, o que me produziu um ferimento na testa como se pode verificar pela cicatriz que apresento. Na Polícia Especial, o espancamento durou até a madrugada. Cheguei lá mais ou menos às 7 ou 8 horas da noite, e só de madrugada suspenderam o que chamavam de sessão espírita.[79]

Marighella retornou mais vezes para as estranhas "sessões espíritas"; o exaustivo relato de sua prisão é um exemplo de como a repressão política foi desencadeada na história política do país. Essa constatação contribui para melhor análise sobre a trajetória de um militante comunista e o cerceamento a que estava sujeito. No seu relato perante a Comissão de Inquérito, Marighella detalhou todos os passos seguidos pela polícia política, um detalhe curioso é que ele não se abateu e procurou mesmo agredir seus carrascos:

> o Sr. Emílio Romano deu ordem, diante do fato de que eu procurava reagir aos espancamentos, para que eu fosse algemado. E, assim, com as mãos para traz e deitado de bruços na cama, fui espancado a canos de borracha que me atingiram as costas, as nádegas e as solas dos pés.[80]

O motivo das torturas, além do fato de ser comunista, era a revelação do nome dos destinatários das cartas em poder de Marighella quando foi preso. Ele mesmo ignorava o nome dos destinatários; como

---

79 *Idem*, p.11.

80 *Idem*, p. 13.

estratégia, foram escritos nomes falsos nos envelopes; o conteúdo eram documentos que analisavam a conjuntura brasileira no governo Vargas e seriam remetidos ao exterior. Insistia a polícia em obter informações a respeito da localização da oficina onde era impresso o jornal *Classe Operária*, periódico comunista. De Marighella não se arrancou nada. Não se restringia, perante a Comissão, em revelar outros casos de violência presenciados na Polícia Especial. Ao final de sua exposição, o deputado Euclides de Figueiredo faz o seguinte pronunciamento: "Não há perguntas a fazer, depois de exposição tão completa, tão lúcida e feita com a responsabilidade de tão eminente colega".[81]

Carlos Marighella foi libertado em 15 de julho de 1937, com a concessão de um *habeas corpus*. Daí foi para São Paulo onde ficaria aguardando o julgamento. O resultado da sentença foi a condenação a dois anos e meio de prisão. Como não havia cumprido todo o prazo, Marighella caiu na clandestinidade até ser preso novamente em 1939. Esse é um acontecimento que veremos mais adiante.

Segundo Noé Gertel, Marighella foi para São Paulo para prestar assistência política ao Partido Comunista, com a intenção de eliminar um foco trotskista em São Paulo. Num rápido contato com Noé, em São Paulo, Marighella descreveu as dificuldades que havia passado no Rio de Janeiro, sem contudo perder o humor que lhe era peculiar. Marighella, como tinha pouco dinheiro, dividia o dinheiro para comprar o jornal *A Noite* – o objetivo era ler a coluna de Humberto Campos – e reservava outra parte para comprar pão. Diante das limitações chegou a dormir na praia de Copacabana.[82] O humor se fazia presente mesmo nos momentos mais difíceis da militância.

Em 1937, foi implantado o Estado Novo. Era o fechamento do regime que se desenhava desde a decretação da Lei de Segurança Nacional em 1935, que culminaria no fechamento da ANL. O Es-

---

81 *Idem*, p.19.

82 Cf. depoimento de Noé Gertel.

tado Novo, para alcançar legitimidade, "precisaria surgir como um gesto de defesa da legalidade, isto é, precisava de respaldo político e social". [83] Para tanto foi forjado o Plano Cohen, pelo então general Olímpio Mourão Filho. Tal plano "previa" uma insurreição comunista no país. O nome Cohen procurava dar um caráter de complô internacional, nome do suposto autor do documento. A farsa orquestrada por Olímpio Mourão e denunciada em 30 de setembro pelo Ministro da Justiça, Eurico Gaspar Dutra, serviria de base para a decretação do estado de guerra, em 1º de outubro. Suspendeu-se as garantias constitucionais por 90 dias e em 10 de novembro o país mergulhou na ditadura do Estado Novo.

De 1937 a 1939, Marighella viveu clandestino em São Paulo. A clandestinidade foi uma tônica presente na vida do personagem. A vida clandestina, e não só de Marighella, mas de vários militantes do PC, bem como de outros militantes no período do regime autoritário iniciado em 1964, é um capítulo para ser mais bem conhecido na história do país. Ninguém entra na clandestinidade porque deseja, o que em princípio parece uma evidência incontestável. Entretanto, no caso específico de Marighella, a imprensa da década de 1960, quando se referia a sua trajetória no Partido Comunista, não media consequências. Vejamos: "Marighella já foi do Grupo de Pistoleiros 'Comando Suicida' do Partido Comunista, formado por seus membros mais audazes, especializados em missões quase impossíveis". Ou ainda: "Quem é Carlos Marighella? É um baiano de 40 anos de comunismo, acostumado a clandestinidade".[84] Inverte-se a prioridade na tentativa de caracterizar uma imagem negativa do personagem: clandestinidade não é um costume optativo, ela é imposta pelas condições de determinado período, ou é a clandestinidade, ou a prisão com torturas. Deve, portanto, ser contextualizada para que se tenha

[83] PENNA, Lincoln. *Op. cit.*, p. 204.
[84] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 05.11.1969, e *Jornal da Tarde,* São Paulo, 23.11.1968.

a dimensão da luta dos militantes e, no caso de Marighella, essa luta foi uma constante.

Em 1939, Carlos Marighella foi novamente preso, em fins de maio. Conduzido de São Paulo para o Rio de Janeiro e daí o destino seria a Ilha de Fernando de Noronha. Novo julgamento condenou Marighella a sete anos e meio de prisão. Nesse período, praticamente toda a direção do Comitê Regional do Partido Comunista de São Paulo foi presa. Na sua passagem pelo Presídio Especial de São Paulo, em 1939, registra-se um poema em tom de desabafo, do qual destacamos duas estrofes:

> "Pairando pelo espaço onde quer que pressinta
> carniça, podridão, matéria decomposta,
> essa ave original de cor preta e retinta
> o cheiro da imundície alegremente arrosta".
>
> "Assim como o urubu há no alto muita gente
> poderosa a fartar que, entanto, moralmente
> só consegue viver à custa de carniça".[85]

Entre 1939 e 1942, Marighella ficou detido na Ilha de Fernando de Noronha, sendo transferido em 1942 em razão do acordo entre Getúlio Vargas e os Estados Unidos. O Brasil cedeu a ilha como base militar estadunidense, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Tanto na Ilha de Fernando de Noronha como na Ilha Grande, a prisão não seria um refúgio para os detentos; ali estavam por motivos políticos e a política também fazia parte do cotidiano.

Noé Gertel, militante do Partido Comunista na década de 1930, esteve preso com Marighella na Ilha Grande. Foi detido no Rio de

---

[85] MARIGHELLA, Carlos. *Rondó da Liberdade*. *Op. cit.*, p. 22.

Janeiro, em 1940. Noé afirmou que no presídio da Ilha Grande encontravam-se presos políticos das mais variadas tendências: integralistas, comunistas, um número considerável de militares do Exército e da Marinha, que participaram da Aliança Nacional Libertadora: trabalhadores, camponeses, intelectuais, analfabetos, enfim, pessoas das mais variadas ascendências.[86] A organização dos comunistas dentro do presídio se realizava através do Coletivo. O que era esse coletivo? Regulavam a relação com os guardas, a relação com o diretor e, o mais importante, desenvolvia um trabalho cultural, educativo, esportivo e, como não poderia deixar de ser, político entre os detentos. Era, em síntese, uma resistência dos detentos, além de mantê-los com moral elevada.

De acordo com Gertel, Carlos Marighella era um dos líderes do Coletivo dos comunistas e, para fazer valer sua liderança, não recorria a métodos de um militante tradicional:

> Marighella era um homem a quem os companheiros levavam os problemas domésticos. Você via o Marighella conversando, às vezes, com um companheiro, com um camponês, um ferroviário, um ex-cabo, um ex-marinheiro, cuidando de problemas particularíssimos, ele ouvia, provavelmente aconselhava, era muito ouvido por todos.[87]

O que mais chamava a atenção de Noé era o fato de Marighella não ser uma pessoa experiente, não era um velho conselheiro, era simplesmente um líder. Ao comparar Prestes a Marighella, Noé explica que a diferença entre os dois se resume à intimidade, ou seja, entrar na intimidade com Prestes era muito difícil, apesar de seu lado amável e cordial, fato que corrobora a avaliação de Ana Montenegro. Com Marighella havia uma proximidade que relegava o político a um outro plano, não o desprezando completamente. Na verdade, de nada adiantaria uma discussão política sem levar em conta os estorvos pro-

---

86 Cf. depoimento de Noé Gertel.

87 *Idem*.

vocados com a prisão. Marighella sabia disso e procurava se aproximar ao máximo das pessoas. Participava de várias tarefas, como a redação de um jornal manuscrito, todo escrito por ele, em letra de forma. No artesanato era um dos que mais se destacavam. Segundo Noé Gertel, os presos faziam um trabalho artesanal a partir do coco. Ele explica que o coco tem um brilho próprio, mais forte que o verniz. Para se chegar a esse ponto é necessário retirar a casca e lixar o coco até ir surgindo o brilho. Marighella era um dos artesãos de maior destaque, gostava de copiar objetos da arte marajoara. Os presos possuíam um livro de uma estudiosa da arte marajoara, Heloísa Torres, que servia de fonte para o artesanato.[88] A utilidade desse artesanato situa ainda mais o grau de organização dos presos. Esse artesanato era entregue aos parentes dos presos no Rio de Janeiro para ser vendido, com a permissão da direção do presídio. Com o dinheiro arrecadado, eram remetidos alimentos para a ilha, enriquecendo assim a dieta dos presos. A direção do presídio fornecia apenas a alimentação básica. O Coletivo é que teve a iniciativa de suplementar a alimentação. Além do artesanato, cultivavam verduras e tudo o que pudesse para reforçar a alimentação.[89] Clara Charf acrescentou que, durante a trajetória de Marighella na prisão, ele adquiriu um calombo no ombro por trabalhar no transporte de água. Apresentava também um problema na vista em decorrência de se dedicar ao artesanato, que era praticado à noite, reservando o dia para outras tarefas.[90] Mesmo possuindo uma liderança, Marighella não admitia privilégios, era ativo nas tarefas a serem desempenhadas pelo Coletivo, não só ativo como também um dos principais incentivadores.

A resistência organizada pelo Coletivo dos comunistas é sem dúvida uma das páginas mais dignas dos presos políticos brasileiros. Amenizava a agonia dos prisioneiros, ocupando-os com diversas

---

88 *Idem.*

89 Depoimento de Clara Charf colhido pelo autor em 03.11.1998.

90 *Idem.*

atividades. A vida, como a luta, de alguma forma continuava. A educação e a política também estavam presentes no cotidiano da prisão. Na educação desenvolveram a alfabetização, escolas, universidades, palestras. Qualquer conhecimento de um companheiro seria dividido com os demais. Marighella se destacou no ensino de Matemática e Português, além de História do Brasil. Noé ressalvou que Marighella era um dos professores que mais se destacavam,[91] o que não seria difícil de se constatar, haja vista o seu passado nos estudos. Inclusive, no cárcere, Marighella não abandonou um de seus hábitos mais vorazes: aprender línguas estrangeiras. Do inglês e do francês, ele assimilou mais a grafia e o significado das palavras, era um autodidata.[92] O mesmo se deu com o idioma grego. Clara Charf esclarece que o grego era usado, posteriormente, em anotações para driblar a repressão.[93] Na cultura, os prisioneiros elaboravam peças de teatro, quando Marighella atuava no papel de turco.

As discussões políticas também eram elemento indispensável, afinal; tratava-se de presos políticos reunidos num coletivo de comunistas. Mesmo encarcerados na Ilha Grande, os prisioneiros recebiam notícias do mundo exterior. No período de detenção na Ilha Grande, se desenrolava o conflito entre as potências aliadas contra o *nazifascismo*. Um dos debates mais polarizados na prisão é narrado por Noé Gertel:

> o Partido se reorganizava com a chamada Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP), os comunistas levavam para a cadeia os problemas que o Partido vivia aqui fora. O Partido ofereceu colaboração no esforço de guerra. Era uma colaboração integral aqui fora. Lá dentro começou a discussão: vamos colaborar trabalhando para o presídio? Uma parte achava que sim, seríamos igual a preso comum. Outra parte, dirigida pelo Marighella, achava que não, isso jamais. A conversa que eu tive com o Marighella foi

[91] Cf. depoimento de Noé Gertel.
[92] *Idem*.
[93] Cf. depoimento de Clara Charf.

> essa, quando essa coisa estava quente, eu disse: – "Marighella, isso pode levar a uma cisão". Minha preocupação era unidade. Ele disse com toda clareza: – "Vai levar a uma cisão".

O impasse se fazia presente e Marighella, na noite em que é eleito presidente do coletivo tomou uma posição decisiva sobre a questão. Prossegue Gertell:

> Marighella perguntou a um por um, foi de cubículo em cubículo: – "Tá com o Coletivo ou está com a casa?" E dependendo da resposta: – "Fora!" Os camaradas arrumavam as malas e iam embora, iam pedir para o diretor do presídio arranjar alojamento. Não foi nem a metade.[94]

A decisão de Marighella era objetiva; para ele o contato direto entre presos e guardas poderia gerar atrito. Uma garantia conquistada pelo Coletivo junto à direção do presídio, valendo-se de muito esforço, incluindo aí greve de fome. O Coletivo havia conquistado para si a relação entre os prisioneiros com a direção e os guardas. Caso contrário, Marighella temia que o Coletivo perdesse a autoridade.[95]

O combate ao nazifascismo, durante a Segunda Guerra Mundial, não se restringiu à política. No esporte tinha competição envolvendo comunistas e integralistas. As modalidades eram natação, vôlei, corrida e futebol. Os comunistas garantiram a vitória em três delas, excetuando a corrida. Marighella sempre manteve interesse particular para com exercícios físicos; na cadeia não será diferente, participará sobretudo do futebol, de preferência descalço, jogando na posição de zagueiro.[96]

As prisões de 1932, 1936 e 1939 não condenam Marighella ao ostracismo. Em 1936, ele se destacou pela valentia diante das torturas. Mais tarde, vai se caracterizar por uma atuação determinada no obje-

---

[94] Cf. depoimento de Noé Gertel.

[95] *Idem*.

[96] *Idem*.

tivo de manter acesa alguma esperança com os demais prisioneiros. Era preciso se organizar para demonstrar que a prisão não aniquilara os ideais políticos. Apenas se organizar não significaria nada, era essencial participar ativamente do cotidiano dos presos, ampliar o contato com as pessoas, entrar na intimidade. Marighella poderia restringir-se a uma liderança fundamentalmente política e deixar que cada um buscasse forças próprias para suportar as inconveniências de uma prisão. No entanto, ele escolhe outro caminho. Preferiu praticar esportes, fazer artesanato, lecionar, fazer jornal, tudo dentro dos limites precários que envolvem uma prisão e, quando necessário, atuar diretamente na política ele também esteve presente.

O PC, durante o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), alternou uma situação de desestruturação política e retorno à legalidade. Até 1940, houve a prisão de suas principais lideranças, era a repressão desencadeada pelo Estado Novo. Após a Segunda Guerra, a redemocratização estava em pauta no mundo ocidental. A derrota imposta aos regimes totalitários, com a participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Itália, criava uma contradição na política interna brasileira. Desde 1937, o país era governado por uma ditadura tendo à frente Getúlio Vargas. Esse período foi marcado, economicamente, pela implantação da industrialização de base no país, com a criação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda. No plano político, os acontecimentos da primeira metade dos anos de 1940 foram marcados por uma inter-relação com a política externa e a sustentação de uma base política populista, quando Vargas inseriu a Consolidação das Leis do Trabalho. O Partido Comunista começava a se reorganizar através da Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP), da qual Marighella fazia parte, juntamente com Maurício Grabois, Arruda Câmara, Giocondo Dias, entre outros. A posição tomada pela CNOP implicava o apoio ao governo no esforço de guerra. O inimigo era comum: o nazifascismo. A CNOP culminou na Conferência da Mantiqueira, realizada em

agosto de 1943, em Barra do Piraí, na região do Vale do Paraíba, reafirmando a posição de apoio interno e externo ao governo Vargas. Valia-se o PC do prestígio proveniente da intervenção direta da União Soviética na derrota alemã. A participação de alguns militantes na CNOP era impossível porque estavam detidos, como é o caso de Marighella e Prestes. Nessa Conferência, Carlos Marighella foi eleito membro do Comitê Nacional do Partido Comunista. Em 1945, o país caminhava em direção à redemocratização, no mês de abril foi decretada a anistia aos presos políticos e o Partido Comunista voltou a atuar na legalidade:

> O PC cresce de modo excepcional com a legalidade de 1945. Pela primeira vez em sua história, torna-se um partido de massas. O número de aderentes e de simpatizantes aumenta de maneira extraordinária. A vitalidade demonstrada é sinal dos novos tempos, tempo em que o Partido lança seus próprios candidatos para o Congresso Nacional e para a Presidência da República. A eleição de 3 de janeiro de 1946 leva ao Congresso Constituinte um senador (Prestes) e 14 deputados; no pleito para as Assembleias estaduais Constituintes, em 1946, há comunistas eleitos na maioria dos Estados.[97]

Carlos Marighella foi eleito deputado constituinte pela Bahia com 5.187 votos. Na campanha eleitoral, constava um panfleto com a prova em versos realizada no Ginásio da Bahia sobre Catróptica, que havia contribuído para sua notoriedade no tempo de estudante. Para Gorender, na legalidade de 1945, "o PC se iludiu pela aparente concórdia internacional reinante no breve lapso entre a derrota do Eixo nazifascista e a deflagração da Guerra Fria"[98] e adotou uma política de "trivial pacifismo", fundamentada na aliança com a burguesia progressista. Mais tarde, em 7 de maio de 1947, o PC teria seu registro cassado e em janeiro do ano seguinte eram cassados os mandatos dos deputados comunistas.

---

[97] CARONE, Edgard. *O PCB (1943-1964)*. São Paulo: Difel, vol. 2, 1982.
[98] GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. São Paulo: Ática, 1998.

A participação de Carlos Marighella no Congresso Nacional foi marcada por grande número de discursos. Foram 195 em dois anos de mandato. Mas, a intensidade com que o deputado atuava no Congresso Nacional não o tornara um burocrata da política. Os comunistas tinham uma assessoria parlamentar com a função de auxiliar os deputados na elaboração de seus discursos no Parlamento. Era uma única assessoria para todos os deputados do Partido Comunista, ali eram pesquisados todos os assuntos a serem abordados no Congresso, funcionários das mais variadas funções se revezavam no trabalho de assessoria. Não existia uma assessoria particular para cada deputado, como vigora hoje. Marighella era o responsável pelo trabalho da assessoria. Clara Charf foi trabalhar nessa assessoria quando o Partido já tinha o seu registro cassado. Clara expressa a atuação de Carlos Marighella no Congresso como um deputado que não era de gabinete. Era o tipo de deputado que mantinha contato com a população, conforme é atestado pela existência de fotos que registram Marighella sentado numa linha de trem conversando com ferroviários, o que, em princípio, não era um fato comum entre os deputados. Era um porta-voz das reivindicações mínimas e máximas dos trabalhadores e do povo em geral, recebendo cartas e denunciando as injustiças sociais por que passavam. Clara ressalva que isso não significa que ele fosse o único deputado a apresentar-se dessa maneira. Quanto aos discursos pronunciados no Congresso Constituinte, Marighella possuía uma velocidade muito grande ao falar, parecia uma metralhadora. As taquígrafas, muitas vezes, não conseguiam registrar certos trechos de seus pronunciamentos, sendo comum após as sessões requererem junto ao deputado Marighella possíveis correções ou inclusões desses trechos. Clara Charf manifesta ainda o conteúdo dos discursos de Marighella pautado na contestação e nas reivindicações dos trabalhadores, em que o deputado lia telegramas denunciando e levando ao conhecimento do Plenário as mais diversas situações e irregularidades. Numa sessão em 2 de abril de 1947, Carlos Marighella discursou sobre a ordem de

despejo autorizada pelo juiz Nicolau Barros, em Salvador, que atingia a comunidade do bairro denominado Corta-Braço. Marighella leu o telegrama denunciando a situação dos moradores:

> Deputado Carlos Marighella – Palácio Tiradentes – Rio – DF – Rua da Glória 52 – de Salvador:"Moradores Corta Braço ocupantes mil e tantas casas virtude mandato de despejo estão ameaçados ser postos na rua sem nenhuma esperança abrigo; neste meio estão mulheres baianas todas classes sociais solicita ilustre deputado denúncia Nação essa situação de angústia milhares pessoas...".[99]

O telegrama era da União Democrática Feminina da Bahia e foi assinado por Mariana Pedreira, presidente da instituição. O mandato impetrado pela justiça atendia ao proprietário, de nome Pelozzi, que se recusara a aceitar o pagamento de aluguel proposto pelos moradores da área ocupada no Corta-Braço. Após expor a situação dos moradores, Marighella teceu suas considerações finais:

> Espero, Srs. Deputados, que feita a reclamação que me competia como representante do povo baiano, o interventor, Sr. General Cândido Caldas e o Prefeito da cidade tomem as providências necessárias, fazendo sustar as medidas de repressão contra os moradores de Corta-Braço e, ao mesmo tempo, proporcionando meios não só para que essas famílias se mantenham nos casebres já ali construídos, mas também para que possam melhorar os mesmos casebres.[100]

Em sessão posterior, em 25 de abril de 1947, Carlos Marighella comunicava ao Congresso Nacional a solução do problema envolvendo os moradores baianos pelo então eleito governador Octávio Mangabeira, que considerou o terreno ocupado como de utilidade pública, mantendo assim os moradores no local.

---

99 Anais da Câmara dos Deputados Federais (Brasil). *Diário do Congresso Nacional*. Discurso de Carlos Marighella proferido em Sessão Parlamentar, maio 1947, p. 176.

100 *Idem*, p. 176.

Nos debates parlamentares aflora uma característica que explica, em parte, a grande quantidade de discursos do assíduo deputado Carlos Marighella. Quando assumia a palavra na tribuna, Marighella procurava conduzir seus discursos sem procurar deixar qualquer dúvida a respeito do que expunha. A "metralhadora" girava por todos os lados da matéria a ser tratada, sendo o deputado várias vezes interpelado pelo presidente da Mesa para que concluísse seu pronunciamento. Entretanto, Marighella sempre procurava estender um pouco mais o tempo que lhe era de direito, em alguns momentos contava com o aparte de outros deputados, o que facilitava ainda mais seus planos. Os argumentos eram minuciosamente expostos, sendo difícil contestá-lo. Na sessão do dia 2 de abril de 1947, Marighella, antes de tratar do assunto envolvendo os moradores do bairro Corta-Braços, havia debatido um tema relacionado com a majoração de taxas na Universidade do Brasil, como a taxa de matrícula e frequência. Marighella argumentou que os estudantes além de conviverem com os gastos de livros e material didático ainda iriam arcar com o aumento. Se não bastasse denuncia a má remuneração do professorado brasileiro, como ponto também a ser observado pelos demais deputados. Adiante, avaliou a questão propondo que as taxas cobradas aos estudantes fossem mínimas, "senão de todo abolidas".[101] Por fim encaminhou um projeto de lei para que fosse liberado um crédito suplementar em nome da Universidade do Brasil, no valor de três milhões de cruzeiros, que era a moeda da época. Após expor o projeto de lei, e já no final de sua exposição, Marighella entrou com a questão do mandato de desapropriação expedido na Bahia. Prosseguindo em seu discurso, Marighella foi advertido pelo presidente da sessão que seu tempo estava esgotado, polidamente agradeceu o alerta e prosseguiu sua prosa.

Em outra sessão discursou sobre a casssação do registro do Partido Comunista. Marighella advertia que esse seria o caminho mais curto

---

[101] *Idem*, p. 174.

para "o pedido de providências reacionárias, como a cassação das imunidades e dos próprios mandatos dos representantes comunistas".[102] Na mesma sessão Marighella tratou da inserção do imperialismo estadunidense em setores estratégicos da indústria brasileira, como a usina siderúrgica de Volta Redonda:

> a comissão de técnicos que lá esteve, incumbida de ensinar aos operários brasileiros os segredos da siderurgia, ao esgotar-se o prazo estipulado nos contratos, chegou a uma solução que não pode, em hipótese alguma, servir aos interesses nacionais, isto é, os técnicos brasileiros, formados por essa comissão, tiveram de ser despedidos, para que outros operários, formados por essa comissão, fossem admitidos e recebessem novamente instruções dos estadunidenses, que por esse meio, conseguiram renovar seus contratos, permanecendo, ainda, dentro do Brasil, de onde já deviam ter se retirado.[103]

Ainda sobre o imperialismo, Marighella discorreu sobre a indicação de técnicos estadunidenses para elaborarem projetos de lei referentes ao petróleo. Os técnicos indicados pela embaixada dos Estados Unidos no Brasil pertenciam a *Standard Oil Company of Brazil*: era o mesmo que colocar raposa para tomar conta de galinheiro. A nomeação fora atendida pelo governo Dutra e, diante de tal fato, Marighella indagou:

> não compreendo, Sr. Presidente, como, para fazer projetos de lei, o governo tenha de encomendar técnicos à Standard. Se isso não é prova de que o imperialismo estadunidense está interferindo na vida do país, então não sei o que é imperialismo, nem o que é dignidade dos representantes do povo, nem soberania de uma assembleia como esta, em que temos assento.[104]

---

[102] *Op. cit.* Discurso de Carlos Marighella proferido em Sessão Parlamentar, jun. 1947, p. 462.

[103] *Idem*, p. 463.

[104] *Idem*.

Tema atual, como a utilização da energia nuclear, foi objeto dos debates proferidos por Marighella. Em 1º de julho de 1946, quando se discutia a experiência nuclear estadunidense no atol de Bikini, o deputado baiano não perdeu a oportunidade de manifestar a oposição da bancada comunista a tal fato e fez um alerta:

> a energia atômica deve ser colocada a serviço da paz e do progresso da humanidade, constituindo patrimônio científico de todos os povos do mundo; e não deve ser ela utilizada como arma de guerra, a serviço de grupos ou de governos já que assim se desvirtuaria a finalidade da ciência, deixando de ser a energia atômica fonte de desenvolvimento dos povos, para constituir um terrível fator de destruição e, certamente, de opressão.[105]

A pluralidade de temas discutidos na Câmara dos Deputados tornaria Marighella um dos mais combativos parlamentares, fato reconhecido até mesmo por seus adversários políticos. Anos mais tarde, a revista *Veja* circulava numa edição histórica com Marighella na capa. A reportagem descrevia a trajetória política de Marighella sempre de modo superficial, com o exclusivo objetivo de caracterizar uma imagem negativa. Quando registrou a atuação do deputado baiano, preferiu exaltar a quantidade de discursos, sem contudo se esmerar no conteúdo. Destacou a revista, que "até ser cassado, Marighella continuou falando quase todos os dias". Mais adiante, ao comentar a cassação do mandato dos comunistas, a reportagem não mediu consequências: "Marighella saiu dos salões brilhantes da Câmara para os quartos escuros da clandestinidade".[106] Fica implícita a intenção de propor uma linearidade na trajetória de Marighella conciliada a uma intensa agitação, sem analisar a conjuntura do país e dos fatos narrados. Pode-se contrapor a esse episódio o fato de a

---

105 CAMARGOS, Márcia. "Um Constituinte Atuante". *Unidade* (Órgão Oficial do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo), São Paulo, nov. 1987, nº 9, p. 7.

106 *Veja*, 20.11.1968, nº 11, p. 16.

censura vigorar com toda a sua força. No entanto, isso não retira o esforço da ditadura em associá-lo a uma imagem extremamente perigosa e violenta.

Nos comícios que o levaram à Câmara dos Deputados, Marighella tinha o hábito de não preparar os discursos previamente, eram todos ligados a princípios básicos e práticos do Partido Comunista, como a unidade dos trabalhadores do campo e da cidade. Ana Montenegro, que conviveu com Marighella nesse período, afirma que nunca presenciou uma preparação prévia.[107] Essa característica estará presente também na Câmara dos Deputados. Se Marighella fosse preparar todos os discursos que fez no Congresso não haveria tempo suficiente para completar a tarefa. A partir do trabalho da assessoria parlamentar, ele reunia informações básicas, um ou outro documento a ser lido e partia para o plenário. Clara Charf ressalta que Marighella tinha o hábito de elaborar discursos, organizar as ideias caminhando. A caminhada, reafirma, era uma atividade das que mais gostava.[108]

A trajetória política de Carlos Marighella não o afastaria do contato mais íntimo com as pessoas. Um exemplo desse contato cotidiano é relatado pelo professor Marcos Paraguassu de Arruda Câmara, o Marcucha, filho de Diógenes Arruda, militante histórico do Partido Comunista. Diógenes Arruda foi eleito deputado constituinte por São Paulo, em 1948 e a partir daí, sua família se transferiu para o Rio de Janeiro. Marcucha recorda o nome do edifício onde moravam no Leme: Majoí. No apartamento em que residia a família Arruda, era extremamente comum a presença dos companheiros da fração parlamentar do Partido. É evidente que uma criança de seis anos não possuía ainda discernimento sobre o motivo daquelas visitas frequentes. Mas nem por isso deixaria de notá-los. A curiosidade de Marcucha o levou a espionar os encontros a seu modo. O local

[107] Depoimento de Ana Montenegro colhido pelo autor em 6.11.1998.
[108] Cf. depoimento de Clara Charf ao autor.

preferido dos militantes, dentro da casa, era exatamente o quarto onde dormia Marcucha e sua avó. Esse quarto era dividido por um guarda-roupas, ficando do outro lado o quarto de seus pais. Como o acesso ao recinto se restringia aos militantes do Partido, Marcucha subia no guarda-roupa para ouvir o que estava se passando no outro lado. Mesmo sem entender o que discutiam, o prazer de bisbilhotar as reuniões se repetiu algumas vezes, até que uma queda improvisada denunciou o espião, que levou uma tremenda bronca. Dos que participavam desses encontros, alguns entravam na casa, cumprimentavam ligeiramente os moradores e logo se trancafiavam na reunião. Como Explica Marcucha: "entravam sisudos e sisudos saíam – Boa tarde, Boa Noite! Nenhuma conversa, nenhuma aproximação além da reunião".[109] Outros mais descontraídos apresentavam comportamento mais amistosos; é o caso de Pedro Pomar, Apolônio de Carvalho e Carlos Marighella. Entravam na casa e já iam ao encontro de Haydée Santos, mais propriamente dona Caçula – a avó de Marcucha. Abraçavam-na e perguntavam pelos seus doces e bolos. A respeito de Marighella há uma recordação especial. Marcucha, aos seis anos de idade, adquiriu uma pleurisia – doença relacionada a inflamação na pleura – provocada por uma pneumonia mal curada. A doença, na época, tinha sua cura condicionada à importação de antibióticos extremamente difíceis de serem encontrados. Com a ajuda dos companheiros do Partido Comunista foi possível adquirir doses de estreptomicina – antibiótico de alta eficácia no combate a doenças infecciosas. Marcucha sofria com as doses diárias do antibiótico, que deveriam ser aplicadas de quatro em quatro horas. Chegou ao ponto de não saber mais qual região do corpo que não havia sido picada. Carlos Marighella – então deputado constituinte – se prontificava a substituir os pais de Marcucha na árdua tarefa, que era efetuada de modo descontraído, conforme narra Marcucha:

---

[109] Depoimento de Marcos Paraguassu colhido pelo autor em 5.11.1998.

> cada aplicação era motivo de choros e lamentações, uma verdadeira novela que Marighella sabia muito bem como contornar. Com jeito, começava a me contar histórias e, quando me distraía, – zás –, de repente, aplicava as injeções. Essas histórias ficaram gravadas na minha memória. Eram histórias de um enfermeiro, ao qual Mariga dava o nome de dr. Fragoso, que chegava na casa dos doentes montado em uma mula – a mula manca. Andava quase sempre com uma seringa enorme e, às vezes, uma pasta".[110]

Marighella distraía o garoto contando histórias e desenhando. A mula manca tinha orelhas enormes, juntas largas, grandes patas. Marcucha indagava se o tal doutor não chegava atrasado na casa dos pacientes. Marighella explicava que era assim mesmo, a mula sempre empacava e o dr. Fragoso, nervoso, brigava com ela. A mula era engraçada, dava coices entre risadas e rinchos. Jogava o doutor muitas vezes no chão. Distraído, Marcucha era pego de surpresa pela dose de estreptomicina.[111]

Outro episódio que Marcucha relembra de Marighella é a organização de um bloco de carnaval, cujos participantes eram membros do Partido e seus familiares. O Bloco da Mula Manca saía com estandarte, marchinha e tudo. Marcucha brincou carnaval pela primeira vez nesse bloco, fantasiado de pirata da perna de pau, ele relembra um verso: "não importa que a mula manque / Eu quero é rosetar". A concentração era na Glória, em frente da sede do Partido Comunista, isso no período da legalidade, mais propriamente entre 1946 e 1947. Marighella não era apenas um coadjuvante, mas sim um autêntico folião, coordenando a animação, convocando os companheiros e elaborando paródias.[112] Jacob Gorender afirma ter ouvido relatos da participação Marighella no carnaval do Rio de Janeiro em 1946: "saiu fantasiado e fazendo brincadeiras de rua".[113]

110 *Idem*.
111 *Idem*.
112 Cf. depoimento de Marcos Paraguassú.
113 Depoimento de Jacob Gorender colhido pelo autor em 07.12.1998.

Os exemplos expostos pelo professor Marcos Paraguassu são vitais para elucidar a conciliação da vida política com o cotidiano. Mesmo nos limites da atuação como deputado, Marighella procurava vivenciar prazeres comuns a qualquer pessoa, como o carnaval. Não interessava a referência conquistada dentro do Partido Comunista, isso não criava nenhuma barreira para estar atento a questões menos rebuscadas. O fato de colaborar na aplicação das injeções em Marcucha poderia passar despercebido; afinal, questões muito mais amplas motivariam a presença dos comunistas nas reuniões. Para Marighella situações como essa eram, naturalmente, uma maneira de dar a vida o valor que ela merece, muito embora nem sempre a descontração fosse uma característica essencial de todos os militantes político da esquerda comunista. Os temperamentos são distintos. Ana Montenegro enfatiza que uma das impressões mais marcantes que teve de Marighella foi a simplicidade com que ele se autodefinia. Intrigava-a quem seria aquele baiano folgazão que tanta resistência oferecera na prisão, dedicava a vida ao socialismo, sofrendo ameaças, passando por clandestinidade. Marighella respondia que se considerava um mulato baiano, não apenas fisicamente, mas também por dentro. Ou seja, uma pessoa como outra qualquer, sem a mínima questão de fazer valer o prestígio que ele sabia que detinha. Para Ana Montenegro, o que fazia com que Marighella cativasse as pessoas era justamente sua capacidade de comunicar-se por inteiro com as pessoas, ou seja, ir além da superficialidade. Para ela, as pessoas que conviveram com Marighella gostavam dele por um motivo básico: por ele não ter empáfia de personalidade.[114]

É evidente que o personagem não deve ser visto como uma divindade imune aos pecados de qualquer mortal. Na análise de sua trajetória política, certas particularidades de seu lado humano são elucidativas, apontam para um personagem que se norteava pela teoria

---

[114] Cf. depoimento de Ana Montenegro.

e a prática, não se enquadrava apenas como militante orgânico do Partido. Do estudo que fez sobre os gregos, Marighella apreendeu um princípio que o acompanharia ininterruptamente. Ana Montenegro participava da Comissão de Massas do Comitê Central do PC, no Rio de Janeiro. Ana vivia atormentada, temendo o esvaziamento da Comissão. Aconselhada por Marighella, ela preparou um programa, definiu mais claramente os objetivos e passou a aplicá-los, atingindo o que desejava. A orientação de Marighella estava centrada num fato político, a questão da Comissão de Mulheres do Partido, mas ilustra um dos traços mais marcantes de sua trajetória. Diante do dilema de Ana Montenegro, Marighella alerta: "a prática é o critério da verdade".[115] Não bastaria programar uma comissão, traçar planos sem levar à prática política, ao contato direto com as pessoas. Não bastaria ser um quadro do Partido Comunista, era preciso estar atento as dificuldades do dia a dia enfrentadas pelos demais militantes. Atuar nas fronteiras do político não significaria excluir qualquer questão comum do cotidiano. Marighella não tinha essa rigidez. Talvez por ser tão expansivo, expôs-se demais, principalmente na fase posterior, da Ação Libertadora Nacional, mas esse é um tema a ser analisado mais adiante. Por ora retornemos à conjuntura política no desenrolar da década de 1940.

As eleições presidenciais de 1945 levariam ao poder Eurico Gaspar Dutra, derrotando a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes. O PC, de uma alternativa inicial propondo constituinte com Getúlio, viu seu projeto ir por água abaixo quando Vargas é deposto, em 29 de outubro de 1945. Lançou a candidatura do engenheiro Yedo Fiúza. A eleição de 14 deputados e um senador, entre eles Luiz Carlos Prestes, ilustra a força política que os comunistas representavam nesse período. O general Dutra fora o mesmo que articulara a farsa do Plano Cohen, o que criou um pretexto para a decretação do estado de guerra e mais

---

[115] *Idem.*

tarde o fechamento do regime através da implantação do Estado Novo. No plano político, todo o potencial reunido na redemocratização daria lugar aos efeitos da Guerra Fria. Para o Partido Comunista isso significaria a cassação do seu registro, a 7 de maio de 1947, e o mandato dos deputados e do senador Prestes, em 7 de janeiro de 1948. Gorender destaca a participação do PC nas eleições de 1945 como um dos motivos que levaram à perseguição ao Partido:

> o PC tinha – durante o período da legalidade – habitualmente, cerca de 10% da votação nacional, foi a sua primeira votação na primeira eleição de dezembro de 1945. Em algumas cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, o PC tinha uma votação que ia bem além dos 10%. No Rio de Janeiro em 50 vereadores o PC fez 18; 11 em 30 e poucos em São Paulo, um terço por conseguinte. Isso foi o que levou as forças conservadoras e reacionárias a armarem aquele processo que culminou na cassação do registro do PC, do registro legal, na cassação do mandato dos parlamentares e o Partido voltou a ser ilegal, clandestino, embora muito de seus militantes pudessem atuar legalmente.[116]

Em agosto de 1947, saiu o primeiro número da *Revista Problemas*, cuja direção era responsável Carlos Marighella. Uma revista que contava com a participação das principais lideranças do Partido Comunista, abordando temas relacionados à conjuntura nacional e internacional. Às vezes priorizando em excesso a conjuntura internacional, o que será reconhecido por Marighella quando a revista estava alcançando o seu primeiro ano de circulação.[117] Não se limitava a revista a artigos de militantes nacionais, como também era extensiva a figuras do movimento comunista internacional, sendo comum artigos de Stalin, Tito, entre outros, ou pelo menos a tradução de seus textos. Marighella, durante o período em que dirigiu a revista,

---

[116] GORENDER, Jacob. Entrevista. *Revista da Bahia*, Salvador, nov. 1988, p. 16.

[117] MARIGHELLA, Carlos. "Nossa Política". *Revista Problemas*, Rio de Janeiro, ano 2, nº 12, pp. 1-3, jul. 1948.

ocupava, com raras exceções, a coluna denominada "Nossa Política". Uma espécie de análise conjuntural dos últimos acontecimentos ao nível internacional e nacional. Em algumas ocasiões é possível encontrar discursos de Carlos Marighella na Câmara dos Deputados ocupando essa coluna. Num desses artigos, da edição referente a janeiro de 1948, Marighella – após fazer uma breve exposição sobre a bipolaridade da guerra fria identificando a União Soviética como nação expoente da democracia e do anti-imperialismo, e os Estados Unidos como artífice da antidemocracia e do imperialismo – relatou a situação pela qual o governo Dutra ia desenvolvendo a política de coerção das forças democráticas no país. Marighella afirmava que no Brasil a correlação de forças, daquele momento, era brutalmente a favor da reação, ou seja, do latifúndio e do imperialismo.[118] A partir daí situou as medidas antidemocráticas tomadas pelo governo Dutra, como: "o fechamento da Confederação dos Trabalhadores do Brasil, do Partido Comunista e da União da Juventude Comunista; rompidas as relações com a União Soviética, empastelados e atacados a tiros 'O Momento', a 'Tribuna Popular', o 'Hoje' – três dos mais combativos órgãos da imprensa popular". Prosseguia o artigo chamando a atenção para os recursos legais utilizados pelo governo Dutra que culminariam na cassação dos mandatos comunistas em todos o país:

> Ressuscitou-se a Lei de Segurança Nacional do Estado Novo, prendem-se e condenam-se jornalistas com essa lei caduca dos tempos do fascismo, reprimem-se a bala os comícios, decretam-se intervenções em sindicatos, que são controlados pela polícia. Por último, cassam-se os mandatos dos parlamentares comunistas e são por esse meio expulsos das Assembleias Legislativas do país 78 representantes do povo.[119]

---

[118] MARIGHELLA, Carlos. "Nossa Política". *Revista Problemas*, Rio de Janeiro, ano 1, nº 6, pp. 1-5, jan. 1948.

[119] *Idem*, p. 3.

O artigo avançava em direção a uma autocrítica, onde Marighella atribuía parte da situação deflagrada ao próprio Partido, quando diz: "não organizamos o movimento de massas; nosso movimento sindical é muito débil".[120] E concluiu defendendo a formação de uma frente democrática "com forte apoio de amplas organizações de massa",[121] para se chegar à verdadeira democracia. João Amazonas era membro do Comitê Central do Partido Comunista juntamente com Marighella, e é dele a informação que se segue, onde podemos compreender um pouco da impetuosidade de Marighella diante da repressão do governo Dutra:

> as sedes e os jornais do Partido eram frequentemente invadidos por agentes da repressão. Muitas vezes Marighella cumpria a dura tarefa de exigir a retirada dos policiais armados até os dentes. Homem forte e valente, não raro respondia à pancadaria com socos e pontapés nos esbirros policiais.[122]

O governo Dutra voltaria a sofrer fortes ataques do líder comunista. Um ano mais tarde, em janeiro de 1949, Marighella apontava o *deficit* orçamentário calculado em 1.300.000 cruzeiros, moeda da época. Para cobrir esse *deficit* Marighella denunciou o governo, que recorrera ao aumento de impostos e a emissão de moeda, gerando mais sacrifício para a classe trabalhadora. Ele explicava que "o custo da alimentação elevou-se em cerca de 342% desde 1939, só para a capital de São Paulo".[123] Estendeu seu artigo acusando o governo brasileiro pelo destino, em seu orçamento, de "38% das despesas para gastos militares", normalmente usados para adquirir equipamentos junto aos Estados Unidos.[124] Em 1947, a *Revista Problemas* traz um pronunciamento do deputado Carlos Marighella no Congresso, re-

---

[120] *Idem*, p. 4.
[121] *Idem*, p. 5.
[122] Depoimento de João Amazonas a Emiliano José, s/d.
[123] MARIGHELLA, Carlos. "Nossa Política". *Revista Problemas*, Rio de Janeiro, ano 2, nº 16, p. 3-11, jan. 1949.
[124] *Idem*, p. 4.

troativo ao dia 4 de julho de 1946, que trata da religião, do Estado e da família. Sobre a questão da família, Marighella particularizava a situação da mulher dentro do mercado de trabalho, ou "dentro da produção social".[125] Para o parlamentar, o homem era o "único que está a trabalhar ligado à produção e que sustenta a família e, por isso, se acha com o direito de fazer todas as imposições sobre a mulher".[126] Regra geral, os artigos de Marighella eram arrolados à conjuntura nacional e as posições defendidas pelo Partido Comunista.

Na clandestinidade, após a cassação dos mandatos, Marighella passou a atuar em São Paulo. A vida clandestina, por si só, implica uma série de medidas de segurança, que alteram por completo a vida dos militantes. Todo cuidado é pouco. No fim de 1949, Marighella atuava como Secretário Político do Partido em São Paulo, e teve um "ponto" com um jovem militante revolucionário. "Ponto" era o local onde os militantes marcavam seus contatos, poderia ser numa rua, dentro de um carro, ou num apartamento, numa residência qualquer, denominada aparelho. Naquele "ponto", em plena clandestinidade, com vários assuntos políticos a serem tratados e a polícia cercando os comunistas, Marighella ouviu atentamente o jovem militante narrar problemas pessoais. O jovem estava namorando uma operária tecelã e temia revelar seu envolvimento político. Marighella sugeriu que ele estudasse a situação e expusesse a verdade à namorada. Num "ponto" posterior, os dois voltaram a tratar do assunto. A namorada compreendeu o rapaz, ambos se casariam e ela impôs uma condição: só se casava mediante a compra de móveis de quarto. Marighella ria da situação e pacientemente procurava auxiliar o rapaz. O empecilho não acabou por completo. O casal deveria se transferir de São Paulo e a noiva só iria acompanhar o militante se os móveis de quarto fossem juntos. Marighella, mais experiente, explicaria que não haveria

125 MARIGHELLA, Carlos. "A Religião, O Estado, A Família". *Revista Problemas*, Rio de Janeiro, ano 1, nº 2, pp. 20-34, set. 1947.

126 *Idem*, p. 32.

problema algum, era só retirar os móveis, deixar temporariamente num depósito, depois seria encaminhado ao seu destino final. Isso funcionaria para ludibriar a polícia.[127] Esse é outro exemplo que serve para a dimensão humana de Marighella. Acima das questões envolvendo o Partido e o momento duro da clandestinidade, a prioridade era resolver primeiro essa questão pessoal. Marighella certamente teria motivos de sobra para não se envolver em questões pessoais de outros militantes, mas sabia que a luta política exige sacrifícios muitas vezes ignorados pela insensibilidade das pessoas. Além de recusar a empáfia de personalidade, Marighella também tinha o hábito de tornar a militância menos superficial e mais solidária.

Geraldo Rodrigues dos Santos, o Geraldão, como era conhecido, filiou-se ao Partido Comunista em maio de 1945, após ser demitido da Companhia das Docas de Santos, uma empresa que explorava o porto. Atuava no sindicato dos portuários e vinha se destacando em sua atividade. Conheceu Marighella em 1945, mas só estreitou esse contato cinco anos mais tarde. Marighella atuava na direção estadual do Partido em São Paulo. Em 1950, Ramiro Luchese, dirigente ferroviário, manteve contato com Geraldão, em Santos. O contato inicial se resumia ao convite a Geraldão para ser militante revolucionário. Ele alega que não compreendia muito essa ideia de ser revolucionário profissional, o que sabia era que vinha trabalhando a vida toda. Geraldão acabaria por integrar a Sessão Sindical do Comitê Estadual do PC, em São Paulo. A empatia com Marighella surgiu logo no primeiro contato. Geraldo qualifica essa empatia pelo fato de Marighella tê-lo deixado à vontade. Em contrapartida, a maioria dos dirigentes do Partido só tratavam das questões do Partido, não se conversava sobre outras questões. Geraldo foi membro da Executiva do PC por mais de dez anos, hoje é integrante do Partido Popular Socialista (PPS). Dos diálogos que teve com Prestes, nada estava

---

[127] Cf. depoimento de Clara Charf.

fora do contexto político e do Partido. Ele aponta para uma vaidade curiosa do "Cavaleiro da Esperança", que não admitia que não o chamassem de senhor. Segundo Geraldão, "para falar com Prestes, o militante precisava estar todo perfilado".[128] No caso específico de Marighella o contato era diferente. Geraldão refere-se a um acontecimento ocorrido após o golpe de 64. A clandestinidade forçava os militantes a frequentarem reuniões que duravam de dois a três dias. Num desses encontros, Marighella vira-se para Geraldão e faz uma proposta em tom de brincadeira: propõe que ambos abandonassem o Partido Comunista, seria mais proveitoso montar um terreiro de macumba, no qual Geraldão seria o babalaô e iriam faturar.[129] A descontração era um aperitivo que não podia faltar em momentos de tensão, Marighella e Geraldo eram mestres em provocar um clima mais ameno entre os militantes. Geraldo ainda se recorda que nas reuniões era comum Marighella dar a impressão de que estava desligado, escrevendo algo, desenhando, de repente pedia a palavra e fazia sua intervenção no formato de um poema, sobre o assunto tratado.[130] A solidariedade refutada a Marighella como um componente da sua relação entre os companheiros de Partido Comunista retira um pouco uma visão maniqueísta e até de organicidade que envolve a militância. Marighella driblaria os limites da rigidez predominantes no Partido através de atos impetuosos que o mantinham atento à vida, ao seu lado humano e de outras pessoas. É obvio que ele não se afastaria por completo dos assuntos e do contexto político em que estava inserido. Num desses episódios, Geraldo dos Santos é elucidativo. Na proximidade de um natal, Marighella indagou a ele quantos filhos possuía. Geraldo tinha um casal de filhos. Marighella explicou que tinha em seu poder alguns brinquedos e, diante da afirmativa de Geraldo, pediu que fizesse uma escolha para seus respectivos

---

[128] Depoimento de Geraldo Rodrigues dos Santos colhido pelo autor em 12.11.98.

[129] *Idem*.

[130] *Idem*.

filhos. Inclusive insistiu para que levasse uma boneca para a menina. Entretanto, o gesto foi extensivo a todos. Na verdade, Marighella fez o mesmo com os demais militantes, incluindo até os que estavam desenvolvendo tarefas fora de São Paulo. Mandou que se entregassem os presentes para os filhos desses militantes.[131] Pelas práticas costumeiras, essas atitudes poderiam ser consideradas impróprias aos dirigentes do severo período estalinista do Partido.

Clara Charf descreve como Marighella se "acostumava" à vida clandestina. Ele era obrigado a se esconder, não podia ficar circulando normalmente, só em horários estratégicos. Era conhecido e temido por policiais, que sobre ele criavam vários mitos com base na resistência a que demonstrara nas prisões. Num desses refúgios forçados, Marighella ficou na casa de um casal de operários. O casal tinha filhos e Marighella atenuava a clandestinidade procurando descontrair-se com as crianças enquanto os pais estavam fora. Marighella cozinhava, caracterizava-se de palhaço para fazer brincadeiras, pegava as tampas de panela tornando-as mais um instrumento da algazarra e, para complementar, mantinha a casa toda arrumada com o objetivo de não sobrecarregar os pais, sobretudo a dona da casa quando retornasse do trabalho,[132] enquanto isso, a polícia o procurava sempre alardeando a auréola de homem violento. Clara cita esse exemplo para reafirmar que "o gesto, a atitude, a solidariedade, o interesse pelos problemas das pessoas que estavam na luta é uma característica muito importante do comportamento de Marighella".[133] Ana Montenegro amplia essa aproximação com os problemas das pessoas como uma maneira de oferecer as mínimas condições familiares para o militante desempenhar suas funções. Ela mesma foi interpelada por Marighella a respeito da criação de seus filhos e da sua inserção na militância. Não daria para conciliar as duas coisas, pelo menos em determinadas situações.

---

[131] *Idem*.
[132] Cf. depoimento de Clara Charf.
[133] *Idem*.

Marighella alerta Ana Montenegro. Ela teria muitas dificuldades com os filhos, e era preciso solucionar aquela situação. Ana diz que ele mesmo é que se propôs a ajudá-la. Marighella tinha um contato muito estreito nos bairros populares, e providenciou uma pessoa para auxiliar Ana Montenegro na criação dos filhos. Sabina, que ficaria íntima de seus filhos como tia Sabina, era viúva de um militante assassinado numa greve. Marighella advertiu que Sabina não era uma pessoa qualquer. A mulher tinha consciência e seria a companhia ideal para suprir as prováveis ausências da mãe.[134] Marighella também tinha seus momentos de explosão, pois suportar a tensão da militância não era fácil. O jornalista João Falcão, diretor do jornal *O Momento*, na Bahia, foi convidado pelo Comitê Central do Partido para desenvolver um estudo sobre a imprensa comunista no Rio de Janeiro, em especial sobre a *Tribuna Popular*, no período da legalidade. Num "ponto" que teve com Marighella, João Falcão chegou atrasado. Marighella não perdeu tempo e repreendeu-o bruscamente pelo atraso. João não se abateu. Deixou-o terminar de falar e, logo a seguir, explicou que, assim como Marighella, havia dedicado toda a sua vida ao Partido Comunista, ambos eram companheiros de Partido, não havia razões para ralhar daquele jeito. Marighella ouviu a réplica calado. Porém, antes de sair do carro, quebra o clima de tensão e pede desculpas pelo acontecido.[135]

Seja na prisão ou na própria militância legal ou ilegal, Marighella vai acentuar sua marca expansiva. Nota-se que ao abordar Marighella tendo como base certas características, não se quer torná-lo um exemplo único dentro do Parido Comunista, muito menos condenar os demais militantes valendo-se de precário juízo de valor. O que se propõe é o inverso, chegando mesmo a demonstrar que no Partido Comunista havia militantes que não possuíam palavras de ordem

[134] Cf. depoimento de Ana Montenegro.

[135] Depoimento de João Falcão colhido pelo autor em 9.11.1998.

política como modelo único de vida. Certamente, Marighella não foi o único a conduzir sua convivência tendo a extroversão como um de seus pilares, muitos outros personagens seguiram pelo mesmo caminho. Nos dias atuais, quando a profecia precipitada do neoliberalismo decreta o fim das ideologias e chega mesmo a propor o fim da história, os comunistas, sejam no passado ou no futuro, são tratados dentro de uma visão estereotipada.

A década de 1950 assinala o retorno de Getúlio Vargas à Presidência da República. Para tanto, os erros cometidos na gestão do general Dutra contribuíram de forma considerável. Dutra havia traçado uma linha econômica de governo centrada na iniciativa privada, preterindo o desenvolvimento econômico sustentado pelo Estado. Dessa maneira, o Plano Salte, centralizado no investimento dos setores de saúde, alimentação, transporte e energia, não levou a economia do país a nenhum salto desenvolvimentista. No plano político externo, o Governo Dutra alinhou-se aos Estados Unidos, era a guerra fria e o caminho escolhido foi a submissão aos limites impostos pela Doutrina Trumman, em 1946, e consequentemente à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), que compunha o bloco militar ocidental capitalista, opondo-se a União Soviética e ao avanço do comunismo. No bojo da guerra fria, o capital estadunidense acentuou sua presença na economia brasileira. No final da década de 1940, várias categorias se insurgiram contra a política de arrocho salarial do governo. A insatisfação popular criava o clima necessário para se recolocar "o quadro do velho na parede": Getúlio retornara ao poder.

Na contramão dos fatos políticos de 1950, o Partido Comunista lançou o Manifesto de Agosto. Reagindo ao anticomunismo do governo Dutra, o PC "mudou do pacifismo à pregação da violência revolucionária imediata".[136] Por esse manifesto, os comunistas passavam a defender um governo popular e democrático, a nacionalização das

[136] GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. *Op. cit.*, p. 23.

empresas imperialistas, a reforma agrária e a formação de um exército popular de libertação nacional. O governo de Vargas implanta uma linha econômica voltada para o desenvolvimento das indústrias de base financiadas pelo Estado, através da criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE). O polo catalisador do investimento na indústria de base se concentrou na campanha do petróleo. Setores organizados, como a UNE, encampam a palavra de ordem: "O petróleo é nosso!". Em 3 de outubro de 1953, foi finalmente sancionada a Lei nº 2004, criando a Petrobras. No plano político, a marca registrada do segundo governo Vargas foi a adoção de um conjunto de medidas de cunho populista, dentre elas destaca-se o aumento do salário mínimo em 100%, em maio de 1954. À medida que avança, o governo será cercado por uma forte oposição, tendo como símbolo Carlos Lacerda. Lacerda será vítima de um atentado ocorrido na Rua Toneleros, em 5 de agosto de 1954. O mentor do atentado foi Gregório Fortunato, segurança pessoal de Getúlio Vargas. Nesse episódio, em vez do jornalista da *Tribuna da Imprensa*, morre o major Rubens Vaz, da Aeronáutica. A partir daí, o governo Vargas vai sofrer pressão cada vez mais intensa, inclusive do setor militar. O desfecho da crise política levaria Vargas a dois caminhos: renunciar ou ser deposto. Diante de tal escolha, o presidente escolheu "sair da vida para entrar na história". Em 24 de agosto de 1954, no palácio do Catete, Getúlio Vargas suicida-se com um tiro no peito. O suicídio de Vargas comove os trabalhadores, "a reação popular fez-se sentir nas principais capitais do país".[137]

Mais uma vez, o Partido Comunista se dissociava da realidade política nacional e não percebera o quanto a liderança de Vargas era presente: "a direção nacional do PC custou a sair da perplexidade ao constatar que se encontrava ao lado dos setores vinculados ao

[137] PENNA, Lincoln de Abreu. *Op. cit.*, p. 242.

imperialismo estadunidense".[138] A palavra de ordem dentro do Partido Comunista era a derrubada do governo e a tomada do poder pela via armada. Diante das manifestações populares, revela-se a visão míope do PC sobre a conjuntura política do país. Entretanto, essa tendência não era predominante dentro do Partido. Em São Paulo, por exemplo, entre março e abril de 1953, ocorreu a greve dos 300 mil: "o temerário do custo de vida e do congelamento dos preços dos gêneros alimentícios de primeira necessidade fundiu-se com a campanha salarial dos trabalhadores paulistanos e ganhou as ruas facilmente".[139] Em 1952, Carlos Marighella chefiou a primeira delegação do PC a viajar para a recém criada República Popular da China e visitou a URSS. Voltou no ano seguinte e atuou em São Paulo. Gorender relata que, na greve de 1953, em contraposição ao "Manifesto de Agosto", havia uma resolução sindical, elaborada por uma comissão da Executiva do Comitê Central, que se baseava no retorno dos comunistas aos sindicatos. Por esse período, Gorender manteve contato com Carlos Marighella e com o jornalista João Saldanha. O primeiro teve uma participação limitada, nos limites da vida clandestina, pois caso contrário poderia ser preso. O segundo atuou junto aos sindicatos dos tecelões. João Saldanha se notabilizaria como comentarista e técnico de futebol, inclusive foi afastado do comando da seleção brasileira, em 1970, pois a ditadura militar não queria que a glória pela conquista do tricampeonato, no México, ficasse a cargo de um comunista.[140] A greve durou 29 dias, paralisando 930 empresas de São Paulo, subdividas entre metalúrgicos, fábricas de móveis, oficinas de carpintaria, vidrarias, malharias, fábricas de cristais e tecelões, entre outras categorias. O impasse não acabaria com a concessão pelo Tribunal Regional do Trabalho (TRT) do reajuste de 32% para os trabalhadores em fiação e tecelagem, bem como para

[138] GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. *Op. cit.*, p. 24

[139] COSTA, Hélio. *Em Busca da Memória*. Brasília: SCRITTA, 1995.

[140] Cf. depoimento de Jacob Gorender.

os metalúrgicos. Os trabalhadores só cessariam o movimento se as lideranças detidas pela greve fossem libertadas, o que ocorreria até o dia 29 de abril de 1953.[141]

A segunda metade da década de 1950 abre uma crise nos partidos comunistas de todo o mundo. O motivo básico se concentra nas revelações ocorridas no 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em fevereiro de 1956, pelo primeiro secretário do Partido, Nikita Kruschev, que denunciara os excessos do culto à personalidade e as atrocidades cometidas durante o período do estalinismo. Após a morte de Stalin em 1953, criou-se na cúpula do poder soviético uma diretriz política que esvaziaria os principais órgãos de segurança: "menos de seis meses depois da morte de Stalin, a polícia política e outros órgãos que dispunham de elevado grau de autonomia, como Estados dentro do Estado, tinham sido desativados ou colocados sob controle".[142] Nikita Kruschev, na ânsia de reestruturar o papel do Partido Comunista Soviético e se contrapor à hegemonia do poder do Estado, divulgou, no XX Congresso, um informe secreto que revelaria ao mundo, e aos próprios russos, a dualidade do líder do socialismo soviético:

> Stalin, canonizado até então como o principal líder e guia do socialismo contemporâneo, que, pelos seus méritos, chegara a obscurecer os grandes do passado, e que repousava placidamente ao lado de Lenin no suntuoso mausoléu da Praça Vermelha, não passara de um déspota liberticida, um criminoso de Estado, cruel e sanguinário, um tirano.[143]

A tentativa de fazer um informe de tamanha importância se tornar secreto foi frustrante, pois logo as notícias correriam as redações da imprensa mundial. O Brasil não tardaria a receber a informação.

---

141 COSTA, Hélio. *Op. cit.*, p. 178.

142 REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma Revolução Perdida*: *a história do socialismo soviético*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.

143 REIS FILHO, Daniel Aarão. *Op. cit.*, p. 197.

O Estado de S. Paulo, jornal que compunha a grande imprensa da época, trouxe, em partes, as denúncias de Kruschev. Num primeiro momento, o núcleo dirigente do PC encarou a informação como uma invencionice da burguesia. Diógenes Arruda, representante do PC brasileiro no XX Congresso, retornaria ao país 6 meses depois, pois se encontrava em viagens pela China e algumas capitais europeias. A posterior confirmação do informe abre uma crise dentro do PC. A reação de Carlos Marighella diante da confirmação dos crimes de Stalin não poderia ser diferente do da maioria dos militantes: ao ocupar a tribuna na primeira reunião da Executiva do Partido Comunista, Marighella chorou compulsivamente. Seria algo como se o chão desaparecesse de repente. Ampliando o que significava a dedicação ao Partido, vale a pena conferir um discurso de Marighella pronunciado na reunião do Comitê Nacional do PC e publicado na *Revista Problemas*, em 1952. Havia uma seção da revista que destacava personalidades de renome do movimento operário internacional, no caso específico, o revolucionário grego Nikos Beloyannis. Escreveu Marighella:

> Só os que estão armados com a ideologia comunista, os que têm a plena convicção da vitória do comunismo, só os que colocam o amor ao Partido acima de tudo e não separam sua vida da do Partido podem sair vitoriosos das provas mais difíceis diante de um inimigo desesperado.[144]

Contudo, Marighella não deve ser compreendido aqui como um órfão ideológico. O fato concreto é que sem a menor cerimônia desabafa seus sentimentos através do choro visível a todos os presentes na reunião. Certamente, outros militantes tiveram a mesma reação. No caso de Marighella, esse fato ficou notório, talvez para ilustrar um exemplo do impacto do XX Congresso nos comunistas brasileiros.

---

[144] MARIGHELLA, Carlos. "Beloyannis: Modelo de Firmeza Proletária". *Revista Problemas*, Rio de Janeiro, ano 5, nº 42, pp. 125-126, set./out. 1952.

Salomão Malina, membro do PC desde a década de 1940, teve um contato estreito com Carlos Marighella nesse período de crise dentro do Partido. Malina atribuía a si próprio uma visão política quase religiosa, somada a uma base teórica ainda precária, dados suficientes para ampliar o impacto causado pela denúncia. Marighella vai se aproximar um pouco mais de Malina, passa a convidá-lo para encontros sem nenhuma relação com atividades políticas concretas. Poderia ser mesmo um almoço num dos bairros suburbanos do Rio de Janeiro. Malina relata que, sobre o assunto em questão, Marighella procurava demonstrar que a denúncia do culto a Stalin era algo mais positivo do que negativo, que o culto revelou-se uma deformação e o mais importante seria superar aquela tortuosa situação. Malina voltará a ter um curioso encontro com Marighella, encontro que na verdade foi uma coincidência. Entretanto, isso é matéria para o capítulo posterior.

SEM TEMPO DE TER MEDO

É preciso não ter medo,
é preciso ter a coragem de dizer.
Carlos Marighella, *Rondó da Liberdade.*

As eleições presidenciais em outubro de 1955 levaram o governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek, ao poder, tendo como vice-presidente João Goulart. A dobradinha do PSD (Partido Social Democrático) e PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) ganharia as eleições por apertada margem de votos sobre os demais concorrentes. Isso provocaria setores conservadores das forças armadas e grupos golpistas, sobretudo do Exército, a contestarem a legitimidade do novo governo eleito e articulassem um golpe militar que foi prontamente rechaçado pelo ministro da Guerra, Henrique Lott. Lott alcançara o cargo logo após o trágico fim de Getúlio Vargas, sob a nomeação de Café Filho, então vice-presidente. Com o estado de saúde do presidente abalado, assumiu a presidência o líder máximo da Câmara dos Deputados, Carlos Luz. Este terá um curto prazo de governo marcado pela pressão dos militares em não permitir a posse de Juscelino e Jango. Afastou

Lott do cargo de ministro e nomeou o general Fiúza de Castro. Lott, em meados de novembro de 1955, retomou o posto de ministro da Guerra, fez aprovar estado de sítio no país, num prazo de 30 dias, e garantiu a posse dos eleitos. O governo de Juscelino pode ser definido, sinteticamente, como ligado a um nacional-desenvolvimentismo que tem na construção de Brasília, em 21 de abril de 1960, o seu símbolo maior. A inserção do capital estrangeiro na economia nacional, com destaque para os Estados Unidos, é também uma marca registrada desse período.

O Partido Comunista apoiou a candidatura de Juscelino à Presidência da República. Em troca, o Partido visualizava uma situação de semilegalidade. De fato, a partir de 1958, o governo Kubitschek mandou finalizar o processo contra Prestes e outros comunistas. Vimos que em 1956 desabaram sobre os comunistas de todo o mundo as denúncias sobre os crimes cometidos por Stalin, no histórico XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética. A partir daquele congresso, Carlos Marighella teve uma participação efetiva na campanha para que alterasse o nome do registro do Partido Comunista do Brasil para Partido Comunista Brasileiro.[145] Uma forma de aproximar os comunistas da realidade política nacional e desvincular sua vocação internacionalista. Marighella integrou a executiva do PC, alternando suas funções com a comissão de finanças do Partido. Na visão de Gorender, essa campanha de troca do nome do Partido não traria a imediata legalidade, porque "até 1964 o PC se esforçou em ser legal e não conseguiu".[146] Progressivamente, o Partido Comunista voltou a atuar na conjuntura brasileira, e o mesmo Gorender atribui ao período que vai de 1959 a 1964 "a época de maior enraizamento do PC dentro da política brasileira".[147] O Partido estava dentro dos sindicatos, junto ao movimento estudantil, no movimento camponês,

[145] Depoimento de Geraldo Rodrigues dos Santos colhido pelo autor em 12.12.98.
[146] Entrevista de Jacob Gorender à *Revista da Bahia*, Encarte Especial, dez. 1988.
[147] *Idem*, p.16.

e exatamente por ter destaque político no início da década de 1960 é que tem a sua legalidade plena negada.

O início dos anos de 1960 merece um destaque à parte para dois acontecimentos políticos: a renúncia do presidente eleito Jânio Quadros e a instalação, em 1º de abril de 1964, do regime autoritário liderado pelo alto comando do Exército Brasileiro. A eleição de 1960 foi disputada tendo como candidatos majoritários o Marechal Lott, pelo PSD-PTB, Ademar de Barros, pelo PSP, e Jânio Quadros, pela UDN. O resultado do pleito dera a Jânio uma porcentagem de 48% dos votos, sendo seguido por Lott com 32% e Ademar com 20%.[148] Na legislação eleitoral, o vice-presidente eleito seria o que reunisse o maior número de votos, fato alcançado por João Goulart, com 4,5 milhões. Jânio Quadros foi um político sempre envolvido com situações um tanto surpreendentes. Fizera carreira política no Estado de São Paulo desde vereador a governador, chegando depois à Presidência. Seu estilo espalhafatoso rendera a ele o estigma da vassoura, cuja propaganda significava varrer a corrupção do Brasil. A União Democrática Brasileira, partido de cunho conservador e muito ligado aos militares, vê em Jânio o candidato ideal. O Partido Comunista optou pelo apoio ao general Henrique Teixeira Lott e a seu vice, João Goulart. O general seria o nome mais aceito, haja vista sua recente participação na defesa da posse de Juscelino. Jânio Quadros governou a seu modo e das muitas atitudes imprevisíveis que teve uma se destacou: a condecoração do líder revolucionário Ernesto Che Guevara – um dos líderes da Revolução Cubana, que depôs o ditador Fulgêncio Batista em Cuba, em janeiro de 1959 – com a medalha "Cruzeiro do Sul", símbolo de honra da República brasileira. A desilusão da UDN com seu candidato só aumentou e a crise política se acentuaria quando em 25 de agosto de 1961, sete meses após sua posse, Jânio renuncia. Pelas regras constitucionais

[148] PENNA, Lincoln de Abreu. *Uma História da República*. *Op. cit.*, p. 252.

vigentes, João Goulart seria o substituto imediato de Jânio Quadros. O vice-presidente se encontrava em viagem à República Popular da China, onde desde 1949 vigorava o regime comunista sob a liderança de Mao Tse-tung. A indisposição dos setores mais conservadores em relação ao nome de João Goulart era uma realidade que tumultuaria ainda mais esse período. Jango, como era conhecido popularmente, foi ministro do segundo mandato presidencial de Vargas. Destacou-se no Ministério do Trabalho pelo aumento de 100% concedido ao salário mínimo. Nas duas eleições realizadas após a morte de Vargas, o nome de Jango despontava como uma liderança dos segmentos populares urbanos e ampliava ainda mais sua participação no setor rural. Nota-se que o Partido Trabalhista Brasileiro, do qual fazia parte, teve um crescimento considerável na sociedade brasileira, em especial a partir da década de 1950, devido à política trabalhista implantada por Getúlio Vargas, e será um dos termômetros do populismo no país. Soma-se a esse fator o incremento da urbanização no Brasil, que ocorre de mãos dadas com a industrialização dos anos de 1940 e de 1950. À medida que a urbanização aumenta, teremos um maior contingente participando das eleições: "em 1945, o percentual de eleitores era de 15%; em 1950, esse número cresce para 22% e, finalmente, em 1955, atinge 25%".[149] Para os militares, a posse do vice-presidente era algo fora de cogitação. Declaram o impedimento de Goulart. O contraponto a essa medida viria sob a liderança do governador Leonel Brizola, do Rio Grande do Sul, que lança a rede da legalidade para que Jango assuma o poder. Contava o governador com o apoio do Estado de Goiás, tendo a frente Mauro Borges. O III Exército, um dos mais poderosos no país, comandado pelo general Machado Lopes, localizado no Rio Grande do Sul, apoiou a legalidade e a posse de Jango. A crise é parcialmente resolvida com a proposta

---

[149] TEIXEIRA, Francisco Carlos. "A Modernização Autoritária." *In*: *História Geral do Brasil*. Maria Yeda Linhares (org). Rio de Janeiro: Campus, 1996.

encaminhada ao Congresso Nacional pelo então deputado Tancredo Neves. Por Emenda Constitucional, o deputado mineiro propôs a adoção do regime parlamentarista, o que limitava Jango, agradando os militares. Em 7 de setembro de 1961, João Goulart toma posse. Tancredo era o primeiro-ministro.

O Brasil no triênio 1961-1964 era um país onde a inflação crescia a passos largos. Nesse período a inflação variou entre 38,1% a 91,6%, sendo seguida por um decréscimo da renda *per capita* de 2,3 em 1962 para menos de 1,5 em 1963.[150] A concentração de terra se fazia presente, sendo que o latifúndio respondia por "47,3% do total das terras, tendo em cultivo apenas 2,3% dessa área".[151] A crise política desencadeada com a renúncia de Jânio era ampliada quando associada a conjuntura econômica brasileira. O salário corroído pela pressão inflacionária, crises de abastecimento, como a ocorrida em 1962, que levou a população a saquear armazéns na cidade do Rio de Janeiro, criava uma demanda por uma política de reformas. O retorno do presidencialismo se concretizou com o plebiscito realizado em 6 de janeiro de 1963. Com 10 milhões de votos, João Goulart recuperou o cargo de presidente. Seu governo teve a incumbência de colocar na ordem do dia as chamadas "Reformas de Base", que possuía na reforma agrária seu maior desafio. Um dos pontos-chave do Plano Trienal elaborado pelo economista Celso Furtado era a "desapropriação, para pagamento em longo prazo, de todas as terras consideradas necessárias à produção de alimentos".[152] A pressão da sociedade civil pelas reformas se fazia presente, com várias entidades no encalço do governo. Entre elas destacam-se a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a Confederação Geral do Trabalho (CGT).

No plano político interno, algumas medidas adotadas pelo governo Jango impunham uma linha de independência política que

150 PENNA, Lincoln de Abreu. *Op. cit.*, p. 266.
151 TEIXEIRA, Francisco Carlos. *Op. cit.*, p. 312.
152 *Idem*, p. 313.

alarmava os interesses estadunidenses, no país e no continente. Em novembro de 1961, o Brasil reatou relações diplomáticas com a União Soviética. Na mesma direção, votou contra a expulsão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA), em conferência realizada na cidade de Punta del Este, em janeiro de 1962. No ano de 1962, era aplicado pela prefeitura da cidade de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, um método de educação voltado para a conscientização do homem, estando este inserido em sua realidade social. No Rio Grande do Sul, o governador Leonel de Moura Brizola encampou a Companhia Telefônica Nacional, subsidiária da ITT (International Telephone and Telegraph). Na área rural crescia a organização dos camponeses através das Ligas Camponesas, lideradas pelo advogado Francisco Julião. O foco do movimento camponês era o Estado de Pernambuco. O *Jornal do Brasil* de 26 de janeiro de 1962, no seu editorial, noticiava: "É na vida rural que está o ponto mais frágil da estrutura social brasileira, como bem se pode sentir através de movimentos como os das Ligas Camponesas no Nordeste, dos conflitos entre posseiros e grileiros nos Estados do Rio e do Paraná, nas reivindicações dos camponeses de Goiás".[153] Em 1963, o governo lançou o Estatuto do Trabalhador Rural, visando a extensão ao campo da legislação social da cidade, como o salário mínimo e a jornada de oito horas. Tais medidas eram encaradas, por setores conservadores, como um autêntico exemplo de como o país se aproximava do comunismo. Certo exagero, se aplicado ao presidente. Na verdade, nesse período a geopolítica da América Latina passa a ter um componente contestador para os interesses imperialistas dos Estados Unidos. A Revolução Cubana poderia estimular uma série de movimentos revolucionários que ameaçariam a hegemonia estadunidense no contexto da guerra fria. O Brasil sempre teve uma atuação, na história da América Latina, voltado de costas ao continente e de braços abertos ao imperialismo

[153] *Jornal do Brasil,* Rio de Janeiro, 26.01.1962.

europeu ou estadunidense. Os Estados Unidos atuaram nesse período de acirramento das contradições políticas através dos princípios da "Aliança para o Progresso". Os Estados oponentes ao governo de Goulart receberam empréstimos e suprimentos. Numa medida ostensiva, foi criado e financiado pelos Estados Unidos o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (Ipes) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (Ibad). O primeiro vinculava-se aos militares, liderados por generais da Escola Superior de Guerra. O segundo teve uma atuação mais declarada "subvencionando candidatos considerados fiéis no combate às reformas de base".[154] Ambos eram institutos que teriam a missão de difundir na sociedade brasileira o temor das reformas, preparando o terreno para o golpe de abril de 1964.

Dois fatos selaram o destino do governo Goulart e ampliaram a ideia golpista. Um ocorrido em meados de 1963, em Brasília, com o motim de suboficiais da Aeronáutica e da Marinha exigindo o direito ao voto e melhores condições da tropa. Outro, em 26 de março de 1964, foi a Revolta de Marinheiros no Rio de Janeiro, liderada pelo cabo Anselmo, para alguns espião a serviço da CIA, mais tarde colaborador da polícia paulista na perseguição aos partidários da luta armada através da infiltração e delação.[155] Os marinheiros queriam certa autonomia para se organizar e reivindicar seus direitos. Os militares viam nesses movimentos um abalo profundo naquilo que eles julgam ser quase tudo: a hierarquia. E, progressivamente, articulam o golpe.

Em 13 de março de 1964, João Goulart participa de um comício na Central do Brasil, local de assídua presença de trabalhadores. Nesse comício exaltou a extensão do voto aos analfabetos, soldados, cabos e marinheiros; a anistia política a civis e militares indiciados por atividades sindicais; defende a soberania nacional e a reforma agrária. Os efeitos desse comício reforçam a tese dos golpistas. Para se ter

[154] PENNA, Lincoln de Abreu. *Op. cit.*, p. 271.

[155] Sobre o cabo Anselmo, não se sabe o momento exato em que passou a colaborar com os aparelhos repressivos da ditadura militar.

uma ideia, os Estados Unidos, articulados com vários governadores, como Magalhães Pinto, de Minas Gerais, e Carlos Lacerda, do Rio de Janeiro, garantem uma base naval, em Pernambuco, para uma possível repressão à resistência ao golpe. Sem apoio dos militares e das principais lideranças civis, o governo Goulart é deposto em 1º de abril de 1964. De início os militares argumentavam que a intervenção seria rápida, apenas para normalizar a situação política do país. Essa "rapidez" durou 25 anos, mergulhando o Brasil numa das ditaduras mais brutais do continente.

O Partido Comunista não sairia ileso à instalação do regime autoritário no país. Na avaliação que faz do V Congresso do Partido Comunista, realizado em agosto de 1960, Jacob Gorender aponta falhas no Partido e nas avaliações predominantes sobre a conjuntura política nacional e internacional:

> seu erro consistia em partir abstratamente de teses universalmente conhecidas (como as teses de revolução nos países dependentes, sobre a frente única e a aliança operário-camponesa, sobre a hegemonia do proletariado etc.), delas pretendendo deduzir, por via lógico-formal, as ideias particulares da revolução brasileira, sem submeter tais ideias à mediação indispensável da realidade concreta do país.[156]

Emergiu do V Congresso dois documentos, "As Teses" e a "Resolução Política", em que os comunistas previam uma etapa da revolução como anti-imperialista e antifeudal, nacional e democrática, sendo promissor a instalação de um governo centrado na acumulação de forças, sob a liderança do proletariado. A possibilidade de uma reação contrarrevolucionária poderia alterar a alternativa pacífica do PC levando-o à luta armada. A posição do Partido Comunista em relação ao governo de João Goulart era de apoio às reformas de base, admitindo mesmo uma aliança com a burguesia progressista. Salomão Malina

---

[156] GORENDER, Jacob. "O V Congresso dos Comunistas Brasileiros". *Estudos Sociais*, Rio de Janeiro, nº 9, pp. 3-11, out. 1960.

faz uma avaliação do período que antecede o regime autoritário de 1964 destacando a posição de Prestes, que chegara a afirmar que se os golpistas colocassem a cabeça para fora, teriam as mesmas cortadas. Para Malina, não era apenas a cabeça de algumas pessoas que seriam cortadas, mas sim o pensamento e a ação das forças militares.[157]

Após um mês e nove dias do golpe instalado em 1964, Carlos Marighella foi preso e baleado num cinema carioca situado no bairro da Tijuca. O episódio ocorreu no dia 9 de maio de 1964. Porém, antes disso, na renúncia de Jânio Quadros, em 1961, o apartamento de Clara e Marighella, na Rua Correia Dutra era invadido pela polícia. Marighella não estava presente. Clara resistiu aos invasores denunciando. O desapontamento por não encontrar Marighella era evidente, quando a polícia se retirou. Comentando esse fato, posteriormente, Marighella destacou a simplicidade do apartamento onde residia, que deveria ter surpreendido os policiais. Afinal tratava-se de um destacado líder comunista, ex-deputado, morando num quarto e sala alugado. Marighella não perdeu a oportunidade para ironizar e manter aceso o seu humor: "alguma tramoia existe nessa coisa de comunista morar nesses apartamentos pequenos – deve pensar lá o Dops com os seus botões".[158] Com o golpe deflagrado em 1964, Marighella "tentou organizar a resistência na Cinelândia. Ele com alguns militantes de esquerda, estudantes e pessoas que se encontravam na Cinelândia. Achava que era inconcebível aceitar o golpe sem fazer nada".[159] Mas a resistência simbólica viria mesmo no fato ocorrido no Cine Esky-Tijuca, no mês de maio. Marighella, com o golpe, não iria ficar esperando a repressão invadir seu apartamento. A polícia seguira a zeladora do prédio em que ele morava com Clara. A zeladora tinha um encontro com Marighella na Tijuca, onde entregaria a ele peças de roupa. A narrativa a partir daí é do próprio Marighella:

[157] Depoimento de Salomão Malina colhido pelo autor em 16.12.98.

[158] MARIGHELLA, Carlos. *Por que resisti à prisão*. *Op. cit.*, p. 16.

[159] Entrevista de Clara Charf a *Teoria e Debate*, n.8, out./nov./dez. 1989.

> ao perceber a certa distância um indivíduo em atitude suspeita, como que vigiando os passos da zeladora, preferi ingressar no cinema. E o fiz repentinamente, visando a receber no interior do salão, às escuras (o espetáculo estava começando), o embrulho de roupa que ela trazia. Meu intuito era iludir a vigilância policial e sair algum tempo depois por outra porta. A polícia invadiu o cinema, obrigou o gerente a acender as luzes e iniciou o cerco em plena plateia, depois de ocupar as saídas. Não demorou muito e ouvi ao meu lado o clássico 'Têje preso!' Isso me foi segredado aos ouvidos por um tira, de pé, à direita da cadeira em que eu estava sentado. O convite do policial era para que eu me retirasse do cinema, acompanhando-o preso.[160]

A partir daí Marighella percebeu que o intuito dos policiais era de abatê-lo ali mesmo. Antes que isso se consumasse procurou resistir: "levantei-me gritando: Matem, bandidos! Abaixo a ditadura militar fascista! Viva a democracia! Viva o Partido Comunista!"[161] O policial mais próximo de Marighella puxou o gatilho atingindo-o próximo ao tórax esquerdo. O tiro foi para matar. Os demais policiais lançaram-se sobre o militante comunista na esperança de detê-lo com algo que justificasse sua prisão, um documento qualquer que o incriminasse. Vão se desiludir ao encontrarem apenas um embrulho rosa contendo algumas "cuecas com remendos, camisas, calças, vestes usadas".[162] A plateia estava assustada com o que via. Marighella baleado não se entregava aos policiais, resistiu com golpes de capoeira. Eram 14 o número de agentes do Dops carioca tentando encarcerá-lo numa viatura. Após uma coronhada desferida acabou sendo dominado. A resistência no cinema, a princípio, atingiu o objetivo de tornar pública a prisão de Marighella. Por outro lado, era sua primeira manifestação de resistência ao regime instalado. Marighella também enviava um

---

160 MARIGHELLA, Carlos. *Op. cit.*, p. 18.
161 *Idem*.
162 MARIGHELLA, Carlos. *Op. cit.*, p.19.

recado ao Comitê Central do Partido Comunista com aquele gesto. Delineava-se seu rompimento com o Partido.

Marighella foi socorrido no Hospital Souza Aguiar, no Rio de Janeiro, e dali transferido para a Penitenciária Lemos de Brito. As condições em que se encontrava na cela eram péssimas. Em 26 de junho, recebeu a notícia de que iria ser levado a São Paulo. O Dops paulista queria esclarecimento sobre menção de seu nome na famosa “Caderneta de Prestes”, o transporte entre o Rio e São Paulo foi feito numa viatura da polícia carioca. Recém baleado lutava também contra o frio. O Dops de São Paulo armara uma autêntica festa particular para tomar o depoimento, logo iria desapontar-se, pois, ao invés de se constranger, Marighella reafirmava seus ideais comunistas, não poupando a ditadura.

Na passagem por São Paulo, um velho conhecido de Marighella tomou conhecimento de sua presença na cidade, era Noé Gertell, e providenciou uma visita ao companheiro. Gertell não estava clandestino, sua casa foi vasculhada, nada foi encontrado. Prestou depoimento e foi liberado. Preparou um embrulho contendo roupa de frio, revistas e livros. Foi até o prédio do Dops, onde Marighella estava detido. Lá chegando identificou-se de modo a driblar o delegado de plantão. Corria o mês de julho em São Paulo, inverno rigoroso, era feriado, poucos policiais no plantão. Noé chega até a sala do delegado e anuncia: “Eu queria visitar o professor Marighella!” A princípio foi bem recebido, só que o pedido não poderia ser aceito. O delegado substituto tinha ordens para manter Marighella incomunicável. Noé, sem pestanejar, sugere ao policial que ao menos autorizasse a entrega do embrulho a Marighella. Diante da insistência, o delegado permitiu que ele se encaminhasse à carceragem e enviasse a encomenda. Noé aproveita o espaço e envia um bilhete perguntando a Marighella se precisava de mais alguma coisa. Marighella responde: precisava apenas de pasta de dente e sabão. Noé providenciou o pedido e voltou para casa com a certeza do dever cumprido e de

que Marighella estava vivo.[163] A solidariedade não ficou esquecida no cárcere da Ilha Grande.

Carlos Marighella ficaria preso por três meses. Ao sair da prisão cada vez mais se acentuava a sua discordância com o Partido Comunista. Voltou a atuar na militância em São Paulo. Num desses encontros proporcionados pela coincidência, revê Salomão Malina. Malina ia de São Paulo em direção ao Rio Janeiro. No curso da viagem, resolve parar e tomar um café. Jamais imaginaria encontrar Marighella. Mas lá estava o dirigente do Partido Comunista, líder máximo em São Paulo. A conversa entre ambos é rápida. Malina indaga a respeito da posição política de Marighella naquele momento. Carlos Marighella desconversa, sem antes confessar a Malina que entre os dois "estava tudo limpo".[164]

A amizade estaria acima das divergências para Marighella. Num momento posterior, em que se desliga do Partido, em meados de 1967, foi a Cuba e lá revê Ana Montenegro. Nessa época estava mais do que decidido à luta armada, como veremos mais adiante. Ana não via esse caminho da mesma forma. Ela chegava mesmo a acreditar que não o veria mais, em função da divergência. Em Cuba, Marighella relatou a Ana Montenegro que a amizade estaria acima das divergências. Se ambos acreditavam em caminhos diferentes para a implantação do socialismo no Brasil, a amizade faria com que os caminhos se juntassem: "os meus princípios não acabaram, nem os seus, apenas você sabe que para se chegar a algum lugar, o lugar que nós queremos, o socialismo, os caminhos podem ser diferentes, mas nós seremos conduzidos pelos mesmos transportes".[165] Um dos aspectos da personalidade de Marighella que mais marcaram na sua amizade com Ana Montenegro foi a coragem. Ana receava muito, dentro do Partido, o enfrentamento a uma maioria. Comentaria com

---

[163] Depoimento de Noé Gertell colhido pelo autor em 23.12.1998.
[164] Cf. depoimento de Salomão Malina.
[165] Depoimento de Ana Montenegro colhido pelo autor em 6.11.98.

Marighella a respeito do assunto. Ele prontamente responde utilizando uma frase que marcaria sua trajetória: "não tive tempo de ter medo". Marighella apontou que se ele tivesse medo não teria passado pela prisão, não continuaria na luta política. Medo era para se ter da repressão, da polícia e não dos companheiros de Partido, mesmo que esses optassem por caminhos opostos, sendo maioria ou não.[166]

Em reunião realizada em meados de 1966, onde Marighella oficializou seu desligamento da Comissão Executiva do PC, Geraldo fez sua intervenção tentando demonstrar que aquele não era o caminho mais viável, "o caminho tinha que ser de acumulação de forças, um caminho que as massas participassem".[167] Mas os delegados presentes já haviam escolhido o seu rumo, a liderança de Marighella se fazia notar nitidamente. Os dois amigos de épocas passadas se abraçaram e Marighella chorou. Era uma difícil despedida. Geraldo se recorda das últimas palavras que teve com ele, Marighella foi taxativo ao afirmar que se fosse para continuar a seguir a política defendida pelo Partido Comunista, era preferível "vender gravatas pelo país afora".[168]

Se a amizade não foi tocada, se os princípios continuavam os mesmos, por que Carlos Marighella vai consubstanciando seu desligamento do Partido Comunista? Afinal, foi boa parte de uma vida dedicada ao Partido. Após a primeira tentativa de assassinato que sofrera no Rio de Janeiro, em 9 de maio de 1964, Carlos Marighella lançou "Por que resisti à prisão", documento em que narra todo o episódio do tiro no cinema, sua prisão, as versões falaciosas da polícia, as condições do cárcere, o envolvimento dos policiais que o prenderam com o crime organizado, a aflição da plateia com o fato – a sessão no cinema exibia o filme "Rififi no Safari", era uma matinê e muitas crianças se encontravam no local. Os últimos dois capítulos são embasados numa crítica aberta a posição adotada pelo

[166] *Idem*.
[167] Cf. depoimento de Geraldo Rodrigues dos Santos.
[168] *Idem*.

Partido durante o governo de Jango, que acreditava nas reformas de base tendo na burguesia progressista um aliado indispensável. Para Marighella,

> a grande falha desse caminho era a crença na capacidade da burguesia, a dependência da liderança proletária à política efetuada pelo governo de então. A liderança da burguesia nacional é sempre débil e vacilante. Ela é destinada a entrar em colapso e a capitular sempre que do confronto com os inimigos da nação surja a possibilidade da passagem do poder ao controle direto ou imediato das massas".[169]

Na avaliação de Clara Charf, Marighella, desde a renúncia de Jânio, defendia a tese de que o Partido Comunista deveria se preparar contra a situação golpista que estava se desenhando. O Partido não podia seguir a reboque da burguesia. Devia preparar a resistência ao golpe militar. Em contrapartida o PC seguia afirmando que Jango tinha um esquema militar que sufocaria qualquer rebelião. Veio o golpe e nenhuma resistência eficaz foi oferecida.[170]

Em 1966, Carlos Marighella escreve o ensaio político "A Crise Brasileira". Logo no início apontou o despreparo das forças antigolpistas, entre elas os comunistas, diante do golpe militar, sem oferecer qualquer resistência, com exceção da greve geral que não tinha forças, pois estava isolada. Sobre a renúncia de Jânio Quadros em 1961, realçou: "fomos tomados de perplexidade e reconhecemos que não estávamos preparados para enfrentar os acontecimentos".[171] Destacou que a solução para a crise brasileira não estaria na conciliação com a burguesia. Esta, sem o auxílio do Estado, nem mesmo conseguira lançar as bases da industrialização no país. A solução, por vocação, pelo destino histórico, centrava-se no "proletariado e seus aliados da frente

---

169 MARIGHELLA, Carlos. *Op. cit.*, p. 147.

170 Depoimento de Clara Charf colhido pelo autor em 15.12.1998.

171 MARIGHELLA, Carlos. *A Crise Brasileira (Ensaios Políticos).* Assírio & Alvim, 1966; coletânea de textos reunidos por Adérito Lopes, 2ª ed.

única. Atraindo o camponês – seu aliado fundamental".[172] Recorreu ao papel desempenhado pela luta de guerrilhas na história do país, destacando a expulsão dos holandeses, em meados do século 17. Não se trata de transplantar aquele episódio para o momento vivido, mas sim de validar a luta de guerrilhas como uma "luta política diferente – aplicável quando a luta política já não pode resolver-se pacificamente e tem que se fazer por outro meio".[173] Entretanto, chamava a atenção para que a guerrilha a ser deflagrada fosse típica do campo, "não era uma forma de luta apropriada às áreas urbanas".[174]

Marighella não rompeu imediatamente com o Partido Comunista. Apenas expôs suas posições em relação à linha política adotada. Quando percebeu que não existiam canais abertos dentro do Partido para suas convicções, encaminhou a formação do Agrupamento Comunista de São Paulo e se inseriu definitivamente na luta armada. Entretanto, avaliar a sua opção política tendo o PC como polo de motivação é ignorar os acontecimentos e o acirramento do regime autoritário. Ambos, Marighella e o Partido Comunista, se encontravam imersos num contexto político que aguçava as divergências.

A ditadura civil-militar instalada em 1964 reinaugurou a prática legalizada da violência política pelo Estado brasileiro. Notabilizaria-se a sustentação do regime através da larga utilização dos Atos Institucionais, que mais justamente deveriam ser denominados atos inconstitucionais, pois foi preciso que rasgassem duas Constituições, a de 1946 e a de 1967. O primeiro Ato Institucional é decretado em 9 de abril de 1964 e impunha eleição indireta para a Presidência da República. Nota-se que o Congresso Nacional encontrava-se amordaçado, tendo as principais lideranças políticas cassados os seus mandatos. A abertura de inquéritos policiais militares (IPMs) foi um mecanismo utilizado para coibir atividades de funcionários

---

172 *Idem*, p. 15.
173 *Idem*, p. 16.
174 *Idem*, p. 55.

públicos, civis e militares, supostamente simpáticos à subversão. O segundo Ato Institucional ia mais longe no cerceamento da política nacional e extinguiu os partidos políticos existentes. Por esse ato instituiu-se o bipartidarismo, de um lado composto pela Arena (Aliança Renovadora Nacional), base de apoio ao regime autoritário, e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), reunindo todas as forças de oposição ao novo regime. Em virtude do relativo sucesso das candidaturas de oposição aos governos de alguns Estados, como o Rio de Janeiro, como a eleição de Negrão de Lima, surgiu novo Ato Institucional, o AI-3, em 5 de fevereiro de 1966, cuja intervenção na política eleitoral avançou ainda mais. Impôs a eleição indireta para o cargo de governador e os municípios das capitais teriam o chefe do executivo nomeado pelos governadores. Ou seja, ficava claro que "o regime não toleraria qualquer contestação".[175] Em 3 de outubro de 1966, o marechal Artur da Costa e Silva assumia a Presidência da República, sucedendo ao general Castelo Branco. Ainda no final do ano de 1966, em 7 de dezembro, é baixado o Ato Institucional nº 4, caracterizado pela hegemonia do poder executivo federal sobre os demais poderes, pois o presidente poderia encaminhar projetos, com força de decretos, à revelia do Congresso Nacional, bastava para isso o caráter de urgência. Municípios considerados área de segurança nacional teriam os prefeitos nomeados pelo Conselho de Segurança Nacional, órgão direto da Presidência da República.

O Ato Institucional nº 5 foi implantado em 13 de dezembro de 1968. Foi o único Ato Institucional sem prazo determinado para expirar e o mais radical da ditadura militar. O motivo para sua imposição pode ser explicado na leitura atenta da seguinte reportagem do *Jornal do Brasil*:

> um memorando da CIA à Casa Branca fazia, no dia 29 de novembro de 1968, uma avaliação da crise política que encurralava o então presidente,

[175] PENNA, Lincoln. *Op. cit.*, p. 290.

> marechal Arthur da Costa e Silva. A análise da CIA descrevia o crescimento da linha-dura nas Forças Armadas, especialmente entre oficiais jovens, que estavam insatisfeitos com a repressão ao movimento estudantil, à imprensa e a setores de oposição. Esses oficiais apresentavam a Costa e Silva um claro dilema: o endurecimento do regime, rompendo qualquer barreira constitucional, ou um golpe palaciano, para derrubá-lo.[176]

Nota-se que a CIA, agência de espionagem estadunidense, informou ao governo dos Estados Unidos a frustração da oficialidade pela forma como a repressão vinha sendo desencadeada pelo governo. Na reunião ministerial que precedeu o Ato, o então ministro do Trabalho, Jarbas Passarinho, sintetizou numa frase o teor com que esse ato viria a vigorar: "às favas senhor presidente, neste momento, todos os escrúpulos de consciência".[177] Institucionalizava-se o terror da ditadura militar. Em seu Artigo 5º, item III, constava: proibição de atividades ou manifestações sobre assunto de natureza política. O Artigo 10º é mais direto: Fica suspenso o *habeas corpus*, nos casos de crimes políticos contra a segurança nacional, a ordem econômica e social. Com essa última medida legitimava-se a tortura.

Carlos Marighella, ao ser preso em 9 de maio de 1964, denunciava os métodos utilizados nas prisões da ditadura militar, bem antes da instalação do Ato Institucional nº 5:

> Antônio Pereira Neto, marítimo, teve o olho quase vazado no Dops da Guanabara. O ferroviário Ladislau Silva sofreu o suplício da espuma de sabão nos olhos, que foram em seguida lacrados com esparadrapos. O dr. Simão Kossubutski, preso em Goiás, passou pelo suplício do torniquete, aperto dos testículos entre duas pequenas tábuas.[178]

---

176 ALVES, Rosental Calmon. "O AI-5 segundo a CIA". *Jornal do Brasil,* Rio de Janeiro, 11.12.1988. Caderno B, p.6.

177 ALTMAN, Fábio. "13 de dezembro de 1968: O Dia do AI-5." *Época,* Rio de Janeiro, nº 29, pp. 74-89, 7.12.1998.

178 MARIGHELLA, Carlos. *Por que resisti à prisão*. *Op. cit.*, p. 83-84.

Esses três casos são ilustrativos de uma sequência abordada por Marighella, incluindo as péssimas condições no tocante à alimentação e ao alojamento dos presos e aos inúmeros casos de suicídios e tortura seguida de morte. O fechamento do regime se faria maior através da perseguição a profissionais das mais variadas funções. Marighella relatou:

> o professor da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, o sociólogo Florestan Fernandes, porque escreveu uma carta ao coronel encarregado de um IPM, defendendo a liberdade de cátedra e dando motivos por que decidira depor, foi detido no xadrez de um quartel. Carlos Heitor Cony, escritor de mérito inconfundível, foi processado pelo ministro da Guerra, que tentava cercear-lhe o direito de escrever. Maria Yeda Linhares – um dos valores da nova geração – foi demitida da direção da Rádio Ministério da Educação e enxovalhada publicamente porque imprimira à emissora uma orientação mais consentânea aos interesses culturais do nosso povo. Jornais foram ilegal e arbitrariamente fechados em todo o país ou simplesmente não puderam mais circular. A União Nacional dos Estudantes (UNE) teve sua sede incendiada pelos vândalos golpistas, e posteriormente foi declarada extinta por iniciativa do Ministério da Educação. Contra os sindicatos mais importantes foram instaurados IPMs, com prazos excedidos e funcionando ilegalmente, e onde são chamados a depor líderes sindicais que não saíram do país. Punidos com cassações de direitos políticos e outras sanções. Perseguidos no país ou vivendo no exílio, existem muitos brasileiros.[179]

Entre esses últimos destacam-se Leonel Brizola, João Goulart, Juscelino Kubitschek, Luiz Carlos Prestes, Ana Montenegro, Paulo Freire, Francisco Julião, Anísio Teixeira e o próprio Carlos Marighella. Marighella reuniu essas denúncias no livro editado em 1965, *Por que resisti à prisão*.

---

[179] *Idem*, pp. 87-95.

O Partido Comunista realizou o seu VI Congresso em 1967, privilegiando a luta pela reconquista das liberdades democráticas através da organização e mobilização das massas e de uma política de aliança com os setores antigolpistas. Era uma maneira de relegar a luta armada a um plano secundário. Como conciliar uma mobilização de massas diante dos limites impostos pela ditadura militar? Por mais que o ano de 1968 apontasse para uma considerável atuação popular, sobretudo dos estudantes, a ditadura não estaria disposta a ceder, assim pensava Marighella.

Entre 31 de julho e 10 de agosto, realizou-se em Cuba a Conferência da Organização Latino-Americana, Olas. Carlos Marighella, em dezembro de 1966, apresentou carta à Executiva do Partido Comunista Brasileiro renunciando ao seu cargo. Saía da Executiva, mas não do Partido, restringindo sua atuação em São Paulo. Por esse documento críticou o comportamento da Comissão Executiva do Partido, que segundo ele "repousa em fazer reuniões, redigir notas políticas e elaborar informes".[180] Tal como ocorrera em 1961 e em 1964, o Partido Comunista, para Marighella, não estaria disposto a combater o regime autoritário. Sugeriu que as lutas pelas reformas de base não se dariam de forma pacífica, mas sim "através da tomada de poder por via revolucionária e com a consequente modificação da estrutura militar que serve às classes dominantes".[181] Contrariando o Partido, viajou a Cuba por ocasião da Olas e de lá remeteu missiva, notabilizada como "Respostas ao Questionário de Pensamento Crítico". Num dos itens Marighella expôs, definitivamente, o porquê da opção que vinha tomando:

> Antes do golpe militar de abril de 1964, a linha de ação traçada pela direção do PCB era de apoio à luta pelas reformas básicas, através da expansão

---

[180] MARIGHELLA, Carlos. "Carta à Comissão Executiva do PCB". Rio de Janeiro: Assírio & Alvim, 10.12.1966; coletânea de textos reunidos por Adérito Lopes, 2ª edição.

[181] *Idem*, p.19.

> do movimento de massas e da aliança com a burguesia. Depois do golpe militar, a linha de ação do PCB foi proposta no documento intitulado "teses", de junho de 1966, para ser discutido em todo o partido. A linha de ação formulada nesse documento não difere no fundamental, da tática e estratégia anteriores, pois preconizam um caminho de desencadeamento do movimento de massas para a instauração de um governo que restitua as liberdades democráticas. A direção da burguesia na revolução brasileira continua sendo reconhecida nesse documento, que igualmente não aceita com o solução dos problemas do povo brasileiro o caminho da luta de guerrilhas.

Para mais adiante definir de uma vez por todas sua posição: "No Brasil só a luta armada, com a luta de guerrilhas como sua melhor expressão, pode levar à unidade das forças revolucionárias".[182] A carta é datada em 8 de agosto de 1967; em setembro Marighella seria expulso do Partido Comunista. De retorno ao Brasil, conduziu o Agrupamento Comunista de São Paulo, dissidência do PC que simpatizava com a luta armada.

A divisão dentro do Partido Comunista não se restringiu ao Agrupamento Comunista. Militantes como Jacob Gorender, Mário Alves, Apolônio de Carvalho e Miguel Batista dos Santos vão romper com o PC, criando um novo partido político, o PCBR. O Partido Comunista Brasileiro Revolucionário se opunha ao imobilismo da Comissão Executiva, porém julgavam que a luta revolucionária não seria realizada sob uma direção militar, era preciso uma direção política.[183] Em "Combate nas Trevas", Jacob Gorender explica o afluxo de várias organizações à luta armada no Brasil: "à exceção da maioria do Comitê Central do PC, a esquerda considerou a falência do caminho pacífico um fato provado. Seguia-se que a luta armada, não travada

---

[182] MARIGHELLA, Carlos. "Respostas ao questionário de Pensamento Crítico". Havana, 08.08.1967.

[183] Depoimento de Jacob Gorender colhido pelo autor em 07.12.1998.

contra o golpe de direita, tornava-se imperativa quando os golpistas já tinham o poder nas mãos".[184] Nem por isso pode-se reter uma unidade desses segmentos de esquerda ao optarem pela luta armada. Surge no cenário nacional um conjunto de organizações tendo como objetivo a derrubada imediata da ditadura. A Revolução Cubana deve ser vista aí como um elemento propulsor dessas tendências. Não significaria uma cópia fiel do modelo revolucionário cubano, mas o seu exemplo surtia efeitos no Brasil.

Nesse exato momento, a narrativa passa a enfocar a passagem do Agrupamento Comunista de São Paulo à Ação Libertadora Nacional, procurando enfatizar a atuação de Carlos Marighella dentro da luta armada.

Em abril de 1968 circulava o primeiro exemplar de *O Guerrilheiro*, jornal que se intitulava "órgão dos grupos revolucionários".[185] O mesmo exemplar trazia o "Pronunciamento do Agrupamento Comunista de São Paulo". No pronunciamento era sustentada, logo no seu início, a ideia de que não eram partidários do foquismo por considerá-lo inaquedado à realidade brasileira: "o foco seria o mesmo que lançar um grupo de homens armados em qualquer parte do Brasil e esperar que, em consequência disso, surgissem outros focos em pontos diferentes do país".[186] A proposta do Agrupamento era de uma organização que se libertasse dos vícios cometidos pelo Partido Comunista e da Comissão Executiva, encaminhada na guerra de guerrilhas, tendo na área urbana papel de relevo, sem esquecer o papel de "fiel da balança da revolução brasileira" exercido pelo camponês.[187] Para tanto, era necessário surgir uma nova organização. Esta deveria ser "clandestina, pequena, bem estruturada, flexível, móvel. Uma organização de vanguarda para agir, para praticar a ação revolucionária

[184] GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. São Paulo: Ática, 1998.
[185] *O Guerrilheiro*, São Paulo, Abr. 1968.
[186] *Idem*, p. 2.
[187] *Idem*

constante e diária, e não para permanecer em discussões e reuniões intermináveis".[188] Mais adiante, na conclusão do artigo, era revelada a base teórica que move o Agrupamento: "a ação faz a vanguarda". Uma leitura atenta do pronunciamento reflete o quanto os comunistas de São Paulo, ao partirem em direção a uma nova organização, criavam a Ação Libertadora Nacional (ALN). E seu líder e articulador mais notório era Carlos Marighella. A ALN não seria apenas Carlos Marighella, sua liderança tinha, pela própria trajetória política, um peso considerável. Em junho de 1969, Carlos Marighella lançou "O Minimanual do Guerrilheiro Urbano". Na introdução destaca-se uma palavra de ordem que muito define o grau de descentralização da ALN. Assim define Marighella: "o dever de todo revolucionário é fazer a revolução".[189] O princípio que moldava a formação do Agrupamento Comunista de São Paulo concentrava-se na ação como vanguarda. Enfim, a ALN surgiu de uma dissidência do Partido Comunista, mas se afirmou no panorama político nacional como uma organização de resistência à ditadura militar, fundamentada na luta de guerrilhas.

Manuel Cyrillo é um exemplo de como foi se constituindo a militância da ALN. Cyrillo, em 1964, era um jovem de 18 anos com afazeres normais. Morava nas imediações do bairro das Perdizes, zona oeste de São Paulo. Natural da Bahia, vivia em São Paulo desde 1954. A vida cotidiana incluía o futebol, o namoro, as festas, as brigas, enfim, tudo normal. O interesse por política desponta, particularmente, em 1961. Com a renúncia de Jânio Quadros e o veto declarado das Forças Armadas a João Goulart, dois amigos de Cyrillo vão se engajar na resistência liderada por Leonel Brizola, no Rio Grande do Sul. Ambos prestavam serviço militar na Aeronáutica. A vida cotidiana se entrelaçou com a política, não a inibiu. Na verdade, o que Manuel Cyrillo deixa claro é que o seu início na militância política não tem

---

188 *Idem*, p. 2.

189 MARIGHELLA, Carlos. "Minimanual do Guerrilheiro Urbano". Assírio & Alvim, jun.1969; coletânea de textos reunidos por Adérito Lopes, 2ª edição.

uma relação simétrica com o movimento estudantil, nem com o movimento operário. O interesse por política se dá nos bairros, no movimento popular, da turma de bairro com que convivia.[190] O engajamento político na ALN foi *a posteriori*, após uma avaliação dos fatos que se debatiam sobre a política nacional. À proporção que o regime militar fechava os canais formais da militância política, a aproximação com a Ação Libertadora Nacional se estreiava. A identificação com a ALN não foi imposta. A ALN, segundo Cyrillo, não se apresentava fundamentalmente como socialista. Tinha por definição um caráter de resistência à ditadura militar. Isso pelo menos era a conclusão a que ele e seus pares chegaram e por isso se engajaram. Uma organização, como o nome dizia, de libertação nacional, de oposição à ditadura instalada. O livro *Por que resisti à prisão*, escrito por Marighella, foi relevante para uma definição.[191] Análise semelhante é compartilhada pelo ex-militante da ALN, Carlos Fayal. Para ele, um dos pontos de maior destaque da ALN e de Marighella foi reunir um número de pessoas independente politicamente. Fayal era estudante do Colégio Mallet Soares, em Copacabana, bairro da zona Sul carioca. O elo com a política aflora na passagem pelo Mallet Soares. Ali chegou a dirigir um jornal de curta duração. Articulara-se com demais grupos de diversas áreas que propunham uma discussão acerca da resistência ao golpe militar. Os limites impostos pela ditadura refletiam-se nas escolas, impedindo o funcionamento dos grêmios estudantis. Grupos de estudos eram repelidos. Se optassem por atuar publicamente, corriam os riscos de serem assassinados. Do ensino fundamental e médio, passando pelo pré-vestibular, a militância política foi se acentuando.[192]

O movimento estudantil, em especial no ano de 1968, se transformou num dos principais setores de contestação ao regime militar. E por isso será nomeado um dos inimigos públicos mais perseguidos.

---

[190] Depoimento de Manuel Cyrillo colhido pelo autor em 18.12.1998.
[191] *Idem*.
[192] Depoimento de Carlos Fayal colhido pelo autor em 2.12.1998.

O limiar dessa perseguição estoura no assassinato do estudante Edson Luís, em 28 de março de 1968, no Rio de Janeiro. Ele se encontrava no restaurante Calabouço, restaurante bastante frequentado pelos estudantes, haja vista o preço acessível da alimentação. O Calabouço situava-se próximo da Embaixada dos Estados Unidos. Era uma época de efervescência do movimento estudantil. Cada vez mais os estudantes veem que a solução de problemas de ordem educacional, como o aumento de verbas, se identificam com a política desenvolvida pela ditadura. Cada vez mais, os estudantes vão assimilando a brutalidade com que havia se instalado o regime autoritário, em 1964. A morte de Edson Luís escancara de vez com a perversidade do regime e dela acende um barril de pólvora que motiva a classe média carioca, bem como a Igreja católica mais progressista, a apoiar os estudantes na oposição ao regime. A passeata dos cem mil, realizada em junho de 1968, foi elemento significativo desse período. Entre março e dezembro de 1968, surgiram duas das principais greves operárias enfrentadas pelo regime militar: no Estado de Minas Gerais, com a Belgo Mineira, na cidade de Contagem; em São Paulo, com a Cobrasma, localizada em Osasco. Em meados de outubro realizou-se o 30º Congresso da União Nacional dos Estudantes. O local escolhido foi Ibiúna, cidade interiorana do Estado de São Paulo. Cerca de 900 estudantes invadiram Ibiúna, despertando a atenção dos moradores. Seria impossível passarem despercebidos os visitantes da cidade, mesmo que o local do congresso se restringisse a um sítio nas imediações da mesma. As notícias, no interior do Brasil, não necessitam de muita tecnologia para circular. Ainda mais se tratando de um contigente de tamanha densidade. Em 14 de outubro, "os 920 congressistas de Ibiúna são presos, entre eles os quatro principais líderes estudantis brasileiros da época: Vladimir Palmeira, José Dirceu, Luís Travassos e Jean-Marc Charles Frederic Von der Weid".[193]

---

[193] POERNER, Artur José. *O Poder Jovem: a história política dos estudantes no brasileiros*. São Paulo: Centro de memória da Juventude, 1995.

Entre os estudantes presos em Ibiúna, encontrava-se Carlos Fayal. Ele enfatiza que sua inserção na ALN não está dissociada de uma atividade política anterior. Contribuiu para isso a guerrilha desencadeada por Che Guevara na Bolívia, onde o líder revolucionário acabaria morto. Che Guevara defendia a tese da criação de vários Vietnãs como estratégia para derrotar o imperialismo dos Estados Unidos. Para Fayal essa visão teve um peso considerável na sua opção pela luta armada, mesmo não emplacando historicamente. Vários grupos de luta armada sondaram os estudantes para ingressarem, entre eles a Ala Vermelha do PC do B (Partido Comunista do Brasil).[194] Carlos Fayal, em particular, defendia a tese de uma organização identificada com o país: "vinha linha chinesa, linha cubana, linha soviética, linha albanesa. Eu queria uma linha brasileira".[195] O que acabou se consumando com a opção pela ALN.

Mas como funcionava, em termos práticos, a Ação Libertadora Nacional? Manuel Cyrillo narra sua primeira ação política, em 27 de dezembro de 1968, quando vigorava o Ato Institucional nº 5. O objetivo era a expropriação de explosivos de uma empresa paulista registrada como pedreira, mas que clandestinamente fabricava explosivos. Para esse tipo de ação a ALN dispunha do Grupo Tático Armado (GTA). Este em que Cyrillo participou era uma terceira composição de GTA da ALN. Chegaram na empresa munidos de um mandado judicial de busca e apreensão assinado por um juiz de nome Carlos Marighella. A apreensão transcorreu sem maiores problemas, tudo havia sido checado antes da ação. Os "oficiais de justiça" possuíam um mapa da fábrica explicitando a localização dos paióis, alguns eram subterrâneos. A rota dos carros para o transporte dos explosivos já estava previamente determinada.[196] Como não

---

[194] O Partido Comunista do Brasil (PC do B) surge de uma dissidência do PCB, em 1962, e segue uma linha política inspirada na revolução chinesa ocorrida em 1949.

[195] Cf. depoimento de Carlos Fayal.

[196] Cf. depoimento de Manuel Cyrillo.

houve nenhuma resistência dos funcionários a operação foi um sucesso. O GTA, quando atuava na área urbana, nas palavras de Celso Horta, ex-militante da ALN, era um aprendizado para a guerrilha rural. A própria guerrilha urbana era um trabalho de propaganda, de aprendizado, de infraestrutura, essa era a concepção.[197] No "Minimanual do Guerrilheiro Urbano", há uma definição de como o guerrilheiro faria para se manter e, nesse caso, manter a própria organização: "as pequenas expropriações são destinadas à manutenção do guerrilheiro urbano e as grandes necessidades da Revolução".[198] Podemos reter das assertivas acima que o Grupo Tático Armado agia na cidade com dois objetivos básicos: desestruturar a ditadura através de ações político-militares e arrecadar recursos para se manter e financiar uma fase posterior de guerrilha rural. A área urbana não era, a rigor, o único objetivo da ALN. Tanto que Carlos Marighella planejava uma viagem para o Mato Grosso no dia 9 de novembro de 1969, cinco dias após sua morte, com a finalidade de implantar a guerrilha rural.[199]

Retomando a Manuel Cyrillo, logo depois da sua primeira ação, caiu na clandestinidade. Passou, aproximadamente, um mês e meio em Juiz de Fora. Quando retornou encontrou o GTA de São Paulo se reorganizando. Na sua definição o Grupo Tático Armado de São Paulo tinha como objetivo inicial verificar na guerrilha urbana se o guerrilheiro reunia condições para ser enviado ao exterior, onde receberia treinamento para a guerrilha rural.[200] De início, o GTA deveria atuar numa fase posterior à guerrilha rural, essa era a estratégia. Entretanto, destacou-se por atuar na área urbana. Em meados de 1969, há uma reorientação das ações dentro desse GTA, cujo teor passaria a conciliar ações urbanas mais politizadas. Em vez de expropriar apenas

---

[197] Depoimento de Celso Horta colhido por Emiliano José, s/d.
[198] Marighella, Carlos. *Minimanual do Guerrilheiro Urbano*. *Op. cit.* p. 59.
[199] Cf. depoimento de Clara Charf.
[200] Cf. depoimento de Manuel Cyrillo.

um banco, o impacto seria maior reunindo, simultaneamente, áreas onde se localizavam várias agências. Conjuntamente a essas ações, eram distribuídos panfletos. Ocuparam a Rádio Nacional, onde foi lido um manifesto assinado por Carlos Marighella. A ação de maior repercussão da ALN foi o sequestro do embaixador dos Estados Unidos, em setembro de 1969, mas isso veremos mais adiante. Cyrillo demonstra que a guerrilha, por definição, só aparece quando tem superioridade tática. Isso implica reunir superioridade militar em relação ao inimigo. Um componente indispensável é a surpresa. O inimigo, no caso a polícia brasileira, pode estar vigilante, de prontidão, mas nunca sabendo ao certo o local exato da ação. Mesmo a retirada deve ser programada dentro da ideia de superioridade militar. Na área urbana, em particular, a retirada é eficaz porque ao virar uma esquina se desaparece; já na área rural as esquinas são mais longas, o guerrilheiro fica mais exposto.[201] Na sua trajetória dentro a ALN, Manuel Cyrillo teve apenas um contato com Carlos Marighella, logo após o sequestro do embaixador estadunidense. Entretanto, enfatiza que dentro da ALN não havia uma centralização das ações do GTA por parte de Marighella. As ações eram decididas pelos membros do GTA, os locais escolhidos, os pormenores da ação, tudo era decidido pelos componentes do GTA. Não que este se estruturasse de modo unificado. Era composto por subgrupos que se encarregavam das ações urbanas. Cyrillo mesmo tornou-se um subcomandante do GTA de São Paulo. No entanto, pelo respaldo dentro da ALN, a opinião de Carlos Marighella, seja positiva ou negativa, surtia seus efeitos. No sequestro do embaixador americano Charles Elbrick, Marighella, de princípio, não tomara ciência da ação. Fato que despertaria sua contrariedade. A idéia do sequestro não partiu da ALN, mas do "grupo político Dissidência – um racha universitário do Partido Comunista [no Rio de Janeiro – que desde o início de 1969 começara a fazer ações

---

[201] *Idem.*

armadas no país".[202] De início a ideia era elaborar uma estratégia para a retirada do líder estudantil Vladimir Palmeira da prisão. O sequestro foi encaminhado por Franklin Martins, militante da Dissidência, após conversa com Cid Benjamin. Para efetuar a ação, a Dissidência resolveu convidar uma organização mais experiente militarmente: a ALN. Para o Rio de Janeiro se deslocaram Joaquim Câmara Ferreira, Virgílio Gomes da Silva, Paulo de Tarso Venceslau e Manoel Cyrillo de Oliveira Netto. A data escolhida foi a semana da pátria, no dia 4 de setembro. Da ideia inicial de libertar Vladimir Palmeira, projetou-se um ato político de maior impacto, onde outros 14 presos políticos comporiam a lista, entre eles Gregório Bezerra, militante do PC. Além disso, a ditadura foi obrigada a ler nas emissoras de televisão um manifesto, contendo o seguinte trecho: "Finalmente queremos advertir a todos aqueles que torturam, espancam e matam nossos companheiros que não vamos aceitar a continuação dessa prática odiosa". Para mais adiante concluir em tom enfático: "Agora é olho por olho, dente por dente".[203] O manifesto aparecia assinado pela ALN e pelo MR-8. Na verdade, a denominação MR-8 surge de um fato inusitado. Quem explica é o historiador e participante da ação, Daniel Araão Reis Filho:

> no primeiro semestre de 1969, o Cenimar (órgão de informação da Marinha) tinha desbaratado a Dissidência do Estado do Rio, que era uma organização sem nome, porém, tinha uma folha mimeografada que eles chamavam de '8 de outubro', em homenagem ao dia da morte de Che Guevara na Bolívia (8/10/67). Quando o Cenimar estourou essa organização não podia anunciar uma organização sem nome. Então inventou e batizou a organização como Movimento Revolucionário 8 de Outubro para que tivesse maior repercussão.[204]

---

[202] LIMA, Roni. "O dia em que o embaixador foi sequestrado". *Jornal do Brasil*, 1º caderno, 03.09.1989.

[203] *Jornal do Brasil,* 1º Caderno, p. 9, 3.09.1989.

[204] Entrevista de Daniel Aarão Reis ao *Estado de São Paulo*, 01.05.1997.

A autoria pessoal do manifesto foi realizada por Franklin Martins, com a contribuição de Joaquim Câmara Ferreira e correção de Fernando Gabeira, já com o manifesto redigido e os nomes escolhidos.

Manuel Cyrillo participou diretamente do sequestro do embaixador. Quando foi preso, em setembro de 1969, Cyrillo não foi condenado por sequestro. Nada havia juridicamente que regulamentasse o sequestro do embaixador como crime. Recebeu a condenação por quebra de imunidade diplomática e por cárcere privado. Condenação que, se aplicada com rigor, serviria para encarcerar toda a cúpula da ditadura militar. Do contato com o embaixador, Cyrillo relembra a falta de compreensão de Elbrick pelo fato de o vice-presidente, Pedro Aleixo, não assumir a presidência em função dos problemas de saúde de Costa e Silva. Governava o país uma Junta Militar composta por representantes das três forças. Elbrick relatou que havia questionado o Chanceler, Magalhães Pinto, e mesmo assim não compreendia: “Por que não Pedro Aleixo?”.[205] Outro ponto abordado por Cyrillo foi o questionamento junto a Elbrick a respeito de uns documentos que ele carregava no dia do sequestro. Tal documento vinha com o carimbo de *Top Secreet* e o seu conteúdo uma extensa lista de nomes da política nacional. O embaixador explicou que aquilo era serviço realizado pela CIA. Esta estava impressionada com a resistência popular à ditadura militar, em especial a luta armada, e já previa um nome de consenso, que possivelmente pudesse implantar um governo civil. O nome escolhido foi o de dom Hélder Câmara. A lista em poder do embaixador não tinha mais efeito. A conversa com o embaixador estadunidense ficou gravada numa fita cassete. Dois dias após a libertação dos presos e do embaixador, Manuel Cyrillo e Virgílio Gomes da Silva se encontravam em pleno Rio de Janeiro. O material utilizado na operação estava num aparelho da Dissidência, que foi encontrado pela polícia. Informados sobre o cerco, ambos

---

[205] Cf. depoimento de Manuel Cyrillo.

conseguem chegar a São Paulo. Driblaram a perseguição da polícia comprando dois ingressos de um jogo de futebol que se realizava no Maracanã, Palmeiras e Vasco pelo torneio Rio-São Paulo. Lá tentariam se infiltrar na torcida do Palmeiras e retornar para São Paulo. O estádio do Maracanã estava vazio, o torneio ainda no início não motivava o público. O jeito foi se separarem e tentar chegar a São Paulo ilesos. O que acabou acontecendo. Enquanto a repressão revirava a cidade eles cruzavam, em horários alternados, a via Dutra a bordo de um coletivo. Cyrillo explica que essa fita pode estar nas mãos do Exército.[206]

Em São Paulo, Marighella convocaria uma reunião com os participantes do sequestro. De fato, de início ele foi pego de surpresa com o sequestro do embaixador. Argumentou que nem mesmo a ALN do Rio de Janeiro sabia que aquela ação ocorreria, fato que a expunha à repressão que certamente se desencadearia na cidade. Alerta que Cyrillo e os demais participantes acataram sem maiores problemas. Outra questão é que pelo teor da ação ela devia ser mais aprofundada, afinal tratava-se do embaixador estadunidense junto à ditadura civil-militar no Brasil. A resposta a esses argumentos é narrada por Manuel Cyrillo. De fato a ação poderia ser melhor capitalizada, poderia ser melhor potencializada, o risco de perder quadros no Rio de Janeiro foi um vacilo. Entretanto, "era um ato revolucionário, justo, correto, estava dentro da nossa linha".[207] Mesmo com as ponderações feitas, o clima na reunião não foi de animosidade. Marighella estava revendo alguns companheiros do Partido Comunista que haviam ido a Cuba fazer treinamento militar. Procurou primeiro descontrair o ambiente com naturalidade. Na hora de tratar do assunto expôs sua visão mais diretamente a Virgílio, o comandante do GTA. Ao final, acabou compreendendo a posição do GTA.[208] Apenas como registro,

---

206 *Idem*.
207 Cf. depoimento de Manuel Cyrillo.
208 *Idem*.

Joaquim Câmara Ferreira, velho companheiro de Marighella desde os tempos do PC, também estava nessa reunião, que aproximadamente reunia um número de dez militantes da ALN. Não havia, portanto, uma centralização dentro da ALN por parte de Marighella, porém, é inegável que suas posições tinham um peso político muito forte. Se o cerco à ALN se acentua após o sequestro é uma questão que no todo não deixa de ter suas implicações. Entretanto, já vimos que, desde a implantação do AI-5, a própria CIA analisava a posição do regime em relação à repressão como um dos pontos prioritários. Não foi o sequestro que motivou, isoladamente, o processo de quedas que sofreriam ALN e outras organizações da luta armada. Caso contrário, pode-se cair num raciocínio maniqueísta de justificar e legitimar a ação repressiva que a ditadura vinha conduzindo desde 1964.

Já Carlos Fayal, no Rio de Janeiro, encontrou-se com Marighella mais vezes. Fayal recorda que, ao conversarem dentro de um carro pelas ruas do Rio, ouviu de Marighella o alerta de que era melhor os mais visados saírem do país. Sempre alertava para a questão da segurança. Em vez de garantir a própria retaguarda, o atormentava a segurança dos demais militantes da ALN.

Além disso, havia a necessidade de se preservar para uma guerra de longo prazo.[209] Uma frase sintomática de Marighella era a seguinte: "isso aqui não é um desfile na passarela!".[210] Essa característica aproximava Marighella dos demais militantes, retirando a auréola de mito, sem contudo diminuir o carisma que exercia. Num "aparelho" arriscado, situado no bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, onde se a polícia chegasse as chances de escapar seriam pequenas, lá estaria Marighella: "ele fazia questão, até contra nossa vontade, de dar assistência, de levar esse calor humano, uma coisa super importante, além de ele estar ali correndo riscos na prática".[211] Mantém-se a ca-

---

[209] Cf. depoimento de Carlos Fayal.

[210] *Idem*.

[211] *Idem*.

racterística de não fomentar uma empáfia de personalidade. Fayal é taxativo ao afirmar que a ditadura civil-militar foi a responsável por instalar um clima de terror no país. Explica que as ações urbanas da ALN, no Rio de Janeiro, repercutiam positivamente. A fase que as ações passam a ser mais politizadas, de certa forma, a população acena com apoio à ALN. Daí a tendência de aprofundar as ações na cidade, que também era uma ideia inicial. A ditadura percebeu o potencial da ALN e reagiu de forma acirrada e violenta na tentativa de anular essa força.[212]

Roberto Barros Pereira, ex-militante da ALN, relata sua inserção na organização via movimento estudantil. Foi militante da Juventude Estudantil Católica (JEC), durante o período que cursou o ensino secundarista. Ao entrar na Universidade Mackenzie, em São Paulo, cursando Engenharia, passaria a JUC, Juventude Universitária Católica. Como Carlos Fayal, Roberto vinha de família de classe média. No período que antecedeu o golpe militar, atuava na União Estadual dos Estudantes (UEE). Após o golpe militar, um grupo da JUC achava que os católicos deveriam se engajar na luta política. Surge daí a Ação Popular (AP), em Minas Gerais. O intermediário entre a AP e componentes da JUC foi Betinho, que anos mais tarde, na década de 1990, liderou o movimento pela erradicação da fome no Brasil. Roberto saiu da JUC e foi para a Ação Popular. Em princípio a AP acreditava que o golpe não iria muito longe. A redemocratização era questão de tempo.[213] À medida que o regime revelava a sua verdadeira face ditatorial, com o aparecimento dos Atos Institucionais, a luta armada vai se tornando uma opção inevitável. Em meados de 1967, Roberto Barros era um jovem de 25 anos, com físico avantajado e conhecimentos de judô e karatê. A militância política fornecera um embasamento teórico consistente. Régis Debray, com *Guerra de*

---

[212] *Idem.*

[213] Depoimento de Roberto de Barros Pereira colhido pelo autor em 8.12.1998.

Guerrilhas; Leo Huberman, com o clássico *História da Riqueza do Homem*, eram leituras obrigatórias.

À medida que o regime vai se fechando a opção pela luta armada foi se tornando uma realidade na prática. Tanto que participou de ações calcadas na arrecadação de armas. Essas ações, de início, causavam um impacto terrível, mas com o passar dos meses se tornariam algo bastante comum.[214] A mesma opinião é registrada por Manuel Cyrillo, "depois do batismo de fogo, a guerrilha, particularmente, a urbana, dá um nível de tranquilidade muito grande.[215] No movimento estudantil, Roberto ampliou seus contatos políticos com o Partido Comunista de São Paulo. Era comum a troca de textos, as alianças políticas. Um contato político que aparentemente era normal. Entretanto, o Partido Comunista de São Paulo, a partir de 1964, reunia uma das principais dissidências, como já foi citado acima. Da Ação Popular, Roberto migrou para a luta armada junto à ALN.[216] Dos três militantes da ALN mencionados acima, Roberto foi o que mais estreitou contato com Carlos Marighella. Desses contatos surgiram as ações. Roberto conhecia bem o trânsito de São Paulo, além de ser um bom motorista. Numa dessas situações foi acompanhado por Marighella e mais dois companheiros de ALN. Marighella questionava Roberto sobre as ações de que havia participado. A resposta confirmaria as expropriações de armas. Marighella faz uma proposta até então inesperada para Roberto: expropriar um banco. A tarefa reservada para Roberto seria ficar na porta do banco dando cobertura a Marighella e aos demais militantes. Contava para isso com uma arma. O detalhe era que o revólver em seu poder era de brinquedo, muito semelhante a uma arma de fogo. Realizado o assalto, Roberto não conseguia sair do lugar, não conseguia andar e era ele o motorista. Os demais tiveram que carregá-lo um quartei-

---

[214] *Idem*.

[215] Cf. depoimento de Manoel Cyrillo.

[216] Cf. depoimento de Roberto Barros Pereira.

rão inteiro até o automóvel. Em situações posteriores ele narra que Marighella tinha um certo apreço por sua pessoa. Gostava muito que guiasse o carro nos seus deslocamentos por São Paulo, sempre procurando as ruas secundárias, fugindo assim de um possível cerco policial. Seria arriscado, por exemplo, se expor a trafegar em plena Avenida Paulista. Lembremos que, a essa altura, a caracterização de terrorista não o imobiliza. Por sinal rebatia, posteriormente, essa denominação no "Minimanual do Guerrilheiro Urbano": "a acusação de terrorista já não tem o sentido pejorativo que se lhe dava antes. Esse termo ornou-se de cores e de um sentido novo. Já não causa medo nem vergonha, representando, ao contrário, um pólo de atração".[217] Num desses deslocamentos por São Paulo, Roberto Barros Pereira conta que passavam pela Rua Heitor Penteado, no exato momento em que cruzam com um carro do exército repleto de homens armados. Marighella estava no fusca, na parte traseira com mais dois acompanhantes, outro se encontrava ao lado de Roberto que dirigia. A reação de Marighella foi de uma coragem à beira da temeridade. É evidente que chamaria a atenção de qualquer policial distraído um carro contendo cinco elementos. Roberto, na tensão daquele momento, ouviu Marighella sussurrar: "tão perto e tão longe. Olha, se eles soubessem, hem?"[218] Roberto procura explicar esse comportamento de Marighella caracterizando-o como a pessoa mais destemida que conheceu.[219] Em situação semelhante, com Carlos Fayal, pelos subúrbios do Rio de Janeiro, ambos se deparam com uma batida policial. Marighella com a calma de sempre procurou contornar a situação, indicando o trajeto a ser seguido. Costumava tranquilizar a situação indicando a seguinte frase: "O inimigo quando pensa que nós estamos longe, nós estamos perto".[220]

---

[217] MARIGHELLA, Carlos. *Minimanual do Guerrilheiro Urbano*. *Op. cit.*, p. 54.
[218] Cf. depoimento de Roberto Barros Pereira.
[219] *Idem*.
[220] Cf. depoimento de Carlos Fayal.

Temeridade à parte, o que Marighella revela nessas ocasiões, além da coragem, é a intenção de transferir confiança aos demais militantes. Sem se afastar de uma das suas características fundamentais que é a impetuosidade, presente em vários momentos de sua trajetória. Tal comportamento acaba por gerar uma discussão entre ele e Barros Pereira a respeito de um fato. A Rua Teodoro Sampaio, situada no bairro de Pinheiros, desembocava num largo, onde se podia encontrar uma igreja. Era um local de constantes batidas do Exército. Por volta das quatro horas da tarde, Marighella e Roberto tinham um *ponto* marcado. A regra básica era chegar rigorosamente no horário. Roberto, ao se aproximar do local, percebe um cidadão de um metro e noventa de altura, em cima de uma banca de jornal, fazendo discurso. Nem mesmo o disfarce da peruca que usava tirava a certeza de que aquela pessoa era Carlos Marighella. Marighella explicou a situação. Antes do encontro marcado houve uma batida da repressão. Alguns operários chegaram a apanhar. Marighella não se conteve e tratou de dar o seu recado. Apesar de colocar em risco a vida de ambos, Roberto analisa a situação hoje sem o peso daquele momento e aponta nesse episódio um exemplo de como a solidariedade de Marighella era intensa, mesmo transgredindo todas as normas de segurança que ele mesmo defendia.[221] Por sinal, uma das preocupações mais presentes que ouviu de Marighella era relacionada às normas de segurança a serem tomadas numa ação. Ele alerta que pela norma da guerrilha uma ação só deveria ser colocada em prática a partir do acúmulo de todas as vantagens possíveis. Se faltasse algum item, era para abortar imediatamente e cair fora. Destacava, sobretudo, que nos pontos marcados não havia motivo para sentimentalismo. Algo que na prática seria muitas vezes contrariado. Se houvesse algum atraso, a instrução era para abandonar o local. Muitas vezes isso não foi seguido, o que

---

[221] Cf. depoimento de Roberto Barros Pereira.

acabou provocando algumas perdas irreparáveis à ALN.[222] Entretanto, Roberto analisa as quedas da ALN num plano mais amplo. Segundo ele, a guerrilha urbana, à proporção que se desenvolve, cria uma condicionante nos seus participantes que passam a usufruir de uma força interior acentuada.[223] Cria-se daí uma flexibilidade no rigor com as normas de segurança, com prejuízos tamanhos à organização. Por outro lado, devemos ter a exata noção de que o regime militar mobilizava todas as forças policiais e militares existentes no país. Um dos exemplos mais latentes foi a Operação Bandeirantes (Oban), criada em meados de 1968, com a doação de dinheiro de vários setores do empresariado paulista no fortalecimento da repressão.

Concluindo parcialmente, Gorender, ao analisar o período da luta armada, em que foi contemporâneo e atuante, amplia a compreensão ao defender a tese de que

> no Brasil, o milagre econômico dissolveu a base social que a esquerda armada poderia ter. Era a época em que os profissionais de classe média tinham ótimos empregos, de 1968 em diante. Foi a época áurea da profissão de economista e também os operários qualificados tinham possibilidades cada vez melhores e em geral o desemprego foi diminuindo e, em 1973, o Brasil atingiu a situação de pleno emprego. Os empresários disputavam entre si os empregados porque não havia mão de obra disponível. Isso em todo o Brasil e não só no centro-Sul".[224]

Mesmo que o milagre brasileiro fosse mantido pela concessão de empréstimos no mercado externo a juros aviltantes, algum efeito político daí advinha de modo a desmobilizar a inserção popular numa resistência à ditadura. A ofensiva sobre as principais lideranças da luta armada desarticulou em muito os caminhos da revolução brasileira. Mas é justamente esse estado de coerção instalado pelo regime ditato-

---

[222] *Idem*.
[223] Cf. depoimento de Roberto Barros Pereira.
[224] Entrevista de Jacob Gorender a *Revista da Bahia*, Encarte Especial, dez. 1988, p. 20.

rial, a partir de 1964, que faz desse período algo de relevante na recente história política do país. Não porque houve a ditadura. Mas porque houve resistência. Como disse Carlos Eugênio Paz, ex-comandante da ALN: "tenho orgulho de pertencer ao lado que não se calou".[225]

[225] *Jornal do Brasil,* Caderno B, p. 1, 07.07.1996.

CONCLUSÃO

Um aspecto central nesta dissertação foi a preocupação de não criar sobre o personagem um juízo de valor que o elevasse à condição de herói. Ana Montenegro, em seu depoimento, chama a atenção para um fato pertinente. Ela se remete aos humanistas franceses para afirmar que "o herói é aquele que faz tudo o que pode".[226] Segundo Ana, "todos nós somos heróis e heroínas: quando você abre a janela de manhã e vê o homem limpando a rua, como você andaria na rua sem esse homem? Quando você come um pão, quem plantou o trigo? Você iria comer o pão sem trigo?".[227]

No decorrer deste trabalho procuramos analisar a imagem de Carlos Marighella, tendo como elemento condutor as suas relações pessoais dentro do círculo familiar, como também alguns militantes do Partido Comunista e da Ação Libertadora Nacional. Tal estratégia está ligada à verificação de como esse personagem compartilhou sua vida cotidiana. Em princípio essa estratégia se tornaria inviável, haja

---

[226] Depoimento de Ana Montenegro colhido pelo autor em 6.11.1998.
[227] *Idem*.

vista a dedicação do personagem à militância política. Os escritos políticos de Marighella foram explorados visando incorporar parte de sua visão de mundo, inter-relacionados com a vida cotidiana. Além disso, os textos políticos do personagem são indispensáveis para reunir um panorama mais próximo da época. Conciliando sempre um alerta: não acatando seu conteúdo gratuitamente.

A primeira conclusão a que se pode chegar desse estudo é exatamente a particularidade do personagem em valorizar as relações humanas na mesma medida que atuava politicamente. Vimos, ao longo da militância, tanto no PC quanto na ALN, um Marighella que em vários momentos não sustenta uma barreira junto aos demais militantes. Esse é um ponto que contribui para ampliar a imagem do líder comunista e revolucionário. Sua imagem não se encerra no Marighella comunista, na resistência às prisões, nos longos discursos na Câmara de Deputados, na edição da *Revista Problemas*, nos pronunciamentos realizados na época da luta armada ou na liderança da Ação Libertadora Nacional, para relembrarmos alguns exemplos. Vai mais além, privilegiando nas relações humanas uma face solidária e generosa que complementa o revolucionário: Marighella, como já foi dito, não perdeu a ternura.

A relação familiar – tanto em Salvador quanto, posteriormente, com Clara Charf e Carlos Augusto – reforça essa imagem, à proporção que anula uma ideia do homem comum Carlos, conduzido preponderantemente pelo homem político, Marighella. Enfim, uma face revelada do irmão Carlos, do pai e da convivência com Clara.

Na vida cotidiana, em Salvador, aflora uma característica, como a impetuosidade, que acompanha o personagem ao longo da sua trajetória. A impetuosidade não chega a ser um elemento determinante na trajetória política do personagem. Mas nem por isso poderia ser desprezada. Ao longo do texto procuramos reunir vários momentos que traduzam essa impetuosidade, sem pormenorizá-la, evitando com isso cair numa repetição desnecessária. Assim, podemos reter alguns exemplos do ímpeto de Marighella, antes mesmo de entrar

no Partido Comunista: o menino Marighella das fugas constantes; o interesse pelos estudos; a rebeldia na adolescência, quando passa a responder provas em versos; os protestos quando ainda era estudante no Ginásio da Bahia; o tocador de bandolim; para daí acompanhá-lo durante a militância, em vários momentos, destacando-se a participação no coletivo dos comunistas na prisão da Ilha Grande; o modo como conduzia seus pronunciamentos quando exercia o mandato de deputado constituinte, entre 1946 e 1948. Durante a clandestinidade, nos "pontos" marcados, o exemplo registrado na época do Partido Comunista, em que prioriza as relações humanas, a descontração, o interesse pelos problemas dos outros. A resistência à ditadura no episódio ocorrido no Cine Esky-Tijuca, talvez seja o fato mais latente dessa impetuosidade, sem retirar o peso do momento político ali presente. A presença em Cuba, junto à Olas, em meados de 1947, quando consuma seu rompimento com o Partido Comunista; e ainda alguns exemplos narrados de sua atuação dentro da ALN, onde se revela algo mais do que uma liderança institucionalizada. Por fim, a impetuosidade, em alguns momentos de sua trajetória na ALN, ilustra o quanto Marighella demonstra-se temerário.

Não se quer, ao enumerar esses exemplos da impetuosidade, sugerir um juízo de valor sobre a trajetória política do personagem, em seus vários momentos. Afinal, "os mortos não fazem autocrítica".[228]

Carlos Marighella foi assassinado em 4 de novembro de 1969, assunto que foi rapidamente mencionado, por não ser objeto desta dissertação, mesmo tendo gerado muita polêmica, e seria até uma omissão, não abordá-lo. Tal polêmica está centrada no envolvimento dos padres dominicanos na morte de Marighella. Frei Ivo e frei Fernando foram usados como armadilha para atrair Carlos Marighella a Alameda Casa Branca, onde ocorreria o assassinato. Fato que os dois já admitem publicamente.

---

[228] Depoimento de Clara Charf colhido pelo autor em 15.12.1998.

Em *O Batismo de Sangue*, frei Betto narra o envolvimento do líder guerrilheiro com os dominicanos: "em meados de 1967, Frei Osvaldo acertou recebermos, no parlatório do convento dos Perdizes, um professor interessado em conhecer melhor a renovação da Igreja católica".[229] O professor de codinome Menezes era Carlos Marighella, e seu interesse estava muito mais além de discutir sobre as reformas da Igreja, como ficaria mais claro posteriormente. Queria ele criar "uma passagem de refugiados políticos que se destinavam a entrar no Uruguai, para, em seguida, viajar à Europa",[230] tendo o apoio de frei Betto, que estava estabelecido em Porto Alegre, na época.

Mais adiante, Frei Betto analisa as circunstâncias em relação à morte de Carlos Marighella, procurando se contrapor a versão de que frei Ivo e frei Fernando foram os principais responsáveis por "abrir" o contato que tinham com Marighella, o que facilitou para a repressão fechar o cerco. Inclusive, menciona uma possível infiltração da CIA na Ação Libertadora Nacional.

Gorender vai se opor à versão apresentada por frei Betto e, mesmo reverenciando respeito aos dominicanos envolvidos no episódio, vai afirmar: "o meu silêncio de historiador significaria conivência com a versão apresentada por frei Betto".[231] Para ser mais explícito adiante: "Frei Betto preferiu a meia verdade o que é igual a meia falsidade".[232] Para o autor não se trata de execrar os freis Fernando e Ivo, entretanto, não concorda com a versão de frei Betto por suscitar outras possibilidades, além do envolvimento direto dos dominicanos.

Em *Carlos Marighella – o inimigo público número um da ditadura militar*, a sua morte é um dos destaques, o autor reacende o debate sobre os envolvidos no episódio. Com base no depoimento de Alípio

---

229 BETTO, Frei. *O Batismo de Sangue*: *os dominicanos e a morte de Carlos Marighella.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1983.

230 BETTO, Frei. *Op. cit.*, p. 57.

231 GORENDER, Jacob. *Op. cit.*, p. 197

232 *Idem*, p. 198.

Freire, militante da Ala Vermelha do PC do B, afirma que Paulo de Tarso de Venceslau fora o pivô da denúncia sobre o envolvimento dos dominicanos com Marighella. Ambos estiveram presos no Deops de São Paulo, "exceto sábado e domingo, recorda Freire, Venceslau era levado para a tortura e durante muitos dias segurou muitas informações. Até que na madrugada de 28 para 29 de outubro Alípio ouviu a nova confissão: – Abri o esquema dos padres".[233]

Não obstante, há de se fazer uma ressalva para não cometer injustiça com os autores citados. Eles não se limitam a abordar apenas as circunstâncias e os envolvimentos de pessoas na morte de Marighella. Eles propõem análises sobre a trajetória política do personagem, sendo uma tendência comum as intervenções políticas de Marighella, em principal quando do seu desligamento do PC e a inserção na luta armada.

A morte de Marighella tem um significado muito mais amplo a ser abordado. O que ocorreu no dia 4 de novembro de 1969 foi um assassinato cometido pela polícia de São Paulo, liderada pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury, a serviço da ditadura civil-militar instalada desde 1964 no país. Fato que foi reconhecido pela Lei nº 9140/95 da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos durante o regime militar. O envolvimento dos padres dominicanos é assunto mais do que encerrado. O envolvimento de Paulo de Tarso acrescenta um dado significativo para o cerco à ALN e a Marighella.

Entretanto, por trás dessas indicações é importante salientar que a morte de Marighella deve estar associada a um momento em que a Ação Libertadora Nacional preparava um deslocamento em direção a área rural. Marighella tinha viagem marcada para o Mato Grosso, em 9 de novembro de 1969, logo, cinco dias depois de sua morte.[234] Por mais que tenha prevalecido a derrota militar das organizações

---

233 JOSÉ, Emiliano. *Op. cit.*, p. 42.

234 Cf. depoimento de Clara Charf colhido pelo autor em 15.12.1998.

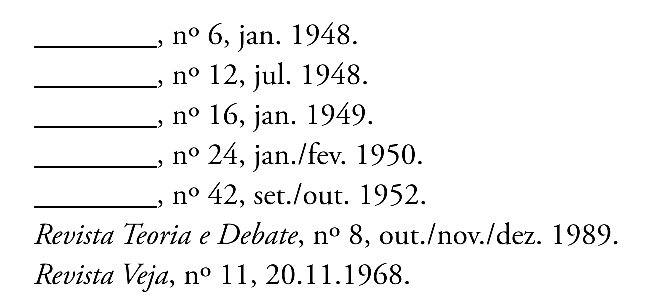
que optaram pela luta armada, um fator que daí pode ser retido é exatamente a dimensão com que essas organizações conquistaram uma sobrevida dentro do regime ditatorial, inclusive realizando o primeiro sequestro político da história contemporânea, como foi o do embaixador estadunidense Charles Elbrick.

Nesse período recente da história política brasileira, persiste uma lacuna, que é exatamente o modo como a Ação Libertadora Nacional conseguiu se sustentar diante do regime ditatorial. Assim, a morte de Marighella tem um significado muito mais amplo. A forma como foi conduzido seu assassinato denota uma concreta participação da ALN na resistência à ditadura. Esse é um tema ainda mal explorado, normalmente analisado sob uma visão reducionista.

Portanto, a pesquisa histórica ainda tem muito a contribuir para passar a limpo esse passado recente.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

Jornais e revistas
Jornal do Brasil, 26.01.1962.
12.07.1979.
07.07.1979.
11.12.1988.
03.09.1989.
Jornal da Tarde, 23.11.1968.
10.11.1969.
07.11.1969.
*Folha de São Paulo***,** 14.05.1996.
*O Estado de São Paulo***,** 05.11.1969.
06.11.1969.
Correio da Bahia, 08.03.1990.
O Guerrilheiro, São Paulo, Abr. 1968.
Unidade, nov. 1987.
Revista da Bahia, dez. 1988.
Revista Época, nº 29, 7 dez. 1998.
Revista Estudos Sociais, nº 9, out. 1960.
Revista Problemas, nº 2, set. 1947.



________, nº 6, jan. 1948.
________, nº 12, jul. 1948.
________, nº 16, jan. 1949.
________, nº 24, jan./fev. 1950.
________, nº 42, set./out. 1952.
Revista Teoria e Debate, nº 8, out./nov./dez. 1989.
Revista Veja, nº 11, 20.11.1968.

Publicações oficiais

ANAIS DA CÂMARA DOS DEPUTADOS (Brasil), 1946-1948, com discursos de Carlos Marighella proferidos em sessão parlamentar.

Documentos manuscritos e mimeografados

Carta manuscrita de Carlos Marighella ao irmão Caetano Marighella. Edições Contemporâneas: Rio de Janeiro, 02.02.1960.
MARIGHELLA, Carlos. "Respostas ao questionário de Pensamento Crítico". Havana, 08.08.1967.

OBRAS DE CARLOS MARIGHELLA:

O *Estudante Marighella nas prisões do Estado Novo*. RJ: Editorial Vitória Ltda., 1948.
A Crise Brasileira (Ensaios Políticos). Julho de 1966, Assírio & Alvim, coletânea de textos reunidos por Adérito Lopes, 2ª ed.
Minimanual do Guerrilheiro Urbano. Junho de 1969. Assírio & Alvim, coletânea de textos reunidas por Adérito Lopes, 2ª edição.
Carta à Comissão Executiva do PCB. Dezembro de 1966, Assírio & Alvim, coletânea de textos reunidas por Adérito Lopes, 2ª edição.
Escritos de Carlos Marighella. SP: Editorial Livramento, 1979.
Por que resisti à prisão. SP: Brasiliense, 1994.
Poemas: Rondó da Liberdade. SP: Brasiliense, 1994.
Carta à Comissão Executiva do PCB. RJ: Assírio & Alvim, 10/12/1966; coletânea de textos reunias por Adérito Lopes, 2ª edição.

O Estudante Marighella nas prisões do Estado Novo. RJ: Editorial Vitória Ltda., 1948.

Depoimentos

Depoimento de Tereza Marighella, irmã de Carlos Marighella, colhido pelo autor em 30.07.1998.

Depoimento de Clara Charf, esposa de Carlos Marighella, colhido pelo autor em 03.11.1998 e 15.12.1998.

Depoimento de Marcos Paraguassu de Arruda Câmara, filho de Diógenes de Arruda Câmara, ex-militante do PC, colhido pelo autor em 5.11.1998.

Depoimento de Ana Montenegro, ex-militante do Partido Comunista, colhido pelo autor em 6.11.1998.

Depoimento de Carlos Augusto Marighella, filho de Carlos Marighella, colhido pelo autor em 6.11.1998.

Depoimento de João Falcão, ex-militante do Partido Comunista, colhido pelo autor em 9.11.1998.

Depoimento de Geraldo Rodrigues dos Santos, ex-militante do Partido Comunista, colhido pelo autor em 12.11.98.

Depoimento de Carlos Fayal, ex-militante da Ação Libertadora Nacional, colhido pelo autor em 2.12.1998.

Depoimento de Jacob Gorender, ex-militante do Partido Comunista, colhido pelo autor em 07.12.1998.

Depoimento de Roberto de Barros Pereira, ex-militante da Ação Libertadora Nacional, colhido pelo autor em 8.12.1998.

Depoimento de Salomão Malina, ex-militante do Partido Comunista, colhido pelo autor em 16.12.98.

Depoimento de Manuel Cyrillo, ex-militante da Ação Libertadora Nacional, colhido pelo autor em 18.12.1998.

Depoimento de Noé Gertel, ex-militante do Partido Comunista, colhido pelo autor em 23.12.1998.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Márcio Moreira Alves. *68 Mudou o Mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: F.G.V, 1996.

ARAUJO, Maria Celina D', CASTRO, Celso Côrrea Pinto de. *Ernesto Geisel*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

AZEVEDO, Carmen Lúcia de. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1998.

BETTO, Frei. *Batismo de Sangue*: *Os Dominicanos e a Morte de Carlos Marighella*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

________. *Cartas da Prisão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

________. *Das Catacumbas: Cartas da Prisão*. 1969-1971. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

BOTTOMORE, T.B.. *As Elites e a Sociedade.* Rio de Janeiro, ZAHAR, 1965.

BRANDÃO, Gildo Marçal. *A Esquerda Positiva*: *As Duas Almas do Partido Comunista – 1920-1964*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História*. São Paulo: Edusp, 1992.

_________. *A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, v. 10, nº 19, pp. 83-97, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Os Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARONE, Edgard. *O PCB*. Vol. 1, 2, 3. São Paulo: Difel, 1982.

CARVALHO, Apolônio de. *Vale a pena sonhar.* Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CASTAÑEDA, Jorge G. *Utopia Desarmada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_________. *Che Guevara*: *A Vida em Vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CERVO, Amado Luiz. *Metodologia Científica*. São Paulo: Makron Books, 1996.

CHILCOTE, Ronald. H.. *O Partido Comunista Brasileiro*. Rio de Janeiro: Grall, 1982.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci e a América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988._

DECKES, Flavio. *Radiografia do Terrorismo no Brasil – 1966 – 1980*. São Paulo: Ícone, [198-].

DUARTE, Regina Horta. *A Imagem Rebelde*: *a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*. Campinas – SP: UNICAMP, 1997.

DUBY, Georges. *A História Continua*. Rio de Janeiro: ZAHAR/UFRJ, 1993.

DULLES, John W. F.. *O Comunismo No Brasil* (1935-1945). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FREIRE, Alípio, ALMADA, Izaías, PONCE, J. A. Granville. (Org.). *Tiradentes – um presídio da ditadura*: *Memórias de presos políticos*. São Paulo: Scipione, 1997.

GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1998.

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. São Paulo: Ática, 1998.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos*: *o breve século xx (1914 – 1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

________. *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

________. (org). *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

JOSÉ, Emiliano. *Lamarca*: *O Capitão da Guerrilha*. São Paulo: Global, 1989.

________.*Carlos Marighella*. São Paulo: Sol & Chuva, 1997.

LEITE, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro*. São Paulo: Pioneira, 1969.

LEITE, Miriam Moreira. *A Outra Face do Feminismo*: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes. *Alberto Torres*: *Contribuição para o Estudo das Ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: Quartet Editora e Comunicação, 1995.

LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes. BARROS, José Flávio Pessoa de, (Org.). *Reflexões sobre José Marti*. Rio de Janeiro: PROEALC, 1994.

LE GOFF, Jacques (Org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LINHARES, Maria Yeda (Org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

LÖWY, Michel. *Ideologias e Ciência Social*: *elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 1995.

MORAES, Dênis de Moraes. *Prestes*: *lutas e autocríticas*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.

MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Alfa Omega, 1986.

PANG, Eul-Soo. *Coronelismo e Oligarquias (1889-1934)*: *A Bahia na Primeira República Brasileira.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

PANDOLFI, Dulce Chaves. *Camaradas e Companheiros*: *memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PAZ, Carlos Eugênio. *Viagem à Luta Armada*: *memórias romanceadas.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

PENNA, Lincoln de Abreu. *O Progresso da Ordem*: *O Florianismo e a Construção da República.* Rio de Janeiro: SETTE LETRAS, 1997.

________. *A Trajetória de um Comunista*. Rio de janeiro: Revan, 1997.

________. *Uma História da República.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

________. POMAR, Pedro Estevam da Rocha. *O Massacre na Lapa*. São Paulo: Busca Vida, 1980.

PORTELA, Fernando. *Guerra de Guerrilhas no Brasil.* São Paulo: Global, 1980.

REIS FILHO, Daniel Aarão [et al.]. *História do Marxismo no Brasil.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

________. *Uma Revolução Perdida*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1996.

RÉMOND, René (org.). *Por Uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV/UFRJ, 1996.

ROMANI, Carlo. "A Aventura do Anarquismo Segundo Oreste Ristori." *In Revista Brasileira de História* – Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH/UNIJUI, vol.17, nº 33, 1997.

SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SIRKIS, Alfredo. *Os Carbonários*. São Paulo: Global, 1994.

SEGATO, José Antônio. *Reforma e Revolução*: *as vicissitudes políticas do PCB*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

THOMPSOM, Paul. A. *Voz do Passado*: *história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSOM, Edward P.. *A Formação da Classe Operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, vol. 1,2 e 3, 1987.

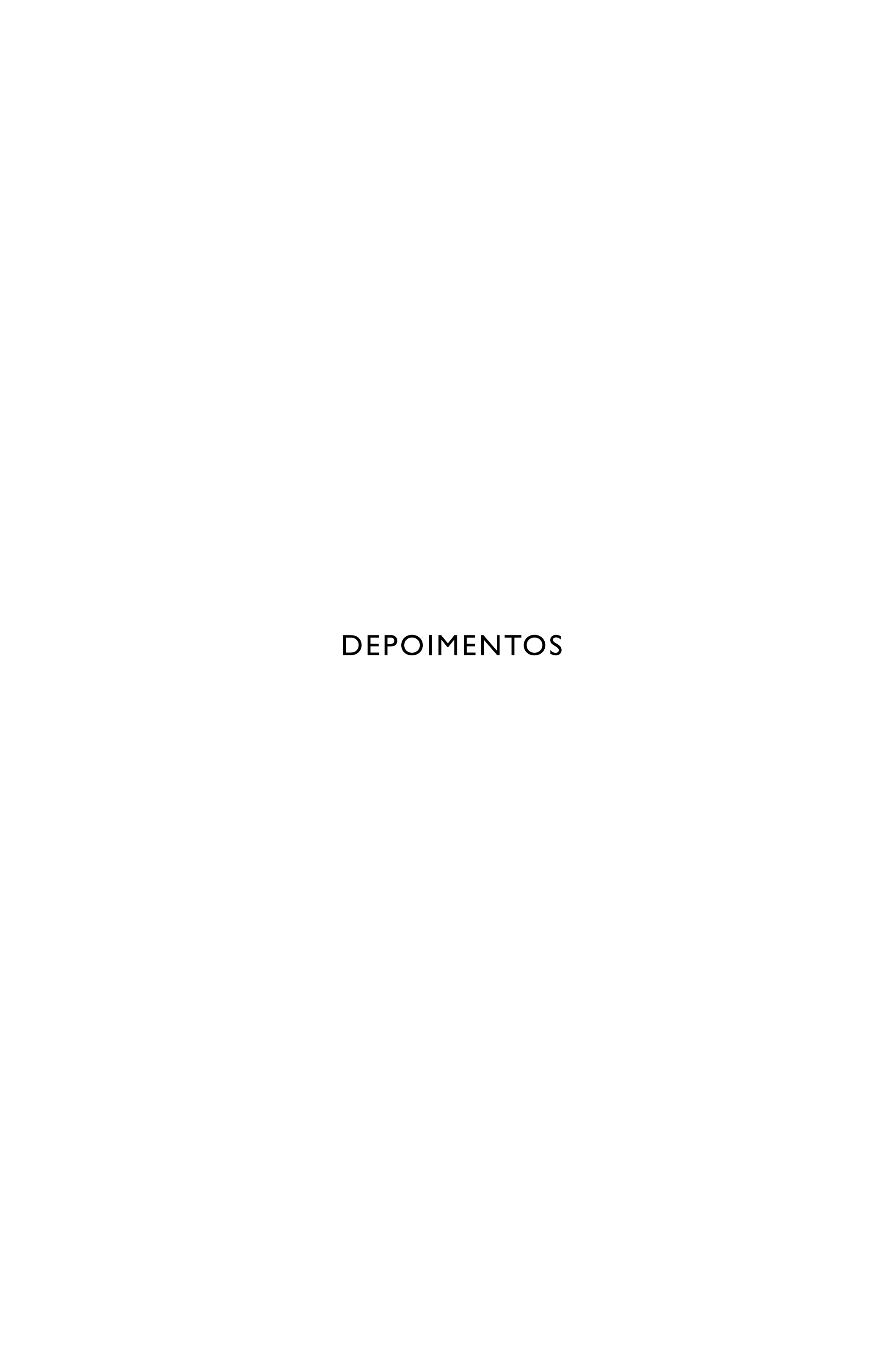
TOLSÓI, Lév Nicoláievitch. *Ana Karênina.* São Paulo: Abril Cultural, 1982.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Mário Lago*: *boemia e política*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

VENTURA, Zuenir. *1968: O Ano que não Terminou*. São Paulo: Nova Fronteira, 1988.

VERNANT, Jean-Pierre. "O Indivíduo na Cidade". *In* VEYNE, Paul [*et al*]. *Indivíduo e Poder*. Lisboa: Edições 70, 1988.

VINHAS, Moisés. *O Partidão*: "A Luta Por um Partido de Massas (1922-1974)". São Paulo: HUCITEC, 1982.



DEPOIMENTOS

TEREZA MARIGHELLA*

Edson Teixeira – Quando nasceu sua mãe?
Tereza Marighella – Em 1888, no ano da abolição.

Edson – Como era o temperamento de sua mãe ?
Tereza – Uma pessoa maravilhosa, muito doce, muito compreensiva, muito caridosa e muito humana. Ela ajudava muito as pessoas, ele teve a quem sair, ela ajudava muito as pessoas necessitadas. Os pobres chegavam lá em casa pedindo alguma coisa e ela dava, o que tivesse ela dava, dava tudo, embora nós tivéssemos pouco, aquele pouco ela sempre tinha para dar a alguém.

Edson – Ela tinha outra atividade além da casa, ela trabalhava?
Tereza – Não, ela trabalhava só em casa, mas trabalhava muito bem. A minha mãe foi criada por uma família francesa. Ela tinha um porte, uma delicadeza, gente fina. Sabia pouca leitura, escrevia pouco, lia também pouco, mas tinha uma educação exemplar. Tanto que os

---

* Este depoimento foi realizado no dia 30 de julho de l998, na cidade do Rio de Janeiro, onde reside a irmã de Carlos Marighella.

filhos foram todos bem educados, certinhos, e o meu pai quase que não influenciou na nossa educação porque a vida dele sempre foi dentro daquela oficina. Ele trabalhava, chegava em casa conversava com a gente, mas a educação sempre foi quase toda dada pela minha mãe.

Edson – A senhora atribui a Carlos Marighella essa preocupação com os pobres e excluídos como uma influência originada do contato com a mãe?

Tereza – É, do contato com a mãe.

Edson – E como se dava a relação dele com a mãe?

Tereza – Ele era muito bom, minha mãe adorava ele e ele adorava minha mãe. Ela sempre tinha umas coisas para contar dele, que ele era muito levado, gostava muito de fugir, qualquer porta aberta, portão aberto, ele já estava na rua. Então ela tinha que ir lá, procurava onde ele estava, batia, naquele tempo os pais batiam muito nos filhos, dava umas palmadas nele, pegava uma cordinha ou um barbante e amarrava ele no pé da mesa para evitar que ele fosse para a rua. Tinha uma vizinha da minha mãe que dizia: "Ah! Dona Maria Rita, não amarre seu filho, isso é muito ruim porque mãe que prende, que amarra o filho, o filho um dia vai ser preso". Depois do dia que a vizinha falou isso ela então ficou com medo e não amarrava mais. Anos depois que ele foi preso, já na política, ela dizia: – eu amarrei meu filho, não devia ter amarrado.

Edson – Então ele era um pouco arteiro, uma criança agitada?

Tereza – Ela contava que quando passava, às vezes, os soldados marchando, o batalhão passando na rua, ele ia atrás, sumia, ia marchando também. Ia em frente.

Edson – Qual o outro tipo de brincadeira de que ele mais gostava?

Tereza – Gostava muito de futebol, gostava muito de música.

Tanto que tínhamos lá em casa um bandolim, que era da minha irmã Anita, e então, quando ele tinha uma folga, pegava o bandolim e tocava. Ele gostava muito de fazer paródia. Ele tocava uma música que tinha um refrão que dizia assim – Justiça de Deus na voz da história. O bandolim era o instrumento com o qual ele tinha mais afinidade, de que ele mais gostava.

Edson – Ele gostava de tocar em casa?

Tereza – Sempre em casa, ele pegava o bandolim, tocava um pouco e ia embora. Isso eu acho que era para refrescar a cabeça. Ele gostava de música mesmo, teve uma vez que ele foi a Salvador, quando já estava no Rio, eu disse a ele que queria estudar música, então ele me matriculou no Centro Operário da Bahia, que ensinava música e outras coisas. Meu pai comprou um violino que estudei um bom tempo; depois eu queria aprender piano, violino era muito difícil, papai disse que piano era muito caro e que era para ficar no violino mesmo. Se era para estudar, se era para melhorar, Carlos fazia todo sacrifício pela gente.

Edson – Qual foi a opinião de Carlos Marighella quando a senhora optou por tocar piano?

Tereza – Proletário não toca piano, piano é de gente rica, é instrumento de gente rica. Eu retrucava dizendo que não queria aprender a tocar violino, além de ser muito difícil era um violino velho que meu pai comprou num prego, nessas casas de penhor, eu queria tocar era piano.

Edson – E o carnaval, Marighella gostava de carnaval?

Tereza – Pelo que eu me lembre, ele gostava de apreciar, não me lembro dele brincar carnaval, naquela onda do baiano, que gosta muito. Já meu irmão mais novo, o Caetano, esse gostava de brincar carnaval, inclusive se fantasiava de mulher, o Carlos não.

Edson – A senhora reforçou a tese de que ele gostava muito de ler...

Tereza – Olha, ele me deu uns livros, alfarrábios mesmo, um livro sagrado, não sei se era a *Bíblia*, não tem capa, não tem mais nada. Ele mandou para mim, daqui do Rio, um dicionário de francês e *Os Lusíadas*, de Camões. Isso quando eu estava me preparando para entrar na faculdade, escrevi para ele aqui no Rio afirmando que faria Letras, neolatinas, então, imediatamente, ele enviou o dicionário e o livro de Camões. Eu fiz o vestibular e cursei só um ano, depois quando minha mãe morreu, em 1947, larguei tudo e fui para o Rio, onde prestei outro vestibular. Lá na Bahia eu iria fazer neolatinas – Português, Francês, Espanhol, Latim – aqui eu fiz só português e literatura, na Suam.

Edson – A senhora sabe dizer se na infância Marighella teve alguma doença grave?

Tereza – Não. Ele era muito sadio, tinha uma saúde de ferro. Ora ele suportou aquela prisão da Ilha Grande e Fernando de Noronha, em São Paulo e outras vezes, sendo inclusive baleado em 1964, dentro do cine Esky-Tijuca.

Edson – Esse interesse pela leitura era presente na infância?

Tereza – Lia tudo, tudo que passava na mão dele ele lia. Quando saia com mamãe, queria ler todos os anúncios, no cinema, em casas comerciais, mamãe querendo andar com ele, puxando ele, e ele lendo. Mamãe lembrava muito a gente do cinema Polytheama, ele dizia, com quatro anos: PO-LY-THE-A-MA. Outra coisa que ela dizia é que quando ela lia “Nabocadonosor” ele corrigia: não é na “Nabocadonosor” é “NA-BU-CO-DO-NO-SOR”.

Edson – No livro de Emiliano José (*Carlos Marighella – O inimigo número um da ditadura militar*), o autor afirma que Marighella contribuiu muito para complementar a alfabetização da sua mãe?

Tereza – Minha mãe lia pouco e na hora da lição ele já estava sabendo mais do que ela.

Edson – E namoro, ele era muito namorador?

Tereza – As garotas eram loucas por ele, mas ele não tinha tempo não. As garotas ficavam frustradas porque ele não tinha tempo, jogava uma coversinha e daqui a pouco já tinha ido embora. E as garotas perguntando por ele, batendo na porta, me chamavam para perguntar por ele, eu dizia não sei, não sei, namoro não foi muito não, foi pouco. Depois que ele veio aqui para o Rio é que ele se envolveu com o grande amor da vida dele que foi, sem dúvida, a Clara, que ele escreveu vários poemas em sua homenagem.

Edson – Ele serviu ao Exército?

Tereza – Serviu, me lembro que ele tinha a perneira, que colocava a calça por dentro, abotoava. Não sei se era o exército, tinha outro nome lá na Bahia.

Edson – Quando ele ainda adolescente tinha o hábito de escrever?

Tereza – Bom, tinha o hábito de escrever, pois, nesse livro aí tem poemas dele que data de 1931, 1932, por aí assim. Mas ele não dava para ninguém ver. No tempo que ele estava lá em casa, ele tinha um quarto com os livros dele, a biblioteca dele, ninguém mexia. Ali era sagrado, era do "Carrinho", como a gente chamava ele, porque quando nós éramos pequenos não sabíamos dizer Carlinhos, a língua não dava, e ficou "Carrinho, Carrinho, Carrinho", ele atendia por Carrinho. Então, com as coisas do Carrinho ninguém mexia não.

Edson – Quando ele passou à política, como foi isso na família, qual foi a **reação** da família, vocês já sabiam?

Tereza – Foi um choque. Quando ele entrou na política nós só ficamos sabendo quando ele foi preso. Antes nós não sabíamos que ele estava envolvido com militância política, não sabíamos nada disso.

Foi um choque grande, foi um baque muito grande. Ele mantinha tudo em sigilo, em segredo.

Edson – A senhora já havia me dito que ele conversava muito com seu pai, ele deveria ter alguma informação a respeito?

Tereza – Tenho a impressão de que meu pai devia saber, porque eles conversavam muito. Conversavam sobre a Itália, os papos deles eram a Itália, meu pai nasceu em Ferrara e como Marighella estudava muito, ele sabia tudo, discutia com meu pai os lugares, parecia até que ele conhecia, parecia até que os dois eram do mesmo lugar. Ele perguntava onde estava aquilo, onde ficava aquilo, meu pai respondia.

Edson – Então a família não sabia de seu envolvimento com a política?

Tereza – Não. A família ficou meio arrasada. Eu estava estudando e não queria saber de política, queria estudar, queria ser professora, quando o negócio estourou aí foi aquele baque muito grande.

Edson – Antes dele entrar para a política, ele já possuía uma preocupação com a pobreza?

Tereza – Já. Isso tudo vem de criança quando ele pegava as pessoas de onde nós morávamos, uma rua sem saída, chamada Barão do Desterro, lá em Salvador, era uma rua pequena. Ele pegava as crianças que não frequentavam a escola e os adultos que não sabiam ler e levava todo mundo lá para casa para ensinar. E matemática, o forte dele era a matemática. Às vezes, a criança estava na escola, estava ruim na matemática, a mãe ia lá pedir e ele dava aula de matemática. Isso assim "manda lá", sem cobrar nada. Ensinava tudo, a mãe ficava mais contente, o filho mais ainda.

Edson – Como foi o contato com a família depois que ele entrou para a militância?

Tereza – Aí é que ficou difícil. Pois depois que ele entrou mesmo na militância ele não podia ir, estava sendo procurado, clandestino, com a polícia sempre atrás dele, antigamente tudo quanto era banco tinha lá o cartaz – procura-se – quando ele podia mandava sempre uma pessoa de confiança dele dar notícias, chegava lá em casa chamava minha mãe, falava que queria falar em particular. Quando estava sendo procurado não aparecia mesmo, mandava sempre uma pessoa. Quando eu vim para cá, em 1948, ele estava sendo procurado, e mais tarde ele aparecia aqui nessa casa, de madrugada, vestido de padre ou disfarçado com um bigode, e de manhã ia embora.

Edson – A senhora foi uma das parentes mais próximas dele aqui no Rio?

Tereza – É, era eu, a minha irmã mais velha, a Anita, e a Julieta. Eu fui a última das mulheres a vir para cá, as outras já estavam aqui. Quando ele esteve preso na Ilha Grande, a minha irmã Anita foi visitá-lo na Ilha Grande, foi na polícia, tirou os documentos todos para visitá-lo e foi lá no presídio.

Edson – E como foi a visita, ela comentou alguma coisa?

Tereza – Ele dizia que estava tudo bem, mas bem não estava, não é?

Edson – A senhora havia comentado, quando eu cheguei, que ele ia a missa, fez primeira comunhão, como foi a vida religiosa na infância de Marighella?

Tereza – Fez primeira comunhão, ia à missa, tinha santinhos, na igreja distribuíam santinhos, ele tinha santinhos, tudo direitinho como uma criança boa, normal. Depois ele lia muito e com essa leitura foi tendo outra mentalidade.

Edson – Qual o último contato que a senhora teve com ele aqui em sua casa, ou um dos últimos?

Tereza – Foi em um dos aniversários de meu filho, não sei se era 5 anos. Ele veio com a Clara, meu filho estava fazendo 5 anos. Esse negócio de data para mim é muito difícil. Meu filho estava fazendo 5 anos e minha filha estava fazendo 1 ano, então, nós inventamos de fazer um bolo de aniversário e comemorar juntos (José Augusto e Regina Lúcia) eles vieram e almoçaram aqui, chegaram em cima da hora do bolo. Fizemos um bolo só com uma vela de 5 anos e outra de 1 ano. Mas o José Augusto não aceitou e queria o dele sozinho, a veia revolucionária (risos), fez uma revolução na hora de cantar o parabéns, puxou a toalha da mesa. Ah, mas ele riu tanto, ele achou tão gozado aquilo, pegou um guardanapo que estava na mesa e fez um poema na mesma hora, esse poema eu tinha até bem pouco tempo e entreguei ao José Augusto e ele não sabe onde colocou, escrito no guardanapo, eu sei que dizia assim: "No dia do aniversário / José Augusto Teixeira / chorava de fazer dó / encenando aquela peça / bububú no bobobó. Estava passando uma peça no teatro, "Bububu no bobobó", então ele fez uns versos, uma paródia, só sei que terminava assim. Foi a última vez que ele esteve aqui. Teve uma vez que ele veio aqui acompanhado de José Frejat, não sei se ele era militante, não sei o que ele era, ele veio aqui almoçar e ele estava ajudando a lançar a candidatura do José Frejat a algum cargo político.

Eu anotei algumas coisas aqui, e gostaria de você ver se já falei tudo. Marighella era nosso irmão mais velho, o Carrinho, carinhoso, e orientador de todos, ele nos incentivou muito para que estudássemos e trabalhássemos. Ele frisava muito que era muito importante que estudássemos e trabalhássemos. Tanto que, quando eu cheguei aqui em 1948, fui procurá-lo, ele era deputado. Fui pedir a ele que me arrumasse alguma coisa, pois já havia me formado em professora primária em 1945, lá na Bahia. Ele disse: "negativo, você vai procurar com suas próprias mãos, não vou influenciar em nada, não vou te dar carta nenhuma, você vai procurar, você vai fazer concurso, você não estudou? Você vai fazer concurso". Na hora fiquei desapontada,

poxa! Mas um deputado... Eu não entendia como é que podia ser uma coisa daquela, deputado. Depois eu entendi, depois a posição dele eu entendi bem, mas naquele momento eu fiquei muito desapontada, ele não ajudou não. E fiz o que eu fiz, fui procurar meus caminhos. Então, sempre nos incentivou a que estudasse e trabalhasse. Eu era apaixonada por ele. Ele foi meu ídolo, para mim ele era uma biblioteca ambulante, tudo que eu queria ia perguntar a ele , e ele sabia, mas sabia tudo. Eu pegava no dicionário, criança ainda, e escolhia uma palavra e pensava assim: essa aqui eu duvido que ele saiba. "Ô Carrinho, vem cá, eu estou com uma dúvida e o que significa essa palavra assim, assim?". Ele respondia igual ao que estava no dicionário, emprega-se assim, pode ser empregado assim. Eu perguntava para ele: Você estuda o dicionário? Ele começava a rir. "Que estuda o quê, toma juízo. Dicionário é para a gente consultar, para na hora que está precisando vai lá, procura a palavra". Todas as palavras que eu pergunto ele sabe, então ele já procurou, já precisou de ler essas palavras todas, então, ele já leu esse dicionário. Ele parecia uma biblioteca ambulante, estava andando, fazendo o que estivesse fazendo, comendo, as vezes tomando água e estava respondendo, ia em frente. Nem pestanejava para responder nada. Sabia tudo. E na minha inocência, ou talvez, na minha ignorância pensava que ele decorava o dicionário.

Ele era alegre, andava sempre apressado com seus vários compromissos e afazeres. Mas não deixava, "de vez em quando", de pegar no bandolim. E cantando tirava uns acordes e dizia sempre um refrão: justiça de Deus na mão da História. Ele compunha e cantava suas canções de paródias. Aquela história do Juracy, ele não suportava o Juracy, ele fazia aqueles poemas para o Juracy, botava a letra dele e a música de outra canção e tocava lá no bandolim.

Olha, nós choramos muito quando ele veio para o Rio e ficamos sem notícia dele muito tempo. Lembro quando ele voltou a Salvador para batizar o Caetano, ele e a minha avó, mãe de meu pai, que

morava em São Paulo. Ele foi o padrinho e minha avó a madrinha. Ele era católico e fez primeira comunhão.

Edson – Quando já era comunista, ele manteve uma posição religiosa?

Tereza – Bom, eu não sei. Mas que ele entrava na igreja, ele entrava. Tanto que quando minha mãe faleceu, em 1947, ele foi à missa do sétimo dia. No enterro, ele não foi porque não deu tempo, mas na missa de sétimo dia ele foi.

Ele era inteligentíssimo. Nunca deu trabalho na escola primária e no ginásio. Sempre no final do ano, depois de todas as provas, ele chegava em casa e dizia para mamãe: – Mãe, fui chutado. Isso queria dizer "fui aprovado".

Quando ele estava no ginásio ele já começou a fazer das dele. Então, ele fazia greve, não ia à aula, faltava à aula e quando chegava o dia da prova ele aparecia para fazer a prova, e tirava aquele notão.

Edson – Isso no ginásio?

Tereza – É, no ginásio. Ele não ia à aula. Os colegas iam lá em casa para ele explicar o que os professores explicavam, mesmo se ele não estivesse na aula, mas ele sabia explicar para os colegas. Sempre ele reunia os colegas que estavam com dúvidas em alguma matéria, sobre a aula que ele assistia ou não.

Ele era alegre e brincalhão, ele botava apelido na gente, cada um tinha um apelido, eu não me lembro bem, eu sei que um era o da irmã Julieta, era canela de sabiá, ele dizia que era canela de sabiá porque ela tinha as pernas finas. O outro, meu irmão Caetano, ele dizia que era sergipano, porque sergipano não tinha pescoço, era pescoço enterrado, então, chamava o Caetano de sergipano. Eu era professora sem juízo, para cada um ele inventava um apelido. A outra minha irmã chamava-se Edwirges, tinha uma velha que ia lá em casa todo dia, minha mãe gostava muito de ajudar pessoas idosas e pessoas carentes,

essa velha ia à missa todo dia, nós morávamos perto de uma igreja, e essa velha após a missa ia lá em casa tomar café, mamãe já reservava o café da velha. E essa velha tinha o apelido de Xixi. Essa velha era a Xixi. E a minha irmã, a Edwirges, que a gente colocou o apelido de Luizinha, ele dizia que era a Xixi porque a Xixi levava uma bolsa cheia de roupas, de tralha. Ela chegava lá em casa , conversava, tirava as tralhas da bolsa para mostrar, para contar os casos, a minha irmã, que era pequena também andava com uma bolsa cheia de boneca, de roupa de boneca, aí ele botou o apelido nela de Xixi. O Betinho, ele botou o apelido de carocha.

Edson – E o apelido dele?

Tereza – Ele não tinha apelido, ele botava o apelido em todo mundo. Sabe por que eu era a professora sem juízo?

Edson – Por quê?

Tereza – Porque eu dizia para ele: – olha, esse negócio de política não vale nada, ficava "metendo o malho" para ver se ele desistia. A minha impressão é que ele iria desistir comigo falando assim, aí ele dizia: olha a professora sem juízo. Isso logo depois que ele entrou para esse negócio de política, quando a gente desconfiava.

Olha, teve uma vez, era uma espécie de protesto, ele raspou a cabeça. O padre raspa e deixa aquela coroa, ele fez o contrário, raspou a cabeça toda em volta e deixou só aquela coroinha de cabelo em cima. Esse protesto foi na escola, no ginásio.

Edson – Então, já na escola ele já apresentava sinais de protesto?

Tereza – Ele já estava com essas ideias de protestar sobre alguma coisa. Outro protesto também que ele fez foi ir para a escola – naquele tempo não se usava muito sandália – então, ele cortou o sapato, fez uma espécie assim de sandália, para poder ir para a aula com aquilo, uma sandália. Então minha mãe falou para ele: – meu filho, para que

fazer isso, cortar o sapato para fazer isso! E ele então: – Mãe! Jesus Cristo andou de sandália, por que eu não posso andar?

Edson – Na escola era proibido... o que ele queria era...

Tereza – Na escola era proibido, isso para chamar a atenção, fazer algum protesto para dizer que aquilo não tinha nada a ver, que o sapato não tinha nada a ver com a escola.

Edson – O carinho e a aproximação dele parece comum aos irmãos?

Tereza – É. Eu já fazia a faculdade e ele se lembrou de enviar o dicionário. Quando eu terminei o curso normal, em Salvador, escrevi para ele e ele me mandou o dicionário de francês e *Os Lusíadas*. Longe de nós. Isso demonstra que ele nunca havia esquecido. Eu me casei em 1951, eu acho que ele estava cassado, ele mandou uma pessoa, eu morava com minha irmã Anita, na Vila da Penha. Ele mandou um moço, eu nem estava em casa na hora, mandou levar o dinheiro para eu comprar meu vestido de noiva.

Edson – Aí não precisou de a senhora ir pelos seus próprios caminhos...

Tereza – O Caetano ainda chegou a trabalhar com ele algum tempo, não me lembro bem. Quando vim de Salvador, o Caetano veio comigo, ele era o mais novo, ele mandou um recado para o Caetano e eles se encontraram. Eu não sei se o Caetano ficou com ele algum tempo, só sei que ele trabalhou com o Carlos. Não sei se era de motorista, não sei se para o pessoal do partido. Mas o Caetano não tinha veia política nenhuma.

Edson – Eram quatro homens e quatro mulheres, como o senhor Augusto Marighella sustentava essa família?

Tereza – Seu Augusto Marighella tinha uma oficina mecânica, ele era engenheiro mecânico, eu me lembro que tinha um quadro na

parede, um diploma – diploma concedido a Augusto Marighella – só sei que era engenheiro mecânico, estava escrito lá. Ele fazia tudo numa oficina mecânica, tinha solda elétrica, solda, ferreiro, conserto de automóvel.

Edson – A oficina era em casa?

Tereza – Não. Tinha a nossa casa, tinha um quintal, um portão que dava passagem para a oficina, e a oficina tinha entrada por outra rua, mas se comunicava pela minha casa através do portão que havia no quintal.

Edson – Ele ensinava aos filhos?

Tereza – A oficina tinha máquinas, tinha tudo. O Agostinho aprendeu a profissão com ele, o Betinho também, que era o Humberto. O que aprendeu menos foi o Caetano, que era o mais novo e não aprendeu muito. Mas o sustento vinha dali.

Edson – E Marighella?

Tereza – O Marighella, o Carlos, era só no estudo, na oficina não. Ia lá uma vez ou outra.

Edson – Seu pai disse – no livro de Emiliano José – que seus livros eram as ferramentas...

Tereza – Ele disse a mim, disse muitas vezes. Quando eu disse a ele: – o papai, estou precisando comprar uns livros. Ele disse: – comprar livros para que, eu nunca precisei de livros, olha aqui, meus livros estão aqui, essas ferramentas aqui (na oficina). Mas ele comprava livro. Para o Carlos ele comprava, livros a prestação, enciclopédias, aqueles volumes, livros caríssimos, livros de engenharia. Quando ele cursou até a faculdade de engenharia, não chegou a concluir, mas até o terceiro ano ele foi. Tudo que ele queria ele comprava. Ele era um xodó para o pai. Depois ele começou a dar aula, ganhava um

dinheirinho lá em Salvador, e começava a comprar por conta dele mesmo. Mas o pai comprou muito livro para ele.

Olha, ele tinha livros, esses livros de política, sobre o Partido Comunista, essas coisas assim de política. Ele tinha livros que ele mandava vir de fora e quando ele foi preso meu pai enterrou os livros, tinha tanto livro, tanto livro, que meu pai não sabia o que estavam dizendo aqueles livros, ele não os lia. Quando soube da notícia que ele foi preso, meu pai ficou com medo, fez um buraco enorme e enterrou quase aqueles livros todos. Ele dizia: – Eu não sei o que tem aí nesses livros, eu não sei se vai comprometer mais ainda. A polícia estava caçando ele por tudo que era lado.

Edson – Como é que vocês ficaram sabendo dessa perseguição?

Tereza – Foi pelo rádio.

Edson – E o lazer entre os irmãos, como era o lazer entre vocês?

Tereza – Era uma farra danada, quintal grande, um corria para lá, pegava o outro, tinha guerra de travesseiro, a brincadeira era boa. Tinha lá no terreno da oficina uma espécie de incinerador, um forno, que meu pai mandou fazer, porque tinha uma marcenaria na esquina da rua, então, o dono da marcenaria entrou em contato com meu pai para queimar a serragem, os restos de madeira. Então, a serragem ia para a oficina para ser queimada no forno. E o forno era alto, a gente subia ali, em cima de uma escada, apoiada na própria terra, que existia para jogar o material a ser queimado no forno. A brincadeira da gente era subir ali e dar um pulo para ver se pegava o outro.

Edson – Seu pai aproveitava as crianças, com suas brincadeiras, para o desempenho de certas atividades, é o que relata Emiliano José, ao citar o episódio em que ele construiu uma bomba hidráulica através da observação de uma roleta que ficava na porta da oficina, onde vocês brincavam.

Tereza – Eu não li o livro do Emiliano. Sabe por que eu não li? Mexe muito. Já tenho muita recordação. As minhas recordações eu recordo quando eu quero. Eu vou ler aquilo ali e já está forçando, já está forçando, não vai não.

Edson – Como era a vida religiosa de vocês?

Tereza – Minha mãe era muito religiosa. Meu pai também era religioso, mas não tanto quanto minha mãe. Todo domingo ela acordava todo mundo às 5 horas da manhã para ir a missa das 6 horas do domingo.

Edson – E o Marighella também ia?

Tereza – É, ia também.

Edson – Como era o contato com os vizinhos?

Tereza – Nós tínhamos contato. Essa rua em que nós morávamos era sem saída. Então, aquela rua era uma família. Tinha uma família que se dava muito mesmo, que era o mesmo que irmãos nossos, todos negros, era a família de meu padrinho. Nós brincávamos muito. Inclusive essa brincadeira de subir na escada e pular, os rapazes que eram filhos do meu padrinho entravam na brincadeira. O Mário e o Astrogildo eram nossos colegas e brincavam com a gente. Inclusive ele deu muita aula de matemática a esse Astrogildo, que era o mais velho deles, regulava mais ou menos a idade dele, do Carlos.

Edson – O Carlos era vaidoso?

Tereza – Não. Muito simples, não tinha vaidade nenhuma, desde criança.

Edson – E seu pai tinha outras atividades além da oficina?

Tereza – A vida dele era toda na oficina. Quando ele saía da oficina, ele vinha para casa tomar banho, aí era a ora da brincadeira.

Ele era muito brincalhão. Ele pegava toalha, enrolava a toalha, torcia, aí a gente chamava ele de papai-Buick, aquele carrão de marca antiga que ele tinha: – Papai-Buick, aí todo mundo apanhava de toalha, de brincadeira, é claro.

Edson – E a macarronada italiana, não era um hábito?

Tereza – Tinha. Ele fazia questão que todos sentassem na mesa e todo mundo tinha que tomar vinho, botava vinho misturado com água e todos bebiam na hora da refeição.

Edson – E o samba?

Tereza – Ele gostava de ver, de apreciar. Ele sambar, eu nunca vi.

Edson – O pai exerceu influência política sobre Marighella?

Tereza – Não. Ele conversava muito com o pai, sobre tudo. O pai era muito trabalhador, mas ele desconfiava, certamente ele sabia de alguma coisa.

Edson – Qual é a dor da ausência de Carlos Marighella?

Tereza – É tão difícil. A humanidade... cada vez... pior. Porque tudo que está acontecendo agora ele queria dar um jeito, amenizar, apaziguar tudo, mas não deixaram ele fazer o que ele queria, não deram oportunidade a ele, ele sabia das coisas.

Edson – E desde cedo?

Tereza – Ele faz muita falta. Muita coisa que ele queria fazer está até hoje sem resolver, esse negócio dessa reforma agrária, isso é coisa que ele falava quase diariamente, o que resolveram até hoje? A história desses camponeses era uma preocupação constante para ele. Esses sem-terra que estão aí, era uma preocupação dele, naquela época. E eu falava para ele: – por que é que você tem que se preocupar com isso? Quantas vezes eu falei isso para ele.

Edson – E ele?

Tereza – Ele dizia: não, você também tem a ver com isso, ele falava para mim. Por isso é que ele dizia que eu não tinha juízo. Ele dizia que isso é uma luta nossa. Nós temos a obrigação de lutar por isso.

Edson – E o temperamento dele?

Tereza – Ele era duro, era um homem muito forte, tenho a impressão que tudo que ele fazia era tudo medido, calculado, ele não fazia nada assim por fazer não. Ele sabia as consequências.

Edson – E Clara Charf, vocês tiveram contato?

Tereza – Não muito. A vida deles era muito dura, eu estive na casa da Clara lá no Catete, ele não estava, duas vezes que eu fui lá ele não estava. Depois ele estava viajando. Quando chegou veio para o aniversário dos meus filhos.

Edson – Esse seu depoimento é interessante para ampliar esse lado humano de Marighella...

Tereza – Ele era muito bom. Quando foi preso na Ilha Grande ensinava os presos de lá de dentro, era tido como um professor, ensinou muita gente lá.

Edson – E a senhora também foi ser professora no presídio?

Tereza – Sim. No Esmeraldino Bandeira, em Bangu, parece que é coisa do destino.

Depoimento que não foi gravado

Tereza Marighella veio para o Rio de Janeiro, em 1947, logo após a morte de sua mãe. Quando foi procurar emprego munida de uma carta de apresentação trazida da Bahia, viu sua oportunidade ir por água abaixo, pelo seguinte motivo: se encaminhou à Secretaria de Fazenda, onde fora orientada para procurar um funcionário conhe-

cido, lá obteve a seguinte resposta (ele leu a carta e disse) – Com esse sobrenome, lamento, mas fica difícil.

Pegou o jornal para procurar emprego. Achou uma prova para telefonista. Passou no exame e logo foi chamada para a entrevista. Mais uma vez o sobrenome pesou: – Tereza de quê? – Tereza Marighella. Disse ela ao preencher a ficha de entrevista. Elogiada pelo seu desempenho, pediram que aguardasse um comunicado, onde brevemente se consumou a negativa.

Quando ia para a fila dos bancos e era chamada – Tereza Marighella – "todos me olhavam meio que espantados, dava uma vergonha, dava vontade de chorar". Seu marido, Armando Teixeira, até evitou colocar o sobrenome nos filhos (José Augusto Teixeira e Regina Lúcia Teixeira).

O marido, Armando Teixeira, visitou Marighella no hospital Souza Aguiar, logo após o episódio do cine Esky-Tijuca, quando Marighella foi baleado. Para ter acesso ao local onde se encontrava Marighella era necessário aguardar as senhas, tomando o cuidado para não identificar o "parente a ser visitado". Após esperar algum tempo Armando obteve a permissão para subir, avistou Marighella num quarto, deitado sobre um leito, cercado por dois policiais à paisana. Marighella percebendo a presença do cunhado fez sinal com os olhos e um alerta sobre os "acompanhantes".

Armando foi interrogado sobre o que estaria fazendo ali, disfarçou se justificando: – estava procurando uma pessoa e pensava ser ela aquela que se encontrava no leito.

CLARA CHARF*

Edson Teixeira – Clara, para iniciar, gostaria que você fizesse uma descrição física de Carlos Marighella? Em termos gerais, quando a senhora o conheceu, como ele era fisicamente?

Clara Charf – Era parecido com ele (Carlinhos), ele é bem parecido com o pai, assim mais ou menos dessa mesma cor, cabelos crespos, lábios grossos, nariz assim meio adunco, ele é muito parecido com o pai. É claro que ele é completamente diferente do pai no temperamento, mas fisicamente é bastante parecido com o pai. Ele tem também algumas coisas do temperamento, mas é muito diferente, é outra formação, é outra experiência de vida, não é?

Edson – Como era o temperamento de Carlos Marighella?

Clara – Eu digo a você, fisicamente, aquilo que todos os jornais escrevem é verdade. Ele era um homem alto, a mistura do italiano

---

* Este depoimento foi realizado no dia 03.11.1998, na cidade de Salvador, na residência de Carlos Augusto Marighella, o Carlinhos. A título de esclarecimento, Clara Charf foi casada com Carlos Marighella e, nessa oportunidade, concordou conceder as informações abaixo transcritas.

com negra, então, ele tinha aquela gesticulação assim, a mão grande, aquela gesticulação de italiano; e o físico muito do negro, os lábios grossos, o cabelo bem crespo, como a gente diz assim, pixaim, tinha um porte atlético mesmo, pé grande, um homem alto, que se movia bastante ao falar. Uma pessoa de hábitos muito simples, pela própria vida que ele teve se pode dizer que, enquanto ele foi clandestino, ele quase só usou roupas que os outros davam. Porque era militante, como os militantes clandestinos, em sua maioria, não tinham muitos recursos, não tinham quase nada. Mesmo quando ele foi deputado o que ele ganhava, como deputado, entregava ao partido, e o partido dava a ele uma quantia x, para ele pagar pensão, quando ele morava lá no Rio. Seus gastos eram mínimos, era uma pessoa muito simples. Então, como naquela época havia um trabalho de solidariedade, muitas famílias, que tinham mais recursos, davam roupa. Por exemplo: ele usou muito os ternos de um antigo militante comunista, da família Campos da Paz.

Era uma pessoa de hábitos absolutamente simples, alto, porte atlético, adorava fazer exercícios. Não vou dizer praticar esportes, porque esportes seria uma coisa muito mais metódica, que ele não pôde fazer. Desde garoto ele jogava futebol, batia bola na rua, mas a Tereza já deve ter dito para você, adorava isso, batia bola na rua e tomava muito sol, gostava muito de ficar andando na rua ao ar livre. Infelizmente, depois a vida o deixou preso muitas vezes, não é?

Edson – Isso nos momentos de mais liberdade?
Clara – De mais liberdade. Mas, ele era um homem sadio.

Edson – Não apresentava nenhum problema de saúde?
Clara – Teve alguns problemas normais, de dente, problemas na vista, adquirido na própria cadeia, pois, ficou preso por muitos anos. Mas era um homem muito sadio, com uma força física muito grande, ele inclusive procurou manter, mesmo nas épocas mais difíceis, ele

procurou fazer exercícios. Mesmo quando ele estava fechado, clandestino, num quarto, ele se mantinha fazendo exercícios.

Edson – Isso na prisão?

Clara – Não. Clandestino não é prisão, clandestino é outra coisa. Prisão é outra coisa, outro capítulo. Como ele gostava muito de fazer exercício físico e, muitas vezes, não podia praticar devido à vida clandestina, ele sempre procurou fazer exercícios em casa mesmo. Ele não tinha muitos instrumentos para praticar dentro de casa, mas ele fazia aquelas marombas, pegava aquelas – não sei se você conhece – a gente comprava latas de leite em pó, enchia de cimento, duas latas daquelas, colava aquilo, como se fosse num cabo de vassoura e fazia peso com aquelas duas latas. Não sei se você consegue visualizar?

Edson – Sim, consigo...

Clara – Então, ele não tinha outras coisas, ele manteve esse hábito até ser assassinado.

Edson – E era um ato frequente?

Clara – Ele achava que era importante para poder manter a musculatura mais rija, ainda mais que ele esteve muitas vezes na vida clandestina, não podia ir a um parque, a um bosque, ao longo da vida. Eu não vou falar da primeira fase da vida dele, porque a Tereza já falou, eu vou falar a partir do momento em que eu o conheci.

Edson – Exatamente, este que é o meu objetivo.

Clara – Essa característica dele, gostava muito de sol, adorava caminhar. Em todos os momentos que ele podia, caminhava.

Edson – Ele gostava de praia?

Clara – Imagina, nascido aqui na Bahia, você já imaginou: praia, natação. Sempre que podia. Isso está muito relacionado às épocas

da vida dele. Porque quando ele foi jovem, você tem aí todas as histórias da juventude dele, quando ele começou a entrar para militância política, a vida dele se modificou. Aí entrou a cadeia, depois a clandestinidade, depois a semilegalidade, depois, novamente, a clandestinidade, depois a liberdade. Esses períodos eram intercalados de acordo com a conjuntura política do país, diante da qual ele sempre se posicionou de uma maneira muito firme, e ele se movia de acordo com essas circunstâncias, ora estava em liberdade, ora estava preso, mas mesmo nas prisões ele manteve atitudes de praticar esportes, fazer exercícios. Onde ele teve mais oportunidade de fazer isso foi na Ilha de Fernando de Noronha, quando ele esteve preso de 1939 à 1945. Quer dizer, passou pela ilha de Fernando de Noronha, indo depois para a Ilha Grande.

Edson – Que outro tipo de exercício ele mais praticava?

Clara – Na época que a gente morava no Rio, quando ele era semilegal, ele conseguiu algo como se fosse um remo, ele fazia o exercício em casa, como se estivesse remando. E o mais engraçado que ele fazia isso e ao mesmo tempo aproveitava para estudar inglês. Naquele tempo surgiram os primeiros discos em inglês, ele ouvia inglês e ao mesmo tempo ficava remando, que era para não perder tempo. O negócio dele era não perder tempo, aproveitar o máximo de tempo para tudo. Como ele era um homem que tinha muita curiosidade intelectual, muita sede de conhecimento, achava que sempre devia estudar, se preparar para todas as circunstâncias. Procurava estudar idiomas também, ele aproveitava fazendo exercício, ligava lá os discos. Isso era conforme as circunstâncias, não era uma coisa regular de todos os dias. Era uma vez ou outra. Era muito difícil ele ter uma vida absolutamente organizada, esquematizada. Ele tinha alguns princípios de vida que nortearam o comportamento dele.

Edson – Quais seriam esses princípios?

Clara – Eu digo esse, por exemplo: de ser sempre uma pessoa preocupada com os outros. Isso era um primeiro princípio dele, tanto que ele deu a vida na luta pelo ser humano. O que foi a luta política de Marighella? A luta dele para transformar a sociedade, não era para transformar a vida dele, individualmente, era para transformar a vida do povo, do país onde ele tinha nascido, onde vivia, onde tinha estudado, onde ele tentou ajudar a transformar uma sociedade que considerava injusta, cruel, desumana. Então, a coisa principal da vida dele era lutar para transformar este tipo de sociedade, usando todos meios que estivessem ao seu alcance. Assim ele lutou na década de 1930, na década de 1940, 1950 e 1960, até quando ele foi assassinado, em cada momento da história de acordo com as circunstâncias, que o levaram a agir dessa ou daquela maneira. Esse é um princípio. Outra coisa: Marighella era um homem muito solidário, o que completava esse primeiro princípio da luta pelos outros.

Edson – A senhora poderia fornecer um exemplo dessa solidariedade?

Clara – Em toda a sua vida foi absolutamente solidário com os outros. Você vê, um homem com o talento que ele tinha, inteligentíssimo, fazia prova em versos, ficou conhecido como estudante rebelde, inteligentíssimo, criativo, crítico. Com essas características ele poderia ter sido um tremendo engenheiro, já que ele fez engenharia até o terceiro ano. Ele era uma das inteligências brilhantes na escola, tanto no primeiro grau, no segundo, naquele tempo não chamava assim, como na Universidade. E abandonou toda essa carreira, que teria sido brilhante. Um homem com essa inteligência, com essa capacidade, com esse grau de cultura, que ele cada dia adquiria mais, pois estava sempre estudando, um lutador como ele era, e ele largou tudo por causa da luta, isso que eu digo para você. Tem um exemplo mais solidário, você dedicar toda a sua vida na luta pelos outros, fazer a luta com os outros e para os outros, para que essa sociedade passe a

deixar de ser como é? E depois, na vida diária, ele sempre era muito solidário com as pessoas. Por exemplo, tem casos assim pequenos que você vê o tipo de pessoa que ele era. Quando ele estava clandestino numa casa, em quantas ele viveu? Ele viveu em muitas casas porque ele tinha que se esconder, para fazer trabalho revolucionário. Como exemplo, ele ficou numa época na casa de um operário e uma tecelã. Eles saíam para trabalhar e deixavam os filhos, ele não podia sair de dia, ficava em casa. Ele só podia sair de madrugada ou de noite. Como ele estava perseguido, para não ser localizado. E a operária tinha filhos pequenos, ele ficava brincando com as crianças em casa, era o "tio" daquelas crianças. Fazia comida para aquelas crianças, ele inventava brinquedos, se caracterizava como um palhaço para fazer brincadeiras com essas crianças. Como as crianças eram pobres e não tinham muito dinheiro, ele pegava as tampas de panela para fazer brinquedo. Deixava a casa toda arrumada, tudo lavado, para quando a companheira chegasse do trabalho, não tivesse que fazer aquele trabalho, que normalmente ela teria que fazer. Estou te dando um exemplo, mas existem centenas de pessoas que conviveram com ele, que contam essas características. São pessoas que tinham um carinho enorme com ele. Não tem uma família que tenha convivido com ele e que não tenha guardado essa impressão. Solidário em todos os sentidos, assim em casos de doença. Tudo ele queria fazer pela pessoa, mesmo não tendo recursos. O gesto, a atitude, a solidariedade, o interesse pelos problemas das pessoas que estavam na luta também. Isso é uma característica muito importante do comportamento de Marighella. Se ele sabia que você tinha um problema com sua mulher, com sua namorada, com seus pais, ele ficava preocupadíssimo, queria ver como te ajudava, queria te ajudar indiretamente, conversava, tinha uma paciência fantástica para ouvir as pessoas. Coisa que não é muito comum.

Edson – De fato...

Clara – Pois então, esse homem, a primeira pergunta que você fez foi como ele era fisicamente, aquele homem de porte atlético, que se não fosse a circunstância da luta, da vida clandestina, seria engenheiro, esportista etc. Procurava ao longo dos seus dias ter esses traços de seu comportamento. Isso é uma coisa muito interessante.

Mas voltando ao físico. Ele realmente adorava caminhar, para ele não tinha problema. Quando ele foi clandestino em São Paulo, 1937, 1938, os companheiros daquela época contavam que ele gostava muito de doce, ele tinha pouco dinheiro. Ele, por exemplo, saía da Penha, que é um bairro de São Paulo, para o centro da cidade, se ele tivesse que ter um encontro com alguém, fazer um contato, ele tinha que tomar uma condução. Como ele gostava muito de doce e tinha pouco dinheiro, ele vinha a pé, eram caminhadas gigantescas, para ele poder comprar o doce com aquele dinheirinho. Mas, independente disso, ele caminhava para poder economizar o dinheiro e comprar o doce. Gostava muito de caminhar. Quando ele era deputado, caminhava do escritório parlamentar, onde ele e todos os deputados comunistas trabalhavam (era uma espécie de um coletivo, na Avenida Rio Branco), até a Praça Tiradentes, jamais ele tomou uma condução, não era tão longe naquela época, mas o negócio dele era caminhar. Fora isso ele ia caminhar de manhã, a hora que ele estivesse livre ele ia para a rua caminhar, quando tinha essa liberdade, não é? Ele elaborava caminhando. Ele tinha muito essa característica. Ele caminhava e ia elaborando os discursos, as ideias, aquilo que ele queria depois transformar em fala ou em escritos. Qualquer oportunidade que ele tivesse para caminhar, ele fazia isso. Ao longo de toda a vida dele foi assim, tanto que para ele, coisa terrível, quando o cerco apertou, não podia caminhar muito, para ele era um sofrimento terrível. Ele caminhava dentro do lugar em que ele estivesse, fazia exercício para se manter.

Edson – Conforme a senhora falou, na clandestinidade?

Clara – É.

Edson – Nessas caminhadas ele tinha o hábito de parar para conversar com as pessoas?

Clara – Não, isso depende.

Edson – Eu digo que além de caminhar ele tinha o hábito de conversar com as pessoas?

Clara – Isso sim, foi a marca do comportamento dele. Na cadeia foi assim. Ele criou escola, tentou fazer um trabalho cultural com os presos. Foi exatamente por isso, ele achava que o ser humano era importante nessa luta, e você tinha que manter as pessoas juntas, lendo, uma ensinando a outra, não só ele ensinando a outros, mas aprendendo com os outros, isso era o campo dele. Quando ele era deputado, Marighella não era deputado de gabinete, era deputado de andar na rua, de fazer contatos com os movimentos, tem fotos dele, que não tenho aqui, ele sentado no trilho do trem, lá no Rio de Janeiro, conversando com os operários, sentado no chão, tem uma foto, as vezes sem paletó, batendo o maior papo. Isso era uma coisa inédita para um deputado. Não estou dizendo a você que ele fosse o único a fazer isso. Os deputados comunistas tinham um comportamento, enfim, mas eu não vou analisar o dos outros, vou analisar o dele.

Ele tinha muito isso de conversar com todo mundo. Ele sentia uma agonia enorme de ficar fechado. Ficava porque ele era muito disciplinado. Na Câmara Federal, por exemplo, como ele era um tremendo orador, mas ele tinha uma velocidade muito grande na voz, para transmitir o pensamento dele, parecia uma metralhadora, as taquígrafas, às vezes, não conseguiam nem pegar tudo o que ele dizia. Então, as taquígrafas, quando terminava a sessão da Câmara, diziam para ele, depois que todo mundo ia embora: – "A gente vai ter que pedir a sua ajuda, pois teve uma frase que a gente não conseguiu captar". Ele ficava naquela paciência lá, ajudando a completar frases, para ajudá-las, ele não deixava ninguém em dificuldades, muito menos a taquígrafa que tinha que dar conta do trabalho dela. Mas, assim,

quando elas terminassem, saía para andar, quer dizer, saía para fazer outras atividades, mas ele ia caminhando. Claro que ele tomava bonde, ou ônibus, se fosse preciso, mas de preferência ele fazia tudo a pé.

Edson – Isso no Rio de Janeiro.

Clara – Aqui na Bahia era tudo na rua. Quando ele morou em São Paulo fazia caminhadas enormes. Claro que nos momentos da clandestinidade muito grande, nos momentos que ele tinha que suportar, ele tinha que ser levado de carro, mas aí é outro momento, outra circunstância.

Edson – Nós vamos chegar lá. A senhora relatou agora, há pouco, que ele como deputado gostava de conversar com os outros, evidentemente que a conversa girava em torno de política. O que eu quero saber é se a senhora tem exemplos concretos dos assuntos que ele gostava de conversar além de política?

Clara – Todo mundo que conheceu Marighella sabe que ele gostava de conversar sobre tudo, ele gostava de esportes, conversava sobre futebol, conversava sobre qualquer assunto do cotidiano das pessoas, o que estava acontecendo. Mas ele, como deputado, tinha que discutir também politicamente com aqueles operários. Por quê? Porque ele foi muito porta-voz das reivindicações mínimas e máximas dos trabalhadores e do povo em geral. Se ele conversar por exemplo, você imagina, ele fazendo discurso pra defender os interesses dos carteiros da Bahia, ou dos ferroviários do Rio de Janeiro, ou de Minas Gerais. O pessoal mandava telegramas para ele com denúncias, ele lia aquilo tudo no plenário da Câmara, que era uma forma de transmitir a reivindicação. Quando conversava com as pessoas, é claro que ele sabia, a sensibilidade que Marighella tinha, a sensibilidade dele era tamanha e tão voltada para esse povo, que era impossível que ele não discutisse todas as questões. Por exemplo, na luta pela exploração do petróleo no Brasil, você imagina ele conversar com pessoas, homens,

mulheres, de classe média, ou operários, ou intelectuais que não fossem conversar sobre esse problema? Então, eram os problemas do cotidiano, a vida pessoal, o esporte, a cultura e os grandes problemas da nação. Ele tinha que mobilizar as pessoas para lutar por aquelas ideias que ele defendia. Ele não era deputado que falava dos problemas dele. Ele falava dos problemas que a nação enfrentava, contestava, criticava e denunciava.

Você pega o discurso dele na Câmara, eram sempre de contestação, discursos denunciando ou propondo soluções para esses problemas. Essa foi a grande característica que fez com que ele ficasse famoso como deputado. De uma ação muito arrojada, muito corajoso, muito decidido, muito ágil, determinado. A produção dele foi enorme, segundo todas as pesquisas feitas até agora, ele fez 195 discursos, em dois anos de Parlamento. Quer dizer, era um deputado presente, ia todo dia, ouvia, falava, se posicionava, participava das comissões, ele foi da Comissão de Finanças da Câmara, quando ainda no tempo da Constituinte. Porque quando foram eleitos, em 1946, foi para fazer a Constituição da época, tanto que ele é um dos constituintes daquela época. Ele deu uma contribuição muito grande. Tem discursos dele sobre orçamento, proposta, naquela fase, por quê? Porque aquela fase era chamada a fase da democratização do país, depois do Estado Novo; então é claro que o comportamento dele na Câmara era diferente do que tinha sido o comportamento na luta clandestina anterior, ou o que seria depois.

Edson – Por isso na época que a senhora se referiu à redemocratização?

Clara – Claro. O parlamentar, o homem que faz política, vale até hoje para qualquer um, você não faz a política só de acordos, do seu desejo. Eu tenho a vontade de transformar o Brasil. Como eu transformo hoje? Como? Por onde? Tem que estudar todas as circunstâncias, como mobilizar o povo naquela luta junto com você, fazer

as propostas para que as pessoas entendam o que você quer fazer, o que se pode fazer; muitas vezes o povo acha que é impossível. Então, muitas vezes, você lida com os contextos históricos, a figura do político revolucionário está ligada a um contexto, fora do contexto ele não existe. Esse é o caso de Marighella.

Edson – Como foi seu primeiro contato com Carlos Marighella?

Clara – A gente se conheceu, eu era militante desde Recife, não tinha nada com ele, não sabia que ele era essa pessoa, coisa e tal. Eu era militante que comecei a militar quando terminou a Segunda Guerra Mundial, no Partido Comunista daquela época. Depois eu fui da primeira associação de mulheres de Pernambuco, já era militante. Por circunstâncias da minha vida familiar, a mãe morta, pai com muita dificuldade financeira etc., eu vim para o Rio, queria arranjar trabalho no Rio, meu sonho era ser aviadora, mas a legislação não permitia mulheres na aviação comercial. Então eu acabei sendo aeromoça. Vim para o Rio com a ideia de trazer depois meus irmãos e meu pai, para ver se melhorava a nossa condição econômica, porque minha família era pobre, meu pai lutava com muita dificuldade.

Então, eu comecei a militar no Partido, no Rio, no Largo do Machado. Morava na casa de uma tia, que era perto dali do Largo do Machado. Eu conheci o Marighella acidentalmente na sala do Comitê Central. E olhei, foi assim uma coisa muito rápida. Depois eu vim a ter contato com ele, quando eu havia deixado de ser aeromoça. O Partido já tinha o registro cassado, mas os departamentos continuavam no Parlamento. Eu fui trabalhar na Assessoria Parlamentar, que era uma única assessoria de todos os parlamentares comunistas. Era como se fosse um grande escritório, onde tinha um economista, pessoas que lidavam com a área de cultura, tudo. Todas as áreas que os deputados tinham que abordar todos os temas nos discursos, em geral, eram pesquisados e produzidos ali, naquela assessoria coletiva.

Então ali trabalhavam muitas pessoas, ali iam o Jorge Amado, o Gregório Bezerra, todo mundo ia ali, porque a bancada não tinha assessoria individual, como é hoje, a assessoria do deputado tal. Naquele tempo era uma única assessoria coletiva. Ficava na Avenida Rio Branco. Os deputados todos elaboravam, pesquisavam o seu material, consultavam os dados estatísticos, tudo era feito ali. Por isso que tinha nessa assessoria gente de muitas profissões. E eu fui trabalhar com o Marighella nessa assessoria. Marighella era o responsável por essa assessoria. Era também o deputado com mais experiência política, talvez por ter cultura política e cultura geral, ele foi colocado como responsável pela assessoria coletiva.

Edson – Então ali nasceu o romance?

Clara – Sim, ali.

Edson – Num primeiro momento, quando nasceu, todos sabiam ou era um romance reservado?

Clara – É claro, reservado.

Edson – Indo mais além, evidente que a senhora e Carlos Marighella, mesmo tendo um romance reservado, vocês tinham alguns programas, e programas no bom sentido, sair...

Clara – Olha isso aí é muito diferente. A nossa vida foi muito complicada, porque logo depois eles tiveram o mandato cassado. Eu voltei para Pernambuco, depois eu vim de Pernambuco novamente, e aí a gente já foi viver junto.

Edson – A senhora se recorda em alguma conversa com ele, não só início do relacionamento com ele, mas durante a sua trajetória, alguma lembrança que ele tinha da adolescência, da sua infância aqui na Bahia, algo de que ele mais gostava de recordar do passado?

Clara – Claro. Ele era um ser humano como outro qualquer.

Edson – E o que ele mais lembrava?

Clara – Ele lembrava tudo, a família, o esporte, a relação com a mãe, com o pai, com os irmãos, as brincadeiras, deitar no chão para estudar de noite, porque não tinha espaço para estudar dentro de casa durante o dia. Na oficina mecânica do pai, ele tinha mania de deitar e botar travesseiro de pedra no chão para estudar de noite, para não perder a hora. Porque ele esperava todo mundo fazer silêncio, quando todo mundo ia dormir, quando estava tudo em silêncio, ele levantava para estudar. Essas coisas ele recordava e mantinha contato com a família. Ele escrevia carta, conseguiu livros, tem inclusive vários bilhetes dele para a família, mantendo contato com a família, com o Carlinhos (isso já depois) com os irmãos, procurou manter. Mesmo com as irmãs ele manteve contato, com a Tereza, com a Julieta que já morreu, que era enfermeira. Mesmo na época clandestina ele procurou manter algum contato, mas era muito estreito, porque podia ser que a polícia a localizasse a família e o localizasse.

Edson – Pediria outro detalhe que a senhora se estendesse um pouco mais sobre como ele se mantinha financeiramente?

Clara – Mas é isso que eu falei para você como era o sistema naquela época da partição. Quando ele era deputado, o salário era entregue inteirinho ao Partido e recebia uma parcela. Haviam casos de famílias muito grandes, casos de deputados casados. Ele era solteiro e recebia uma pensão mínima. Como ele era uma pessoa de hábitos modestos e as necessidades eram muito pequenas, então ele recebia o mínimo, tanto para o quarto da pensão, quanto para comer, comprar livros, o mínimo, você entende? O mínimo.

Então ele gastava muito pouco, isso quando parlamentar. Quando deixou de ser parlamentar ele era revolucionário profissional, ele trabalhava só para a causa revolucionária, então o Partido tinha um sistema de manter as pessoas também muito precariamente. Se na família tivesse alguma outra pessoa que trabalhasse fora, com uma

profissão, mas quando era uma família totalmente clandestina, que só vivia do trabalho revolucionário não podia, você podia fazer uma tradução, era uma coisa, tudo não era registrado, não podia, você não podia dar seu nome, você não podia dizer onde você estava trabalhando, tudo era muito difícil. O Marighella era um homem que gostava de música, que gostava de comprar disco, por livro ele era apaixonado, livro era a grande loucura dele, e se ele passasse numa livraria e visse lá aquela coleção, naquela época do Pocket Book, ele comprava de tudo quanto era coisa. Até uma coisa muito pitoresca sobre ele, como ele escolhia os assuntos, daquele dinheiro pouco, isso que eu quero dizer para você. Ele não comprava roupa praticamente, eu estou te dizendo que naquela época o Partidão tinha um trabalho de solidariedade, nós usamos muitas roupas usadas por outras pessoas, roupas em bom estado. Ele como parlamentar ele nunca comprou um terno. Usou os ternos dados pelo Campos da Paz, que era um médico, de família tradicional, revolucionária. Campos da Paz achava que o Marighella, sendo deputado, tinha que estar bem vestido.

Edson – A senhora falou em música, que tipo de música ele mais gostava?

Clara – Ele gostava de música italiana, ópera e de música popular brasileira. Chorinho, dessas coisas ele gostava muito.

Edson – Nos poemas dele a gente percebe uma certa exaltação do samba...

Clara – É música popular brasileira.

Edson – Ele tinha o hábito de ouvir música. Como que era a relação dele com a música? A senhora também gostava, não é?

Clara – Eu estudei piano em Alagoas. Mas ele gostava muito de trabalhar ouvindo música, que até eu contei na entrevista do Jô Soares, eles ficaram até assim emocionados, porque o negócio dele

era velocidade, tudo dele era rápido, então, quando ele sentava para escrever, ele gostava de ouvir rádio – naquele tempo não tinha esses CD's da vida nem nada disso – mas tinha as estações de rádio, ele queria que ligasse: – bota aí, no "Tico-Tico no Fubá" (risos). Vê se você consegue localizar. Era música ágil, rápida. Ele trabalhava na máquina com os dois dedos, ele nunca trabalhou com os dedos todos. Aí eu dizia: – "Pôxa Marighella aí não dá para trabalhar com 'Tico-Tico no Fubá' (Risos)".

Ele dizia: – "Então tá bom, tira o Tico-Tico no Fubá e vamos ouvir outra coisa".

Mas ele gostava muito de ópera também, como eu também gostava, quando ele podia, se ele passava numa livraria e tivesse alguma coisa de ópera, ele também comprava. Ele tinha o hábito de dar presentes não nas datas, por exemplo, se ele gostasse de uma pessoa e ele queria dar uma flor, ele não esperava chegar o dia do aniversário, ele dava na hora que tivesse o dinheiro no bolso, se lembrasse da pessoa naquela hora, porque ele tinha uma coisa muito interessante, ele era muito sensível. O Marighella tinha uma característica que, às vezes, o revolucionário não tem, veja bem, às vezes, não vai botar na minha boca coisa que eu não disse. O revolucionário, eu acho que todo revolucionário tem que ser sensível, senão ele não seria revolucionário. Isso era uma das características mais particulares, o Marighella tinha muito essa coisa da delicadeza, aquele homem grande, aquele homem valente, aquele lutador, ele tinha muito essa coisa delicada.

Ele era capaz de chegar, por exemplo, com um doce, trazer um docinho, trazer uma flor, entende, umas coisas, um pequeno livro, de acordo com as posses, com o dinheiro que ele tivesse no momento, não esquecia as coisas, às vezes ele fazia que tinha esquecido, por exemplo, num aniversário – eu mesma – (risos). Eu dizia: – "Pôxa! Sim senhor, esqueceu a data do nosso casamento". Ele não tinha esquecido nada. Quando ele tinha oportunidade com um gesto...

Edson – Supria aquela...

Clara – Exatamente. Todas as pessoas que conviveram com ele, tiveram um convívio muito fácil. Outra coisa ele era limpíssimo e arrumadíssimo. Eu nunca vi um cara tão organizado, olha que na clandestinidade ser organizado não é brincadeira, tudo dele, os livros arrumados, tudo em pacotinho enrolado com o nome em cima. O jornal, não era como agora, o papel de tal cor, essas coisas modernas, a vida era muito modesta, então você tinha que resolver suas coisas de acordo com as circunstâncias.

Edson – Eu gostaria até de mostrar dois exemplares, dois livros, que a dona Tereza, ela guardou. Esse aqui provavelmente, ele entrou em contato na escola. Esse aqui, um livro de poemas de Casimiro de Abreu.

Clara – Ele lia muito.

Edson – Além de política, ele lia basicamente qual assunto?

Clara – Ele lia tudo, tudo, tudo. Não só lia tudo, ele leu muita poesia, tanto que você vê que ele era poeta, um revolucionário poeta, e não um poeta revolucionário. Ele lia muita história, filosofia, bíblia.

Edson – Essa me parece que foi na escola. Bíblia também lia?

Clara – Lia tudo. Ele tinha um interesse. O Marighella tinha uma cultura geral e uma grande curiosidade intelectual. Ele achava que era importante a pessoa ler, estudar e conhecer. Você vê, ele era estudante – não sei se a Tereza contou – ele estudou grego, começou a estudar grego. Estudou francês, quando era estudante aqui na Bahia ainda. O grande problema dele com o idioma era o seguinte, ele não tinha facilidade para falar os idiomas, porque, como foi muito autodidata, ele estudava sozinho. Na cadeia ele fez muito isso. Lá ele estudou grego, ele lia o livro, ele tinha que ler, o som para ele era muito difícil,

porque como ele não tinha com quem falar, não é, então, foi muito difícil. Ele tinha vocabulário, mas dificuldade para pronunciar.

Vamos admitir que aqui estivesse escrito, por exemplo, Gold, uma hipótese, ele dizia – Gold – mas ele não sabia se se pronunciava daquele jeito, entendeu? Só foi saber isso depois, quando saiu da cadeia, quando começou a falar, mas tinha muita dificuldade para falar. Ele não tinha muito bom ouvido para idioma. Tem muitas coisas engraçadíssimas dele quando ele estudou inglês e depois quando foi para a China. Tem mil histórias.

Edson – Uma delas que a senhora poderia dizer...

Clara – Uma delas, essa eu já contei para o Emiliano, em outra época. Porque foi assim: isso não tem sequência, não tem cronologia nenhuma o que eu tô falando para você, eu estou falando das características dele. Então, quando ele foi à China, em 1953, a vitória da Revolução Chinesa tinha sido em 1949, e até então, 1949, 1951, 1952, não havia ido nenhuma delegação oficial do Partido Comunista à China, para fazer contato com o novo poder revolucionário de Mao Tse-tung. E aí fizeram uma delegação e o Marighella foi chefiando essa delegação. Então imaginava qual era o idioma que ele ia falar, o chinês ele não sabia, então tinha que usar o inglês. Ele tinha um vocabulário enorme de inglês, ele traduzia melhor que eu, ele falava inglês, tinha um vocabulário muito grande, era uma espécie de "come dicionário" – aquilo que a Tereza disse que parecia que ele comia um dicionário, ele vivia pesquisando em dicionário, palavras, etc e tal; com ansiedade, com aquela coisa de aprender mais. Então, no dicionário ele via como é que escrevia as palavras e qual era o som, todo dicionário tem isso, né? Aí ele aprendia por aquilo ali, mas aquilo na hora de falar, não dá certo. Então, ele chegou em casa um dia, em 1952, fins de 1952 para 1953, ele chegou em casa e disse: – Clara, eu preciso treinar inglês.

Eu disse: – "Para quê"?

"Porque eu vou viajar".

Nem perguntei para onde, porque a clandestinidade era assim, eu não perguntava para onde ele iria. Perguntei: – "Quanto tempo você tem para treinar"?

Ele disse: – "Tenho um mês".

Aí eu disse a ele: – "Mas em um mês não dá (risos). Como treinar em um mês para fazer uma viagem mesmo que fosse para qualquer país que falasse o inglês. Pois bem, eu disse a partir de hoje, de agora, não se fala uma palavra em português aqui em casa, entre ele e mim, nada, água, leite, pão, livro, o que fosse. Tinha que ser em inglês. Mas acontece que a gente não ficava o dia inteiro em casa, se ficasse o mês inteiro só fazendo isso, mas não era, era com todas as atividades, quando ele chegava em casa, roupa, tudo. E aí fomos treinando, mas ele tinha uma dificuldade enorme para dizer o R.

Edson – A pronúncia?

Clara – A pronúncia, era muito difícil. Aí eu dizia para ele: Hat, chapéu. Não conseguia dizer o H, ele puxava pelo L. Rato, rat, ele dizia: – "Lat". Eu dizia não diga lat, pois é outra coisa. Mas não tinha jeito. Ele foi embora, eu não sabia para onde. Só soube um ano depois. Na China ele fez todo o trabalho que tinha que fazer, pegou pneumonia, eu só soube tudo isso quando ele voltou. Quando ele voltou eu estava presa, aí a gente se encontrou depois. Mas enfim, quando ele voltou, quando a gente se encontrou, aí eu disse: – "Vem cá, posso saber onde você andou"? Eu estava aflitíssima, mas não podia saber onde ele estava, porque a clandestinidade não permitia. Eu também acho que era muito disciplinada demais, que eu devia ter pressionado para saber, mas eu achava que aquilo era segredo. Então, quando ele chegou eu perguntei: – "Onde você andou"? Ele contou: – Fui para China, União Soviética e tal, inclusive terminei meu tratamento lá.

E voltou. Então eu perguntei: – "Na China, como é que você fez na China, como se virou com o inglês"? Ele disse: – "Ah! Foi ótimo.

Então, você não dizia que eu não sabia dizer o R, mas o Chinês também não (risos). Mas eu ri tanto com as histórias que ele contou, essas histórias são ótimas. Ele até falou lá em atividade pública, apesar de que tinha na delegação um companheiro que já morreu, que foi um companheiro, que era comunista, era da direção, falava muito bem o inglês, ele que foi para trabalho de tradução lá. Marighella voltou felicíssimo porque ele tinha conseguido falar inglês com os chineses, né. Mesmo com essa coisa da dificuldade da fala, ele sabia falar muito bem o francês, tudo, mas ele sabia o idioma pelo conhecimento da ortografia, do vocabulário, mas na hora de falar ele tinha essa dificuldade.

Edson – Esse contato com o grego foi na cadeia?

Clara – Foi na cadeia. Inclusive ele usava para fazer pequenas anotações para driblar a repressão.

Edson – Ele tinha algum interesse pelo teatro?

Clara – Pois ele fez teatro na cadeia. Quando ele estava preso na ilha de Fernando de Noronha – e esse é um capítulo muito especial do comportamento revolucionário de Carlos Marighella – eram muitos presos, muitos, porque a ditadura do Getúlio Vargas prendia gente no país inteiro, mas os presos considerados mais perigosos eles botavam na ilha de Fernando de Noronha. Isso foi de 1939 a 1942. Em 1942, quando Getúlio fez o acordo com os Estados Unidos e cedeu a base militar, tiravam os presos e passaram para a Ilha Grande. Ele e muitos presos foram juntos, Noé Gertell, por exemplo, esteve preso com ele na Ilha Grande. Estou dando um exemplo, então você imagina, preso em Fernando de Noronha, fugir não podia, se fugisse o tubarão comia, então ninguém tentava fugir. Certa vantagem que eles tiveram por lá, é que eles podiam circular fora da cela, estavam na cela à noite, só que podiam circular, só que não podiam fugir, era perigoso. Eles tinham que subir e descer para pegar água, porque a cadeia não tinha água para uso, para consumo. Imagina, aquilo é mar.

Edson – Era uma ilha...

Clara – É uma ilha. Então eles plantavam, tiveram a iniciativa de plantar verdura, por causa do escorbuto, que dava muito por falta de vitamina C, porque a cadeia fornecia alimentação básica, só isso. Tinha farinha, feijão, carne seca. Eles, o coletivo dos comunistas resolveu organizar a vida, e organizar como? Fez um acordo com o diretor da cadeia: nós vamos cozinhar, nós vamos reforçar a qualidade da comida. De que maneira? Porque tinha o navio que de tanto em tanto tempo trazia mantimentos para a cadeia. Os presos faziam artesanato, e o artesanato ia embora com o navio, entregue a família de presos no Rio de Janeiro, que pegavam o artesanato, vendiam, levantavam um dinheiro, e compravam leite condensado e outros alimentos, e mandavam no próximo navio. Isso reforçou a comida deles, não é? Mas, eles também plantavam verdura, tudo que podia plantar ali para reforçar a alimentação. Fora disso eles organizavam o sistema de cozinha, plantão, quem cozinhava, Marighella era ajudante, não era cozinheiro-mor. Tinha cozinheiros de profissão, que haviam sido presos por participar do levante de 1935, eram da Marinha. Mas Marighella aprendeu a cozinhar sim, aqueles panelas enormes, que era para muita gente. Mas fora disso eles organizavam a vida cultural, esportiva, tinha aula de tudo. Se você fosse mecânico teria que ensinar mecânica para os outros, se você fosse professor de matemática você ensinaria, você entende? Eles organizavam um sistema onde cada um ensinava aquilo que sabia.

Edson – Marighella atuou em qual área?

Clara – Imagina. Atuou em história, matemática, várias coisas, com o nível de cultura dele, ele tinha majoritariamente mais cultura que os marinheiros, soldados, o pessoal que tinha a cultura naquela época, né? Gente de nível cultural inferior, porque não tinha tido chance para estudar. Fora disso você imagina, tantos anos presos aquilo era uma coisa terrível, que ele achou que tinha que ter alegria,

brincadeira, então eles organizavam um teatro, faziam peças, ele fazia o papel de turco, que como ele era alto, com o nariz meio adunco, ele fazia o papel de turco.

Edson – Também era ator?

Clara – Ator, claro. Não sei se ele escrevia peça, mas foi ele que inventou aquele negócio todo lá. Quem soubesse pandeiro, qualquer coisa que a pessoa soubesse tocar, participava. Eles organizaram a vida, faziam palestras, conferências. Aula de marxismo também. Aí, claro, ele estudou muito também. Então ele teve uma participação muito grande na organização da vida coletiva da cadeia. Ele contava, mais tarde, assim como seus companheiros, como aquele que foi capitão da marinha, o Antônio, ele dizia que graças ao Marighella – e não só graças ao Marighella, graças ao coletivo –, mas o Marighella teve um papel preponderante nisso aí, eles evitaram que alguns companheiros tentassem o suicídio, porque a maioria era casada, estavam longe da família. Marighella era solteiro naquele época, então, eles sentiam muita solidão, não é? Às vezes, perdiam aquele sentido, porque eles não sabiam o que iria acontecer com eles ali. A guerra aí no mundo, eles na Ilha. Havia debates ideológicos na cadeia; quando a União Soviética fez aquele acordo com a Alemanha, a cadeia se dividiu, uns diziam que Stalin tinha traído, outros que não tinha traído, quer dizer isso tudo era a vida na cadeia. E faziam o trabalho manual também. O artesanato, ele mesmo ficou com um problema na vista, porque eles faziam o artesanato quando estavam na cela, durante o dia eles aproveitavam aquela oportunidade para circular, plantar, carregar água, ele, por exemplo, tinha um calombo nos ombros, de carregar aquelas caçambas de água, latas amarradas num cabo de vassoura, ele como era muito jovem e forte, ia no poço para pegar água e abastecer a cadeia. Ele podia fazer aquilo por ser fisicamente forte. Ele deixava de fazer outras tarefas para fazer essa. Eu me lembro que uma vez ele contou que tiravam água das 4 horas da manhã até às 9 horas. Era

muita gente, tinha que abastecer aquilo tudo. Não sei se todos os dias, mas ele carregava.

Edson – Como era o cotidiano do casal, como viviam a senhora e Carlos Marighella?

Clara – Marighella possuía uma atividade que todo revolucionário deve ter. Ele nunca me explorou, no sentido de se acomodar nas tarefas, quando tinha tempo dividia as tarefas. Ele lavava roupa, e naquele tempo era no muque; lavava, mas não sabia passar. Então, para ilustrar a sua determinação, ele propôs que quando eu passasse as roupas, ele lia em voz alta, lia os jornais, textos políticos, nós estudávamos, passando roupa. Ele encerava a casa, eu nunca encerei casa, ele encerava e passava aquele escovão. E essa característica era em qualquer casa que ele ficasse, gostava de um ambiente organizado, arrumado, tomava banho e pendurava a toalha. Ao acordar se eu não estivesse por perto, esticava o lençol. Jamais você veria ele sujar um copo e deixá-lo sem lavar. Ele lavava louça, adorava água, era muito organizado. Seus livros eram todos organizados, limpos. Ele também era limpo.

Quando na época da guerrilha, ele ensinava aos meninos a ter essa organização. Ele falava que era para limpar a casa onde se encontravam, afinal, a casa era emprestada, e eles não iriam deixar aquela bagunça. Era para pegar tudo, enrolar num papel e colocar no lixo.

Quando eu falei isso no programa do Jô Soares eles ficaram espantados, admirados de conhecer esse lado do Marighella.

Edson – Eu queria avançar um pouco mais.

Clara – Então essa vida cultural é um capítulo da vida dele, isto é, 1939, 1940, 1941, 1942. E quando eles foram para a Ilha Grande já tinha outras características que era mais aberto, os presos que eram casados podiam receber as famílias ali. Agildo Barata recebia a família ali. Alguns tiveram direito a ter uma casinha separada para ficar com

a mulher e os filhos, já era outro sistema de carceragem, isso de 1942 à 1945, ficaram 3 anos lá.

Edson – Eu só queria lembrar à senhora que por uma questão de metodologia, de método, eu não me prendo à cronologia.

Clara – Eu também acho que não.

Edson – Das datas.

Clara – Eu acho que o problema de Carlos Marighella, que fica muito chato você dizer em 1939 ele foi preso, em 1942 ele saiu foi para a Ilha de Fernando de Noronha, em 1947 chegou, não dá para fazer isso. Uma vida tão rica. Nós poderíamos podar.

Edson – Agora, e o gosto pelo futebol a senhora tinha alguma coisa...

Clara – Isso aí a Tereza conheceu melhor, mais do que eu, porque ele jogava futebol quando menino aqui na Bahia, todo mundo sabe dessa história, não é? Tinha um "pezão" enorme, Jorge Amado falou demais disso aí, que ele era louco por futebol, e mesmo depois, quando ele morou no Rio, quando era possível, se ele pudesse ir a uma praia, adorava dar uns chutes aí.

Edson – Ele acompanhava o futebol?

Clara – Imagina! Ele lia todas as páginas esportivas, todas, lia tudo. Já clandestino, quando não podia ir ao estádio sabia tudo sobre o futebol. Até dos outros times. Aquela história do táxi eu te contei (para Carlinhos), que ele entrou no táxi uma vez e o motorista começou a perguntar sobre os times de São Paulo, sobre um campeonato, que eu não me lembro, mas ele não tinha lido os jornais daquele dia, quando ele entrou no táxi o motorista não sabia quem ele era e começou a falar do jogo, quanto foi a partida, e ele não pôde acompanhar, não tinha lido os jornais naquele dia sobre aquele jogo, ele ficou chateadíssimo (risos): – Eu não posso fazer isso de jeito nenhum, dizia, até para a

minha segurança, como é que um homem no Brasil não pode gostar de futebol? Ele lia tudo, normalmente.

Edson – Para que time ele torcia?
Clara – Flamengo no Rio, Corinthians em São Paulo. Na Bahia ...

Edson – Ele era de acompanhar jogos pelo rádio?
Clara – Não me lembro, só sei que ele acompanhava tudo. Discutia, conversava.

Edson – Flamenguista no Rio, e Corinthiano em São Paulo,
Clara – Flamenguista, Corinthiano, e o Jorge Amado que me falou que aqui na Bahia, naquela época, ele torcia pelo Vitória.

Edson – Retornando um pouco, quando a senhora falou do teatro, a senhora falou da prisão, mas em alguns momentos da sua vida pública, fora da prisão, ele não só tinha interesse, mas ele frequentava o teatro?
Clara – Você imagina que a maioria da nossa vida em comum foi clandestina. Você se lembra (Carlinhos) quando você foi morar com a gente; quando a gente mudou para aquele apartamento, foi em 1954, 1955. Foi em 1955, 1956, 1957, 1958, quando você ficou com a gente.
Carlinhos – Foi em 1956.

Clara – Até 1964, quando veio o golpe. Naquele período, antes do Carlinhos chegar, que ele estava estudando na escola aqui na Bahia, e lá no Rio ele ficava com a gente. A gente ia ao cinema quando podia. Foi o único período da nossa vida em comum que nós moramos com o nome verdadeiro, naquele apartamento.

Edson – Em qual bairro?

Clara – Era Catete, ali é Flamengo – Catete, era perto do Palácio do Catete, na Rua Correia Dutra. O único período em toda a nossa vida em comum que nós morávamos com o nome verdadeiro, quando alugamos o apartamento, foi no nosso nome mesmo. Nas outras vezes era impossível, ou você morava na casa de alguém , ou você alugava... Enfim, a maioria com outras pessoas. Então, naquele período a gente ia ao cinema, não sempre, não muito, porque ele fazia muita atividade política, mas a gente ia de vez em quando.

Edson – Outros hábitos da vida social que vocês tinham nesse período, já que ele era mais tranquilo.

Clara – Nunca tinha tempo. Era a militância. Bom, tinha os bailes, as festas da própria organização política. Baile a gente não ia naquela época, porque ele não sabia dançar. Passeio, ele gostava muito de sair, ir a Tijuca, isso no Rio. Visitar algum parente, naquele tempo a gente visitava a Tereza de vez em quando, a Julieta, a Duizinha.

Edson – A dona Tereza falou de um aniversário que vocês foram...

Clara – Então, programa familiar. Praia quando podia. É uma vida simples, comum. Visitava umas pessoas, naqueles anos de que eu estou te falando.

Edson – Voltando ao futebol, todo apaixonado por futebol gosta de comentar o assunto.

Clara – Mas comigo era impossível.

Carlinhos – Quando você tenta tratar da vida íntima de meu pai, ele não era uma pessoa que saía as 6h da manhã e voltava às 6hs da noite, né?

Clara – Não era uma vida regular.

Carlinhos – Meu pai falava com os ministros, de Jango por exemplo, ele viajava muito para o Amazonas, Bahia. O cotidiano dele era muito reservado por essas discussões. Ele não era uma pessoa que meio-dia de domingo ia tomar uma cervejinha. Meu pai, às vezes, me levava aos domingos com ele, atividades horríveis para uma criança, porque ele me pegava pelo braço, e aproveitava que tinha um contato relativamente pouco, pegávamos um táxi e íamos a Belford Roxo, contactar um companheiro do partido.

Clara – Era um carro, né?

Carlinhos – É. Meu pai tinha dinheiro para tomar todos os táxis que ele queria, para fazer as atividades dele. O Partido Comunista era uma organização poderosa, não era o Prona de Eneias, era um Partido Comunista de representação nacional, não era esse o problema, meu pai podia viajar para qualquer lugar do Brasil na hora que ele quisesse. O Partido Comunista era um partido como é o PT hoje, mais ou menos assim. Marighella era uma pessoa de hábitos modestos, não usava perfume francês, meu pai poderia sair hoje daqui e em três dias estar em Moscou, por tarefa. A família não ia precisar, como eu preciso, quando vou a Cuba, compro uma passagem, gasto mil reais e tenho que tirar do meu orçamento. Ele podia passar 10 dias em Havana, ou em Moscou, por trabalho e é bom deixar claro que isso também interferia na nossa vida cotidiana. Meu pai não tinha um domingo para o lazer, para as atividades dele. Lá em casa, como foi a sua pergunta sobre futebol, todo mundo discute, mas ele não tinha tempo. Ele era flamenguista, daí ele sentar no barzinho da esquina para bater papo sobre futebol, os craques da época eram Dida, jogadores populares, famosos e tal. Não passava pela vida dele, parar um minuto, esse lado não é uma coisa que existia na vida de meu pai. Domingo, uma segunda-feira, uma terça-feira, raramente ele ficava com a família, eu me lembro que nós tentávamos ter uma vida normal, mesmo porque tinha uma criança que vivia na casa,

mas eu me lembro que Clara fazia suas comidinhas, meu pai fazia um esforço muito grande para almoçar às duas horas, uma hora, ele aparecia em casa.

Clara – Eu digo que você tem que ter cuidado com o que você vai escrever, porque você pode dar uma ideia falsa, para um tipo de atividade revolucionária, como ele tinha, o político era predominante na vida dele, a ação revolucionária, o estar em função da vida revolucionária era a vida principal dele, então, tudo tinha que a ver com aquilo. Você não podia dizer: – Domingo, eu vou. Por exemplo, tinha um aniversário na casa da Tereza, ele lutava para poder ir naquela data, porque, muitas vezes, não dava certo.

Edson – Uma coisa que a senhora apresentou, no depoimento do Emiliano, foi a vida do cotidiano do casal. Como isso se realizava?

Clara – Era uma coisa não formal. Também depende dos momentos, uma semana que ele estivesse saindo, viajando, chegando não sei que hora do fim da noite, é claro que ele não poderia fazer nada dentro da casa, mas a atitude dele, fundamentalmente, quando a gente morou em São Paulo, que foi um período de clandestinidade bastante grande, ele tinha mais condições dessa ajuda, porque os horários eram, por exemplo, ele não podia sair durante o dia, então de dia ele ficava em casa, só saía à noite ou bem cedo de madrugada, muitas vezes ele fez isso. São coisas delicadas, nós não tínhamos nenhum tipo de aparelho, como tem hoje, para facilitar a vida das tarefas domésticas, como a máquina de lavar roupa etc.

Em 1949 e 1950, por aí, quando Getúlio foi deposto e depois voltou pela eleição, e se matou em 1954. Foi antes de 1950, mataram gente, prenderam, teve levante camponês, em Tupã, em alguns lugares de Goiás e São Paulo, um período da vida, mas eu não consigo saber dizer certamente o ano, nem o mês, mas naquela época, na época clandestina. O que eles faziam? Eles mandavam companheiros para trabalhar, Marighella era o dirigente maior, era o secretário político

do Partido em São Paulo, então ele distribuía as tarefas, o coletivo reunia, a Executiva etc. e tal, para organizar o povo. O Gorender trabalhou com ele naquela época em São Paulo, também. E Marighella sempre atento aos problemas dos companheiros. Um dia ele teve um ponto, um encontro na rua, com um companheiro jovem, solteiro, batia papo, ali andando na rua, porque era andando, ou entrava num carro ou era andando, ele conversa com o companheiro e viu que o companheiro estava assim triste (risos). Aí ele diz: – Ô fulano – nem me lembro mais o nome dele – por que você está triste? – Pois é, me apaixonei por uma menina aí, tá danado. Como é que eu faço? E aí Marighella: – Ué!

Ele era revolucionário, não podia dizer a ela, ele estava num trabalho de militante, como dizer isso para ela, sem assustar a menina.

Aí o Marighella disse: – Você vai ter que encontrar uma forma de ela ir entendendo, senão, como é que você vai namorar essa menina.

A moça era operária tecelã. Aí o rapaz, meio sem graça, não sei o que ele fez lá, até que a moça pouco a pouco soube o que era. E eles iam casar.

Aí num outro ponto: – Pois é Marighella, agora você imagina, eu propus a gente viver junto, ela e eu, ela disse tudo bem, mas ela ia ter que pensar, ela ia ter que largar o trabalho, como é que ia ser, ele tinha medo, outra coisa, ela só ia se juntar com ele – ele dizendo para o Marighella – se ela tivesse um móvel de quarto (risos). Você sabe por quê? Não sei agora, a operária de hoje é outra coisa, naquele tempo não tinha TV, nem rádio, nem nada, o rádio era diferente. Toda moça que casava, o sonho da moça pobre era casar e ter um quarto montado, era a cama, a cômoda com espelho, com as gavetas, isso era um sonho de toda moça trabalhadora. O sonho era casar e ter os móveis de quarto. Agora você imagina, o rapaz não tinha dinheiro para comprar móvel de quarto, aí ele veio e contou para o Marighella, isso no ponto (risos), falando nas tarefas políticas e ele contando as histórias.

Ele disse: – Pois é, só fica comigo se eu comprar os móveis de quarto. Aí o Marighella riu muito, porque achava muita graça dessa coisa toda, né, não sei se ele facilitou o dinheiro, só sei que eles compraram o móvel de quarto.

Um outro dia Marighella decidiu mandá-lo para o interior, esse rapaz tinha que fazer uma outra tarefa numa outra cidade do interior, aí Marighella chegou para ele e disse assim: – Bom, fulano, você vai ter que ir para tal lugar.

E ele: – Como é que vou fazer, eu vou deixar minha mulher aí, como é que eu faço.

Marighella disse: – Bom, é melhor que você vá sozinho, vai primeiro, vê as condições.

Enfim, conversou com ele, sempre facilitando, ajudando a encontrar solução para as coisas. Para resumir, que a história é um pouquinho comprida, o rapaz foi lá primeiro, depois voltou, já acertou tudo, onde ele iria viver na tal cidade, e chegou e foi falar com a mulher para eles poderem ir embora, e ele tinha aprendido que os revolucionários quando mudavam não levavam nada, para não deixar pistas. Às vezes você pega um caminhão para transportar móveis, vamos admitir que você pode estar sendo observado, e vão saber onde você vai morar. Era uma norma, eles usavam bastante (risos). Então, não levava.

Pois é Marighella, eu fui falar com ela e ela só vai comigo se levar o móvel de quarto.

Aí ficou mais encrencado, levar os móveis do quarto. Como é que eu faço? Quer dizer, o rapaz não tinha muita experiência das coisas, então ele tinha que discutir com Marighella que era a pessoa com quem ele estava mais ligado, com mais experiência.

Aí o Marighella: – Ah! Por tão pouco, você aperriado por tão pouco, faz o seguinte: Você pega os móveis, coloca num depósito – que é assim que a gente fazia – tira os móveis da sua casa, bota no depósito, deixa lá, quando passar um tempo, a gente tira os móveis do depósito e manda para onde você está morando.

Edson – E qual o nome desse casal?

Clara – Eu não me lembro. Acho que o nome dele era Antônio, não sei o nome dela não, Laura, não me lembro. Bom, eram dois jovens, ela era operária tecelã, ele era comunista, que parece que havia sido operário tecelão e depois passou à luta clandestina.

Eu estou te contando assim que é para você ver que tipo de personalidade que era o Marighella, se fosse outro poderia dizer: imagina se eu tenho tempo para dizer onde tira móvel, bota móvel, entendeu? Ele tinha esse lado humano, o que revela nele que ele não era egoísta de jeito nenhum, "quer dizer vou cuidar de mim, deixa isso pra lá", essa coisa que você encontra muito, e hoje você encontra muito isso, cada um pensa no seu, ele tinha essa coisa de ser solidário com o outro, de ajudar o outro a enfrentar os seus problemas, porque era para facilitar a própria luta também, não criar problemas para o cara não ficar atrapalhado também, entende? Era o lado, assim, paciente, humano, carinhoso com as pessoas. Por isso eu sempre digo, todas as mulheres, todos os homens que lidaram com Marighella são apaixonados por ele.

Edson – Esse exemplo que a senhora deu da divisão de tarefas é fantástico?

Clara – Você sabe, desculpe, o Edson...

Edson – Pode falar...

Clara – Eu fui num debate de feministas, quando voltei de Cuba, eu contei esse exemplo e ficaram admiradíssimas. Até hoje se discute, em todas as entidades hoje, que o trabalho doméstico deveria até ser remunerado, porque o Estado deveria facilitar, implantando lavanderias coletivas, o Estado arcaria com tudo, para poder liberar a mulher para entrar no trabalho produtivo. Então, até hoje se discute muito por que a mulher não ascende, isso se discute muito, no movimento feminista, por que tem homens na

direção dos partidos e tem poucas mulheres? Por que a mulher é menos inteligente? A mulher é menos capaz? Não. Porque ela não tem as condições, porque como ela tem que fazer o trabalho dentro de casa, sem colaboração nenhuma, do companheiro, do pai e do marido, ou do irmão, ou de quem for, ela não tem chance, o tempo não dá, você imagina se ele arruma o quarto dele, eu não tenho que arrumar. Por exemplo, se eles não arrumam o quarto, o quarto pode ficar desarrumado, ele sai para fazer as tarefas, ou vai sentar no escritório para trabalhar e a mulher vai fazer, você entende? O Marighella nunca teve comigo nenhuma discussão feminista, naquela época, essas coisas não existiam na sociedade, mas a atitude dele foi de valorização do trabalho da mulher. Estou te dizendo que ele fez isso por todas as casas por onde ele passou, todo mundo conta essa história dele, pena que a gente não pode recolher todos esses casos, pois muita gente já morreu. Quem não lembra de um caso dele por onde ele passou? De um menino que ele cuidou, de um remédio que ele deu. O Marcucha, poderia ser interessante você conversar com ele, eu não tenho o endereço dele aqui.

Edson – Mora aqui em Salvador?

Clara – O Marcucha sabe alguma história dele, foi o Marighella que fez ele perder o medo da injeção. Ele conta muito esse história.

Edson – Mora em Salvador?

Clara – É, ele é filho de um dos velhos dirigentes comunistas, Diógenes Arruda, que era conhecido como um dos dirigentes mais autoritários do Partido Comunista. Ele teve dois filhos, o Marcucha e a Eva. O Marcucha tem lembranças lindas do Marighella, porque quando ele era menino o Marighella ia na casa deles. Agora, tudo isso sempre falando em revolução, né, veja bem. O Marighella, o homem, o ser humano, o cara solidário, o cara humano, tudo, a cabeça dele, a vida dele, tudo era em função da vida revolucionária.

Edson – E o hábito de escrever poemas?

Clara – Tem uma coisa, o Marighella tinha o hábito de escrever. Ele elaborava caminhando, ele ia daqui até 10, 20, 30 ruas caminhando, quando ele voltava, ele já havia escrito aquilo aqui, na cabeça, ele tinha muito essa coisa de andar e elaborar, né. Ele gostava muito de escrever, tinha uma facilidade enorme para escrever. Agora poema, o verso, eu acho que foi sempre uma coisa de impressão, ele olhava uma coisa e punha no papel.

Você conhece o livro dele, "O Rondó da Liberdade", tanto que o Clóvis Moura analisa as poesias evocativas, poesias líricas, poesias revolucionárias. Ele tinha muito isso, ele, às vezes, ficava calado, não era uma pessoa que falava o tempo todo, às vezes, ficava olhando e tudo, você nem imaginava o que estava passando na cabeça dele, e daí a pouco saía um verso, ele tinha essa facilidade, ele gostava muito, muito de fazer versos.

Carlinhos – Bahia, Clara, é o seguinte: ela firmou um valor dos dotes intelectuais. A Bahia sempre deu valor a dotes intelectuais. Então eles falam que o baiano fala bem, é bem articulado, um povo, uma pessoa que fala bem, que tem dotes culturais, que tem cultura, isso tudo se reconhece muito hoje, quer dizer, boa parte que a Bahia conquista hoje de música é fruto disso, ao longo de muitos anos, tá entendendo. Caetano Veloso é um cara de um interior, de uma cidade absolutamente decadente e acabada e ele lia muito, trabalho que deu muito valor a ele. Eu sempre fui muito estimulado a ler, inclusive meu pai, que me presenteou muito com livros, eu li tudo que criança tinha que ler naquela época. Meus filhos não tem a metade desse saber, hoje em dia, já não se lê tanto assim.

Edson – Pelas leituras que até então eu tenho, me chamou atenção as medidas de segurança que Marighella tomou quando ele estava na clandestinidade, os disfarces que por hora ele utilizava, os nomes e os

codinomes que ele usava, essa questão é apenas um aspecto técnico, alguns eu tenho, como Menezes, Fabiano...

Clara – Fabiano?

Edson – Fabiano quem usa é o Carlos Eugênio Paz, utiliza no livro dele.

Clara – Mas não era.

Edson – Eu acho que não era, até uma confirmação. Porque há uma metodologia para que na parte introdutória se coloque alguns codinomes mais conhecidos, caso utilizado.

Eu gostaria, então, que a senhora falasse das medidas de segurança que ele tomava, principalmente, na época da clandestinidade?

Clara – Tomava medidas que, em geral, as pessoas tomam, as medidas variavam de acordo com a vida dele, de acordo com a situação. Na última fase da vida dele, ele usou peruca, mas, anteriormente, mesmo quando clandestino ele não usava peruca. Normalmente, ele não podia ir a lugar nenhum, não podia manter relações com a família, eu digo parente, irmãos, não podia ter a vida normal do cidadão que bate na porta do vizinho, conversa, e vão ver um jogo, senta para comer junto, visitar um parente na cidade, ele não podia fazer isso.

Edson – Na época de guerrilha, a clandestinidade foi muito acentuada?

Clara – É, mas ele teve muitas fases da clandestinidade. A vida dele teve tantas épocas, a clandestinidade de 1937 a 1939, antes de ser preso na ilha de Fernando de Noronha, ia em casa com o nome trocado, tinha contato nas ruas com as pessoas, não podiam se visitar para um não prejudicar o outro, tinha que prestar atenção se não era seguido, usava chapéu em alguns casos; isso variou muito, se ele vivia sozinho ou em casa com outras pessoas, se ele ia na casa de alguém. Variou muito de acordo com a época.

Edson – Há uma passagem, não sei exatamente onde eu ouvi essa passagem, ele estava num ônibus e reconheceu um policial do Dops... (Interrupção.)

Eu queria que a senhora me explicasse mais, como que foi essa associação, ou melhor, essa aproximação do Marighella, pré-1964, com os marinheiros, com baixas patentes do Exército, que evidentemente não articularam o golpe. Eu gostaria que a senhora me explicasse melhor.

Clara – Aliás, tem um livro que saiu agora, sobre o episódio, eu estou muito interessada em ler. Acho que saiu no ano passado ou neste ano, ele era militar, participou de um levante, eu acho, foi preso. Depois saiu, tentou fazer guerrilha em Caparaó ligado ao Brizola, uma história comprida. Hoje, me parece que ele vive lá no Sul, trabalha, foi até muito acusado, é um rapaz que teve muita fama num determinado momento por ter participado do Movimento de Caparaó, que foi abortado.

O problema do Marighella com os marinheiros, a única coisa que eu posso dizer para você, o Marighella era da direção do Partido Comunista no momento que precedeu o golpe e sempre foi da frente de massas, sempre teve contato com os movimentos mais populares. Como ele fez o contato com os marinheiros eu não sei, deve ter entrado em contato com algum marinheiro comunista ou de família comunista, sei lá. Só sei que ele chegou a ter muito contato mesmo. E é claro, era a luta pelo direito do voto para os militares, o direito a casar, todas aquelas reivindicações que eram bandeiras dos marinheiros naquela época, e o movimento foi crescendo muito, era a época do Jango, e havia uma pressão muito grande, de baixo para cima, para que essas reivindicações fossem reconhecidas. E eles se colocando contra a tentativa de golpe, contra a ameaça, contra a perseguição etc. etc. etc. Esse foi o primeiro capítulo da história que precedeu o golpe. E o Marighella tinha contato muito grande com a Associação dos Marinheiros. Eles se rebelaram mesmo, ocuparam o Sindicato

dos Metalúrgicos. Eles não eram tratados como cidadãos normais como qualquer outro. Não podiam casar, tinham todas aquelas limitações, e o Marighella apoiava os militares nos marcos da luta pela democracia aqui no Brasil, com as lutas pelas reformas de base que eles também apoiavam. Marighella teve contato com eles e quando houve o capítulo da ocupação do Sindicato dos Metalúrgicos, eu não sei te dizer se Marighella teve lá. Eu estive, porque eu era do trabalho de mulheres naquela época e nós fomos levar mantimentos, fizemos um grande trabalho de solidariedade. Porque quando eles ocuparam o Sindicato ficaram lá um tempo, então, a gente foi ajudar as famílias dos marinheiros que ficaram do lado de fora sem ter nada para comer. Ficaram responsáveis com a gente os intelectuais também, que, naquela época formaram o CGI, Comando Geral dos Intelectuais. Estava Álvaro Lins com a mulher dele, o Ênio Silveira e outros.

Edson – Uma outra questão, e agora é para finalizar, evidentemente quando se fala em Marighella há uma badalação, um interesse muito forte sobre o momento em que ele rompe com o Partido Comunista e funda a ALN. Ao que a senhora atribui como elementos que fossem decisivos para que ele de fato optasse pela luta armada?

Clara – Posso fazer um resumo, pois esse é um capítulo muito longo. A postura do Partido Comunista, não só naquele momento, mas antes, já desde a renúncia do Jânio, o Marighella achava que o Partido Comunista, por muitas razões que eu não posso analisar aqui em dois, três ou quatro minutos, não se colocava de forma revolucionária para enfrentar as crises do próprio sistema, a crise política, a expectativa de mudança na condução da política interna desse país etc. etc.. Ele achava que o Partido não de colocava de forma revolucionária, o Partido ia a reboque das classes dirigentes, acreditavam muito na burguesia, nos acordos com a burguesia, na acumulação de forças para apoiar esse ou aquele político mais progressista ou mais democrático, ele achava que isso não ia ajudar a transformação

da sociedade. Então, ele pegou (Eu não vou para trás, eu vou agora para frente) quando houve a renúncia do Jânio, ele se utilizou desse argumento para mostrar que o Partido estava despreparado, também não é o caso de analisar aqui. Esse é um fato do conhecimento público. E o Partido ficou isolado, porque aí, no momento da renúncia do Jânio, houve uma espécie de tentativa de golpe mesmo, quer dizer, uns dizem que o golpe era do Jânio, ele renunciou pensando em voltar nos braços do povo, uma forma de pressionar o Congresso. Agora, o fato concreto é que o país ficou praticamente dividido, as forças militares ocuparam, naquele momento, as comunicações entre Rio de Janeiro e São Paulo, você não podia se locomover. O país ficou sem ação, o povo não sabia o que fazer, o Partido Comunista não tinha orientação para nada, foi apanhado de surpresa diante do golpe. O que aconteceu? Numa reunião posterior, Marighella fez uma crítica dentro do Partido, dizendo que um partido revolucionário não pode continuar enfrentando as diferentes crises, que se dão ao longo da história do país, sem ter sua própria política, sem estar preparado, sem ter seus militantes preparados. A direção foi apanhada de surpresa, com as casas sendo invadidas, nossa casa foi invadida com a renúncia do Jânio. Marighella não estava em casa, por isso que ele não foi preso naquele momento...

Edson – A senhora narra esse episódio no depoimento ao Emiliano José...

Clara – Então, até que a polícia invadiu a minha casa e eu gritei e eles acabaram indo embora, mas ele poderia ter sido preso naquele momento, como outros foram. Naquele momento quem dominava era Carlos Lacerda, que se aproveitou do momento para ver se controlava a situação. Marighella aproveitou todos esses acontecimentos para dizer que não podia, o Partido tinha que ter a sua política independente, fazer uma análise de classes do país, tudo bem, mas tinha que ter política própria, dar orientação ao povo quando acon-

teciam esses fenômenos. Ele foi mostrando as várias experiências desde quando Getúlio se matou etc. etc. você entende? Foi aquilo ao longo da história até chegarmos ao golpe. O que precedeu o golpe foi essa posição dele, já desde 1962. Aí começou a discussão no país, a luta pelas reformas de base foi se intensificando, os golpistas se preparando e o Partido Comunista dizendo que nós estávamos no poder. Que o Jango tinha um esquema militar fantástico, que ele ia poder reagir, que o Partido estava controlando a situação, que nós tínhamos secretarias, no governo Jango. E o Marighella dizia que isso era impossível, inconcebível, que isso ia dar em golpe, e que os militares estavam se preparando para esse golpe, o Partido não estava preparado. Ele tinha essa consciência, por isso que a postura dele, logo após o golpe, foi aquela reação no cinema, porque ele acreditava que era preciso reagir, o Partido não podia aceitar as coisa de joelhos. Os militares deram o golpe, você não estava preparado, ele mesmo tentou organizar a resistência na Cinelândia, não tinha com o quê. Então, foram se acumulando todas essas análises, essa compreensão que ele tinha do processo brasileiro, porque todas as propostas que ele foi fazendo dentro do Partido para mudar não eram aceitas, para reconstruir aquelas posições, para reorganizar a luta do povo, preparar o povo já depois do golpe dado, para enfrentar o que vinha por aí, porque os militares começaram a matar gente logo nos primeiros dias. Marighella sabia que vinha uma ditadura, como ele caracterizou. Ele foi a primeira pessoa que caracterizou a ditadura como militar fascista, na hora que ele recebeu o tiro dentro do cinema, uma coisa incrível a visão que teve do processo, as custas do sangue dele, com a postura que ele tomou ali. E pregando tudo isso e tentando convencer o Partido a mudar de posição, fazer uma frente antiditadura – que é o que ele prega naquele livro *Por que Resisti a Prisão?*, que você deve ter lido. Você vê que ele prega uma frente gigante, aberta, que todas as forças entravam naquele tempo, Brizola, Igreja, o bispo Calheiros, todo mundo estava contra a ditadura e contra aquele golpe, nada disso

passou. Ele tentou dentro do Partido, ainda no Congresso que ia se realizar, que era o V Congresso, defender as posições dele, ele ganhou as posições dele em São Paulo, mas o Partido não reconheceu e fez uma direção paralela. Aí então que ele viu que estava tudo esgotado, que ele não tinha condições de dentro do Partido levar o Partido para uma postura de resistência frontal contra a ditadura, é que ele foi evoluindo para a condição de que era preciso fazer um outro tipo de organização. Nesse meio tempo ele foi a Cuba, na Olas, onde ele especificou, fez um pronunciamento público a favor da luta armada, saiu inclusive no *Jornal do Brasil*, aquele trabalho dele sobre "Algumas Questões de Guerrilha no Brasil".

Edson – Na íntegra?

Clara – Na íntegra. E ele estava em Cuba, aí ele voltou para o Brasil. Formado o Agrupamento Comunista de São Paulo, com vários militantes que defendiam a posição dele, e daí do Agrupamento, eles passaram a uma fase mais adiantada de organização, que era uma organização para a ação. Com um programa de libertação nacional. Assim surge a Ação Libertadora Nacional.

CLARA CHARF II*

Edson Teixeira – Existe algum monumento em Cuba em homenagem a Marighella?

Clara Charf – Marighella é uma personalidade da história da América, não é só da história do Brasil, tanto é verdade que em Cuba existe uma escola que foi construída em 1973, que se chamava antes Escola Secundária Básica no Campo. Em Cuba existe um sistema de escolas em que os alunos estudam e trabalham durante a semana toda e vão para casa no final da semana, se localizam fora do perímetro urbano. Existe a escola Che Guevara, existem escolas com o nome de outros revolucionários. Figuras que fizeram alguma coisa pela humanidade, um cientista, um grande médico, qualquer pessoa que tenha dedicado a sua vida na luta pela humanidade em qualquer setor, em qualquer forma de atividade, pode ser na ciência, na cultura, na política. Com a mudança que houve no sistema escolar cubano nos últimos anos, a escola passou a ser pré-universitária. Ela

---

* Esse depoimento foi realizado no dia 15 de dezembro de 1998, em São Paulo, na residência de Clara Charf.

se chama hoje Escola Pré-Universitária Carlos Marighella, fica em Pinar del Rio, que é uma região da ilha de Cuba, na parte Ocidental. Em Santiago de Cuba (região oriental), no Moncada, que é o quartel que os revolucionários cubanos tentaram assaltar em 1953, para obter armas e distribuir as armas para o povo, e começar o processo revolucionário como eles imaginavam, e foram derrotados naquele momento, a maioria foi morta e outros foram presos. Aquele quartel se transformou depois numa escola e ali existe também um Museu dos revolucionários latino-americanos. Nesse museu existe uma grande sala com fotos e lembranças dos revolucionários latino-americanos, ali tem fotos do Che Guevara, fotos do Salvador Allende, de outras figuras revolucionárias na América Latina e também fotos do Marighella, nessa sala da solidariedade.

Edson – Só fotos ou outros objetos?

Clara – Quando visitei o Museu, há muitos anos quando estava lá, havia fotos, posters etc.. Não me lembro agora qual é o bairro – existia também o chamado Comitê de Defesa da Revolução Carlos Marighella, que são comitês que se formaram logo após a vitória da revolução Cubana para defender as conquistas revolucionárias, vigiar se não havia contrarrevolução, cuidava dos prédios públicos, para que os contrarrevolucionários não jogassem veneno nos poços das creches etc. Era um trabalho todo feito pelo Comitê de Defesa da Revolução, isso existe até hoje com algumas características diferentes.

Edson – Essa informação eu queria confirmar com a senhora pelo fato de haver uma rua no Rio de Janeiro com o nome de Carlos Marighella, inclusive, a Cecília Coimbra dá um depoimento dizendo que no dia da inauguração retiraram as placas.

Clara – Existe também uma rua com o nome de Marighella em Pernambuco. Em Recife, na gestão passada, não nessa gestão municipal, mas na anterior, o deputado do PT, Fernando Ferro, apresentou

um projeto dando o nome de muitas ruas, numa região que tinha havido uma invasão de moradores, onde havia uma ocupação, uma área que não estava habitada e depois construíram as suas casas ali. Ele apresentou um projeto pelo que aquelas ruas, de um bairro novo, tivessem nomes dos revolucionários assassinados pela repressão, tanto os de Pernambuco quanto fora de Pernambuco, entre eles está o Marighella. Depois o prefeito, que é agora governador, Jarbas Vasconcelos, em 1994, sancionou o projeto aprovado pela Câmara Municipal, em consequência do projeto do Fernando Ferro, ele sancionou com a minha presença quando eu fui lançar esse livro do Marighella em 1994, *Por Que Resisti à Prisão?* Tem Rua Carlos Marighella, Rua Carlos Lamarca, vários revolucionários de Pernambuco.

Edson – É uma homenagem em que, particularmente, eu que me interesso por esse período, cabível em Cuba, é evidente.

Clara – Não, principalmente cabível no Brasil.

Edson – Existe em Cuba e no Brasil tem que existir uma escola, algo relacionado a educação, à política, que preste essa homenagem a Marighella. Essa confirmação serve para confrontar o resgate da memória em Cuba e aqui como que ele existe.

Clara – Eu espero que no próximo ano, em 1999, ao se completar os 30 anos do assassinato dele, esse resgate da memória tenha avançado mais, tenha criado mais consciência nas pessoas, nas figuras públicas, nos professores, nos diretores, nas autoridades de muitos municípios, quem sabe se poderá dar o nome de Marighella a várias escolas.

Edson – Essa é a minha preocupação, a gente acaba se envolvendo no trabalho com o próprio personagem, não só no caso de Marighella, por sinal eu fico observando as ruas, como conheço mais o Rio, então posso falar pelo Rio. Morre o Tom Jobim, imediatamente surge uma Rua Antônio Carlos Jobim. Gosto do Tom Jobim, tenho uma

admiração pelo trabalho dele, mas espera aí, o país não é só uma Bossa Nova, o país teve e tem muita gente a homenagear, como Marighella, Lamarca e outros mais. Fica uma reprodução da história e, nesse exemplo, no nome das ruas, das escolas, como se fosse a história oficial, é o reflexo da história da elite dominante. Isso a meu ver tem que ser confrontado, esse grupo de pessoas não pode ficar esquecido.

Clara – Eu acho que isso depende muito do trabalho que se faça e é isso que a gente vem fazendo há muitos anos, recuperando a memória histórica dele e de outros para que o povo vá relembrando, porque você vê, o Zumbi virou herói popular 300 anos depois, graças a todo um trabalho de consciência do movimento negro. É muito importante você ter o nome de escolas, o nome de praças em homenagem a essas pessoas, mas é importante que o povo saiba quem essas pessoas foram. Não é tão simples, hoje em dia como é que se coloca uma placa de rua no Brasil? As autoridades é que colocam o nome, a população nem toma conhecimento. Eu espero que no caso de Marighella as pessoas saibam, se tem uma sala de uma escola, se tem uma praça, uma escola, uma estátua, que o povo saiba melhor quem foi essa figura, qual foi a contribuição dele, a luta pelo desenvolvimento do país, o crescimento do povo. Espero que isso aconteça.

Edson – Voltando aqui eu queria que a senhora se estendesse um pouco mais sobre aquilo que nós conversamos no lançamento do livro de Emiliano José, do comportamento de Marighella sempre compreensivo, sempre aberto ao diálogo. O que a senhora quis dizer naquela situação sobre essa característica do comportamento de Marighella?

Clara – Você sabe que Marighella foi assassinado com 58 anos de idade. Eu o conheci em 1946 e convivi com ele até quando ele foi assassinado, com altos e baixos, dependia da própria vida clandestina. Eu não posso saber de todos os momentos dos 58 anos da vida dele. O traço marcante da personalidade dele – ele não era nem um santo,

também ficava zangado, bravo, exasperado diante das coisas – mas o traço marcante é que ele não era uma pessoa nem irascível, nem intolerante e não era grosseiro com as pessoas de um modo geral. Eu nunca vi, na minha convivência com ele, ele maltratar um ser humano, ele podia não concordar, podia ficar danado da vida com a besteira que a pessoa fazia ou dizia, mas ele era incapaz de fazer uma grosseria pessoal. A divergência do Marighella com as pessoas se travava no terreno político, ou vamos dizer cultural, fosse o que fosse, mas ele não maltratava as pessoas, pelo fato de divergir, que é uma coisa que não é muito comum, porque as pessoas ou pela paixão, pela falta de educação, ou por que razões sejam, quando conversam, quando discutem, quando têm divergência maltratam no ponto de vista pessoal, se agridem, procuram machucar a pessoa. Isso é uma coisa que Marighella não fazia.

Edson – Em que momento a senhora viu Marighella tenso, nervoso?

Clara – Tenso e nervoso tinha que ser. Você acha que a vida da gente era fácil?

Edson – Mas eu digo ele reprimindo alguém, por exemplo, com rispidez.

Clara – Não era essa a característica dele, ele podia dar uma bronca por não concordar com a maneira da pessoa proceder, mas ele não machucava a pessoa, não ofendia, não usava palavra de baixo calão, não tinha essa forma de proceder, era uma pessoa de muito respeito aos sentimentos do outro como ser humano. Essa que é uma característica muito importante da personalidade dele.

Edson – Um outro ponto é o comportamento emocional de Marighella a partir do momento em que se insere definitivamente na luta armada. Como ele ficou no convívio? Tenho noção de que

ele ficou muito atarefado, mas no seu dia a dia como ele estava, no geral, como ele se comportava ?

Clara – É muito difícil você dar essa resposta assim. É muito simples a sua pergunta, simplista. Você imagina, uma pessoa que toma a decisão que ele tomou, quando ele achou que a linha do Partido Comunista não propunha resistência contra a ditadura militar, você há de convir que foi um processo muito delicado, muito difícil. Basta ver a carta que ele escreveu à Executiva do Partido quando ele se desliga do Partido dizendo que não havia para ele nenhuma questão de ordem pessoal nessa saída do Partido, mas era porque ele não poderia conviver com procedimentos que ele achava que não eram revolucionários e a situação exigia comportamento de caráter revolucionário. Você há de convir que isso teve muita influência na decisão dele, no comportamento. Não é que de repente ele fechou a cara e antes vivia rindo. Depende da circunstância, a pessoa porque está numa luta muito difícil não deixa de rir, conforme o momento. O problema é que era uma decisão muito grave, ele tomou com muita consciência essa decisão, não tomou uma decisão quando ele tinha 18 anos, já tinha mais de 50 anos de idade, um homem absolutamente maduro e quando se encontravam esgotadas todas as possibilidades de reação diante do quadro que vivia a nação naquele momento. Ele era bem humorado – como eu disse antes – de personalidade bem humorada, brincava, fazia piada. Você há de convir que isso não podia ser o dia inteiro, nem todas as 24 horas do dia. Depois, cada vez que havia uma ação, uma reação, ou cada vez que havia um acidente com alguém ou alguém era assassinado, quando ele sabia que alguém era torturado, como que ele ia ficar? Ele sofria muito com tudo isso. Exatamente por essa sensibilidade que ele tinha, ele sofria muito. Só que isso não fazia com que ele desistisse da luta, porque ele achava que a luta envolvia tudo isso. A luta não era brincadeira, era muito séria. E que implicava em perigos, riscos de vida, decisão, enfrentamento. Lógico que se ele pudesse ter feito a luta e ter sobrevivido, e

hoje estar vivo, contribuindo para que esse Brasil não fosse o que ele é hoje, seria uma coisa maravilhosa.

Edson – Num momento em que há um cerco, principalmente a partir do sequestro do embaixador estadunidense do qual ele foi contra. Nesses momentos, ele previa uma retirada para o campo no dia 9 de novembro?

Clara – Eu acho que o que é importante é que ele era a favor, naquelas circunstâncias, que você libertasse os presos políticos. Achava que era uma barbaridade o pessoal torturado, indefeso. Ele achava que a única forma que havia naquele momento para libertar os presos políticos era você fazer a troca dos embaixadores por presos políticos, esse era o sentido do sequestro, isso como posição política dele. Uma pessoa como Gregório Bezerra, um velho comunista, uma figura humana maravilhosa que foi arrastada, humilhada, torturada depois do golpe militar, ele tinha uma tristeza muito grande de saber que o Gregório estava preso, podia morrer na cadeia, ele tinha muito esse sentimento. O desejo dele era poder ajudar a libertar essas pessoas. É claro que a ditadura não ia libertá-los pura e simplesmente. Por isso que ele achava que o sequestro era uma forma de você fazer a troca de uma figura pública, diplomática, pelos presos políticos, ele era a favor. Só que o sequestro do embaixador estadunidense foi realizado numa circunstância, eu não sei dos detalhes todos, do que eu sei, do que eu ouvi, não era aquele o momento para fazer o sequestro, porque você tocava na figura da potência que tinha inclusive ajudado a fazer o golpe no Brasil. O embaixador estadunidense era representante de um segmento que participou do golpe. Era mexer com uma figura que ia ter um impacto muito grande. Obrigar, por exemplo, a ditadura a ler o manifesto dizendo pela televisão qual era o quadro de tortura, era uma coisa muito séria. Ele sabia que ia se desencadear uma repressão muito grande, achava que os revolucionários não estavam preparados para enfrentar aquilo naquele momento, tanto que você

vê que as coisas se precipitaram bastante, caíram alguns companheiros que participaram da operação, inclusive o Virgílio, que foi assassinado barbaramente depois, enfim, desencadeou-se a repressão de maneira muito mais rápida, mais violenta, como resposta também ao sequestro. Por um lado ele achou fantástico os presos saírem da cadeia, tem um manifesto dele muito bonito, você deve conhecer, um texto saudando...

Edson – Saudação aos 15 patriotas.

Clara – Exatamente. Ele achava que não era aquele o momento, mas depois que foi feito ele achou que foi muito importante a libertação dos presos do ponto de vista humano, político.

Edson – E essa estratégia de ir para o campo?

Clara – Isso não é de agora. Desde de que ele se definiu pela resistência direta, frontal, como caminho para enfrentar a ditadura, ele achava que deveria ter duas formas de luta no Brasil: a luta na cidade e a luta no campo. Ele sempre definiu isso em todos os textos, em todos os livros que ele escreveu, achava que você deveria mexer com a cidade, para ter o apoio dos operários, das universidades, os profissionais liberais, da classe média, todos que estivessem sendo atingidos pela repressão e pela ditadura apoiariam a luta, a posição dele era essa. E no campo porque os camponeses, até aquele momento, eram praticamente a maioria da população no país, e eram reprimidos, perseguidos, a luta pela terra era violentamente perseguida, muitos líderes camponeses foram assassinados logo depois do golpe, antes do golpe inclusive. Os camponeses eram aliados importantíssimos nessa luta. Ele sempre teve a visão de que a luta ia se travar na cidade e no campo, só que, por circunstâncias específicas da luta no Brasil, o movimento revolucionário tinha que captar recursos na cidade, por isso que ele achava que o papel da luta na cidade era muito importante. Mas, antes mesmo do sequestro do embaixador estadunidense, ele

achava que era preciso diminuir as ações na cidade e começar a fazer o trabalho no campo, e ele tinha mesmo a ideia de ir para o interior no dia 9 de novembro de 1969.

Edson – A questão da autocrítica que a senhora faria naquele momento, naquele exato contexto da opção pela luta armada.

Clara – Eu não posso fazer autocrítica. Não cabe a mim aqui no caso. Eu sou uma pessoa que acho que é muito complexa uma análise da luta no Brasil no período da ditadura militar, e os mortos não fazem autocrítica.

Edson – Como a senhora vê aquela época, naquele momento, não hoje, havia um canal aberto para a luta armada? Uma coisa é eu falar hoje de luta armada, a luta era viável, qual sua posição? Havia condições da revolução se concretizar no Brasil? Naquela conjuntura, naquele momento.

Clara – Eu acho que os povos, nenhum povo do mundo opta por caminhos mais difíceis se há os mais fáceis. Isso não existe na história dos povos do mundo. Se você pega a revolução em todos os países do mundo, as guerras, você só entra na guerra para responder ao ataque, como é que se realizaram as grandes guerras do mundo? Os países que atacaram e os povos que tinham que se defender, e aí se defendiam com exércitos regulares ou com pequenos grupos armados, como foi a última grande guerra mundial. O exército dos países aliados contra o eixo nazifascista, além de exércitos, também entraram em ação grupos guerrilheiros. Os povos adotam esse caminho não porque escolheram previamente. Você pega os processos revolucionários de todos os povos do mundo, que fizeram lutas de libertação, a Revolução Argelina, a Revolução Cubana, ninguém opta, traça assim no papel "vamos fazer o caminho armado". Os povos se organizam para lutar pela sua liberdade, a independência do país. Ao traçar esses caminhos, os caminhos podem, às vezes, se tornar

mais profundos ou menos profundos. Você pode ter a consciência de que a luta não vai ser fácil, você tem que estar preparado para qualquer tipo de luta que venha por aí. E foi isso que aconteceu no Brasil. Quando houve o golpe militar, o povo estava absolutamente despreparado, não esperava o golpe. Havia pessoas no Brasil que achavam que o golpe estava sendo preparado e iria se desencadear, uma dessas pessoas era o Marighella; dentro do Partido Comunista, ainda, ele dizia que o golpe estava em preparação; particularmente, depois da renúncia de Jânio Quadros, ele dizia isto permanentemente: "O Partido tem que se preparar para resistir". Ele defendeu muito essas posições, dizia que era impossível que o país continuasse a se desenvolver pelo caminho democrático só dependendo dos discursos ou das liberdades que havia naquele momento. O povo tinha que estar preparado para outras situações, essa era a visão que ele tinha do processo. Bom o golpe pegou todo mundo desprevenido, porque a maioria esmagadora das forças democráticas do país achava que o golpe não ia ser deflagrado e, caso fosse, o governo do João Goulart, com seu esquema militar, seria suficiente para enfrentar o golpe. Não era o que Marighella pensava, ele tinha consciência de que o golpe viria, que os estadunidenses estavam ajudando a preparar o golpe, estimulando, para barrar o processo da democratização daquela época e que o povo não estava preparado, que ia sofrer muito por causa disso. Daí a postura dele da resistência pessoal quando foi baleado dentro do cinema, daí a insistência dele em procurar pessoas para ver como organizar a resistência, e aí começou a repressão violentamente, quando ninguém tinha um trabuco, nada, tudo isso é mentira dizer que logo que o golpe foi deflagrado o povo estava armado, fazendo isso ou aquilo, isso não é verdade. O que o povo estava fazendo era um movimento de massa na rua: luta pela terra, luta para mudar a educação, luta para impedir a remessa de lucros para o exterior, itens como reforma de base, isso quem estuda a história sabe os pontos principais. Bom, veio a repressão e ele foi baleado um mês e nove

dias depois do golpe. Quando ele chegou preso, a cadeia estava cheia de gente torturada, o que ele conta no livro *Por que Resisti à Prisão*, lideranças camponesas já tinham sido assassinadas. Não foi ele que escolheu esse caminho, por ele faria a luta democraticamente, como ele fez como parlamentar. Ele não foi deputado? Não fazia discursos na Câmara Federal propondo as reformas pela mudanças do Brasil? Quem foi que interrompeu aquele processo? Não foi ele, foram as classes dirigentes do país que fecharam o Partido Comunista. Ele era membro do partido naquela época, era deputado, cassaram o mandato dele, até que ele caiu na clandestinidade. Então você vê que os caminhos não são preestabelecidos, teoricamente você pode dizer pelas experiências das lutas no mundo, você pode imaginar tudo isso. Ele, psicologicamente, politicamente, estava convencido de que o povo ia ter que resistir para enfrentar inclusive a barbaridade que a repressão desencadeou no país. A repressão foi se tornando cada vez maior, quando o povo tentou novamente levantar a cabeça, fazer manifestações, reorganizar os sindicatos, o movimento estudantil, as passeatas, tudo aquilo, que era um processo democrático. A luta dos cantores, dos músicos, da cultura, tudo era no caminho da democracia, quem foi que interrompeu isso?

Então, daí sim ele estava convencido de que a ditadura militar não iria permitir um outro caminho. E foi por isso que ele optou pelo caminho da luta armada, não que fosse louco pela luta armada, essa análise tem que ser feita pelo contexto correto. O povo que se deu conta, a gente fala nele porque ele foi a figura que mais explicou ou que tenha explicado melhor o sentido daquela resistência, mas ele foi se dando conta de que não tinha como, você ia para o sindicato não podia fazer nada, você ia para a associação popular tudo era perseguido, escolas sendo invadidas procurando estudantes considerados subversivos, grêmios acadêmicos fechados, a passeata dos 100 mil você viu como que acabou, então não tinha caminho, quem fechou os caminhos legais, democráticos? Foi a ditadura militar que estava

com todas as armas na mão, desde quando foi dado o golpe, aliás bem antes. Por isso que o processo de luta armada foi deflagrado e, na medida em que foi deflagrado, houve o acirramento, a repressão cada vez maior, a tortura cada vez maior. E os revolucionários tinham que resistir. Ninguém fez aquilo por que achava que era bonito, por se achar o máximo, não é isso. Claro que a opção aí era consciente, acredito, tenho certeza, todas as pessoas que entraram naquele processo, a maioria não entrou nisso por brincadeira, por aventura. Você tinha consciência de que não havia outro caminho para poder se contrapor aquele quadro deflagrado no Brasil com aquele grau de violência. E aí vieram todas as outras questões que você já conhece.

Edson – Como foi o último dia, o 4 de novembro de 1969, que a senhora teve contato com ele?

Clara – Mais já está dito lá.

Edson – A questão é que o cerco estava fechado demais, e por que Marighella não preservou a ele e se preocupou com as pessoas em torno dele. Ele queria preservar os padres. Isso era uma característica da personalidade dele, mas ele em nenhum momento pensou nele, em sair um pouco, porque ele se expunha de uma forma...

Clara – Se expunha mesmo.

Edson – Não estou fazendo isso para desmerecê-lo, pelo contrário, a gente tem que avaliar isso por um outro lado, ele se preocupava mais com as outras pessoas do que com ele. Isso chama a atenção porque no dia da morte ele teve uma reunião, teria um ponto com os padres, ele já sabia, tinha algumas noções do que vinha acontecendo, eu fico pensando o que o levou a pensar mais nos outros. Mas, retornando, qual foi o impacto da morte de Carlos Marighella para a senhora ?

Clara – É muito difícil responder essas coisas porque ele realmente se preocupava mais com os outros do que com ele, se fosse o contrá-

rio ele tinha saído da cidade muito tempo antes. Ele era incapaz de fazer isso. Marighella nunca abandonou os companheiros na luta. Ele achava que tinha que estar junto, na frente, tinha que dar o exemplo mesmo, já que ele propunha uma luta que exigia tanto sacrifício das pessoas, fazia parte da visão da luta dele esse sacrifício, tanto que numa entrevista que ele deu em setembro, depois do sequestro do embaixador estadunidense, um jornalista belga, o jornalista pergunta se ele achava que podia morrer, ser assassinado. Ele respondeu tranquilamente ali, que isso podia acontecer e se ele morresse outras pessoas o substituiriam; isso ele disse na entrevista em setembro de 1969. Não é que dentro dele não existisse a compreensão, ele podia ser assassinado a qualquer momento, ser preso, torturado, ou morto, morto porque eu acho que ele não se entregaria jamais.

Edson – Ele tinha essa determinação?

Clara – De todas as experiências que ele já tinha passado, Marighella foi um homem que ao longo da trajetória revolucionária sempre foi muito torturado, muito machucado, sempre teve um comportamento heroico, não abriu a boca, era uma decisão. Dessa vez ele sabia que se fosse pego vivo seria morto na tortura, a decisão dele era não se deixar prender. As circunstâncias é que levaram a morte a ser daquele jeito, uma emboscada. É claro que ele estava muito preocupado. Nos últimos dias a pressão era muito maior, ele sabia que estavam caindo companheiros, ele estava muito mais preocupado. Mas você vê que as preocupações dele não chegaram ao ponto de interromper os contatos. Ele cobria os pontos. Se é verdade, se ele sabia que haviam sido presos padres lá no Rio, segundo relato das pessoas que estiveram com ele no fim do dia e ele foi assim mesmo se encontrar, é uma decisão como quem diz eu vou, quem sabe eu posso ajudar em alguma coisa, vou ver se a gente facilita a vida deles ou de outros para impedir que fossem atingidos, sempre a preocupação de impedir que as outras pessoas fossem atingidas pela repressão, tentou

fazer com que as pessoas não fossem atingidas. Tanto é que durante um tempo enorme ele tentou tirar gente daqui. O próprio Toledo (Joaquim Câmara Ferreira), que saiu antes do Marighella ser assassinado. Marighella fez toda uma montagem para que o Toledo saísse do Brasil. Ele sabia que o Toledo estava doente, estava enfraquecido fisicamente, achava que seria muito difícil caso o Toledo fosse preso. Queria evitar isso. Então ele programou a saída do Toledo, inclusive com a ajuda dos padres. Ele tinha muito essa decisão. Talvez ele não tenha avaliado – se ele soubesse que havia emboscada ele não teria entrado – esse é outro lado da questão, mas a impressão que eu tenho, impressão, veja bem, de que a ideia dele era encerrar o contato com os dominicanos, quem sabe designar tarefas para facilitar a saída de outras pessoas para escapar do cerco, e ele iria para o interior. Essa era a perspectiva dele, mais do que isso eu não sei.

Agora, você imagina, eu não o vi durante o dia, não estive com ele. Eu o vi de madrugada quando ele saiu do lugar onde nós estávamos, e ele ia voltar de noite. A gente ia se encontrar à noite. Aí você imagina...

MARCOS PARAGUASSU*

Edson Teixeira – Gostaria que você fizesse um resumo de sua história de vida.

Marcos Paraguassu – Nasci em 1942, em São Paulo, mais precisamente na Liberdade, na Rua Pirapitingui. Meus pais tinham se mudado pouco tempo antes, vindos de Salvador. Meu pai, logo após a conclusão do Curso de Agronomia, em 1939, tinha sido preso. Já era militante do Partido Comunista. Minha mãe, por outro lado, tendo concluído as Faculdades de Direito, Música e Agronomia, conseguira passar no primeiro concurso público para Juiz do Trabalho. Dois foram os motivos da mudança: receio de perseguições e desejo de reorganizar o Partido, desmantelado pela repressão. Do mesmo modo que meu pai, diversos outros militantes baianos também foram para São Paulo, tal como Milton Caires de Brito. Sei que morávamos na mesma pensão, na Rua Mourato Coelho, em Pinheiros, nessa época um bairro bem distante do centro. O chamado "grupo baiano", do

---

* Este depoimento foi realizado em Salvador, na residência do professor Marcos Paraguassu de Arruda Câmara, no dia 5 de novembro de 1998.

qual acredito Marighella fizesse parte, liderou a conhecida Conferência da Mantiqueira, durante a qual se reorganizou o PCB, exatamente no ano em que nasci. Nessa conferência, meu pai foi eleito para o Comitê Central.

Um ou dois anos depois, iríamos nos mudar para o Rio de Janeiro, onde fomos morar no Grajaú. Com o fim da ditadura Vargas, em 1945, o Partido entraria na legalidade e meu pai seria eleito deputado federal por São Paulo, nas mesmas eleições que consagraram Prestes senador. A bancada comunista, nessa época, conseguiu brilhar na Constituinte. Em 1948, mudamo-nos do Grajaú para a Rua Gustavo Sampaio, no Leme. Lembro-me, inclusive, do nome do edifício em que morávamos: Majoí. No apartamento em que morávamos era extremamente comum a presença dos companheiros de meu pai, principalmente dos que compunham a "fração parlamentar". As figuras de Marighella, Grabois, Pomar, dentre outros, tornaram-se bastante familiares.

Edson – Quais as recordações que você tem de Marighella nesse período?

Marcos – Em 1948, com seis anos, contraí pleurisia, após uma pneumonia mal curada. Era uma doença pouco conhecida, à época, e sua cura estava condicionada à importação de antibióticos, extremamente difíceis de serem adquiridos. Graças a ajuda de companheiros, no entanto, foi possível conseguir estreptomicina, que deveria ser aplicada de quatro em quatro horas. Durante quase um mês sofri com as injeções, aos cuidados de minha mãe e meu pai. Depois de certo tempo, tornara-se verdadeira tortura, pois – a mim – parecia não haver lugar no corpo que não tivesse sido picado. Cada aplicação era motivo de choro e lamentações, uma verdadeira novela que Marighella sabia muito bem contornar. Com jeito, começava a me contar histórias e, quando me distraía, – zás – de repente, aplicava as injeções. Essas histórias ficaram gravadas na minha memória. Eram histórias de um

enfermeiro, ao qual Mariga dava o nome de dr. Fragoso, que chegava na casa dos doentes montado em uma mula – a mula manca. Andava quase sempre com uma seringa enorme e, às vezes, uma pasta.

Edson – Ele desenhava isso?
Marcos – Desenhava.

Edson – Essa era uma história que Marighella inventava para você?
Marcos – Inventava e desenhava. Era um bom desenhista, que me fascinava. Lembro-me muito bem da mula manca: orelhas enormes, juntas largas, grandes patas. Com um pouco de tempo consigo me lembrar aproximadamente dessa figura. Era um símbolo fantástico.

Edson – Ele dizia o quê?
Marcos – Eu perguntava se o dr. Fragoso não chegava atrasado na casa dos pacientes e ele dizia que era assim mesmo, que era assim que acontecia em quase todo o Brasil. A mula sempre empacava e o dr. Fragoso, nervoso, brigava com ela. A mula era engraçada, dava coices entre risadas e rinchos. Jogava muitas vezes o dr. Fragoso no chão. O dr. Fragoso tinha um narigão, usava um avental e um pano na cabeça com a insígnia da Cruz Vermelha. Tinha também uma pasta de mão com o mesmo distintivo. Quando eu pedia para desenhá-lo, ele o fazia rapidamente, sempre rindo e brincando: aí vem o dr. Fragoso com a sua seringa!

Edson – Ele inventava essa história para te convencer a tomar a injeção. Você tinha quantos anos, à época?
Marcos – Seis anos.

Edson – Ele aplicava a injeção?
Marcos – Aplicava, quando eu me distraía. "Olha o dr. Fragoso"! E pá! (risos). Essa é a história de Mariga que mais me marcou.

Além dessa, lembro ainda que Mariga era um folião e tanto. Em 1946 ou 1947, com o Partido na legalidade, ele era o organizador do "bloco" dos comunistas no carnaval. Era o bloco da Mula Manca, com direito a estandarte e tudo, no qual saí pela primeira vez fantasiado de pirata da perna de pau. A concentração era na Glória, na frente da sede do Partido. Muitos se fantasiavam.

Pelo que me lembro a mula era motivo de uma marchinha. O único verso que ficou na minha memória foi: "Não importa que a mula manque, o que eu quero é rosetar". Coisas de baiano. Outro baiano, aliás, Célio Guedes, primo a quem eu considerava tio, também do Partido, amigo do Mariga, traduzia rindo esta frase da seguinte forma: "Não obsta que o onagro claudique, o que anelo é acicatar". Português castiço, que me custou horas para decorar e, embora eu não visse qualquer sentido nas palavras, achava muito engraçadas.

Edson – A figura da mula não era, então, só para aplicar injeção?

Marcos – Acho que a mula manca tinha um significado para eles, pois adoravam a ideia da mula. Talvez lhes lembrasse, por analogia, suas dificuldades e revezes na luta por um mundo melhor. Era uma forma de rir dessas mesmas dificuldades, de enfrentá-las com bom humor e alegria. Quem sabe?

Edson – E a participação dele no bloco?

Marcos – Era o principal responsável, o folião por excelência, o animador de todas as brincadeiras. Incansável, organizava, convocava companheiros, fazia paródias. Transformava as letras de marchinha e samba em letras "revolucionárias" ou de "protesto".

Edson – Quem participava desse bloco?

Marcos – Membros do Partido e seus familiares, com o eterno cuidado de evitar "provocadores infiltrados", que podiam causar confusões para justificar prisões e perseguições policialescas.

Edson – Outra coisa, como se davam essas reuniões do partido em sua casa. Como era o clima? Como era isso para a sua família?

Marcos – Com a idade que eu tinha (cinco, seis anos), é óbvio que eu não tinha condições nem de saber o que eram essas reuniões. Despertavam minha curiosidade normalíssima, porque eu não podia entrar e nem sequer falar com meu pai. Como o apartamento era pequeno e a sala, devassada, tais reuniões ocorriam no quarto onde eu dormia, ao lado de minha avó, que vivia conosco. O outro quarto era de meus pais. Pelas minhas lembranças, não havia parede entre ambos, sendo separados por um grande armário (um guarda-roupa) que não chegava ao teto. Moleque curioso, cheio de energia, pois quase não podia sair à rua para brincar e nem ter amigos em casa, por questões de segurança, subi várias vezes em cima desse armário para ver a reunião do outro lado. Levava cada bronca! Só deixei de fazê-lo quando, certa feita, utilizando as gavetas do armário com escada, acabei por desequilibrá-lo, o que fez com que caísse por cima de mim. Pode imaginar a confusão. Mas, além dessas reuniões "político-confidenciais", as reuniões de domingo eram também muito comuns. Eram reuniões festivas, nas quais a minha avó era perfeita anfitriã. Minha mãe, também militante (não muito ativa), convidava as companheiras que faziam parte do Comitê Feminino. Era o dia dos companheiros mais chegados, dos amigos íntimos, dos parentes também militantes. Dentre eles, Celito, Armênio, Rui Facó, Zuleika d'Alembert...

Edson – Marighella ia?

Marcos – Que eu me lembre, poucas vezes.

Edson – Nesse momento de confraternização, já que a reunião de domingo era uma confraternização, não se discutia política?

Marcos – Política era, evidentemente, um assunto que voltava constantemente à baila, mas em dias de festas era levado na brincadeira. Afinal de contas, éramos uma família.

Edson – E o temperamento de Marighella junto a sua avó? Você havia enfatizado, antes de gravarmos seu depoimento? Como o definiria?

Marcos – Carinhoso e brincalhão. Marighella, assim como Grabois, era um brincalhão. Ambos estavam sempre rindo, contando piadas, jogando conversa fora de maneira agradável.

Edson – E sua avó tinha certo apreço por ele?

Marcos – Tinha. O que não posso, no entanto, responder é se esse apreço era efetivamente correspondido, pois era muito pequeno para discernir sutilezas comportamentais. Era perceptível, no entanto, mesmo para mim, que alguns entravam, cumprimentavam ligeiramente, trancavam-se na reunião e, muitas vezes, saíam sem sequer se despedir, enquanto outros eram mais chegados. É evidente que os frequentadores lá de casa tinham a política partidária como modo de vida e, possivelmente, não davam muita importância aos códigos de sociabilidade, considerados veleidades "burguesas"; entravam sisudos e sisudos saíam: "Boa Tarde!" "Boa Noite"! Nenhuma conversa, nenhuma aproximação além da reunião. Outros, no entanto, sabiam que o Partido não era escusa para atividades antissociais; tinham um comportamento mais amistoso e carinhoso. Chamavam minha avó de tia, cumprimentavam-na: "Cadê dona Caçula?", pois ela era conhecida assim, até mesmo pela família, embora seu nome fosse Haydée. Iam abraçá-la, perguntar pelos seus doces e bolos. Entre eles, estavam Mariga, Pomar e Apolônio.

Edson – Havia muita diferença do tratamento dado pelos três à sua avó?

Marcos – Todos os três chamavam minha avó de "tia Caça", assim como suas mulheres e as amigas de minha mãe. Entre as mulheres, aliás, muitas a tratavam quase com uma segunda mãe: buscavam conselhos, carinho, compreensão para seus problemas existenciais.

ANA MONTENEGRO*

Ana Montenegro – Certa vez eu disse ao Marighella: "Você não pode tomar esse caminho, lembre-se do que disse Lenine, que a revolução não é obra de algumas pessoas, mas de milhões".

Ele disse: "Ana você tem que me entender, eu estou cansado de ficar na praia esperando a onda".

Eu disse: "Você se lembra daquele trecho de um texto meu? Tinha uma pedra lá na praia que as ondas não deixaram sair. Ela ficou lá para sempre".

Ele disse: "Mas eu vou vencer, você sabe que eu deixo a pedra aí e volto, mas para outra praia, não esta, pois eu já estou cansado de ficar nessa praia".

Eu achava Marighella especial, muito especial, pelas respostas filosóficas e humanas que ele dava. Eu fui para a Europa e estava para voltar, e me encontrei com alguns companheiros, lá na Itália, mas demorei muito, não cheguei no dia certo e o pessoal me criticou por isso.

---

* Este depoimento foi realizado no dia 6 de novembro de 1998, em Salvador, com Ana Montenegro, militante do Partido Comunista Brasileiro.

Edson – Isso foi quando?

Ana – Isso foi à ocasião da chamada revolução que houve aqui. Então, disseram a Marighella que Ana Montenegro não apareceu no dia certo. Ele disse que Ana não chegou no dia certo porque tinha uma exposição de pintores franceses, que eu amava muito, surrealistas, mais ligados a esse companheiro da Espanha, Picasso. Eu conheci Picasso, aliás eu tenho até um presente que ele me deu.

Eu disse, certa vez, a Marighella sobre os pintores surrealistas: "Esse realismo, essa claridade, parece que recolheram toda a luz da natureza".

Ele disse: "Isso é engano seu, venha cá, olhe aqui desta janela, o universo continua iluminado, logo não recolheram toda a luz".

Ele tinha respostas que eram humanas, mas eram filosóficas. Ele era dialético – 'o universo continua iluminado' – é uma resposta que não é todo mundo que dá.

Edson – A senhora se lembra de alguma outra passagem?

Ana – Outra coisa de Marighella era que a gente queria saber quem era ele. É uma coisa que eu nunca esqueci na minha vida, é a simplicidade com que ele se autodefinia. Eu disse uma vez: "Marighella, você que foi torturado, que sofreu tanto, você que está dando sua vida, tudo isso, sendo ameaçado – foi nas vésperas de quando eu fui embora do Brasil – eu quero lhe perguntar uma coisa: quem é você"?

Ele disse: "Olha Ana, eu me considero um mulato baiano! Como é que você não me vê como um mulato baiano"?

Eu disse: "Eu vejo, fisicamente".

Ele disse: "Não, dentro de mim também, porque eu não sou uma pessoa diferente dos outros, você não pode me considerar uma pessoa diferente dos outros".

Outra coisa que eu achava de Marighella era o problema que ele tinha a respeito da necessidade de se pôr as coisas em prática. Ele foi quem me ensinou uma coisa que os gregos escreveram.

Edson – O quê?

Ana –"A prática é o critério da verdade". Eu participava de uma subcomissão de mulheres da Comissão de Massas do Comitê Central do PCB no Rio de Janeiro e eu disse a ele: "Não sei, as mulheres não aparecem, a coisa não vai".

Ele disse: "Sente aí! Depois que vocês fizeram toda aquela programação, lembre-se do que eu te disse sobre a prática é o critério da verdade? É o seguinte Ana, vocês têm um programa, vocês planejaram alguma coisa para a Comissão, um novo programa determinando aquelas tarefas todas?"

Eu disse: "Não".

Ele disse: "Como é que você quer que as coisas aconteçam? Vocês não têm uma proposta, um programa, não chegaram a conclusões do que é mais necessário".

Eu disse: "Tá certo, eu vou fazer".

Passou-se uns tempos ele me procurou e disse: "Como é que está o negócio lá das mulheres, para eu dar informações ao pessoal da Comissão".

Eu disse: "Olhe Marighella, depois que você me deu aquele conselho da prática..."

Ele disse: "Eu já lhe disse que a prática é o critério da verdade, se você não leva à prática o que projeta, as pessoas não podem trabalhar".

Ele era uma pessoa muito concreta, objetiva. Ele me dizia: "Você adora os pintores". Por isso eu guardo isso aqui, esta pomba foi desenhada por Picasso, em homenagem ao 8 de março, por ocasião da Federação Internacional das Mulheres, em Paris, em 1945. Isso foi Picasso que pintou e nos deu. Marighella teve várias vezes com isso na mão.

Edson – O que ele disse?

Ana – Ele disse o seguinte: "Realmente a paz depende das mulheres, porque vocês têm os filhos, como dizia José Marti, o cubano,

que as crianças nascem para serem felizes, então, elas merecem isso que fez o Picasso, porque o que ele fez foi a pomba da paz levando flores para todas as crianças.

Eu sempre perguntava pelo filho dele, o Carlinhos, você sabe a história do Carlinhos? A mãe dele não pôde registrar imediatamente o menino, por que não pôde registrar o menino? Porque ele estava ilegal.

Outra coisa que eu quero dizer de Marighella, isso eu tenho muita vontade de contar, quando houve essa discussão, não sei se a palavra é essa, você que vai me dizer, sobre o Partido Comunista, quando o Partido Comunista se dividiu entre os que eram a favor da luta armada, eu estava em Paris, ele foi a Cuba e lá, em 1967, eu pensei que ele nunca se encontrasse comigo, porque nós tínhamos ideias diferentes a respeito da luta. Passei por Cuba para ir a um seminário do trabalho que eu fazia na América Latina, ele soube do que eu pensava e disse: "O que é isso? Se eu for à Europa a primeira pessoa que eu pergunto é por você". Ele disse: "Amizade é uma coisa Ana. Os princípios, outra".

Ele disse: "Se eu quero um pequeno caminho diferente e você quer um caminho diferente, a amizade faz com que esses caminhos se juntem, você pensa que a amizade de tantos anos, a solidariedade, o nosso conhecimento, você se preocupava até com a camisa que eu ia vestir, queria saber se eu tinha camisa para o Natal, queria até saber o número do meu sapato, como é que eu vou deixar de ter amizade com uma pessoa dessas? Os meus princípios não acabaram, nem os seus, apenas você sabe que para se chegar a um lugar, o lugar que nós queremos, o socialismo, os caminhos podem ser diferentes, mas nós seremos conduzidos pelos mesmos transportes".

Eu me lembro dessa palavra.

Edson – Como ele retribuía a amizade com a senhora?

Ana – Retribuía desse jeito, com essas conversas, com esse contato, com tudo isso, ele passou a ser a pessoa a quem eu levava meus

problemas. Por incrível que pareça ele sabia do amor que eu tinha pelas crianças, do amor por Carlinhos e tudo isso, ele disse que eu não tinha direito de não sair do Brasil, porque eu tinha que cuidar dos meus filhos: "Você não pode ter o direito de ficar aqui, você pode prejudicar seus filhos, a criação".

Ele tinha uma capacidade de comunicação nos comícios extraordinária.

Edson – Como ele era nesses discursos, ele se preparava?

Ana – Não era nada preparado, nada preparado, claro, ele não se afastava dos princípios do socialismo, da defesa da unidade dos trabalhadores do campo e da cidade, da defesa de um instrumento que era o Partido Comunista, ele não se afastava desses princípios básicos e práticos, ele não se preparava, ao contrário, a gente viajava pra cima e pra baixo, para esses subúrbios e nunca vi assim ele se preparar anteriormente. Ele era uma pessoa como outra qualquer, normal, o problema era o seguinte: era uma pessoa de que todo mundo gostava dele.

Edson – Por que todo mundo gostava dele?

Ana – Talvez por essa comunicação social e por não ter essa empáfia de personalidade. Apesar do valor que ele tinha, apesar da capacidade de comunicação, de levar à prática, ele não dava a aparecer isso, uma pessoa como outra qualquer.

Uma vez eu censurei Marighella. Houve uma reunião no Partido Comunista, em São Paulo, as pessoas se preparavam para fazer um pouco de referências ao Luiz Carlos Prestes, eu estava louca que ele fizesse essas críticas, não sei se você conhece meu artigo sobre o Prestes, na minha opinião foi o guerrilheiro número um da América Latina, mas ele não fez, mas aí eu disse: "Olha! Ô Mariga" – chamava ele, naquele tempo, de Mariga – "ô mulato, você não fez a crítica que devia fazer a Prestes por essa personalidade dele, de trazer as coisas arrumadas, feitas".

Ele disse: "Olha! não valia a pena, nós éramos minoria para criar uma briga, acho que não era a ocasião, de uma atitude que pudesse dividir – nunca me esqueço disso – eu não quero dividir nada, quero somar, acrescentar, somar, unir".

Esse negócio da unidade de Marighella me influenciou até hoje. Essa influência que ele podia exercer, mas não exercia. Eu quero lhe contar uma pequena história de Marighella que me impressionou, que está relacionada ao problema do "Não tive tempo de ter medo".

Edson – Eu gostaria que a senhora falasse sobre isso.

Ana – Eu dizia que estava com medo, ele dizia: "É aquela frase que eu disse sempre a vocês, eu nunca tive tempo de ter medo, porque se eu tivesse medo não tinha estado na prisão, se eu tivesse medo não continuava na luta, então, é melhor que na vida não se tenha tempo de ter medo".

Foi nessa ocasião que eu ouvi pela primeira vez essa frase dele, eu disse que ficava com medo de enfrentar essa maioria aqui no Partido, ele disse: "Imagina, nós temos que ter medo de outras coisas, da polícia, da repressão, você acha que a gente tem de ter medo de companheiros?" Tanto que eu achei que não era justo, na ocasião.

Edson – Ele disse isso quando para a senhora?

Ana – Numa ocasião em que houve uma reunião em São Paulo, no fim da década de 1950. Agora também a preocupação que ele tinha com os problemas dos outros...

Edson – Como que se dava a relação dele com vocês que estavam mais próximos da militância política, como era essa relação no cotidiano, em termos de brincadeiras, o homem comum Marighella?

Ana – O homem comum Marighella era justamente isso, ele era aquela coisa que chegava na minha casa e sempre dizia: "Eu vim colocar um problema".

Ele se preocupava com esse negócio de família, isso eu tenho que dizer a você: quando eu fui a Cuba, depois da revolução, passei uns dias lá para ajudar, eu não sabia como fazer, pois eu tinha um filho pequeno. Eu disse a ele: “Eu não sei como meu marido vai reagir”.

Ele disse: “Ah! Seu marido, eu falo com ele”.

Quando ele chegava ia conversar com os maridos também, para poder amenizar a situação da família das mulheres. Outra coisa interessante, ele fazia muito trabalho nos bairros, o pessoal dos bairros o conhecia, ele conseguiu uma mulher baiana no Rio de Janeiro, que foi ela quem criou meus filhos. Ele disse que eu ia ter muitas dificuldades com essas crianças: “Vou arranjar uma pessoa, vou arranjar uma empregada”. Arranjou uma moça lá para casa, que criou meus filhos. Mandou uma mulher lá do Rio de Janeiro, de uma favela. Ele disse: “Olha! O marido dela foi assassinado numa greve, você tem que levar isso em consideração, ela é uma mulher que tem consciência”. Sabina, meus filhos a chamavam tia Sabina. Ele se preocupava com a organização das famílias dos comunistas.

Edson – Além das preocupações políticas.

Ana – Ele se preocupava que os militantes comunistas, os companheiros, tivessem condições familiares de prestar a ajuda necessária.

Olha! As mulheres se apaixonavam por Marighella, ele era muito atrativo.

Edson – Ele era assediado?

Ana – Não sei se ele chegava a ser assediado, mas, conversando com a gente, elas confessavam estar apaixonadas por ele. Havia uma coisa, eu não sei se você sabe, mas o Evangelho de Cristo, eu sou ecumênica, tem muitas coisas interessantes. Então, ele diz o seguinte: “entre o céu e a terra, ainda tem muita coisa a se descobrir”. Por que você gosta de umas pessoas e outras não? Por que você sente essa atração, essa simpatia? Muitas pessoas dizem: “Como você gosta das pessoas sem

conhecê-las!?" Eu digo: "Eu não sei". Há qualquer coisa de interior, era isso que Marighella tinha, talvez o próprio Prestes tivesse também. Eu queria te mostrar um trabalho sobre princípios, você conhece?

Edson – Não, eu conheço um trabalho seu que me foi fornecido por Emiliano José.

Ana – Saiu na *Tribuna*, um artigo sobre Jorge Amado e sobre Castro Alves. Era essa coisa, o problema da história. Ele, por exemplo, foi quem mais me incentivou para ver esse problema da Guerra do Paraguai. De forma que, quando eu voltei da Europa, eu me lembrei disso, e me lembro dele, me lembrei da preocupação que ele tinha para que se esclarecesse historicamente o problema da Guerra do Paraguai. E então eu fui lá no Rio Grande do Norte e fiz todo um estudo, eu cheguei à conclusão que as mulheres lutaram contra a Guerra do Paraguai, as mulheres do Rio Grande do Norte, principalmente da cidade de Mossoró, rasgaram os documentos que chamavam os soldados para irem para a guerra, nas igrejas, nos cartórios, eu tenho tudo isso.

Edson – Que interesse ele tinha?

Ana – Que se recuperasse a verdade histórica. Isso me influenciou demais a primeira vez que eu soube desse poema de Bertold Brecht – "quem reconstruiu Babilônia mil vezes destruída..." – me lembrei dele.

Edson – O que ele falava para a senhora?

Ana – Ele me dizia muito que era para se recuperar esse problema da história. Principalmente, esses negócios dos negros, a resistência dos negros.

Você vê vários militantes foram presos, torturados e ainda há interesse por Carlos Marighella, por quê?

Edson – A pessoa mais indicada para responder isso aqui é a senhora. Por que a senhora acha?

Ana – Talvez pela continuidade, por essa luta e por esse não afastamento, em nenhuma ocasião, dos princípios, por causa do exemplo que ele dava, principalmente esta frase "Não tive tempo de ter medo", dizia com tanta convicção, era com tanta convicção com que ele expressava suas ideias, os seus pensamentos, será por isso? Eu penso que sim, mas não posso assegurar com referência aos outros.

Edson – A senhora escreveu aqui no artigo de Prestes que ele não era carinhoso, e Carlos era?

Ana – Era.

Edson – A senhora pode me dar um exemplo?

Ana – Eu estive doente, cansada e ele soube. Eu não me lembro de nenhum companheiro que tenha em toda vida me telefonado, perguntado, insistido para saber como estava minha saúde, como eu estava. E foi ele. Tinha um médico no Rio de Janeiro, Niemeyer, que examinava esse negócio cerebral, foi ele que foi atrás desse médico para me ver, mas ele não fazia esse negócio só comigo não, mas com qualquer companheiro que estivesse nessa situação de doença, de dificuldade.

Ele dizia: "Ana você tem que saber dizer as coisas, saber expressar de forma que toque – era essa a apreciação que ele fazia do meu trabalho – você tem que aproveitar isso".

Edson – Incentivava a senhora?

Ana – Para fazer comícios, comunicar-me com as pessoas. Por exemplo, dentro do Partido, quando o pessoal dizia que tinha que falar com uma pessoa, ele dizia: "manda a Ana, ela chega lá e conversa com as pessoas, se comunica, ela tem uma capacidade, essa condição de se comunicar com as pessoas".

Edson – Logo ele que era um bom discursador?

Ana – Não, era o melhor, eu admirava que ele fizesse essa comunicação e ainda tivesse essa capacidade de compreender o que as pessoas podiam dar. Os humanistas franceses dizem que o herói é aquele que faz tudo o que pode. Eu acho que todos nós somos heróis e heroínas, quando você abre a janela de manhã e vê o homem limpando a rua. Como você andaria na rua sem esse homem? Quando você come um pão, quem plantou o trigo? Você iria comer o pão sem o trigo?

Edson – A senhora falou que Che era poeta e Marighella a senhora presenciou ele fazendo poesias?

Ana – Ele gostava de escrever poemas. Era poeta, além disso gostava muito de fazer palestras como eu, comunicação com as massas populares, transmitir aos jovens, porque a convivência da gente era meio difícil.

Edson – E na hora do lazer dele ele gostava de música, futebol?

Ana – Não, mais de ler, cansou de levar livros lá de casa para ler. Eu tentava enfiar na cabeça dele esses humanistas franceses.

Edson – Ele discutia essas leituras com a senhora?

Ana – De vez em quando, mas, principalmente, história do Brasil. Ele foi o primeiro a me despertar o interesse em não escrever estória, mas sim história. Eu aprendi com ele uma coisa e depois fui buscar no dicionário: é fatores e fautores, fautores é a motivação do fato, nunca se usa essa palavra, fatos e fautores.

Edson – Ele que falou para a Senhora?

Ana – Foi a primeira pessoa que eu vi usar essas palavras, porque o problema não era só ter efeito e causa, ninguém passa fome sem causas, o mundo está cheio de comida, né.

Edson – Qual a relação que a senhora teve com Clara naquela época?

Ana – Convivi como membro do partido, não tive grande convivência até quando os encontrei em Cuba. Eu conheci Clara e ela me aceitou muito bem. Achava bonita a minha amizade com Marighella. Ela também colocava a amizade acima das divergências.

CARLOS AUGUSTO MARIGHELLA*

Edson Teixeira – De início gostaria que você – apesar de eu já ter em mãos o seu depoimento ao Emiliano – gostaria que você se apresentasse, e evidentemente, depois dessa apresentação – quem é o Carlinhos? – que você demonstre como foi o contato com seu pai.

Carlos Augusto Marighella – Está lá colocado no livro do Emiliano, mas eu posso fazer isso sucintamente. Eu nasci no ano de 1948, exatamente no ano que o partido comunista foi colocado na clandestinidade, exatamente nesse ano meu pai saiu do Brasil, de maneira que eu só pude conhecê-lo quando já tinha aproximadamente sete para oito anos de idade.

Edson – Ele foi para onde nessa viagem?

Carlos – Eu não sei assim exatamente, a gente sabe que no ano de 1948 ele foi fazer uma viagem pelo mundo, esteve em Moscou, foi conhecer a experiência da revolução na China, a China teve a

* Este depoimento foi realizado na cidade de Salvador, no dia 6 de novembro de 1998. Carlos Augusto Marighella, o Carlinhos, é filho de Carlos Marighella.

experiência revolucionária em 1949, e o que é verdade é que eu vim para a Bahia, minha mãe tinha uma base familiar forte aqui, tanto a família de meu pai, quanto da minha mãe eram da Bahia. Então, minha mãe veio para a Bahia e eu fiquei aqui até 1955, 1956, quando eu fui finalmente para o Rio de Janeiro, quando eu já sabia que iria conhecer meu pai. Eu morei inicialmente com minha família materna lá, com minha avó, minha tia...

Edson – Quando você retornou, pois você nasceu no Rio?

Carlos – Eu nasci no Rio em 1948. E finalmente fui morar no apartamento com meu pai, onde meu pai viveu com Clara. Vivemos juntos até mais ou menos 1964, quando eu voltei para a Bahia, com a prisão de meu pai e a desestruturação, daquela já precária vida familiar.

Edson – Onde era esse apartamento? Em qual bairro no Rio?

Carlos – Nós morávamos no Flamengo, na Correia Dutra.

Edson – Quando você retornou para a Bahia, ficou com sua mãe?

Carlos – Não, minha mãe, quando eu retornei pequenininho, você quer dizer, com meses de nascimento?

Edson – Isso. O que ela passava com relação a seu pai?

Carlos – Olhe, tanto a família materna quanto paterna viviam aqui, todos os irmãos, quer dizer, a maioria dos irmãos viviam aqui na Bahia, tio Humberto, tio Caetano, toda a história familiar está aqui na Bahia, então, eles não me passavam nada, eu vivia como um Marighella aqui, era filho do Carlos. Eu sabia que meu pai era um dirigente político, que ele estava foragido, que ele vivia clandestinamente, enfim, não havia nenhum mistério, digamos assim.

Edson – Mas o contato de sua mãe com seu pai, ela, ou melhor, explica como foi o contato de sua mãe Esther com seu pai?

Carlos – Minha mãe o quê?

Edson – Não era Esther o nome dela?

Carlos – Não, não, Elza. Minha mãe e meu pai se conheceram lá no Rio de Janeiro. Minha mãe, como era muito comum acontecer naquela época, foi para o Rio de Janeiro, cidade grande, venceu na vida, né. Então minha mãe trabalhava na Light. A Light tinha uma atividade política muito intensa, atividade sindical, e nessa atividade conheceu meu pai, ficaram amigos e viveram juntos inclusive, uma determinada época.

Edson – Na década de 1940?

Carlos – É. Eu não sei assim muitos detalhes dessa relação, talvez a Ana Montenegro, que conheceu minha mãe lá nessa época, a irmã do Prestes, enfim, minha mãe era uma pessoa do partido também, tinha relação com pessoas do partido.

Edson – Elza Sento Sé era o nome dela. Antes você morava no Flamengo e depois começou a estudar. Uma dúvida que eu tive no seu depoimento ao Emiliano foi onde você começou a estudar?

Carlos – Olhe, é, a primeira vez, eu fui ao Rio antes e fui apresentado a meu pai, embora eu tivesse ido ao Rio com essa finalidade. Depois, por incrível que pareça, Clara até falou isso ontem aqui, os únicos períodos de legalidade que meu pai viveu foram aqueles que antecederam o golpe de 1964. Aí, de 1958 em diante, meu pai pôde ter um endereço no nome dele, pôde aparecer, pôde ter um escritório, incrível isso, porque o Brasil, em tese, inteiramente democratizado, já há eleições, tinha eleições normais; em 1955 o Juscelino foi eleito presidente e os comunistas não podiam ter uma vida legal. Em 1958, por aí, antes de morar no Flamengo, meu pai morava no Méier, num endereço já sabido. A casa foi invadida pela polícia, a polícia invadiu, prendeu documentos, pegou material, fotos, livros.

Edson – Ele conseguiu se safar dessa?

Carlos – Conseguiu, mas eu não podia morar com meu pai numa situação dessa. Ele não podia se dar ao luxo de ter um filho, que era menino ainda, tivesse que ser protegido e correndo o risco de ir morar com ele. Mas eu fui para o Rio em 1956 e minha primeira escola no Rio foi a Escola Batista, que ficava ali na Frei Caneca, eu fiz o segundo ano de ginásio, me parece, nessa escola. Depois disso eu estudei no MAB, que era uma escola na Rua do Riachuelo, estudei numa grande escola, uma escola da Fundação Getúlio Vargas, uma escola muito boa, de primeira linha. Eu freqüentei, nos primeiros anos, o Colégio Batista da Frei Caneca. Nos anos seguintes eu estudei no MAB, em seguida estudei numa fundação internato da Fundação Getúlio Vargas, que era um colégio assim de, colégio experimental até, assim de força, digamos assim, experimental. Então, basicamente, eu fiz todo o meu ginásio lá nessas escolas e quando eu fiz o ginásio lá, mas o colegial eu fiz aqui na Bahia, que foi exatamente quando eu terminei, em 1964, meu ginásio, eu retornei, exatamente quando eu ia fazer os exames do Colégio Pedro II, quando estourou o golpe de 1964.

Edson – O motivo central de você ter ido para o Rio foi conhecer seu pai?

Carlos – É, conhecer meu pai, eu não conhecia até então.

Edson – Foi um acordo com sua mãe?

Carlos – Provavelmente, eu muito menino, ninguém ia parar para me explicar isso. Eu tinha sete, oito anos de idade, foi isso que aconteceu. Aconteceu, inclusive na época, meu pai alugou uma casa lá para minha avó, porque eu não podia, nem eu podia ficar do lado dele, nem podia também ficar distante de meu ambiente familiar assim, né!?. Então meu pai alugou um apartamento pra gente lá na Mem de Sá, perto da Lapa, por ali, um edifício ali, ele alugou um apartamento para minha avó, um apartamento pequeno, dois quar-

tos, eu morei lá um período até que eu pude me transferir de mala e bagagem para a casa de meu pai.

Edson – Eu queria agora que você se estendesse mais sobre os momentos de lazer, o contato que você tinha com ele, qual era a conversa que você tinha com ele?

Carlos – Meu pai era uma pessoa muito carinhosa, eu rapidamente me senti à vontade com ele, uma pessoa carinhosa, desses pais que beijam, desses pais que se interessam pela vida escolar. Hoje eu fico pensando, com as dificuldades que eu tenho com meus filhos, como é que meu pai conseguia, com as preocupações que ele tinha, ainda ter esse tipo de atenção, esse tipo de carinho com o filho. Mas ele era, tipo assim, me beijava todas as noites, ele falava sobre sexo, quer dizer, coisas que não eram comum numa relação entre pai e filho, ele fazia bem assim.

Edson – O que ele falava sobre sexo?

Carlos – Eu fico imaginando e acho que meu pai era uma pessoa muito conservadora, digamos assim. Mas ele era uma pessoa conservadora assim: meu pai falava sobre virgindade, certos cuidados com a virgindade das moças: "Olha lá, cuidado, a moça pode ser virgem!" Ninguém hoje trata esse assunto dessa maneira, né!? Mas todas as noções, mais ou menos científicas que eu tive de sexo aprendi com meu pai. Ele falava, mostrava a literatura que havia em casa, os livros de Fritz Kam. Os livros de sexualidade, que naquela época deveriam ser uma revolução em termos de educação familiar que ele seguia.

Edson – Qual o autor do livro?

Carlos – Fritz Kam. Que tinha livros sobre sexualidade, que tinha fotos, desenhos de pênis, vagina, doenças e ele falava abertamente desses assuntos comigo. Era uma pessoa muito carinhosa e eu me lembro que era excessivamente preocupado com meu currículo escolar.

Eu nunca fui assim um bom aluno, um aluno interessado na escola, cheguei a perder um ano. Mas meu pai olhava os boletins, me dava conselhos e, às vezes, me ajudava a resolver problemas de matemática, que ele gostava muitíssimo, ele adorava resolver problemas de matemática e ensinar matemática para mim, né?

Edson – Você ia a praia com ele?

Carlos – Ia. Nós morávamos num lugar próximo a praia, lá no Flamengo. Era muito comum assim aos domingos, saíamos juntos, geralmente essas visitas que fazíamos, eram visitas relacionadas com as atividades dele, ele aproveitava pra visitar alguém do partido. Me carregava com ele, eu me lembro que dava um certo "ibope" para ele aparecer nesses lugares com o próprio filho, porque tinha umas pessoas com vontade de conhecer. Programas, nós íamos muito à praia, era muito divertido, apostávamos corrida e tal, era uma pessoa muito carinhosa e alegre. Entende? Meu pai sempre foi uma facilidade muito grande de relacionamento, porque ele era uma pessoa divertida, gostava de fazer desenhos, me ajudava a fazer pequenos serviços manuais, montar coisas, aviões, carrinhos e tal. Ele participava muito disso comigo quando ele tinha tempo, porque era visível que ele era uma pessoa muito ocupada e muitas vezes ausente de casa, não tinha tempo.

Edson – Que outro tipo de lazer se recorda com ele?

Carlos – Ele era uma pessoa muito camarada, meus primos todos, porque tinha uma parte da família que morava lá, tanto irmãs de minha mãe, quanto irmãs de meu pai. Meu pai era muito querido ele levava queimado e tal, fazia esse gênero, né? Mas, afora a praia, afora essas visitas, que, às vezes, que eram pessoas da relação política dele, né, nós não tínhamos tempo para mais outras coisas.

Edson – O contato com os parentes lá no Rio, no contato com os sobrinhos, me parece que ele era o tio preferido. Por que isso?

Carlos – É por isso, porque ele participava das brincadeiras da gurizada, ele levava queimado, ele sentava, essa mesma atenção que ele tinha comigo percebia que ele tinha com as outras crianças, ele gostava do contato como esses, dessa relação com os meninos e as meninas.

Edson – Aquele episódio do colégio onde ele tinha que responder um questionário...

Carlos – Exatamente. Esse colégio da Fundação Getúlio Vargas que era ultraliberal, lá não havia restrições. Eles tinham lá as disciplinas da escola, era um internato, mas lá você não tinha preocupação com a roupa. O colégio tinha um banquinho, um banco que passava cheque lá, um banco que contava seu dinheiro, você fazia pagamento. E o colégio permitia que as pessoas fumassem, mas era preciso que a família tivesse conhecimento. Quando você se matriculava na escola tinha uma fichinha onde o pai declarava se concordasse ou não se o filho fumasse ou não, já que lá era liberado. Você imagina como o colégio era liberal, tinha o ginásio e o científico, tinham crianças de 12 anos até os 18 anos de idade. Então, não era proibido fumar, desde que o pai desse consentimento.

Edson – Era ele que escolhia os colégios para você? Todos esses colégios que você estudou ele que escolhia?

Carlos – É. Com exceção dessa primeira escola que era Escola Batista, aí foi minha avó mesmo que escolheu em função da proximidade do local em que nós morávamos; as outras escolas foram indicações de meu pai, escolhas pessoais dele. Então, resultado, nessa escola ele me perguntou se eu queria que declarasse se eu fumava ou não fumava.

Edson – E você tinha idade?

Carlos – Uns 14 anos mais ou menos. Ele era uma pessoa liberal, eu nunca tive nenhuma imposição, a tática dele era uma tática de assumir responsabilidade comigo.

Edson – Afinal de contas você fumava ou não fumava?

Carlos – Eu acabei fumando nessa escola, mas fumei escondido, porque não havia uma declaração de meu pai autorizando, mas essa declaração foi eu mesmo que autorizei a dar. Eu não fumava, depois fumei durante muito tempo, mas já com 18 anos de idade. Essa tática funcionava muito, por exemplo: era muito comum naquela época prostitutas. Era muito comum, todo adolescente tinha contato com prostíbulos. E eu me lembro que dessas conversas com meu pai ele me passou muito a ideia de como era perigoso e danoso, eventualmente, você frequentar essas casas. Então, do meu grupo de amigos fui o último a ir numa casa de prostituição, já velho com meus 19 anos, muito por conta desse tipo de lição que meu pai passava para mim. Ele enfocou muito essa postura de diálogo, de conversar.

Edson – Ele pedia para você evitar?

Carlos – Ele tinha aquele discurso que hoje é muito comum. Um discurso assim: "Você pode contrair doenças nesse tipo de local". Eu ia com meus amigos, mesmo quando voltei para a Bahia, já adolescente, havia os prostíbulos tradicionais, onde você chegava, dançava, eram uma verdadeira folia esses puteiros. Teve uma determinada idade que praticamente fui seduzido, ou nunca tive uma iniciação sexual, que comumente era feita nos prostíbulos, a minha iniciação foi de uma tal maneira em função dessa crença nas lições que meu pai havia me dado, que era perigoso, que não era condizente com esses valores que aprendi com meu pai, que eram os melhores para mim.

Edson – Conforme você já falou, o tempo dele era limitado, mas ele o visitou no colégio algumas vezes, eu quero que você me explique esse contato.

Carlos – Ah! Nos vimos... o que era surpreendente. Eu, que sou separado hoje, mas que não tenho nenhuma restrição, vejo meus filhos talvez menos do que meu pai me via. O que é surpreendente

é que ele encontrasse tempo para ter atenção com a família, com o filho, com os amigos. Era uma pessoa que cultivava muito isso. Ele me via muito, me via sempre. Agora o que eu disse naquele depoimento – acho que é isso que chamou sua atenção – é que ele estava sendo caçado por toda a polícia em maio de 1964, mesmo assim ele foi algumas vezes no colégio me visitar.

Edson – Qual era o teor de conversa que ele tinha com você?

Carlos – Ele ia me ver. Quando meu pai foi preso em 1964, isso talvez seja interessante para lhe situar, Clara falou ontem da vida comedida, meu pai era uma pessoa sem luxo, sem ostentação, viveu num apartamento de quarto e sala, grande, é bem verdade, mas a casa de um dos maiores dirigentes do Partido Comunista era um apartamento do tamanho desse primeiro andar aqui. Tinha uma cozinha grande, tinha um quarto, eu dormia na sala, tinha um sofá-cama, que virava sofá durante o dia e cama durante a noite. Mas não foi uma vida de privações, de maneira nenhuma, eu estudava em boas escolas, me alimentava bem, tínhamos telefone, televisão, meu pai tinha um gravador, que era uma coisa rara naquela época, um eletrodoméstico que não era acessível à maioria da população, aparentemente não passava nenhum tipo de privação. Na minha escola, eu me lembro, meu pai pagou a escola o ano todo, ele não pagava por mês, ele me matriculava e pagava o ano todo da escola, quando meu pai foi preso em 1964 todo mundo fugiu, eu fiquei numa escola sozinho. A escola era um internato, saía até para casa, eu iria para onde? As minhas tias moravam distantes, eu estudava na Tijuca, minha tia mais disponível morava com minha avó na Ilha do Governador, e eu fiquei perdido, não tinha uma roupa, a polícia chegou lá em casa e levou todas as minhas roupas, coisas minhas também, coisas de meu pai, de Clara.

Edson – Isso em 1964?

Carlos – 1964. Então meu pai ia à escola. Me lembro que ele chegava lá com uma peruca, ele ficou muito estranho, ele cortava o cabelo retinho, ele raspava com uma navalha, e só ficava uma mecha de cabelo em cima. Então, ele chegava lá cabeludo, como se fosse o nosso cabelo mesmo, meu cabelo quando cresce fica igual ao dele, meio *black power*. Ele andava de calça *jeans*, que era uma roupa de gente jovem, de roqueiro, de *playboy*, naquela época. Calça *jeans*, blusão *jeans*, e aquela cabeleira, parecia um motoqueiro, era outra pessoa. Mas ele ia na escola me visitar, entrava na escola e ia falar comigo.

Edson – Na escola, você teve algum problema com o sobrenome Marighella?

Carlos – Eu fui expulso da escola, expulso com solenidade, o diretor, que era um militar, reuniu todos os estudantes e disse que ali não podia estudar o filho de um comunista.

Edson – Isso na frente de todo mundo?

Carlos – Todo mundo. Eu tinha 15 anos.

Edson – O que você entendia desses acontecimentos?

Carlos – Eu não conseguia entender direito, fiquei muito traumatizado até, não imaginei que uma pessoa pudesse fazer isso. Na verdade era uma coisa que me atingia cruelmente, a desmoralização na frente de meus colegas, dos meus amigos, e o que é pior, a escola estava paga, internato, quer dizer tinha comida, tinha dormida, estava com minha vida garantida, a escola era um ponto absolutamente seguro, era uma casa, eu não precisava sair da escola. Lá eu comia e dormia. Então me expulsar da escola acabou com minha estrutura pessoal. Eu tive que voltar para a Bahia por causa disso, até então não havia passado isso pela minha cabeça. Quando meu pai foi preso finalmente e eu expulso da escola, minha mãe foi pra lá e me trouxe para a Bahia.

Edson – Qual era o nome do diretor da escola?

Carlos – Não me lembro agora, era um oficial lá. Seria bom levantar esse nome para desmoralizar bem a memória dele. A próxima vez que eu for ao Rio vou com esse objetivo.

Veja bem, eu estudei na escola Batista. Essa escola era também uma escola Batista, mas não era a mesma escola em que estudei inicialmente. Era o ginásio Batista e tinha o internato e o externato, e esse diretor era diretor do internato. Era um oficial reformado que era diretor do internato. Ele me comunicou, e decidiu me expulsar num visível prazer, não foi nenhuma entidade, ele tomou essa decisão praticamente sozinho.

Edson – Nessa escola você tinha aula de religião?

Carlos – Tinha. Uma outra coisa interessante é que minha família paterna era muito religiosa, meus tios, minhas tias sempre foram muito ligados. Aqui na Bahia é esse sincretismo, você não sabe dizer se é católico, se é do candomblé, mas todo mundo se diz católico, eu sempre fui a missa, o meu pai nunca criou algum tipo de objeção, embora ele sempre se manifestasse como um ateu, ele não acreditava em Deus, ele dizia isso de uma forma muito clara.

Edson – Ele era ateu?

Carlos – É, ele era ateu.

Edson – E ele que escolheu essa escola Batista?

Carlos – Eu quero dizer que ele escolheu para poder pagar a escola. Ele teve algum tipo de facilidade para assumir na escola esse compromisso. Ele deve ter dito assim: "Olha, se eu não estiver aqui, meu filho está aí, a escola está paga". Ele nunca me explicou esses detalhes, eu diria que a convivência se deu mais em função disso. Em 1964, meu pai era uma das pessoas do partido – e isso eu vim a conhecer depois – que defendiam a tese de que o caminho que o partido estava trilhando não era seguro e que havia o risco de um

golpe militar, coisa que era descartada pela maioria do partido. Obviamente ele achava que ia ter um golpe militar, era natural que ele pegasse seu filho e chegasse a alguma solução para ele, a solução que ele encontrou foi pagar o colégio o ano todo, na pior das hipóteses a mãe dele vem aqui e leva ele, o que finalmente aconteceu.

Edson – Quando ele foi preso em 1964, você ficou, diríamos assim, no escuro?

Carlos – Exatamente.

Edson – Como que você conduziu esse seu retorno para Salvador?

Carlos – Antes de eu vir para a Bahia eu fui visitar meu pai na cadeia. Uma das poucas pessoas que puderam visitá-lo. Ele me pediu para que contratasse um advogado, coisa que eu fiz com uma tia que era muito amiga dele, tia Antônia, irmã de minha mãe, saindo da cadeia fomos até o escritório de Sobral Pinto, que foi o advogado que ele escolheu, coisa que Sobral Pinto fez com muito brilho. Sobral Pinto foi um advogado muito intuitivo, que deu grande destaque àquela defesa dele no processo que se instaurou contra ele, o que permitiu que ele fosse solto. Em 1964 havia uma regra: as pessoas eram presas durante 50 dias, e depois disso permaneciam na cadeia quem tinha uma espécie de culpa formada. Sobral Pinto questionou e conseguiu a libertação dele. Quando eu ia na cadeia, lá mesmo ele sugeriu que eu fosse para a Bahia.

Edson – Ele tinha sido baleado...

Carlos – Ele já tinha superado a fase mais crítica, estava magro, mas já estava bem.

Edson – Onde ele estava preso?

Carlos – No Dops, no Rio.

Edson – Quando você retorna para a Bahia, vai ficar com sua mãe?

Carlos – Eu nunca me afastei de minha mãe. Quando eu fui para o Rio, foi com minha avó, e minha mãe eventualmente ia, todas as férias eu voltava para a Bahia, nunca passei as férias longe de minha mãe. E então, naturalmente fui morar com minha mãe, onde era minha casa.

Edson – Você também teve contato com a família paterna?

Carlos – Sempre tive, desde pequeno, eu fui cuidado pelos meus tios, tio Betinho, tio Caetano, conheci minha avó rapidamente, meus bisavós, estava velhinha.

Edson – Quando você retornou, sua avó Maria Rita já havia falecido.

Carlos – Ela morreu quando eu fui para o Rio.

Edson – Quais as recordações que você tem do seu avô?

Carlos – Dele, pessoalmente, nenhuma. Quando o vi era muito pequenininho; em seguida, viajei para o Rio e não tive muito contato. Quando voltei em 1964, meus avós já eram mortos e posso dizer que praticamente eu não os conhecia. Conheci pela memória, como eles eram descritos pelos meus tios. Meu avô era uma grande personalidade. Ele era uma pessoa que praticamente fundou a Colônia Italiana. Colônia Italiana na Bahia é muito importante para a cultura local. Na colônia que se instalou aqui na Bahia eles eram construtores, mestres de obra, tanto que se você for pegar os prédios novos, neoclássicos daqui de Salvador, todos foram construídos pelos italianos, tipos de frisado. Tem muitos prédios no centro da cidade, daquelas famílias mais tradicionais, as casas e prédios dessa primeira metade do século, de 1900 a 1950, eram construídos pelos italianos, eles é que sabiam fazer aquelas colunas, aqueles frisos. A outra parte da colônia se dedicava à indústria e manutenção. Meu avô foi quem introduziu aqui

na Bahia o martelo de borracha, que não era conhecido como um aparelho para fazer serviços de chaparia. Meu avô durante a segunda guerra ensinou converter o motor a gasolina em gasogênio, que é uma substância que é produzida a partir de frutas, cereais e vegetais, você coloca para ferventar e tem uma água que é um combustível de primeira qualidade. Meu avô ensinava fazer o gasogênio, ensinava a converter o motor de gasolina em motor de gasogênio. Principalmente nas fazendas, em áreas de agricultura, continuaram usando, eu já vi dezenas de fazendas, sobretudo na região da Chapada da Diamantina, que tinha um motor construído por meu avô, que não era gasolina, era gasogênio. E meu avô era a pessoa que consertava navios aqui na Bahia, qualquer navio quebrado lá vinham aquelas grandes máquinas. Ele era tido como um grande engenheiro daqui.

Edson – Mecânico.

Carlos – Não, mecânico não transforma motor a gasolina em gasogênio. Mas ele não era engenheiro formado, ele tinha conhecimento da tecnologia trazida da Itália, onde a tecnologia era bastante conhecida e ele trouxe para cá. Ele era uma personalidade aqui em Salvador. Não era uma pessoa qualquer.

Edson – Com quem você teve mais contato aqui da família de seu pai?

Carlos – Com o Caetano, que era o irmão caçula e afilhado, que tinha por meu pai uma grande admiração, e Humberto Marighella, que no currículo familiar era o mecânico da família. Tinha um outro mecânico que dizem que era o mais talentoso de todos, mas esse morreu muito jovem.

Edson – Desse contato que você teve com seus tios, eles se referiam à memória para falar de seu avô. Eles também se referiam a seu pai?

Carlos – Ah! Claro. Meu pai era o grande herói da família.

Edson – O que eles diziam?

Carlos – No caso de Caetano, meu pai era como se fosse um outro pai dele. Meu pai era o mais velho e Caetano o mais novo, a família era muito numerosa, a diferença de idade era muito grande. Caetano era uma pessoa extrovertida, brincalhona, muito conhecido na cidade e ele falava em todo canto com muito orgulho e amor, de meu pai.

Edson – Ele dava exemplos, contava histórias de seu pai?

Carlos – Contava, o que ele sabia ele contava.

Edson – Você se recorda de alguma?

Carlos – Tudo que eu sei do meu pai foi através de Caetano. Essas histórias todas, que ele era um jovem que entrou para o Partido Comunista muito cedo, que ele fazia versos na escola, que ele gostava muito de jogar futebol, que meu avô educava os filhos com uma educação muito rígida, espartana. Conta a história que uma vez meu pai foi pedir uma chuteira, e meu avô: "Você quer uma chuteira ou um buziguim?" Ele pegou o buziguim, o sapato que se usava na escola, botou umas travas e poderia também jogar bola. Uma outra história conta que meu avô pegou uma borboleta de caminhão e botava os meninos, todos amigos de meu pai, para ficar dando volta na borboleta; depois verificou-se que a borboleta na verdade era uma bomba d'água, cada vez que as crianças passavam na borboleta bombeava água para o abastecimento da casa. Meu pai jogava bola, ele deve ter percebido os dotes de meu pai e ele deu uma atenção muito grande em relação a isso. Meu pai tinha muitos livros, meu avô comprava muitos livros para ele, conversava muito com ele, tinha uma visão em relação a isso. Enquanto os outros eram mais farristas e brincalhões. Meu pai destoava dos demais.

Edson – E Caetano e Humberto lamentavam de alguma forma esse distanciamento pela vida política?

Carlos – Não. Minha família cresceu toda ela se sentindo meio comunista, todos eram muitos solidários com meu pai.

Edson – Chegaram a militar?

Carlos – Caetano foi motorista de meu pai no Partido Comunista. Ele foi da Petrobras, foi dirigente sindical, ao modo dele, ninguém era da organização como foi meu pai. Mas todos participavam, contribuíam e não negavam sua simpatia pelo Partido Comunista.

Edson – Você afirma no depoimento do Emiliano José que seu pai foi o âncora da sua vida. Eu queria que você me explicasse o que significa esse âncora em sua vida?

Carlos – Meu pai me ensinou os valores morais que as crianças vão consolidando, eu aprendi pelos diálogos com ele. Vocês têm filhos?

Edson – Sim.

Carlos – Pois vocês sempre vão querer que seus filhos se ancorem num valor de vida que vocês tenham, valores morais, culturais, sociais. Eu tive essa influência que foi a única em minha vida, porque eu sempre fui filho do Marighella, quer dizer, eu sempre fui apresentado a essa minha condição. Eu quando conheci meu pai eu espontaneamente decidi que devia ser do Partido Comunista, que devia ter aqueles valores que ele cultivava como valores meus também.

Edson – Então ele te influenciou politicamente?

Carlos – Meu pai nunca disse entre no Partido Comunista, saia do Partido Comunista. Ele já era comunista desde pequeno, se desenvolvia na minha família uma ideia de que meu pai era um cara perseguido, foragido, então os inimigos de meu pai eram meus inimigos. Consequentemente, os amigos de meu pai eram meus amigos. Foi uma decorrência natural. Meu ingresso no partido não

decorria do fato de ser filho do Marighella. Sempre tive Marighella. Marighella era neto de meu avô, era sobrinho de Caetano Marighella, era sobrinho de Humberto Marighella. A família Marighella é de saída uma família comunista, nem todo mundo se integrou ao Partido Comunista, mas, em princípio, essa solidariedade com a causa comunista já existia na parte de qualquer descendente de Augusto Marighella.

Edson – Ele nunca conversou com você sobre entrar no partido. Mas ele teve alguma conversa sobre política com você?

Carlos – Olhe, eu falo que ele sentava comigo para discutir marxismo, o que era a visão dele no mundo. Isso era uma coisa natural, era na mesa. Eu li todos os livros de Engels que meu pai comprou para mim, ou aquele *Origem da família e da propriedade privada*, li economia, li a *História da riqueza do homem*, eu lia todos os livros de Jorge Amado, que eram livros que faziam uma pregação socialista muito intensa. Era uma literatura muito orientada, mas meu pai nunca chegou para mim e disse: "Você vai entrar no Partido Comunista amanhã". Essas coisas foram acontecendo naturalmente e eu quando voltei para a Bahia ingressei no Partido Comunista sem ninguém me pedir, sem ninguém me dizer, que era fruto daquela visão que eu tinha, que foi uma experiência de vida, mas que não foi só do meu pai, já da família, no contato com meus tios e foi se consolidando.

Edson – Quando você retornou para a Bahia continuou a ter contato com ele?

Carlos – Não, nunca mais. Eu falava com meu pai por cartas, escrevo diversas vezes. Eu quero dizer até que meu pai, pelo tipo de vida que levava, queria proteger a família, se afastar da família. Numa única vez que meu pai viria a Bahia marcamos um encontro e ele não apareceu nesse encontro, mas nos falávamos, trocamos muitas cartas nesse período.

Edson – Qual o conteúdo dessas cartas?

Carlos – Por incrível que pareça, as principais coisas que eu me lembro dessas cartas eram conselhos para que eu estudasse, para que prosseguisse coisas muito paternais.

Edson – Depois de 1964 você nunca mais o viu?

Carlos – Nunca mais. A última vez que vi meu pai foi no Dops, na cadeia algumas vezes, porque enquanto durou aquelas negociações para a contratação do Sobral Pinto estávamos juntos.

Edson – Como foi sua relação com Clara Charf?

Carlos – Normal. Clara nunca teve filhos, de tal maneira que eu não tive nenhuma concorrência. Eu fui muito bem recebido, ela é uma pessoa fantástica, ela me enchia de mesuras, de docinhos, pãezinhos. Ela, como meu pai, era uma pessoa ocupadíssima. Eu não via Clara. Eu saía de manhã para ir à escola, Clara saía também para a rua, eu voltava mais cedo que todo mundo e Clara não havia chegado ainda. A gente se encontrava nos finais de semana, ela é judia, e tem muito conhecimento daquela culinária judia, me lembro que eu adorava os pães que eles fazem, pães de judeu, não tem nada, é só farinha de trigo, água e sal, era uma delícia, eu comia muito. Eu tive com ela uma relação muito interessante, que foi evoluindo, ela é como se fosse uma segunda mãe para mim. Uma relação muito carinhosa, eu gosto muitíssimo dela.

Edson – No seu depoimento ao Emiliano José você se refere a um encontro de seu pai com os dominicanos no início de novembro, no Rio de janeiro. Não sei se você tem certeza, mas é uma informação que hoje é contestada, até pelos próprios padres. Como você hoje revê isso?

Carlos – O que acontece é que nós somos os depositários de todas as informações, porque as fontes somos nós, geralmente nos

procuram, as pessoas não querem falar a qualquer um etc. Então, não há nenhuma visão nossa, o que eu disse a Emiliano é o que nós acreditávamos – em relação a esse episódio dos padres – porque o que é verdade é que há, e isso está muito evidenciado, mesmo entre os historiadores de esquerda, duas versões pressupostas. E o pressuposto de uma versão, às vezes alguém que tem uma versão, que os padres colaboraram, que eles devem ser até responsabilizados, que chegam a uma conclusão, às vezes sem muito fundamento, de que Marighella teria morrido dentro do carro com os padres, numa forma evidente de que ele foi atraído para o carro pelo padre e que isso teria sido um ato de traição espontânea, obviamente, com a ressalva de que eles estavam presos, enfim, era isso ou morrer, colaborar ou morrer. E a outra tese é que não, que foi absolutamente acidental ter acontecido daquela maneira, tanto que meu pai poderia ser emboscado em qualquer outro lugar, com ou sem padre, e tanto que é verdade que nem no carro morreu. O Gorender defende uma tese, Frei Betto defendendo outra. O que é verdade é que nós, ao contrário do que muita gente pensou, nós temos feito até então é adotado uma medida digníssima e de grande responsabilidade política. Gorender tem uma discussão com frei Betto há muito sobre essa questão, e aí como nós nos colocamos o tempo todo da seguinte maneira, nós, independente que seja verdade ou mentira, não queremos com a nossa declaração apoiar uma queima, uma caça aos padres que fundamentalmente delataram Marighella motivados por uma situação que ensejou isso a muita gente, muita gente mata, tortura, nem todo mundo tem a força física, moral, o nível de convicção de um cara como Marighella, e é por isso que Marighella é herói, e por isso que o frei Betto não é herói, o frei Ivo. Agora você pegar pessoas que foram espancadas, fragilizadas, estranguladas, transformar essas pessoas nos vilões dessa história é um absurdo. E o que é verdade, o que Gorender passa o tempo todo defendendo é a sua versão como historiador, uma versão que tem falhas como qualquer outra versão. Se você vai escrever algu-

ma coisa em relação a isso provavelmente vai ter muitas imprecisões, o Emiliano encontrou as dele, porque é muito difícil você construir essa história letra por letra, como ela é. Muitas das coisas que Emiliano disse vão sendo contestadas, se ele for uma pessoa realmente... ele vai reformular seu pensamento e reescrever em edições posteriores no livro. Da mesma forma que estou aqui dando atenção a você, não o conheço, mas o fato de você levantar verdades históricas de Marighella, vai contar antecipadamente com toda facilidade de mim e de Clara, de tudo o que for possível poder fazer, o resultado do que você vai fazer é responsabilidade sua, não é minha, as conclusões são suas, eu não vou assinar a sua tese, nem o livro de Emiliano, nem nada. Posso apenas dizer o que eu penso, o que eu sei, tudo isso para dizer o seguinte, nós nunca demos nenhuma versão definitiva sobre isso. O que a gente disse num determinado momento é que nós não tínhamos condições de determinar aquelas circunstâncias exatas, isso é polêmico, a nossa é de que os padres não agiram em colaboração espontânea com a polícia, a verdade é que esses padres todos salvaram muitas vidas, eles foram muito úteis, fizeram um grande trabalho, eram indiscriminadamente amigos de meu pai.. E não cabe a nós familiares recriminá-los por não resistir a tão feroz e desumana tortura. Eu prefiro me concentrar na critica ao Pinochet, ao Fleury, aos militares, do que condenar os padres, não só os padres como todo mundo que foi torturado. Clara não é a sucessora de Marighella, eu não sou o sucessor, não tenho a inteligência de Marighella, não tenho que explicar o pensamento político dele, devo guardar coisas que são da memória dele de uma forma institucional porque você não pode cuidar disso, ninguém vai lhe entregar os retratos que estão lá no Dops, isso só se entrega à família, é uma questão legal, de direito, as coisas são assim. E nós nem fizemos a nossa defesa. A indenização que nós recebemos foi repartida com a família, Clara não custeou despesas, ela é uma pessoa que vive disso, viaja, faz palestras, não recebe um tostão por isso. Clara é uma pessoa que vive muito modestamente, o

dinheiro não deu para ela, sei lá. Enfim, um absurdo que ele tenha limitado a nossa participação a um pleito indenizatório. Estou te dizendo isso porque nós nunca chancelamos nenhuma versão sobre isso, acho até que o Emiliano hoje, por conta do aprofundamento que ele fez, defende uma tese que é contestada pelo Gorender. O Gorender quer que a única verdade que existe seja a dele. O modo como que ele reage, desqualificando as pessoas, me parece que ele só quer que haja a verdade que ele escreveu; como Emiliano é um cara muito sério, tem fontes, ele discorda, ele acha que não é como o Gorender citou certos episódios.

Eu quero lhe dizer que talvez você pudesse ter versões mais bem fundamentadas, Gorender e Emiliano são pessoas que estão já escrevendo sobre esse assunto com grande riqueza de detalhes, com grande visão política e histórica sobre esse fato.

Edson – Qual a posição que vocês tomam?

Carlos – Tomamos uma decisão de sair do meandro que era a armadilha que era a acusação pura e simples dos padres. Os fatos são verdadeiros, meu pai tinha um contato com os padres, eles eram amigos, meu pai utilizava o mosteiro, meu pai ligou para lá antes, ele estava procurando os padres porque ele havia recebido notícias de que haviam prendido padres no Rio de Janeiro. Só que ele não atinou, os que haviam sido presos já estavam em São Paulo, ele ligou para lá queria falar isso com os padres, que eles tomassem cuidados. E os padres, atenderam o telefone e não efetivamente disseram para ele, se dissessem teriam sido mortos ali na mesma hora. Daí eu chegar e dizer que meu pai só morreu porque o padre denunciou vai uma distância grande. Havia inclusive outras maneiras, talvez, de se defender que não foram utilizadas para essa situação. Não dá para atribuir exclusivamente essa responsabilidade aos padres, e ao mesmo tempo entrar nesse discurso antidominicano que Gorender tem, não tem sentido isso. Está bom, denunciou, delatou; isso retira dos padres

esse carinho, essa atuação que eles tiveram para com a luta contra a ditadura? Ao contrário, eles retiraram milhares, centenas de pessoas do Brasil. Meu pai encontrou neles uma maneira de livrar da morte dezenas de companheiros, e eles colaboraram, sempre se arriscaram, não estavam nisso como inocentes úteis, fizeram espontaneamente porque acreditavam nisso. Nós adotamos uma tática de não [nos] estender excessivamente nesses dados que, eventualmente, davam conta a esse discurso antidominicano, que era um discurso meramente sentimental. Quando você examina esse assunto de uma maneira mais fria, você tem motivos para isentar os dominicanos de culpa naquilo que é intencional, subjetivo. Objetivamente, ele recebeu o telefonema, objetivamente ele não disse "olha, Marighella, tem um policial aqui do meu lado"; objetivamente, ele estava lá na em hora que Marighella entrou na alameda e foi fuzilado e, objetivamente, um deles se suicidou, provavelmente com remorsos, que aliás deve acometer a todos eles, a Frei Betto e a todos os outros. Tirando o objetivo, eu não quero dar nenhuma opinião subjetiva. Vamos agora reconstruir os fatos como eles foram efetivamente, porque agora a família não tem nem mais que ficar como era antigamente porque agora os fatos estão muitos expostos, qualquer pessoa pode chegar a conclusões cada vez mais próximas do que foi a verdade, e nesse episódio foi bom que a família tivesse tomado essa providência. O governo edita uma lei que diz quem foi morto pela ditadura e não botar o nome de Marighella no meio, a principal personalidade, o inimigo número um da ditadura militar? Se isso aí decorreu de que há uma indenização, é obvio que a família tem direito, nós não chegamos lá "quero indenização", e sim "queremos que Marighella seja reconhecido". Essa pecha é uma tentativa de desqualificar a família, não é nem uma crítica a nossa conduta apenas porque a gente não quer, não continuaremos fazendo isso com nenhum sentimento antidominicano desse episódio. Nós não queremos realmente que essa questão sobre Marighella se transforme numa disputa fratricida

entre nós mesmos, porque na verdade temos um grande respeito pelo Gorender, pelo Emiliano, pelos padres, e qualquer historiador que se proponha a contar essa história. O Gorender é uma figura respeitável, mas eu não posso ficar sem me defender, com todo respeito, com o carinho que eu tenho à pessoa dele.

Edson – Mudando um pouco o nosso rumo, eu queria que você me explicasse como ficou o seu nome, Carlinhos Marighella, após a morte de seu pai: ficou reverenciado de forma positiva ou negativa?

Carlos – Já fui demitido de emprego porque era Marighella.

Edson – Qual emprego?

Carlos – Eu comecei minha vida profissional trabalhando em indústria, trabalhei no polo. Meu primeiro emprego: eu fui demitido porque era Marighella.

Edson – Isso exatamente quando?

Carlos – Em 1969, exatamente no ano que meu pai morreu. Não havia nenhum motivo para me demitir, na minha primeira experiência de emprego. Em muitos lugares a gente percebe que há restrições. De modo geral, o nome Marighella tem me trazido muitos benefícios, belas acolhidas. Em muitos lugares em que eu estive aqui e fora do Brasil, o nome Marighella me faz alvo de carinho e de atenção, mas não tenha dúvida de que ainda é uma anátema, ainda para muitas pessoas há preconceitos unânimes inspirados por esse pensamento direitista.

Edson – Você poderia citar exemplos dessas restrições direitistas? Exemplos práticos.

Carlos – Cada vez é menor isso, cada vez é menor isso. Mas é muito comum eu chegar num lugar assim e dizer "Marighella", e o cara diz assim: "[trecho inaudível], mas me vê aí, deixe eu olhar".

Marighella é tratado com uma reverência, às vezes com uma certa simpatia, às vezes quer ver melhor, quer apurar melhor. Eu tenho culpa no cartório, pois eu fui do partidão durante muitos anos, eu militei, fui do movimento sindical, mas era muito comum as pessoas me dizerem, até muito inocentemente, "olha você precisa olhar, esse nome Marighella", isso já aconteceu muitas vezes na rua, abrindo conta em banco, tirando documento, já aconteceu muitas vezes.

Edson – E na prisão?

Carlos – Eu fui preso porque era dirigente comunista aqui na Bahia.

Edson – Por ele ser temido, pela sua resistência, houve alguma referência por você ser filho dele?

Carlos – Sabiam que eu era filho de Marighella, mas eu era do partido, eu não era da ALN, isso não apareceu com força, nós apanhamos muito, fomos torturados, mas as circunstâncias da nossa prisão aqui já foram bastante atenuadas pelo fato de que nós não tínhamos a vida clandestina. Então, no dia que eu fui preso tiveram que me prender em casa, e aí correram no sindicato, houve na Bahia um grande movimento público de solidariedade que impedia a nossa eliminação física, embora lá a gente percebesse que eles quisessem, havia esse interesse, não havia condições políticas para uma eliminação física. Para você ter ideia no dia que eu fui removido da prisão para o quartel, o bispo foi nos visitar lá, ele era um direitista, d. Avelar Brandão Vilela; minha avó que era muito carola, veio do Rio e obrigou ele a me visitar na cadeia. O Partido tinha uma base social em função da tática que ele pregava, que repercutia muito esse tipo de intervenção, vide o caso de Manoel Filho, vide o caso do Herzog. O fato de que o Partido tem uma trajetória de luta geral, isso criava uma couraça que impedia uma repressão mais ostensiva.

Edson – Eu quero saber se você, por ter o nome Marighella, sofreu algum tipo de perseguição?

Carlos – Eu fui espancado o mais que podia. Eles estavam motivados pelo fato de que eu era comunista.

Edson – Pela sua militância?

Carlos – Isso.

Edson – Como que você avalia hoje a posição que seu pai teve pela luta armada?

Carlos – Eu já amadureci muito esse assunto. Eu acho que o grande problema da esquerda, de um modo geral, foi não ter conseguido encontrar um caminho comum de luta contra a ditadura e luta pelo socialismo nas condições do Brasil. Eu posso lhe assegurar que a questão da luta armada era plenamente justificável em diversos momentos, digamos assim. Na verdade, aquele drama que se tinha sobre os caminhos que se tinham para a revolução no Brasil era uma discussão falsa, porque partia de um pressuposto de um caminho único. Na verdade, tanto o Partido Comunista, com sua tese de luta legal, que permitiu inclusive a ocupação dos sindicatos, puderam ter na vida nacional, pelo menos naquele momento, em oposição à pregação do Partido Comunista, em que se devia se organizar sindicatos, partidos, quer dizer, já que o MDB existia, o partido achava que devia ser uma trincheira de luta, já que existiam os sindicatos, o partido achava que devia ser uma trincheira de luta. Essas instituições foram preservadas, foram salvas, existiam, porque o outro lado, a guerrilha, a luta armada pregava que não, para que esse negócio de sindicato, tudo isso existia apenas para na verdade dar validade aos militares, segundo essa tese os militares apareciam no cenário internacional como um governo democrático porque eles tinham instituições que foram preservadas como os sindicatos e os partidos. Graças a isso, essas organizações sobreviveram e passaram a ter papel

importante que pôde até progredir. Eu acredito que aquela tese dos sindicatos, que, se houvesse consolidado, nós teríamos uma política sindical como você tem nos Estados Unidos, onde o sindicato não tem nenhum papel, nenhuma presença na memória política e cultural dos Estados Unidos, como uma organização que tinha alguma característica política. Para fazer na verdade birôs de promoção de interesse sindicais, operários, trabalhistas. Agora, indiscutivelmente, a luta armada também expôs e teve um papel muito importante até na debilitação da ditadura. Naquela época se discutia muito apaixonadamente esses caminhos excludentes, ou era a luta armada ou era a reforma – como se dizia – ou era o movimento reformista, ou era o movimento foquista e vanguardista. Se a gente fosse analisar pelos resultados, talvez a luta não armada tenha deixado resultados mais duradouros, pois foi ela ao final que triunfou sobre a ideia de constituinte, teve uma permanência maior no sentido de oposição ao regime militar. O regime militar triunfou em relação à luta armada, mas não conseguiu triunfar diante da luta legal, civil, essa permaneceu, cresceu com a anistia, com a constituinte, ela chegou até o desfecho de hoje, mas eu hoje, sinceramente, vejo muitos méritos na luta armada, eu acho que o que faltou foram lideranças serenas para encontrar uma solução que combinasse essas duas formas de luta e talvez esse tipo de ação tivesse nos levado a uma situação mais correta, mais permanente, porque a verdade é que a gente ganhou mais não levou a luta socialista no Brasil, a luta contra a ditadura terminou desembocando numa eleição indireta, desembocando numa constituinte feita pela metade e hoje em dia as pessoas se indagam muito se tudo aquilo transformou o bem-estar e progresso para a população de um modo geral.

Edson – Durante a inserção de seu pai na luta armada você teve algum contato com ele?

Carlos – Não.

Edson – Ele já estava completamente envolvido?

Carlos – Meu pai, no caso dele, era perfeitamente previsível uma solução dessa. Meu pai foi estudante perseguido, foi para São Paulo, organizou o Partido Comunista, foi preso. Passou nove anos em diversas cadeias, inclusive em Fernando de Noronha. Daí, se elege deputado, pratica a mais aberta luta legal, sendo inclusive um tribuno fantástico, cassaram o registro do PCB, cassaram o mandato dele, vai para a clandestinidade com governos constituídos, participa da eleição de Juscelino, de Jango, quando tudo estava maduro, naquela época, aquela esquerda ganharia o poder pela via eleitoral, fatalmente. Quando tudo indica para isso, vem à direita dá um golpe, prende ele, bate, prende. Ele não tinha outra alternativa, a experiência de vida dele forçosamente leva àquele pensamento radical. A violência não fora pregada por ele, foi aqui exercida contra ele o tempo todo, em que ele tentou uma ação democrática, em que ele tinha uma inspiração, um desejo, um projeto para o país. Meu pai não optou pela luta armada de forma impensada. Agora, em relação a mim, ele nunca fez um proselitismo de tentar me convencer a escolher esse caminho. Aliás, eu acho que se ele pudesse amadurecer um pouco mais tudo que ele acumulou com a experiência, tudo que ele acumulou com uma liderança querida e respeitada, com trânsito em todas as frentes, eu acho que ele poderia ser uma pessoa capaz de estar numa posição exata de formular um projeto capaz de reunir mais gente. A esquerda era muito fracionada, mesmo aqueles que optaram pela ação armada, havia muitas divisões, muito fracionamento, o que não ajudava nem um pouco.

JOÃO FALCÃO*

João Falcão – Quando houve o período da legalidade ele, assim que foi solto, veio à Bahia com aquela auréola de líder, que deixou aqui, de estudante excepcional. Então, ele voltou à Bahia e foi recebido como um jovem extraordinário, mas isso na verdade circunscrito ao Partido, o povo não sabia nada disso. Mas com a campanha para deputado em 1945, ele teve um contato com o povo, ele era um bom orador, tinha um discurso muito bonito, muito popular. E foi tanto assim que ele teve mais votos do que Prestes. Prestes era candidato a Deputado Federal, mas foi candidato, a legislação permitia, ele foi candidato em vários Estados para reforçar. E aqui na Bahia ele foi o candidato preferencial, mas o Marighella teve mais votos que ele, foi o mais votado.

Edson – Porque o senhor saiu do partido?

João – Eu saí por convicção. Depois do informe do Kruschev, eu vi que era uma merda. Eu estava equivocado, estava enganado,

* Este depoimento foi realizado em Salvador, no dia 9 de novembro de 1998, na residência de João Falcão, ex-militante do Partido Comunista Brasileiro.

o próprio Kruschev denunciou o Stalin como um monstro, um criminoso, com dados, eu li o informe dele quando foi publicado no Brasil, saiu em *O Estado de S. Paulo*. Li o informe e vi que eu estava num partido que não era nada do que eu pensava, era uma ditadura. Eu saí com muita convicção e fui respeitado. Os que continuaram são verdadeiros energúmenos, são pessoas sectárias demais, a deserção do partido naquela época foi muito grande, principalmente os intelectuais, o presidente da Academia Brasileira de Letras da União Soviética, esqueci o nome dele, suicidou-se. Então eu fiquei muito à vontade. Se alguém dizia: "Ah! Você traiu, abandonou o partido, se aburguesou!" Eu dizia: "Nada disso, eu era burguês e aguentei o partido durante anos, tudo que eu ganhava era para o partido". Eu não comprava nem sapato nem roupa, vivia como um mendigo, mas todo dinheiro eu dava para o partido. Eu não fiz nenhuma apologia disso, nem acentuei, eu viajava pelo partido ao exterior com os companheiros e custeava tudo isso, Arruda... Então, eu saí por isso. Nesse livro estão as memórias de 20 anos dedicados ao partido, nem em biblioteca você encontra, na daqui você não encontra, eu já dei três livros, foram todos roubados. Semana passada eu estava pesquisando na biblioteca e precisava confirmar um fato nesse livro, fui consultar e não existia mais. Em três vezes eu dei seis livros, procurei a diretora e disse.

Edson – A gente vê a referência de seu livro em algumas obras e quer conhecer, mas infelizmente...

João – Outro dia mesmo saiu na televisão um documentário sobre Carlos Lacerda, que diz que ele colaborou numa revista comunista *Seiva*, dá alguns dados que só poderiam sair desse livro, só eu sei, porque todo mundo já morreu. E a Globo, uma ocasião, mandou me pedir, eu mandei o livro para lá para o depoimento de pesquisa.

Mas voltando ao Marighella. Existem algumas referências à atuação dele nesse livro. Tem muitas coisas que eu consulto nesse livro

para posicionar, questão de datas, a gente já não lembra mais. Mas o Marighella era uma figura fascinante. Inclusive, eu era diretor do jornal *O Momento* aqui, o jornal foi fundado antes da legalidade, que foi em maio, ele foi fundado em março. Foram fundados jornais em vários Estados, mas todos eles eram altamente deficitários para pagar o pessoal. Então, o Comitê Central fazendo análise da imprensa popular (...) Então, *O Momento* era o único jornal para o qual o partido não havia mandado nenhum recurso, pagava em dia seus funcionários e não devia, não tinha dívidas, estava equilibrado. Ele disse: "Quem é que dirige esses jornais? Manda buscar o Falcão para cá, nós não temos experiência nenhuma de imprensa, o único jornal que havia dado uma experiência positiva é esse, manda buscar o Falcão para cá".

Edson – Para cá onde?

João – Para o Rio de Janeiro, tinha o Comitê Central e ele mandava me buscar. Eu fiquei lá, adido à Comissão, fazendo um estudo sobre a imprensa comunista, um especial sobre a *Tribuna Popular*, esse estudo foi concluído e entregue para o Prestes dois dias depois do partido ser fechado e, por sorte minha, ainda conseguiram tirar da escrivaninha dele, onde estava guardado, esse relatório porque senão eu estaria preso e lá eu não era conhecido, eu era daqui da Bahia e ninguém me conhecia lá, polícia muito menos. Por isso mesmo o Prestes foi entregue ao fechamento do partido, seguiu para o aparelho dele, em maio de 1947 no mesmo dia que o partido era fechado.

Edson – Foi aí que ele caiu na clandestinidade?

João – Ninguém sabe disso. Todos os livros falam da clandestinidade dele depois da cassação dos mandatos dos deputados comunistas, em 1948. Mas ele ficou na clandestinidade, na verdade, desde maio de 1947 e eu tenho um depoimento completo sobre esse período inclusive conversando com o próprio Prestes. Tem muitos detalhes inéditos sobre o partido nesse livro do Giocondo. Tem uma passagem

séria do livro do Giocondo de uma conversa do Comitê Central com o Marighella, antes que ele rompesse, foi uma conversa de dez horas, dele e Giocondo. Até o último dia o Giocondo tentou evitar que o Marighella fosse para a luta armada. Um fato tem que ser registrado, ele era amigo de um milionário fraternal aqui na Bahia que era colega dele, chamava-se Lô Costa Pinto, um engenheiro, e para quem o Lô mandava ajuda financeira.

Edson – Devem ter se conhecido na faculdade?

João – Estudaram juntos. O Lô era maluco por ele. A viúva dele atesta isso.

Edson – E Marighella, qual era o temperamento dele?

João – Aqui tem um episódio dele comigo. Quando eu cheguei atrasado num encontro, eu era o chofer dele no ponto, ele era um pouco grosseiro, mal educado, filho de operário não podia ser um *gentleman*. Às vezes, ele perdia o sentido da coisa, o senso. Eu disse para ele: "Eu sou um companheiro igual a você, sou um homem formado e dedico minha vida toda ao Partido como você". E aí ele ficou calado, depois, quando ele saiu do carro, me pediu desculpas (risos).

GERALDO RODRIGUES DOS SANTOS*

Edson Teixeira – Eu gostaria que você me falasse de Marighella, de quando você o conheceu e como foi esse seu contato com ele, mesmo que você tenha que tocar, em alguns aspectos, no livro organizado pelo Lincoln.

Geraldo R. dos Santos – Marighella, como outros dirigentes do partido, eu conheci em 1945. Você sabe, daquela efervescência política toda em 1945, a saída do Prestes da cadeia, os grandes comícios que se realizavam pela Constituinte e pela legalidade do partido. Então, os quadros do partido se projetaram na opinião pública. Entre eles, o Carlos Marighella. Tinham grandes comícios em São Januário, Anhangabaú e outros locais. Inclusive passou a ser um fato político novo na sociedade brasileira e com a legalidade isso era um acontecimento na sociedade daquela época. Aí a gente estava muito em função do Prestes, que era muito exaltado, muito projetado e também de todas as lideranças comunistas. Assisti – eu não era militante, morava em Santos

* Esse depoimento foi realizado na cidade do Rio de Janeiro, no dia 12 de novembro de 1998, com Geraldo Rodrigues dos Santos, militante do Partido Comunista Brasileiro e, então, no Partido Popular Progressista.

naquela época – mas, acompanhava alguns comícios, algumas palestras de dirigentes comunistas que iam a Santos. Embora eu não fosse comunista, eu acompanhava. E aí, fiquei conhecendo o Marighella. Agora ter contato com ele mesmo foi em 1950, por aí, em São Paulo, depois que eu fui demitido da Companhia das Docas de Santos, que era uma empresa que explorava o porto. Eu aí já era do partido, já era militante do partido. Entrei no partido em 1945, maio de 1945. Só fui conhecer o Marighella, pessoalmente, em 1950. Como eu era do movimento sindical, em Santos eu militava nas docas e também tive participação ativa no partido, de 1945 até 1950, quando fui demitido. E o partido, quando eu fui demitido, resolveu me procurar. A direção estadual, da qual o Marighella fazia parte, resolveu me procurar em Santos, sugerindo a minha vinda para São Paulo para ser revolucionário profissional. Eu de princípio não entendia bem essa perspectiva de ser revolucionário. Sempre trabalhei, sempre tinha trabalhado.

Vim a São Paulo para uma reunião com o Marighella e o Ramiro que foi um dirigente ferroviário, veio me buscar em Santos, era um dirigente ferroviário e era responsável pelo trabalho sindical na época. Foi aí que eu conheci Marighella pessoalmente. Ele me expôs a situação sindical com esse Ramiro Lukesi, me expuseram a situação sindical e colocaram para mim se eu aceitava ou não fazer parte do que na época se chamava Sessão Sindical do Comitê Estadual. Eu seria um dos integrantes de uma espécie de Departamento Sindical do partido, chamava-se Sessão Sindical do Comitê Central Estadual do partido de São Paulo. Eu aceitei a tarefa e já gostei do Marighella ali, da maneira dele conversar, de me tratar, a gente ficava à vontade com ele. Eu senti que ia me dar bem porque eu estava à vontade com ele para conversar. Os outros dirigentes do partido não tinham essa comunicação, você não se sentia à vontade, eu pelo menos. Não sei se era pelo fato do nível cultural, enfim, não sei bem qual era a razão. Com o Marighella a conversa era fácil, a conversa, ele falando, brincando e tal. Eu já fiquei me simpatizando com ele. Tem outros dirigentes, como o Diógenes

Arruda, ele era considerado um cara autoritário do partido, dava bronca, embora ele nunca tivesse tido nenhuma dessas atitudes comigo, também não sei por que, mas nunca teve. Eu não tinha a mesma simpatia, o mesmo tipo de relacionamento que eu vim a ter como Marighella. Mais tarde, eu só vim a conhecer um outro companheiro, mais ou menos do mesmo porte assim do Marighella, no trato com as pessoas, que era o Giocondo Dias. Foram os únicos que eu conheci no partido e que me deram vontade de lutar mais ainda, foi importante ter conhecido esses dois (risos). A maneira que eles me tratavam, sem arrogância, sem discriminação, aquilo ficou como um amigo, um irmão, uma coisa dessas, eu até me sentia mais revoltado. Depois que eu conheci esses dois companheiros, me convenci da necessidade da luta. Até então, eu já tinha um certo convencimento, mas ele se intensificou.

Edson – Você, antes de conhecê-los, não tinha uma boa relação com os comunistas?

Geraldo – Sempre tive uma boa relação com todo mundo. O que eu quero te dizer é que a maioria dos dirigentes do partido só tratava das questões do partido, não saía com outras conversas, de brincadeiras, de sacanagem, de piadas. Por exemplo: eu militei na Executiva do partido mais de dez anos com o Prestes, nunca tive um diálogo com o Prestes fora do contexto. Prestes, o homem que dá a última palavra, fecha a reunião, abre e acabou. O Prestes não era comunicativo, basta te dizer que ele não admitia militante do partido não chamá-lo de senhor. Para falar com o Prestes, o cara precisava estar todo perfilado. Não sei se é a razão de muitos deles terem sido militar, diferentemente de outros dirigentes. Prestes era assim mesmo, não sei se por cópia, uma boa parte de dirigentes do partido, tem isso também, a imitação, o cara pensava que ganharia autoridade.

Edson – Qual era o comportamento de Marighella relacionado à descontração. Eu vou ler uma parte de seu livro, um depoimento da

Ângela Sampaio, ela diz assim: "conheci o Geraldo, em 1964, numa casa da Penha, para onde tínhamos nos mudado há pouco tempo. Aquela casa era para dar cobertura à Comissão Executiva do Comitê Central. Três pessoas ali sobressaiam naquele grupo de pessoas mais velhas, o Geraldo, Jaime Miranda e o Marighella. Eram os brincalhões, sempre arrumavam um jeito para não ficar naquela coisa da clandestinidade". Então, como que eram essas brincadeiras, que tipo de descontração rolava entre vocês?

Geraldo – Vou te dar um exemplo: o Marighella era um cara que gostava de futebol, acompanhava time de futebol e nós brincávamos muito, principalmente eu e ele, principalmente depois do golpe que nós ficamos mais juntos, e às vezes a reunião levava dois, três dias. A gente tinha uma convivência maior. Então, tem uma brincadeira que ele fazia muito. Ele dizia: "Olha! O melhor negócio é a gente montar um terreiro de macumba, você vai ser o babalaô (risos) e nós vamos faturar". Quer dizer, vamos deixar esse troço aí que não leva a nada (risos). Era brincadeira desse tipo, entendeu? Conversa desse tipo assim, muito gostosa, ainda mais numa época daquela, sempre tenso, ameaçado de morrer a qualquer momento, junto com ele o tempo passava que era uma beleza.

Além disso, ele era um cara – eu já disse isso no livro – pela primeira vez, eu vi um dirigente do partido chegar, no fim do ano, e perguntar quantos filhos eu tinha. Eu tinha um casal de filhos. E ele: "Eu estou com uma quantidade de brinquedos aqui, escolhe dois brinquedos, leva uma boneca para sua filha". O normal era isso não ocorrer nos dirigentes do partido. Também em véspera de festa, de carnaval, pela nossa teoria materialista, havia uma compreensão de que não se dava bola para essa questão de natal, uma brutalidade. Ele não! Ele não só deu pra eu levar para minha filha, mas também companheiros que estavam fora, em tarefas fora, ele pediu para levar presentes para os filhos desses companheiros, na casa deles, isso lá em São Paulo.

Edson – Ele sofreu alguma repreensão por causa desse ato?

Geraldo – Não, porque ninguém tinha o topete para poder responder ao Marighella.

Edson – Por que isso?

Geraldo – Porque o Marighella era um nome do partido. Um quadro que veio para o movimento muito cedo, muito jovem, ainda estudante, foi preso, torturado, se portou bem, manteve a moral. Quando as qualidades de um bom dirigente naquela época era manter um bom comportamento na polícia, nas mãos da repressão. E ele é um dos que tiveram, antes de 1964, lá por volta de 1940, 1935, por aí. E ele se comportou muito bem e ainda escreveu um livro logo depois do golpe militar, explicando como o cidadão deveria se comportar diante da repressão, se fosse preso. Eu não tenho esse livro por uma razão fácil de lhe dar, com o golpe eu perdi tudo. Eu acho que minha mulher fez bem, tocou fogo em tudo. Tudo que eu tinha em casa, eu não estava em casa, mas acho que ela fez bem. O medo ajudou, o medo também ajuda, porque aconteceu o mesmo com o Prestes e a mulher dele não fez o que ela havia feito e aconteceu o episódio das cadernetas do Prestes (risos). Dois meses depois do golpe, apareceram as cadernetas do Prestes, e que eu peguei dez anos de cadeia, fui um dos mais condenados, embora hierarquicamente tinha gente mais qualificada do que eu (risos) na caderneta que pegaram menos tempo de prisão, muitos nem foram presos. Eu fui condenado à revelia. Não compareci ao julgamento, mas a condenação foi de dez anos, se eu fosse preso ia tirar dez anos. O julgamento foi feito pelo Supremo Tribunal Militar, em São Paulo, se te interessar eu posso mandar pra você.

Edson – Como o Marighella se comportava nas reuniões?

Geraldo – Bom. Antes do golpe militar ele era um companheiro (emocionado)... Ouvir, ele sempre ouvia muito. Marighella era homem

de ouvir, pegar as opiniões, naturalmente, as que ele considerava justas. Defendia a linha política do partido, principalmente, a linha defendida a partir de 1950, depois do 20º Congresso, uma declaração que colocava o partido mais dentro da realidade brasileira. O próprio Marighella foi um dos entusiastas para a coleta de assinaturas pela mudança de nome do partido. O partido tinha o nome de Partido Comunista do Brasil, que é esse que está aí, PC do B. Aí o Marighella deu uma contribuição muito grande. Nós concluímos que Partido Comunista do Brasil dava uma ideia de pertencer a uma sessão estrangeira, a um departamento estrangeiro, que era a Comintern. Como nós estávamos numa época de outra linha política, havia a necessidade da legislatura, de que se desse a ideia de que nós éramos, realmente, brasileiros, que era um partido do país. Então, daí Partido Comunista Brasileiro. Esse foi um dos argumentos que levou o partido ao racha. Ele era um dos que comandaram a campanha de assinatura para que o partido pudesse se registrar com esse nome: Partido Comunista Brasileiro. E os outros ficaram com a outra legenda, que é PC do B, Partido Comunista do Brasil, que está aí até hoje, que está com o Amazonas, essa turma aí. Um dos articuladores dessa mudança foi o Marighella.

Edson – Você presenciou, em algum momento, ele ter um procedimento grosseiro?

Geraldo – Não. O Marighella ele era engraçado. Agora, depois do golpe, eu acho que ele pegou uma outra posição política. Nós começamos a defender, que da maneira que o golpe foi dado o partido ficou surpreendido, não só partido, mas o partido foi surpreendido. Nós não estávamos preparados para o golpe, nem direção nem ninguém. Nós estávamos com a ideia de que, se houvesse uma tentativa de golpe, haveria uma revolução no país com a participação do Jango, do Brizola, uma parte das forças armadas nos apoiariam, apoiariam o Jango. Essa era a ideia que predominava na nossa cabeça. Veio o golpe e isso não ocorreu, os setores que compunham uma frente política,

compreendida também por nós, alguns aliados que faziam parte das Forças Armadas, militares que eram progressistas, que estavam integrados nas Forças Armadas, não tiveram condições de fazer nada, como o brigadeiro Teixeira, por exemplo, que comandava uma zona aérea aqui no Estado do Rio. Então, nós fomos pegos de surpresa. Isso aí influi muito, a meu ver, no Marighella. Influiu em muitas pessoas, mas no Marighella eu nem esperava. Ele era um homem muito tranquilo e muito realista, com muita compreensão da realidade. De repente, ele muda esse comportamento e passa a defender a luta armada, numa situação onde nós não tínhamos condições de fazer aquilo ali, porque a correlação de forças não nos era favorável. Nós não tínhamos nos preparado para isso e muito menos preparado o povo para a luta armada. Então, nós tínhamos que nos resguardar, como fizemos, tentar nos resguardar para não sofrer mais prejuízo, mais baixas, prisões e assassinatos etc.; e ao mesmo tempo procurar fazer com que acumulasse as condições políticas para que, com a participação do povo e de outras forças aliadas, pudéssemos virar o quadro político. À medida que houvesse intervenção do povo no processo político, o que demorou muito tempo, levou uns seis meses para que houvesse as primeiras ações de massa com estudantes, aquele negócio lá do Calabouço, começaram a surgir greves em São Paulo, movimentos no campo. As forças políticas começaram a se abrir, mas o Marighella já tinha outros compromissos nessa altura do campeonato. Ele esteve em Cuba, na Olas, e lá ele assumiu compromisso com os cubanos de fazer a revolução aqui no Brasil.

Edson – Ele chegou a ter contato direto com você nessa época?
Geraldo – Chegou.

Edson – O que ele dizia?
Geraldo – Ele dizia que não ficaria atuando nos moldes convencionais do partido e que ele estava querendo dar uma virada no

panorama político brasileiro e que isso só com a luta armada. Ele estava convencido que era por aí para fazer a revolução. Eu até fui na reunião, que ele se desligou do Comitê Central do partido, representando a direção oficial. Eu e mais dois companheiros, um chama-se Teodoro Melo, que está vivo ainda, e o outro Antônio Chamorro, que já morreu. Essa reunião foi em São Paulo. Nessa reunião, todos os delegados estavam ganhos por ele. As intervenções eram só numa linha, nos chamavam de oportunistas, que não queríamos nada e por aí afora. Ele fez contato comigo, chorou, nós nos abraçamos, nos despedimos. Eu falei contra a opinião dele na reunião, o que foi chato pra burro, mostrando que aquele não era o caminho, que o caminho tinha que ser de acumulação de forças, um caminho que as massas participassem, isoladamente nós não íamos conseguir nada, nós não tínhamos nos preparado, não tínhamos condições para um troço dessa envergadura. E, infelizmente, a vida provou que nós estávamos certos.

Edson – Qual foi a reação que ele teve depois das suas palavras?

Geraldo – Ele disse: "À ficar na política que nós estávamos – foi a última palavra dele comigo – ele preferia vender gravata pelo país afora" (risos). Nunca me esqueço disso. Então, terminou a reunião, nos abraçamos, ele chorou, eu também chorei um pouco. Eu falei que um dia nós nos encontraríamos, mas, infelizmente, nós não nos encontramos mais.

Edson – No seu livro, você menciona, rapidamente, que era comum ele estar presente nos bares, com os amigos, conversando com as pessoas. Você tem um exemplo concreto disso.

Geraldo – Eu não gosto de falar muito do Marighella porque e dá uma emoção, mas tudo bem. O Marighella, uma vez, quando a Itália foi campeã, foi depois do golpe militar. Eu sei que eu estava com ele numa casa lá em Botafogo, já tinha se realizado o golpe militar. Então, nós estávamos assistindo um jogo, se não me engano era

Brasil e Itália, não me lembro o ano, era uma decisão do campeonato mundial. Ele acompanhava o jogo todinho, falava sobre o jogo e estava defendendo a Itália (risos), porque a ideia era a seguinte, se o Brasil ganhasse ia reforçar o apoio popular à ditadura, eu não entendia bem isso. Eu dizia: "Bom é o Brasil ganhar, Marighella".

Ele dizia: "Não. Se o Brasil ganhar vai reforçar essa merda aí, vão ficar todos eufóricos". Não foi com a seleção do João Saldanha, eu vou ter que ver a data. Não me lembro agora, mas vou ver pra você.

Mas, então, ele era um homem que não era preso à questão política, porque tinha outros companheiros do partido que na conversa com você só conversava sobre política, 24 horas por dia. Ele gostava muito de fazer poesia; às vezes, a gente estava numa reunião durante o dia, a discussão estava rolando e parecia que ele estava desligado. De repente ele pegava um papel e fazia a intervenção dele naquela poesia que havia feito, sobre o assunto político que estava se tratando. Ele era um quadro especial.

Edson – Ele gostava de música?
Geraldo – Gostava!

Edson – Como era essa relação dele com a música?

Geraldo – Eu sei que ele gostava, citava nomes de artistas. Ele era um cara diferente dos outros dirigentes do partido, mais ligado ao que acontece na vida, ao que acontece no real: o povo é uma coisa e a doutrina é outra. Por isso mesmo é que eu admiro porque ele entrar nessa linha da luta armada, era um negócio que o povo não estava engajado.

Edson – O Marighella que você conheceu em 1950 guarda uma diferença muito grande do Marighella em 1964?

Geraldo – Ah! Uma diferença muito grande, sem dúvida. Embora as qualidades dele não tivessem se alterado em nada, o que mudou

foi a compreensão política do Brasil real naquele momento. Aí nós tivemos as nossas divergências políticas aprofundadas, mas sem nenhuma alteração pessoal. A nossa despedida eu nunca me esqueço.

Edson – Sobre o XX Congresso do Partido Comunista da URSS, a relação com os crimes de Stalin. Você teve contato com o Marighella nesse período?

Geraldo – A posição dele não foi uma posição que se esperava. Houve um grupo de companheiros que até saíram do partido. O Marighella não, ele compreendeu aquilo e aceitou as mudanças. Foi exatamente aí que surgiu a ideia de se fazer mudança do nome. Ele comandou, pode-se dizer assim, pela Executiva, toda a atividade do partido para a coleta de assinatura para efetivar a mudança do nome. Ele teve uma participação fundamental, isso já compreendendo a nova situação e condenava o estilo do Stalin, quer dizer, o comportamento do Stalin era exatamente o contrário do que poderia parecer.

Edson – Ele chega a comentar algo relacionado às prisões por que ele passou?

Geraldo – Não. Comigo ele nunca falou sobre isso não. Eu sabia do comportamento dele na prisão mais pelo relato de outras pessoas. Ele mesmo se vangloriando não; ao contrário, tinha um comportamento muito modesto.

Edson – Uma curiosidade que eu tenho, quando a irmã dele me deu uma entrevista, ela disse que Marighella não bebia e não fumava.

Geraldo – Fumar eu não nunca vi ele fumar. Agora beber, também não digo que ele bebia, eu não via isso. Agora eu fui a uma celebridade com ele, numa ocasião, foi na casa de um embaixador soviético, aqui, se não me engano foi na casa do Oscar Niemeyer, o problema é a data. Vários representantes do partido estavam lá, e ali eu fiquei admirado porque ele tomou um bocado de uísque lá (risos). Nessa

solenidade que houve lá, não era corriqueiro, eu nunca tinha visto ele chegar num bar assim, vamos beber, como eu faço, "me dá um chope aí!". Isso eu nunca vi ele fazer. Mas, eu vi ele tomar muito uísque, fiquei até admirado. Eu até pensei: Marighella toma um uisquizinho razoável, viu! (risos). Mas isso não caracteriza um ato comum. Embora eu ache que o cara que beba não seja nenhum cristo, eu não acho. Não tenho essa ojeriza toda (risos). Mas, eu fiquei admirado de ele ter tomado o uísque.

Edson – Ele ficou inteiro?

Geraldo – Ficou! Ficou inteiro. Por isso que eu admirei ainda mais. Eu não sou bebedor de uísque, minha bebida não é uísque. Mas ele não, ele só gostava de um uísque. Pelo menos naquela ocasião.

Edson – Ele gostava de contar piadas, não é?

Geraldo – Não era bem assim contar piadas; de vez em quando ele citava esses troços, como eu te falei, o negócio do babalaô. Uma coisa mais na gozação, na descontração (risos). Não baixava assim o vício da piada de papagaio, isso aí não. Dessas brincadeiras dele, todo mundo participava e dava risada. Ele era um cara bem humorado. Nunca vi ele mal humorado. Ninguém tem a perfeição de ficar a vida inteira dando risadas, fazendo graça. Mas eu nunca vi ele com ar pesado, de mal com o mundo. O pessoal da intelectualidade aqui do Rio gostava muito dele, porque ele sabia tratar os intelectuais, coisas que muitos dirigentes não sabiam.

Edson – Como você ficou sabendo da morte dele?

Geraldo – Por jornais e rádio. Eu fiquei chocado. Interromperam até um jogo do meu time para fazer o negócio. Eu torço pelo Corinthians. Naquele tempo havia uma rivalidade muito maior do que há hoje, por causa do Pelé. Eu fiquei sabendo no dia.

Edson – A Clara disse que ele era muito dedicado a exercícios físicos. Você presenciou algo a esse respeito?

Geraldo – Não. Ele era muito forte, devia ter mesmo alguma preocupação com exercício. Mas ele era um cara caçado, ela deve ter dito para você, ele mesmo aplicava injeção nele, cortava o cabelo dele, um negócio gozado, raspava a cabeça. Ele tinha umas coisas meio fora do contexto aí (risos).

CARLOS FAYAL*

Carlos Fayal – Então, eu estava contando a você, um dos aspectos mais interessantes a respeito do Marighella é como ele juntou em torno dele uma série de pessoas independentes politicamente. Achava-se na época o seguinte: o Marighella comunista, dirigente comunista, vindo de um racha comunista, então, criou a ALN do racha comunista, uma organização comunista, o que não era verdade. Por exemplo, eu, uma pessoa de classe média, classe média alta, numa situação boa, já estava na universidade, faculdade de odontologia. Antes fiz, lá no Colégio Mallet Soares, o curso colegial e científico. Tínhamos um grupo forte lá dentro do colégio. Era um grupo que lançou o jornal *Verdade*, fez uma reportagem lá na Faculdade Nacional de Medicina (hoje UFRJ). Nós lá estávamos como secundaristas, houve aquele massacre lá na Medicina, um dos números do jornal foi contando aquele massacre. Depois, logicamente, foi fechado. Fez dois números, mas para você ter uma ideia eu era o diretor do jornal.

---

* Este depoimento foi realizado na cidade do Rio de Janeiro, no dia 2 de dezembro de 1998, com Carlos Fayal, ex-militante da Ação Libertadora Nacional.

Edson – Você estudava onde?

Carlos – No Mallet Soares, na Xavier da Silveira, em Copacabana mesmo. Por sinal foi o colégio do Vladimir, do Moreira Franco, tem uma série de pessoas conhecidas que estudaram lá no Mallet.

Da diretoria do jornal, o tesoureiro era o Flávio Molina, que morreu assassinado. Foi um dos primeiros desaparecidos que foi encontrada a ossada dele. E o Frederico Mayr, que era um dos editores do jornal. O outro foi o Paulo Henrique, que ficou preso nove anos e os demais foram pessoas que não se envolveram com a luta armada. Para você ver o nível de seriedade de quem era secundarista. Bom, a partir daí foi aquele mecanismo, a repressão foi ficando mais violenta e nós que tínhamos um relacionamento muito grande, particularmente, eu tinha um relacionamento muito diversificado em diversas outras áreas, fui reunindo as pessoas dispostas a resistir à ditadura. Então, nós começamos a formar grupos de estudo, grupos de debates, mas já voltado para uma necessidade de reagir ao golpe, de reagir à ditadura, fazer frente ao processo de endurecimento do regime, fundamentalmente, pela luta por mais liberdade, pois cada passo que a gente dava era uma cacetada. Tentava entrar numa turma, tentava um grupo de estudo era impedido. Tentava um grêmio era reprimido, isso em nível de diretoria, de professor, quando se conseguia passar por tudo isso com bastante dificuldade, bastante sacrifício, no peito e na raça, aí começava a levar tiro nas manifestações, cacetadas, bombas de gás, depois tiro.

Edson – Isso foi quando?

Carlos – Na verdade esse processo começou logo após o golpe, já em 1964. Nós já tínhamos alguns amigos, companheiros, que tentavam fazer alguma coisa, justamente naquela ocasião quando o Marighella acabou levando um tiro resistindo ao golpe. A gente era garoto demais, não tinha nenhum adulto, éramos da mesma faixa de idade. A partir daí alguns deles, coincidentemente, estudavam no

Mallet naquela época, e a coisa começou ali no Mallet, pegou curso. Tinha o pessoal da Siqueira Campos, um pessoal amigo de infância. Aqui o que acontece? A coisa vai evoluindo, vai evoluindo, chegamos num determinado ponto, já como vestibulandos, onde tínhamos uma liderança forte. E eu, por exemplo, ia para vários cursinhos, ia para os cursos, entrava na sala de aula, para você entender como se chegou ao Marighella. Não foi de paraquedas, foi depois de muita política, de muito debate, senão parece que foi um negócio como esse filme "O Que é Isso Companheiro?", um troço ridículo, uma coisa tão forte e fizeram uma coisa hollywodiana, para vender, o que é lamentável. Um episódio de alto significado o sequestro do embaixador americano, daria um filmaço, sem inventar nada, era só contar a história que seria imbatível, até um pouco de arte, de cinema, mas fiel à história, aos dramas, das dificuldades, das controvérsias, das deficiências, da verdade, mas eles têm que fazer de acordo com os interesses que não são os nossos, daqueles jovens que deram a vida por um Brasil livre e justo.

E a coisa foi evoluindo, evoluindo de acordo com as experiências e chegou num determinado ponto ou nós parávamos ou... Bom, a coisa foi radicalizando, no final de 1966 para 1967, depois teve aquele massacre da Praia Vermelha, o assassinato do Edson Luiz etc. Então, nós começamos a formar um grupo de pessoal mais conhecido, na verdade nós éramos uma liderança em nível da nossa área de atuação, um pessoal já Umes e na participação nas passeatas.

Edson – Isso na faculdade?

Carlos – Não, isso ainda como vestibulandos. Eu entrei na faculdade em 1969, já tinha havido Ibiúna, já tinha sido preso, ajudei organizar Ibiúna. Então, a coisa foi radicalizando, a repressão cada vez maior e nós começamos a chegar à conclusão de que a saída que tinha era uma saída armada, por quê? Não que fossemos totalmente lunáticos, mas era porque havia uma guerrilha forte bem próximo da

gente, o processo cubano muito efervescente, Che Guevara já tinha sido assassinado, isso marcou, eu, particularmente, foi uma situação de definição, "esse é o caminho, há um caminho". A definição do Che, dos vários Vietnãs, era a única visão cabível para romper o ciclo onde nós acabamos chegando hoje. Não deu certo porque a história determinou assim, mas o fato é que era uma grande visão, ele não acreditava naquele negócio de polarização via União Soviética, daí a visão dos vários Vietñas, ele foi o primeiro cara a ter essa visão e ninguém fala. Então, a coisa foi se definindo e o nosso grupo começou a ficar muito amplo, bem organizado, o grupo era bem organizado mesmo.

Edson – O grupo era mais de estudantes?

Carlos – Mais estudantes, quase todos estudantes, secundaristas mais universitários, secundaristas e vestibulandos, que era uma categoria na época e universitários recém-saídos do grupo jovem, de 14 a 25 anos, algum ou outro mais velho. Mas aí nós começamos a ter assistência do pessoal mais organizado, começaram a se aproximar para nos convencer a entrar nessas organizações, tipo Ala Vermelha do PC do B, o PCBR, praticamente todos os grupos. Eles acreditavam na nossa seriedade; as coisas que era preciso fazer, a gente estava sempre aí. Esses grupos, que estavam organizados para a luta armada, começaram a nos procurar e nada nos estava ganhando para essa proposta. Um dos aspectos que eu defendi muito era a visão brasileira do processo, uma visão nacional, porque vinha a linha chinesa, linha cubana, linha soviética, linha albanesa, eu dizia: "Eu quero uma linha brasileira".

Edson – Era uma maturidade não era aventureirismo?

Carlos – As coisas acabavam correndo por aí. Primeiro muita burocracia, muita conversa e tinha muita coisa acontecendo: manifestações de rua, eventos, congressos, debates e você via o pessoal meio enrolado, envolvido na participação dos eventos e nas discussões das propostas políticas a respeito da ação concreta. Até que o Marighella

lançou a palavra de ordem que correspondia à realidade, tanto que a prova éramos nós, quando ele lançou nós dissemos: "Esse é o homem". Dentro de uma visão de uma frente ampliada, não era uma coisa comunista, fechada, era uma frente para combater a ditadura, uma frente de vários segmentos sociais, tanto as duas coisas. Nós já vínhamos atuando, já tínhamos um poder de fogo, já tínhamos uma estrutura mínima.

Edson – Antes de entrar na ALN?

Carlos – Antes. O que a gente sabia é que tinha que fazer a luta armada, se quisesse fazer política tinha que garantir ela nas armas porque cada vez mais que se mexia era cacetada e tiro em cima, ou para ou vamos nos organizar para isso. A gente sabia que as coisas estavam acontecendo, nós não éramos sozinhos no mundo, a gente tinha essa visão do Marighella. Eu acho que isso tem um aspecto interessante da parte do Marighella, acho que isso, como ele via um grupo muito jovem tomando à risca toda situação, ele fazia questão de estar nas lideranças desses grupos jovens. Eu tive vários contatos com o Marighella, saía com ele, geralmente conversava dentro de carro, como eu era legal pegava ele e a gente saía conversando, batendo um papo e ele procurava mostrar uma coisa que para nós é fundamental: uma liderança dele, com aquela responsabilidade, ele estava ali, no meio da guerra, na linha de frente, que era uma coisa que desmistificou. Qual era o problema da direita? Era dizer que nós éramos inocentes úteis, que nós éramos comandados pelos velhos comunistas de Moscou, que ficam em casa dando ordens. E isso, de certa forma, funcionava, não era de todo mentiroso, era um argumento que eles usavam. Mas o Marighella, com a coragem destemida dele, fez questão de ele mesmo ir para as ações, fiscalizar as ações, dava assistência. Eu me lembro de uma época em que nós estávamos perseguidíssimos e nós fizemos várias discussões, ele dizia: "Vocês estão muito queimados, vocês precisam sair". Ele, em vez de

ficar preocupado em garantir a retaguarda dele, teria sido o correto do ponto de vista da guerra, porque a liderança dele, a experiência política, nós não tínhamos. Quer dizer, a visão dele do sistema, do que nós estávamos enfrentando e da nossa força, Marighella tinha essa noção exata que hoje eu tenho, mas na época esses aspectos, era muito difícil com 20 e poucos anos ter essa noção que só a experiência da vida vai dando para você. Nós achávamos que ele devia se preservar, eu sempre dizia para ele: "Pô Marighella"... E ele: "Que nada, o inimigo quando pensa que nós estamos longe, nós estamos perto". Nós estávamos passando perto de um quartel! Enfrentamos algumas complicações, algumas batidas, ele com a calma de sempre: "é por aqui, é por ali". Era uma pessoa extremamente carismática, eu não conheci ninguém mais carismático do que o Marighella, por tudo isso e sempre falando coisas interessantes...

Edson – Sobre o que ele falava?

Carlos – Primeiro ele procurava transmitir o máximo com relação às possibilidades da luta, da guerrilha. Ele fez aquele documento dele e conversava a respeito. E depois também conversava, por exemplo, sobre a clandestinidade, as preocupações com a formação, conversando sempre sobre a necessidade (risos) de nós nos preservarmos, quer dizer, ele estava sempre preocupado com a nossa segurança, ele tinha essa preocupação.

Edson – Não era só vocês entrarem na luta armada.

Carlos – Era, exatamente, nós nos formarmos enquanto quadros para uma guerra de longo prazo. E daí uma pessoa que era preocupada com a nossa segurança. Ele superqueimado, o mais procurado, estava preocupado com o Carlos Fayal, o Flávio Molina. Ele dizia: "Vocês tem que ir para Cuba, estão queimados, vocês tem que se formar a gente vai precisar de uma pessoa com experiência aqui". E as outras coisas sempre voltadas para a política, que eram as nossas proximida-

des com as ações, política e militar mutuamente, as nossas conversas giravam em torno disso. O aspecto interessante é este: o Marighella ia para os lugares mais arriscados, nós estávamos num aparelho que não tinha saída nenhuma, se chegasse à polícia ali estava...

Edson – Onde, por exemplo?

Carlos – No Flamengo. Ele fazia questão, fez questão de ir lá mais de uma vez nos visitar para transmitir solidariedade, uma segurança, uma tranquilidade que só as pessoas que têm uma índole muito boa fazem um negócio desse. Num momento de cerco, ele fazia questão, até contra nossa vontade, de dar assistência, de passar esse calor humano, uma coisa superimportante, além dele estar ali correndo riscos na prática, coisa que ele já fazia antes, fazia questão de levar esse calor humano para as pessoas, conversar.

Edson – Ele esclarecia vocês sobre os perigos da luta armada, que vocês poderiam morrer?

Carlos – Sobre esse aspecto ele falava muito, mas era um otimista, uma pessoa de visão otimista das coisas. E ele era crítico também, por exemplo, foi contra o sequestro do embaixador estadunidense, ele sabia que ia trazer uma repressão muito grande e nós não tínhamos condições. Ele estava tentando voltar todo esforço dele para o chamado desenvolvimento da guerrilha rural, para desenvolver a guerrilha rural no país. Todas as nossas ações, expropriação de bancos, eram para isso. Politicamente também era uma maneira de manter a nossa independência; sobre o treinamento em Cuba ele dizia: "eles tem a experiência militar, nós não temos condições de fazer um treinamento efetivo aqui no Brasil e os estadosunidenses não estão aí, instruindo os caras de todo o jeito aí?". Os estadosunidenses estavam mandando no país, o que é pior e o Marighella não aceitava essa intervenção.

Edson – Você participou de alguma ação junto com ele?

Carlos – Não. Com o Marighella não.

Edson – Você teve um contato com ele mais nos pontos?
Carlos – É. Nos apartamentos, nos aparelhos.

Edson – Dessa proximidade dele com vocês – já com um certo nível de leitura – o que significa o Marighella para vocês, o que acabaria trazendo vocês para a luta armada. Essencialmente, o que mais marcou? Para sermos concretos.

Carlos – Isso, uma liderança capaz de juntar todos aqueles segmentos, aquelas organizações dispostas a combater a ditadura e tentar formar um governo popular e democrático no país. A figura de um líder com esse peso específico e que nos ganhou por estar ali, no fogo, no comando direto, na luta, e depois, pelas suas posições políticas.

Edson – Em algum momento do seu contato com ele, essencialmente esse contato tinha um peso político maior, mas em algum momento você teria um exemplo concreto, um gesto em que Marighella demonstra o seu lado humano, o seu caráter, sua personalidade?

Carlos – O Mariga sempre era uma pessoa assim, por exemplo: nesse papo que estou levando contigo, ele sempre já tinha entremeado esse papo com alguma brincadeira, alguma coisa superinteligente. Ele era uma pessoa muito criativa, com uma agilidade mental muito grande e esse carisma que eu falei, era extremamente carismático.

Edson – Que tipo de descontração, por exemplo?

Carlos – É meio difícil. Eu tenho uma memória muito ruim. Eu me lembro que houve o fato, lembrar palavras, eu sou péssimo nesse aspecto. Mas era uma coisa muito marcante, nós nos sentíamos à vontade. O Marighella conseguia – desse papo do cotidiano, não mais político – quebrar a tensão que a gente vivia naquele momento. A gente circulava horas e horas de carro conversando.

Edson – Ele em algum momento foi ríspido, duro, impunha alguma posição?

Carlos – O Marighella, no meu caso particular, havia uma sintonia muito grande de pensamentos e ideias, por quê? Pela própria maneira que nós nos ligamos a ele e que ele não decepcionou. Ele por ter jogado aquela palavra de ordem de "faça a revolução", ele foi melhor do que a expectativa. A única coisa que eu questionei bastante com ele, que o nosso grupo era legal e um grupo de classe média alta, com relações, por exemplo: eu já estava na Odontologia, Fred já estava na Arquitetura, na Nacional, o Molina estava na Química, quer dizer, nós tínhamos uma relação com as faculdades muito importante e eu achava que nós não deveríamos nos expor às ações diretas, não ficarmos queimados pelas ações diretas. E aí o Marighella disse não, porque faltavam quadros e nós tínhamos que nos preparar para isso, a guerrilha rural. Mas eu não concordei e acho que estava certo nesse processo. Mas essa eu me lembro que foi uma argumentação que houve. A gente tinha contato com o Marighella, e aí justamente no meio dessas coisas eu solicitei, ele veio na hora. Aí é que está, ele poderia dizer "esses moleques aí tem que fazer o que eu mando", mas ele veio aprofundar a discussão.

Edson – No início, quando vocês entraram na ALN, não estiveram em contato direto com ele?

Carlos – Direto não. Tinha uma pessoa que era o contato.

Edson – Eu havia preparado um roteiro aqui para a entrevista e você, de certa forma, se antecipou, o que facilita o meu trabalho.

Carlos – Assim como a minha trajetória até chegar ao Marighella, as expectativas eram muito específicas. Outras pessoas, por exemplo, que vieram para a ALN do racha no partidão devem ter tido outra visão. É isso que está faltando, eu até falei com o Emiliano lá no livro dele, e falei: seu trabalho é muito bom, muito técnico, mas esse lance

aqui no Rio de Janeiro é uma marca registrada muito forte, porque o Agrupamento Comunista de São Paulo, o nome já diz, ele veio de um racha do partidão, fundamentalmente, depois veio a dissidência, que era um racha do partidão. Aqui no Rio não. Um grupo antigo que era pequeno, que era ligado diretamente a ele e ao pessoal jovem, que era lá do Pedro II, que tinha também um pessoal ligado a ele. O pessoal lá do Xavier, da Zilda, do Alex, do Yuri, que eram secundaristas, escola técnica. O Alex era do Pedro II, até o meu irmão entrou para a organização, por ele, não por mim.

Era a própria visão do Marighella: juntar uma frente a mais ampla possível, daí ele não se apegava naquelas teorias de que a revolução tinha que ser socialista, democrática, de libertação etc. Ele procurava pegar alguma coisa mais abrangente, eram poucas pessoas, em termos de Brasil, ele tinha que juntar todo mundo.

Edson – Como que era para um jovem de 22 anos ser comandante da ALN? Como era isso na sua cabeça? Em algum momento você questionava?

Carlos – Nós já falamos aqui no início, mas é bom recordar isso. Com 14 anos de idade, em 1964, não chegamos a resistir, mas chegamos a discutir uma possibilidade de haver resistência ao golpe. Estava disposto a dar a vida com 14 anos para manter o governo constitucional do Jango. Está me entendendo? Como o mundo mudou. Um Brasil que naquele tempo você tinha pessoas dispostas a isso com 14 anos de idade. Hoje em dia, os políticos só pensam em roubar, a maioria, se dar bem, usar o país. Era outro planeta se você for parar para analisar o que nós estamos vivendo hoje. De 14 até 22 anos, são oito anos de estudos, de lutas, de ações, até chegar aí. O que não significa que faltasse maturidade. Tanto é que a minha postura ali, eu sempre levantei isso, nós tínhamos alguns companheiros treinando em Cuba, havia inclusive uma mistificação muito grande sobre esses companheiros treinando em Cuba, chamado "primeiro exército", que

realmente tinha pessoas valorosas naquele grupo. A minha posição, que eu sempre procurava transmitir aos companheiros de luta, era que nós tínhamos que manter a organização, tentar fazer o melhor possível, melhorar um pouco a nossa situação para a chegada desses companheiros que iriam assumir naturalmente o processo. Eu, particularmente, sempre tive isso e transmiti aos companheiros, eu estava ali circunstancialmente, eu assumi um comando em função da morte, da prisão, dos companheiros que estavam comandando antes que eu. Isso é muito importante. Isso dentro de um espírito do Guevara, do Marighella, havia esse idealismo, pelo menos na minha maneira de agir naquelas ocasiões. Isso foi muito bom porque conseguiu unir, havia divergências sérias entre nós mesmos e eu consegui transmitir isso de maneira muito verdadeira e consegui essa liderança ali no momento.

Edson – Marighella já estava morto?
Carlos – Marighella já morto.

Edson – De quais ações você chegou a participar na ALN?
Carlos – Até ações para conseguir armas para a guerrilha, desarmando a polícia e o Exército, metralhadoras, revólveres etc. Uma ousadia, olha que maluquice...

Edson – Esses desarmamentos eram para...
Carlos – Arrecadar metralhadoras. Pensando bem, hoje, também foi uma provocação, mas a ideia maior eram os armamentos.

Edson – E assalto a banco, você chegou a participar?
Carlos – Expropriações.

Edson – Como vocês se estruturavam nessas ações? A ALN aqui no Rio, onde você mais atuou, como vocês se organizavam para as ações?

Carlos – Foge um pouco a sua tese mas... Aconteceram algumas fases, uma fase que, por exemplo, foi ditada pela situação do pessoal ainda ser legal. A gente usava entre os conhecidos, nós tivemos, do ponto de vista clandestino, uma fragilidade, a origem toda conhecida, frequentava a casa. Na fase do pessoal mais queimado, aí complicou, tinha os aparelhos com pessoas nossas, que eram os donos da casa, através de uma fachada legal ou alguma pessoa ainda legal, ou alguma pessoa em processo de legalização, e tinha os aparelhos onde se guardavam os arsenais.

O pessoal geralmente morava em quarto, apartamento alugado, naquela época tinha muito esse lance de quarto, até hoje tem um pouco, mas naquela época tinha muito. O dinheiro nosso era muito curto, as expropriações, no nosso caso, foram de pouco resultado, ficávamos com o mínimo, o grosso ia para sustentar a tal da guerrilha rural. Os bancos, por causa do seguro, declaravam uma quantia muito maior, não perdiam tempo.

Edson – Esse dinheiro – uma curiosidade – Marighella quando ainda vivo, ele centralizava todas as ações ou as ações e o dinheiro ficavam a cargo dos comandos?

Carlos – Não centralizava. Tanto é assim que há o caso do sequestro do embaixador estadunidense. Até ele não podia centralizar muito porque iria de encontro ao próprio princípio dele, original. Aquilo foi uma coisa muito importante num determinado momento, mas que depois tinha que ser disciplinada, era até dialeticamente correta. A centralização do dinheiro eu imagino que passasse por ele, por ter um planejamento global.

Edson – Esse episódio do sequestro do embaixador estadunidense, você chegou a participar de alguma discussão relacionada a esse fato?

Carlos – Não. Foi exatamente naquele período em que o Marighella estava me convencendo que eu tinha que ficar na geladeira e

ele me convenceu. Ele estava circulando assim como eu, e eu quase caí por causa do sequestro.

Edson – Você morava onde?

Carlos – Em Santa Tereza. Clandestino. Eu caí na clandestinidade em meados de 1969, acho que foi maio, junho de 1969. Na realidade, Edson, a nossa força era muito grande, nós não sabíamos disso. Falando isso parece até um paradoxo, mas essa que é a realidade. Um país naquela situação continental e internacional de Vietña, de Cuba, de América Latina, o nosso potencial era enorme e os estadunidenses viram isso e eles pensaram "joga tudo pra ferrar aqueles caras o mais rápido possível". E nós subestimamos essa nossa força, esse foi o problema, nós subestimamos mais a nossa força do que a do inimigo.

Edson – Como que você vê a crítica sobre aquele período, especialmente sobre a luta armada e a ALN? *O Minimanual do Guerrilheiro Urbano* traça uma estratégia de guerrilha, só que a luta não ganha as massas.

Carlos – Só que a estratégia nossa era do campo para a cidade.

Edson – Por que ela se concentrou nas cidades?

Carlos – Isso foi uma deformação. Quando as ações começaram a ter uma repercussão tão positiva politicamente, aí é que está, as ações eram um sucesso que você não imagina. Quando nós fazíamos as ações e andávamos de táxi ou de ônibus, os caras queriam se filiar a ALN, população, povo. O pessoal não tinha medo não, achava que a gente ia ganhar: pega um embaixador estadunidense, pega uma rádio, faz ações, a expropriação do cofre do Adhemar; a população, no início, estava totalmente a nosso favor. Isso aí gerou uma incompreensão de parte das organizações, que começaram a achar que tinham que fazer mais ações nas cidades. Foi um momento curto e aí a ditadura impôs um clima de terror. Foram eles que impuseram um clima de terror.

Edson – Quando há esse cerco da repressão me parece que não se preparava um movimento de massas.

Carlos – Quando eu falo da força é a compreensão de uma visão filosófica do processo; do ponto de vista de estrutura de organização político-militar era fraquíssima; a força que eu digo era a que nós tínhamos para mobilizar e organizar a sociedade. Essa nós não compreendemos naquele momento histórico.

Edson – Você participou de alguma ponto com o Marighella? Por exemplo, aquela batida, como foi isso?

Carlos – Ali ele achava que não ia ter, no subúrbio. A gente andava muito no subúrbio.

Edson – Qual era a relação dele?

Carlos – Tranquila. Ele dominou o processo ali. Naquele dia estávamos só nós dois no carro, aí ele deu a saída: "Vai por ali, por ali"! Não chegamos a ser parados.

Edson – Eu imagino a situação.

Carlos – Adrenalina a mil por hora.

Edson – Um detalhe do ponto de vista metodológico. Na biografia é recomendável você citar o codinome, ou nome de guerra. Qual era o usado por Marighella?

Carlos – No meu caso, a não ser na primeira vez, usava Menezes. Mas quando me encontrava com o Marighella já sabia que era com ele mesmo.

Edson – Ele andava disfarçado?

Carlos – Com aquela peruca indecente que ele usava. Aí eu dizia: "Com essa peruca não dá" (risos). Ele gostava. Batia assim e a peruca levantava.

Edson – Um homem de um metro e novena, a peruca chamava mais atenção do que disfarçava.

Carlos – É... O Mariga, a gente se encontrava mais à noite.

Edson – Uma crítica que o Gorender faz é que ele desafiava a morte. Não é bem uma crítica, mas Gorender diz que Marighella, por ser corajoso, não temia praticamente nada.

Carlos – Ah! Sim.

Edson – Isso pode ter uma responsabilidade na morte dele.

Carlos – Ele confiava muito nas pessoas. A pessoa boa tem esse problema também. Confiava muito. Dizia que não podia confiar, mas ele mesmo confiava. É difícil você achar que o cara vai trair, já teve algumas demonstrações de coragem, de apreço, de ações, "esse cara não vai trair".

Edson – Ele abriu em algum momento ou vocês sabiam do contato com os padres?

Carlos – Eu sabia porque o Congresso de Ibiúna teve muito o lance com os padres e até um contato nosso.

Edson – Como você vê essa polêmica sobre a morte de Marighella?

Carlos – Eu acho que não se tem mais dúvidas de que a reta final, o desenlace, foram os dominicanos. Os freis que levaram o Marighella à emboscada. Agora entrar na tal polêmica do Paulo de Tarso, do livro do Emiliano, isso aí é complicado. Tem que haver um dia, se as pessoas quiserem opinar, tem aquele depoimento do Alípio Freire, uma coisa muito forte e muito difícil de ser tratada. De um lado Marighella cometeu uma liberalidade que não devia ter cometido, o tal negócio da confiança extremada.

Edson – Ele tinha convicção se não ia ser preso, se ia cair?

Carlos – Não. Ele nos alertava com aquelas frases dele: “Isso não é um desfile na passarela”.

Edson – Este depoimento é muito útil para confrontar com quem faz crítica à luta armada.

Carlos – Quem não acompanhou, não vivenciou, de uma forma consciente, o que estava se passando no Brasil e na América Latina é que pode falar um negócio desses. Eu acho o contrário. Eu acho aquilo que eu já te falei. Acho que nós não soubemos aquilatar a nossa força. Uma visão exatamente o contrário disso que se fala.

Edson – A morte de Marighella desarticulou, um pouco, a ALN?

Carlos – Não, desarticulou um pouco não, desarticulou muito.

Edson – Qual o efeito dessa morte?

Carlos – Foi um efeito bombástico, por quê? O pessoal, como eu já falei, mais experiente, se capacitando lá em Cuba, estava em Cuba no momento da morte, inclusive o Toledo, que era o segundo da organização. Aqui no Rio foi justamente onde se desarticulou menos, em termos de organização propriamente dita. Em São Paulo deve ter sido muito maior, vou lhe dar um exemplo prático: o nosso pessoal do Rio, que eu articulei a ida para São Paulo, foi quem assumiu a organização em São Paulo, durante um período crítico; o Carlos Eugênio, o José Nilton e outros. Estava tão desarticulada, em São Paulo, que eles acabaram assumindo depois da morte do Toledo. Agora, o impacto maior, na verdade, foi nesse sentido: que aquela nossa força, quem teria condição de transformá-la em força real de luta era o Marighella. A nossa força resistiu o maior número de tempo possível, com o maior sacrifício, de perdas humanas para poder ver se ganhávamos um fôlego, para poder ver o que estava acontecendo e acabamos perdendo militarmente, mas deu uma sobrevida de quatro anos, uma sobrevida dramática de quatro anos. A morte do Marighella

significou a nossa derrota, não imediata, mas a derrota em seguida. Não foi imediata.

Edson – Você falou no início que vocês se interessavam pelo que o Marighella defendia. Boa parte de vocês que atuavam na ALN tinham uma correlação de ideias e quando ele é morto dá um certo vazio, não um vazio totalmente...

Carlos – Marighella teria condições, a força política e a liderança para fazer as reformulações necessárias para o encaminhamento do processo revolucionário. A morte dele significou essa falta de uma liderança com condições de fazer isso. O próprio Toledo não teve condições de fazer, também foi eliminado, apesar de estar fazendo um coletivo. A figura do peso político, ideológico era fundamental para amalgamar aquele conjunto. Ele sobressaía em termos de experiência e liderança.

Edson – Das suas conversas com o Marighella como ele se comportava?

Carlos – O Marighella era muito envolvente. Como ele tinha um estilo totalmente extrovertido, ele ia chegando, começava com um assunto do dia a dia e ia colocando temas principais. Não dava muita chance para esse negócio de formalidade, de tempo, pelo menos comigo foi assim. Quando você levantava uma coisa ele entrava no assunto, não fugia, sempre procurou dar as respostas. Agora, não tinha esse negócio que você falou, que todo mundo falava e ele: "Fala você". Ele já chegava atropelando, no bom sentido, conversando, sabendo que se estava vivendo um momento muito complicado.

Edson – Você pensou alguma vez em parar, sair da organização?

Carlos – Não.

Edson – Qual a avaliação que você faria da sua inserção, naquele período, na luta armada?

Carlos – Nós que adquirimos um grau de consciência daquela ocasião, nós estávamos certos, por quê? Porque, naquele momento histórico, as reformas que vinham inspiradas, mais ou menos, nas reformas de base de Jango, veio o golpe para interromper aquilo, daí a nossa luta pela derrubada da ditadura, pela instalação de um governo popular, democrático e revolucionário. Isso colocaria, na ordem do dia, o Brasil como uma nação independente: reforma agrária, urbana, administrativa, dentro de um contexto de nação-povo, com a participação da população. O Brasil com sua geografia, com sua população, com sua inserção na América Latina – você não vê o exemplo de Cuba, até hoje resiste – teria condições de sobra de ser uma nação independente. Acho que nós, conscientes nos deparamos com uma situação dessas naquele momento e fizemos essa opção, opção correta. Cumprimos o nosso dever naquele momento histórico. Acho que nossa visão naquela época era correta. Evitar que o Brasil enveredasse pelo caminho que se enveredou, da injustiça social e da submissão ao estrangeiro.

Edson – Outra dúvida que eu tenho é sobre as cápsulas de cianureto. Houve alguma orientação para o uso?

Carlos – Houve, mas o pessoal daqui do Rio não entrou nessa história não. Nós não concordamos com isso. Lá em São Paulo teve essa conversa, conversa não, na hora de fazer essas cápsulas, pior ou melhor, a pessoa que fez – isso é uma história que contam, não sei se foi checado – deu um arrependimento e ela botou uma dose que não era letal. O cara passava muito mal, o que é ruim, pois, passando mal, você já fica meio combalido e não morria, e depois de colocar aquilo na língua ia para a tortura. Não funcionou. Era melhor não ter nada e no mais morrer. Mas que era um lance, por exemplo, para o pessoal de liderança mesmo maior, podia ser uma medida: como que vai encarar a tortura? Tortura é foda.

JACOB GORENDER*

Edson Teixeira – O Ginásio da Bahia era um colégio religioso?

Jacob Gorender – Não, era laico, não tinha aula de religião.

Edson – Durante o período que você estudou lá, Marighella já havia estudado e fez provas em versos. Você sabe alguma coisa a respeito?

Jacob – Não foi lá. A famosa prova em versos foi feita na Escola Politécnica. Ele frequentou me parece que dois ou três anos da Escola Politécnica. Era Engenharia mais chamava Escola Politécnica, e foi lá que ele fez uma prova, respondeu uma prova em versos.

Edson – Lá no Ginásio ele usou esse método para fazer provas?

Jacob – Pode ser que sim, mas eu nunca ouvi falar. A famosa prova em versos foi na Escola Politécnica.

---

* Este depoimento foi realizado na cidade de São Paulo, no dia 7 de dezembro de 1998, com o historiador Jacob Gorender.

Edson – Eu conversei com João Falcão, em Salvador, e ele rapidamente – é apenas uma curiosidade – ele disse que Marighella, na faculdade, teve um amigo que também se formou em Engenharia, de certa forma, se estabilizou financeiramente e ele ajudava o Marighella. Você se recorda se houve esse fato?

Jacob – Não, não sei. Veja bem, o Marighella foi de uma geração um tanto anterior à minha, quer dizer, não há uma diferença de idade, mas ele cursou o Ginásio da Bahia e a Escola Politécnica uns sete a oito anos antes de eu ir para o próprio Ginásio da Bahia. Eu só vim a saber dele quando iniciei a militância no PC, Partido Comunista. Antes disso não o conhecia, não tinha ouvido falar nele. Eu não tenho relações de amizade nem outros aspectos dessa fase. Isso é com o pessoal lá de Salvador.

Edson – Qual foi seu primeiro contato com Marighella?

Jacob – O primeiro contato, quer dizer, eu vim a saber o nome dele depois que eu me tornei militante, de 1942 em seguida. Nos meios da esquerda, o nome dele já era conhecido, um baiano que tinha ido para o Sul, estava preso, tinha se comportado magnificamente e estava na Ilha Grande, no Rio de Janeiro. Acontece que nesse período, em 1944, eu fui à Itália como soldado da Força Expedicionária. Na volta, em agosto de 1945, eu fui ao Comitê Central, o partido ainda ilegal, no Estado Novo. Quando eu retornei o partido era legal. Prestes anistiado e todos os militantes estavam em liberdade e o Marighella também tinha sido anistiado e libertado, foi aí que eu o conheci, na sede do Comitê Nacional, lá na rua da Glória, no Rio de Janeiro.

Edson – Mas você retorna para a Bahia em 1945, Marighella vai desenvolver a campanha para deputado na Bahia nesse período. Você teve algum contato com ele?

Jacob – Não. Quando ele fez a campanha, eu fiquei em Salvador até o segundo semestre de 1946, durante um ano e pouco, e ele foi

à Salvador e levou lá uns, não me lembro bem, coisa de dois meses fazendo a campanha eleitoral de 2 dezembro de 1945, que elegeu o presidente da República e os senadores e deputados.

Edson – Naquela época a legislação permitia se candidatar por vários Estados.

Jacob – É. Prestes foi candidato por vários Estados, não me lembro se se elegeu por mais de um, Getúlio sim, se elegeu pelo Rio de Janeiro, São Paulo e parece que pelo Rio de Janeiro também. Então, Marighella foi candidato a deputado federal, ali eu convivi com ele naquele ambiente da campanha eleitoral.

Edson – Qual foi a impressão causada por Carlos Marighella nesse primeiro contato, já que você tinha essa ideia de um homem que tinha um comportamento, na prisão, de resistência?

Jacob – Não tenho uma impressão especial. Eu tinha uma admiração por ele. Eu era militante, ele já era um homem experimentado, era membro da Comissão Executiva, do Comitê Central, era um dirigente nacional. O partido estava em ascenso, estava no período da legalidade, o prestígio de Prestes ainda era grande, faziam-se grandes comícios. E tudo isso me fortaleceu na ideia de militância. E depois eu tive a oportunidade de ter muito mais contatos com Marighella, no Rio de Janeiro, antes da ilegalidade, quando o partido foi posto na ilegalidade e depois atuamos juntos na Comissão de Agitação e Propaganda, já na clandestinidade, no Rio de Janeiro. Me reuni várias vezes com ele e depois tive um contato muito estreito com ele na direção do Comitê Estadual do partido, em São Paulo, de 1951 a 1953.

Edson – Inclusive, vocês participaram de uma greve em São Paulo, a greve dos 300 mil.

Jacob – A greve dos 300 mil foi feita sob a direção do partido, com a atuação do Marighella e minha sob a direção do Comitê Estadual.

Edson – Eu queria que você me desse um quadro caracterizando como que era o estilo Marighella de fazer política, principalmente nesse período da greve em São Paulo.

Jacob – Marighella era um dirigente na média dos dirigentes daquela época, os dirigentes nacionais de maior relevo que eram depois do Prestes, que era mais velho que todos eles e tinha uma outra trajetória, tinha vindo do meio militar. Os outros, o Arruda, o Grabois, o Amazonas, o Pomar e o Marighella, eles tinham mais ou menos o mesmo nível. Marighella tinha uma vantagem porque tinha uma parte do curso superior, lia correntemente o francês. O Arruda, por exemplo, não lia. A cultura deles era mais ou menos semelhante, não havia grandes diferenças. Marighella era um homem que se formou na época estalinista dos partidos comunistas. A grande fonte deles era a literatura soviética, particularmente Stalin. Eu também fui atingido por esse tipo de formação, todos éramos atingidos naquela época, porque os partidos comunistas eram moldados pelas normas da Internacional Comunista. Marighella conhecia, obras fora de Stalin, conhecia Lenin, conhecia Marx, mas não creio que ele tivesse conhecimentos muito profundos, que ele tivesse tido tempo para se aprofundar em leituras teóricas, ele conhecia, mas não que tivesse se aprofundado, seja pela trajetória da vida dele ou por predileção especial. Era um homem com uma enorme capacidade de trabalho, isso sem dúvida alguma, uma capacidade de trabalho tremenda, de varar noites a fio. As falas dele eram claras, não enrolava, objetivo, era um comandante, como eu vi aqui em São Paulo, particularmente, nessa greve. Mas em outros episódios era um dirigente comunista de grandes qualidades. Além da coragem, da capacidade de sacrifício, era formidável também.

Edson – Como que era a relação dele com os demais militantes? Ele impunha uma hierarquia ou ele se aproximava mais das pessoas?

Jacob – Sem dúvida. Desses dirigentes que eu citei, certamente, ele era o mais cordial, o mais camarada. Ele não tinha pose nenhuma,

absolutamente, com qualquer militante ele se abria, era compreensivo com as dificuldades dos militantes, questões pessoais, enfim, funcionários do partido que precisavam localizar em algum lugar, era muito compreensivo para tudo isso. Embora rigoroso no cumprimento das tarefas, mas era bastante humano.

Edson – Com você ele teve alguma conversa, em nível pessoal, porque é evidente que boa parte da trajetória de vocês teve como ponto central a questão política. Mas com você, baiano com ele, houve alguma conversa em nível pessoal, coisas do cotidiano?

Jacob – Não, a não ser as questões corriqueiras que todo mundo tem, questões mais assim eu não tive com ele. Eu o observava, estava com frequência com ele nas reuniões, atos de todo tipo e observava esse estilo dele de direção.

Edson – Marighella era uma pessoa descontraída pelo que eu pude verificar até agora, mas você presenciou algum tipo de atitude dele em descontrair, uma reunião, um ponto, ou seja lá onde for?

Jacob – Ele era um cara bem humorado, gostava de fazer quadrinhas, troças, ele era versejador. Ele tem um livro de poesia, mas na minha opinião ele era mais um versejador do que um poeta. Não é que ele não tivesse dons, mas se a gente tomar por padrão Carlos Drummond de Andrade, não vou dizer que ele tivesse esse nível, os versos dele são rimados, metrificados, ele não tinha adotado o verso moderno, mas ele tinha habilidade para compor versos, gostava de fazer isso.

Edson – Em reuniões, por exemplo?

Jacob – É, às vezes. Ele era brincalhão.

Edson – Quais eram os hábitos comuns de Marighella? Ele chegava apressado, ele era uma pessoa tranquila, ele era uma pessoa um tanto organizada?

Jacob – Era uma pessoa organizada, não com excesso, não era fanático de organização, mas era organizado. Quanto a ser apressado, não era habitual, se comportava com bastante equilíbrio.

Edson – Em algum momento você o viu irritado com o partido?

Jacob – Às vezes, a coisa não sai como a gente quer, isso acontece, qualquer um tem essa reação, mas não que fosse característico dele, permanente.

Edson – Vocês atuaram juntos de 1951 a 1953 em São Paulo, sendo o ponto-chave a greve dos 300 mil. Eu queria ver como vocês interpretaram dessa atuação o "Manifesto de Agosto" de 1950. Se a posição de vocês era comum em relação ao "Manifesto de Agosto", se não for qual a posição de Marighella?

Jacob – No "Manifesto de Agosto", eu não estava aqui em São Paulo, eu vim em 1951. Então, já é posterior ao lançamento, quando saiu o Manifesto eu não estava em contato com ele, ele já estava aqui em São Paulo e eu estava atuando no Rio. Em 1951, eu fui deslocado para São Paulo e passei a atuar junto com ele. Aí já estava havendo, digamos assim, um certo recuo com as posições do manifesto, uma certa adaptação, que viria com o tempo a inviabilizar a aplicação do próprio manifesto, o delírio de suas palavras de ordem e assim por diante. Naquele momento que eu cheguei aqui em São Paulo, já havia uma resolução da Comissão Executiva de retorno aos comunistas aos sindicatos, em reação a cassação do registro do partido, da repressão que se seguiu, foi a saída dos militantes dos sindicatos e a tentativa de organizar, na prática, sindicatos paralelos, isso desde 1948, em 1951 era evidente que isso não dava certo, isso só tinha isolado os comunistas. Quando eu cheguei aqui em São Paulo, havia sido colocada a palavra de ordem de retorno aos sindicatos, isso estava sendo aplicado aqui em São Paulo e ia dar resultados justamente na greve de 1953, quando estávamos aqui, quando foi possível coor-

denar a ação de cinco categorias de trabalhadores – metalúrgicos, vidreiros, marceneiros, gráficos e tecelões – que eram as categorias mais importantes na indústria paulista daquela época, isso foi feito através dos sindicatos.

Edson – Nessa atuação Marighella falava ao público, ele discursava?

Jacob – Não. Ele era clandestino, não podia aparecer, se aparecesse seria preso. Um detalhe aí curioso é que um dos militantes do Partido Comunista que atuou nessa greve, através do sindicato dos tecelões, foi o João Saldanha, famoso técnico e comentarista de futebol. O nome dele merece ser resgatado, a memória, nesse aspecto, ele é muito mais conhecido pela sua atuação no campo esportivo.

Edson – Principalmente no episódio envolvendo o Médici e a convocação do Dario.

Jacob – Ali ele foi excluído. Pelo que eu posso depreender, sentiram que o Brasil poderia ser campeão e não queriam que essa glória – e eles já sabiam, já era sabido – ficasse com um comunista.

Edson – Nessa época ele atuou aqui em São Paulo?

Jacob – Ele já era militante aqui. Ele era militante do Rio de Janeiro e por certas razões ele foi deslocado para cá, ele veio, e depois ele foi atuar no Norte do Paraná, em Londrina, depois ele se afastou da militância e voltou a se dedicar ao esporte. Mas nesse episódio ele está presente.

Edson – Um episódio, realmente, pouco conhecido.

Jacob – É, nunca foi comentado. Era um grande companheiro também, o João Saldanha. Ele até o fim, pelo que eu sei, eu não tive mais contato com ele, aqui em São Paulo eu tive vários contatos, mas eu sei que até o fim ele morreu comunista.

Edson – Você falou em João Saldanha e sobre esporte. Você presenciou Marighella comentando sobre futebol, ele gostava de futebol?

Jacob – Ele jogava futebol como qualquer jovem brasileiro joga. Uma vez, isso foi em 1947, houve uma festa, um piquenique lá na Barra da Tijuca, que até então era desabitada, foi na III Conferência Nacional do Partido Comunista, tinha até delegados estrangeiros, daqui e da América Latina, e improvisaram uma pelada e o Marighella participou. Quanto em relação à torcida não me lembro. Ele parece que quando pôde, que foi nesse período de legalidade, ele gostava de carnaval.

Edson – Ele chegou a comentar isso?

Jacob – Não. Me disseram que no carnaval de 1946 ele saiu até fantasiado lá no Rio de Janeiro. Havia um carnaval de rua, naquela época muito intenso, não era como hoje que é só desfile.

Edson – O Marcucha, filho do Diógenes Arruda, me passou uma informação de que na sede do partido ali na Glória, durante a época da legalidade, Marighella gostava de fazer paródia, gostava de organizar o Bloco da Mula Manca.

Jacob – É possível, tem uma cançoneta da Mula Manca, uma letrinha qualquer que eu já não me lembro qual. E depois me falaram que no carnaval de 1946 ele saiu fantasiado, fazendo brincadeiras de rua. Mas depois ele cai na ilegalidade e essas coisas não eram possíveis.

Edson – E música?

Jacob – Também pouco. Música, literatura, pouca coisa eu me lembro de comentários com o Marighella.

Edson – Por que você enfatiza no seu livro, a que você atribui o heroísmo de Marighella?

Jacob – Ele era um homem convencido da doutrina comunista e tinha resolvido desde a juventude se dedicar a ela, e era um homem de grande integridade pessoal, eram as qualidades que ele tinha, uma enorme coragem, uma fibra extraordinária, nesse ponto ele era realmente inigualável e foi assim até morrer.

Edson – Quando em 1956 revela-se os crimes de Stalin, no 20º Congresso do PCUS, não sei se você teve contato com o Marighella nesse momento, mas qual foi a reação dele ao saber do relatório do Kruschev?

Jacob – Eu pessoalmente não posso lhe falar sobre isso, porque eu estava em Moscou quando o Kruschev pronunciou e alguns meses depois foi publicado pelo *Estado de S. Paulo*. Agora o que me disseram é que o relatório foi publicado aqui no Brasil, e a reação de alguns dirigentes – eu vim a saber depois, eu não estava aqui – foi a de achar que aquilo era apócrifo, era um documento falsificado. Mas daí o Diógenes Arruda, o pai do Marcucha, estava também no exterior e voltou em junho de 1956, o relatório foi proferido em fevereiro. E, então, o Arruda disse que aquilo era verdade, que o relatório era verdadeiro. O que me contam, o que foi assentido, é que houve uma reunião do Comitê Central e o Marighella chorou, chegou a chorar quando foi confirmada a autenticidade do relatório. Ele era tão apegado à figura de Stalin, é próprio da geração dele, que aquilo foi chocante para ele.

Edson – E a sua interpretação sobre esse episódio?

Jacob – Está no meu livro. Eu estava em Moscou e já estava percebendo muita coisa errada e ruim que estava se passando, mas aquilo foi, frente ao mundo inteiro, um grande choque. As coisas erradas, os ciúmes, que na ordem que o Kruschev denunciou, foi só uma parte, depois foram sendo reveladas muitas outras coisas, mas mesmo só aquilo era algo de terrível.

Edson – Num momento mais além, quando o Marighella se aproxima da luta armada, você o conhecia, como você o via naqueles dias em que ele queria sair do partido?

Jacob – Depois de 1964?

Edson – É.

Jacob – No meu livro, de certo modo, já exponho o essencial do que tinha que ser dito. Quando se deu o golpe eu não estava no Rio, eu estava em Goiânia. A primeira reação que ouvi dos dirigentes lá no Rio de Janeiro, naquela época a direção nacional funcionava praticamente no Rio, Prestes tinha residência em São Paulo, mas com frequência ele estava no Rio de Janeiro. Apesar do Rio já não ser capital, mas ainda a direção nacional funcionava lá. O que eu sei é que Marighella tomou uma posição de deslanche radical contra a ditadura, ele foi contra capitulações, conciliações e coisas dessa ordem. Antes do golpe ele já tinha contato com sargentos, marinheiros, com o pessoal do Brizola, possivelmente com oficiais do Exército, setores oficiais do partido e depois do golpe passou a defender essas posições. Logo depois do golpe, em virtude de alguns dirigentes da Comissão Executiva não estarem no Rio, e outros ficarem impedidos de circular, como foi o caso do Prestes, nas primeiras reuniões da Executiva criou-se uma maioria esquerdista, que era o Marighella, o Mário Alves, o Jover Telles – que depois seria o que a gente sabe, um traidor – e vacilantemente o Bonfim, Orlando Bonfim, que é um dos desaparecidos hoje.

Edson – E o Apolônio?

Jacob – É depois, nesse primeiro momento, o golpe foi em fins de março, em fins de abril, eu digo isso no meu livro, circulou uma nota da Executiva que tomava posições de esquerda. Logo depois a Comissão Executiva se preencheu, se recompôs e essa maioria de esquerda sumiu. O Marighella foi preso naquele episódio do cinema lá na Tijuca, foi baleado, ficou um tempo preso e depois saiu.

Edson – Quando você e Mário Alves criam o PCBR, não houve uma sondagem ao Marighella para uma possível composição?

Jacob – Não. Nós tivemos, eu e o Mário Alves várias reuniões com o Marighella dentro da conspiração, ainda como dirigentes do Partido Comunista Brasileiro. Nos reuníamos na Comissão, mas já articulando uma prática diferente. Com o passar do tempo, já em 1967, ficou claro que o Marighella não queria, de modo nenhum, reorganizar um partido, o modelo dele era o foquismo cubano, para ele a guerrilha seria um partido. Eu, o Mário Alves, o Apolônio e Miguel Batista dos Santos tínhamos uma ideia de que era preciso um partido, não se podia ter somente uma direção militar, era preciso uma direção política. Então, em 1967, quando já tínhamos sido excluídos do partido, de certo modo, as nossas direções se separaram.

Edson – Você não teria mais contato com ele?

Jacob – Não, depois disso não. Ele voltou de Cuba, ele tinha ido a Cuba.

Edson – Na Olas...

Jacob – Não esteve na Olas, mas estava lá em Havana naquele mesmo momento, quando a Olas se reuniu. Ele entrou em contato com os dirigentes cubanos, que decidiram, praticamente, considerá-lo um homem de confiança deles aqui no Brasil, eles passaram a dar apoio através do treinamento em Havana. Ele voltou de Cuba, tivemos um contato e depois disso não tive mais contato com ele.

Edson – No seu livro, a questão da morte de Marighella está bem clara e definida. Mas o que eu quero dizer, veja bem, a minha posição aqui não é de fazer oposição, de provocar uma inimizade. Quando estive em Salvador entrevistando o filho de Marighella, ele se lamentou da forma como você escreve no livro Tiradentes...

Jacob – É, eu sei...

Edson – Ele falou que o admira, ele foi muito pontual, "a historiografia deve muito a Gorender", mas esse comentário a respeito da Comissão de Mortos e Desaparecidos, o objetivo ali não era... "só os padres serem os culpados, eram amigos de meu pai, de modo que Gorender foi muito duro em relação aos padres". Eu queria saber se o que mais te imbricou nessa Comissão dos Mortos e Desaparecidos foi ela ter se baseado na versão de Frei Betto?

Jacob – A comissão não se baseou em nenhuma versão. O relatório que deu origem ao voto a favor da concessão da pensão, eu tenho esse relatório e ali diz que é um assunto que o relator não pode resolver. O que ela se limitou a constatar é que Marighella foi morto na rua e que a polícia tinha absoluto domínio de tudo. Então ela podia ter prendido Marighella com vida, como atiraram em Marighella e mataram, isso justifica a pensão. O que eu comentei é com base numa série de artigos que saíram na imprensa, naquela época, antes da concessão, foi um fato muito comentado. Todas essas matérias eram inspiradas na versão – no caso, a viúva de Marighella, Clara Charf, apresentava a Comissão – eram baseadas na versão de frei Betto. O frei Betto tem inclusive no livro dele um ditirambo que é uma homenagem a Clara, fez um elogio rasgadíssimo. É uma opção dela de acreditar no Frei Betto ou não. Eu não tenho nada com isso. Mas aí é um problema de verdade histórica, o Marighella é um personagem que está acima do fato dele ser pai do Carlos Augusto, ele é um personagem político, ele não pertence a Clara, ao Carlos Augusto, nem a ninguém, está na memória histórica do povo brasileiro. Eu não podia ali, num caso, num episódio em que foi a morte dele, a maneira como ocorreu, ter qualquer atitude de complacência com a versão que eu considero absolutamente inverídica. Eu não fui duro, eu simplesmente disse que lamentava eles terem adotado essa linha.

Edson – A sua posição mais uma vez...

Jacob – Mais uma vez e eu não tenho porque recuar disso. É claro que não é agradável. Hoje eu estou com boas relações com a Clara, não há problemas entre nós, nós somos militantes, estamos aí, continuamos a militar e não há problema entre nós, mas num momento isso é claro que provoca um certo ressentimento. Eu quero só observar para você que há pouco saiu um livro de uma autora estadunidense, a Cynthia Hings, e ela pesquisou durante muitos anos o arquivo da CIA, que agora está disponível nos Estados Unidos, que abrange essa fase, o ano de 1969... E ela pesquisou os papéis que diziam respeito ao Brasil, ela descobriu lá, como não só a CIA, como outras agências americanas, treinaram policiais, tinham orientação assim na tortura, uma série de organismos lá de Washington e daqui do Brasil, e ela não tem a mínima referência a participação dos órgãos de repressão estadunidenses no caso da morte de Marighella.

Edson – Essa tese é defendida pelo frei Betto.

Jacob – Ela não diz nada a respeito disso. Fala em vários outros episódios mais não nesses. Onde que está a documentação disso? O frei Betto nunca apresentou, ele apresenta uma especulação.

Edson – Eu tenho o relatório da Comissão e me parece que com o passar do tempo ele começou a entrar em contradição. Mas voltando ao comentário do Carlinhos, ele só achava que o mais importante era ser reconhecido o assassinato.

Jacob – Tudo bem. Ao Carlos Augusto é natural, ele é filho do Marighella, ele tem a versão dele, está certo, qualquer um tem seu direito. Mas no caso aí eu repito: o Marighella é uma figura pública. Eu como historiador, se eu defendo uma versão sobre a morte dele, tenho que continuar defendendo diante da orientação que o noticiário da Comissão dos desaparecidos tomou, não a Comissão, a Comissão em si não decidiu nada, nem podia decidir. Ela só aprovou a concessão da pensão.

ROBERTO BARROS PEREIRA*

Edson Teixeira – Quando você começou a se interessar por política?

Roberto Barros Pereira – Eu comecei a me interessar por política quando estava no 4º ano ginasial, no Colégio Paes Leme, aqui em São Paulo. Eu era muito amigo de um primo mais velho, que nessa época estava na faculdade, morava em Rio Claro, São Paulo, quando fui estudar no Colégio Marista em Poços de Caldas. Depois a família mudou para São Paulo e eu fui estudar no Colégio Arquidiocesano, e depois no Colégio Paes Leme, onde estudei do 3º ginasial até o 2º colegial. Nessa época, exatamente por esse meu primo que estava na faculdade, eu entrei para a JEC, o que era a JEC? A Juventude Estudantil Católica. Naquela época, nós estamos falando de que ano? Eu entrei na faculdade em 1963, nós estamos falando de 1958. A Ação Católica foi divida em várias áreas, depende da idade, o que o pessoal fazia? A Juventude Estudantil Católica era os secundaristas, e depois tem a JUC, que era a Juventude Universitária Católica, depois tem a

* Este depoimento foi realizado no dia 8 de dezembro de 1998, na cidade de São Paulo, com Roberto Barros Pereira, ex-militante da ALN.

JOC, Juventude Operária Católica e tem também os camponeses que eu não me lembro como era a sigla, mas isso foi depois. Eu comecei a fazer política nessa área de igreja em 1958, quando eu estava no 3º ano do ginásio. O Colégio Paes Leme ficava na Rua Augusta com a Paulista, aqui em São Paulo.

Edson – Qual era o nome desse primo?

Roberto – Meu primo era o Luiz Alves.

Edson – Um detalhe: de 1959 já se encontraria na década de 1960, uma década de efervescência e até nesse momento você tinha alguma informação sobre Carlos Marighella?

Roberto – Nada, nada, nada. Então, aí eu entrei na faculdade, na Universidade Mackenzie, era uma faculdade superconservadora, fui fazer engenharia lá, entrei em 1963 e me formei em 1967.

Edson – Engenharia?

Roberto – Engenharia Industrial. Em 1962 teve uma primeira grande transformação na política estudantil aqui no Estado de São Paulo, o que aconteceu? Pela primeira vez as forças católicas representadas pela JEC e a juventude do Partido Comunista, se uniram para eleger o presidente da Upes, União Paulista dos Estudantes Secundaristas, que foi o Moisés. Eu não me lembro o sobrenome dele, mas ele foi militante do PT, hoje ele é um dos assessores mais importantes do ministro da cultura, do Weffort, ele que libera esses recursos para projetos culturais, ele foi editorialista da *Folha* muito tempo, você é lá do Rio não conhece muito. Então, pela primeira vez, em 1962 – antes era um puta pau – quando eu entrei, comunista com a gente era um troço complicado, não podia falar, não podia fazer. Daí o troço evoluindo, evoluindo e nós fizemos uma aliança para derrotar a direita.

Edson – Quem era essa direita?

Roberto – A direita naquele tempo concentrava os principais colégios aqui de São Paulo, colégios grandes, eu não me lembro o nome desses colégios.

Edson – Era a classe média?
Roberto – Classe média alta.

Edson – Você vinha de uma família de classe média?
Roberto – Média baixa, meu pai era fazendeiro, vendeu a fazenda, veio aqui para São Paulo e comprou um posto de gasolina, depois foi diretor de um hospital, tinha patrimônio, tinha um sítio lá em Taubaté, meu pai era classe média.

Edson – E qual era o nível de leitura que vocês tinham?
Roberto – A gente lia livro mais ligado à Ação Católica mesmo, eu me lembro que o primeiro livro de economia que eu li foi do Leo Huberman, a *História da Riqueza do Homem*, o primeiro livro que me interessou foi esse, depois eu li muito, tentei ler *O capital* mas não dava, era muito difícil, li muito texto depois produzido pela Ação Católica.

Edson – Como era uma organização católica? Vocês liam algo de marxismo, alguma leitura sobre o marxismo?
Roberto – Eu comecei a ler já no 2º ou 3º ano do colégio, porque quando a gente fez essa aliança em 1962 com os comunistas, a gente começou a ter contato, a gente teve muitos amigos comunistas, a gente discutia, eles tinham alguns livros e passavam para a gente, alguns livros do Mao, alguns textos do Mao, ainda estavam liberados, em 1962, ainda tinha bastante coisa para a gente ler, só que mais textos do que livro na verdade.

Edson – Não era esse mercado editorial que a gente conhece hoje?

Roberto – Era superdifícil. Eu me lembro que para você conseguir um livro era superdifícil, você tinha que ir na livraria ali na praça da República, um cara perseguido, era fechado, prendiam o cara, já naquela época, em 1962.

Edson – E na faculdade, quando você entra na faculdade, como vai ser sua trajetória?

Roberto – Eu entrei em janeiro de 1963 na faculdade. Eu saí da JEC e fui para a JUC, que era a Juventude Universitária Católica, que era muito mais politizada do que a JEC, já estava numa efervescência, aquele negócio do Brasil, do governo Jango, pegava muito o pessoal, aquela radicalização, a gente vivia muito isso lá no Mackenzie, o radicalismo era grande, a direita era muito forte, a Faculdade de Arquitetura se dizia comunista e a Faculdade de Engenharia no meio de tudo isso, as outras faculdades, a Faculdade de Economia, por exemplo, eram mais alienados, a gente ia buscar, mas era sempre difícil de achar. Nessa efervescência toda foi radicalizando o nosso movimento. Eu logo fui eleito representante dos alunos no 1º ano da Escola de Engenharia para fazer parte do Centro Acadêmico Horácio Lane. O presidente do centro acadêmico era da JUC, o secretário era da JUC, depois o sucessor também era da JUC, era um grupo muito forte, daí que eu fui ficando mais politizado mesmo.

Edson – Quais eram as reivindicações que vocês tinham?

Roberto – A primeira reivindicação, em 1963, sabe o que era? A federalização do Mackenzie. Naquele tempo o Paulo de Tarso Santos era ministro da educação, isso marcou muito a minha vida, o Mackenzie é da igreja presbiteriana, os pastores que orientavam eram todos estadunidenses, a casa que eles moravam era na Alameda Jaú, quase esquina com o parque Trianon, mas eles eram liberais. Esse negócio da federalização pegou muito firme mesmo, mas também dividiu muito, porque a direita não queria e a esquerda queria

a federalização. Eu me lembro, em termos de ter uma ação... assim, militar mesmo, que o Paulo de Tarso, que era ministro da educação, veio falar sobre a federalização no Mackenzie. Lá tem um auditório que cabe umas mil pessoas, os caras trouxeram gente da Aeronáutica e tomaram quase a metade do auditório, mas foi uma pancadaria! Quando o Paulo de Tarso e o Moisés, que era o presidente da mesa, entraram no palco, começou uma chuva de ácido, de ampolas de ácido, aquilo foi uma loucura. Foi uma pancadaria, o primeiro grande atrito que teve lá foi esse.

Edson – Lá no Mackenzie?
Roberto – Foi lá no Mackenzie, foi no segundo semestre de 1963.

Edson – Essa reivindicação se centrava em relação ao Mackenzie?
Roberto – No Mackenzie era a grande reivindicação interna. A discussão externa estava começando a iniciar. Eu já vinha um pouco marcado por ter participado dessa eleição do Moisés, a gente já tinha mais acesso ao PC, o pessoal que vinha das coordenações do partido já era mais chegado à gente, então, a gente começava a discutir mais coisas. Daí eu fiz cursos com o Florestan Fernandes, na Faculdade de Filosofia da USP, eu era muito amigo do Chico Buarque, fiquei mito amigo do pai dele, Sérgio Buarque de Holanda, que me indicava algumas coisas. Tinha muitos cursos naquela época, com caras fantásticos.

Edson – Esses cursos do Florestan eram cursos pela Faculdade ou por fora?
Roberto – Eram pela universidade, na USP, que era em frente, era a Faculdade de Filosofia, teve aquela briga em 1964,em 1965, o pessoal do Mackenzie quebrou a faculdade, que teve que mudar da Rua Maria Antônia. Daí, então, a gente começou a ter muito contato com o pessoal da USP e começamos a nos politizar muito.

Edson – Você estava na renúncia do Jânio.

Roberto – Então, a renúncia do Jânio repercutiu muito na faculdade, era muito claro uma radicalização meio militarista lá dentro, eram reuniões muito fortes até altas horas da noite. Depois desse evento, eu estava, o Paulo de Tarso, sabia-se que o pessoal da Faculdade de Direito estava muito armado. O CCC apareceu lá dentro muito forte, era comandado por todo o pessoal da direita, por gente que hoje é superliberal...

Edson – Mas retornando aquele período...

Roberto – Aquele período passou por um processo de radicalização muito grande, já no fim de 1963 a situação já estava muito complicada lá no Mackenzie, eles botaram fogo duas vezes no Prédio do Centro Acadêmico da Engenharia. Na Arquitetura, saía muita briga, o pessoal já não ia muito para o pátio, foi uma radicalização muito grande. No golpe eles tomaram conta de tudo, no dia eles fizeram corredor polonês lá na faculdade.

Edson – Eles quem?

Roberto – O pessoal da direita, tinha o pessoal da Economia, da Faculdade de Direito, algumas pessoas da Engenharia, porque naquele tempo não era obrigatório o voto, ele era livre, embora a gente conseguisse mobilizar muito, embora a grande maioria fosse da Engenharia, era cara que não tomava posição, a gente era mais ativo, sempre ganhava as coisas lá dentro. E a direita ficava puta lá na Engenharia.

Edson – Vocês conseguiam mobilizar?

Roberto – Conseguíamos. A gente levava para votar, a eleição para dar quórum era um pega pra capar, a gente dominava. No dia do golpe, eles botaram fogo no Centro Acadêmico da Faculdade de Engenharia, quebraram tudo, quem estava lá dentro botaram no

corredor polonês, entraram em algumas salas de aula, tiraram muita gente, e no pátio da Engenharia eles fizeram um corredor polonês grande, foram buscar um pessoal da Economia, muita gente da Faculdade de Direito, tiravam o sapato do cara, amarravam um com o outro e jogavam em cima do telhado, o cara passava pelo corredor polonês e todo mundo batendo nele, um corredor polonês grande, o cara era obrigado ainda a subir no telhado, pegar o sapato, para depois sair, machucou muita gente.

Edson – Você estava lá no dia do golpe?

Roberto – Eu dei a maior sorte. Eu fui lá, logo que eu entrei senti que o negócio estava feio. Alguém me falou "vão bora, vão bora", eu fui embora. Eu tenho um amigo que morava na Rua Itambé, do outro lado do Mackenzie, eu fui para lá, só vi o começo e depois o pessoal falou eu fui embora. Eu fiquei sem ir lá um "tempão", no Mackenzie.

Edson – Depois do golpe como é que ficou a situação? O CCC deve ter continuado lá?

Roberto – Claro. O CCC, depois do período da revolução, foi senhor, dava as ordens lá, vetava diretor das escolas.

Edson – E aí você voltou a estudar?

Roberto – Voltei. Eu fui para Ubatuba, meu pai tinha uma casa lá em Ubatuba, eu voltei um mês depois, eu era muito visado ali, retomamos contato, eu sempre mantive alguns contatos aqui, mesmo lá em Ubatuba. Quando voltei, aí sim, aquilo reativou, logo no começo ninguém saía da sala de aula, mas tem muita gente, esses caras que são independentes vão botando panos quentes, tinha muita gente que defendia a gente. Acabou o centro acadêmico, virou diretório acadêmico (Lei Suplicy) e a gente não tinha onde fazer reuniões. O ano de 1964 foi um ano complicado.

Edson – E a aproximação com a ALN?

Roberto – Em 1963, no golpe, eu já era da UEE, eu era tesoureiro da UEE, não sei se foi em 1963 ou 1964. Em um ano eu fui segundo secretário da UEE e no outro ano eu fui segundo-tesoureiro, o presidente era o Chico Crestana, no outro era o Antônio Funar Filho.

Depois do golpe, começaram a se radicalizar algumas posições dentro da Ação Católica, um pessoal achava que o laicato devia fazer política. Depois do golpe isso foi radicalizando muito lá dentro e houve um grande racha na JUC. Foi quando apareceu a Ação Popular. Onde é que apareceu a Ação Popular? A Ação Popular apareceu em Minas, foi com o padre Ávila, com um grupo de gente. Quem veio discutir com a gente sobre a AP foi o Betinho. Nós estamos falando do fim de 1964. Uma grande parte da Ação Católica resolveu sair e ir militar na AP, eu saí da JUC e me tornei militante da AP.

Edson – A proposta da AP era de luta armada?

Roberto – No começo não era. Na realidade, naquele tempo, a gente tinha grande esperança que a "revolução" não ia durar muito tempo. Não sei por que, mas tinha uma expectativa grande de que haveria um movimento popular, não uma revolução, mas uma democracia de novo. O grande problema da "revolução", que a gente foi para a luta armada, era que a cada hora era uma porrada, a gente começaram a ver que a expectativa deles continuarem a ditadura era muito mais do que a gente tinha avaliado naquele momento. No começo todo mundo achava que isso aí ia passar rápido, ia até o fim do ano de 1964, começou a aparecer os Atos Institucionais e radicalizou mesmo no Ato nº 5. Mas eu já estava bem preparado, como eu tinha contato com o pessoal do Partido Comunista, logo depois que foi feita a AP uma área começou a achar que o negócio estava indo muito longe, que a perspectiva não era de curto prazo, mas de longo prazo, aí nós começamos a discutir as alternativas. Teve aqueles livros

do Debray, *Revolução na Revolução* e *Guerra de Guerrilhas**. Aquilo foi nossa leitura e muita gente começou a fazer a opção pela luta armada. Em 1968, o Marighella lançou a ALN lá em Cuba, no congresso da Olas, em julho de 68. Eu não sei...

Edson – Foi em 67 que ele sai do Brasil e vai a OLAS.

Roberto – Deixa eu voltar aqui. Em 1964 eu deixei de fazer política lá no Mackenzie, passei a fazer política na UEE, daí eu fui segundo-tesoureiro e segundo-secretário, dois anos seguidos, da União Estadual dos Estudantes. Em 1966, eu era coordenador da AP, tinha uma região grande, era o Mackenzie, a USP era muito independente, mas eu tinha contato com os coordenadores, no contato com esse pessoal de coordenação de AP, aqui como a gente tinha muito, muito contato com o pessoal do partidão, a eleição do Serra, em 1963, foi muito discutida, a eleição da UNE Daí em 1966 eu fui fazer parte do Tuca. Veja como eu fiquei fora do Mackenzie! Eu fui tesoureiro do Tuca e fui ator. Fui para a Europa, nós fomos em maio, fim de maio de 1966 e voltamos no fim de junho de 1966.

Edson – E o regime se fechando.

Roberto – O regime se fechando cada vez mais. Daí eu fiquei fazendo o Tuca, fiquei muito tempo. Em 1967, eu tinha que fazer uma opção: ou voltava para me formar, ou me profissionalizava politicamente ou continuava no Tuca. Pensei, pensei, pensei, e resolvi que eu estava a fim de abandonar a escola, daí eu resolvi, conversando com o Toledo, eu resolvi voltar para a escola. Não, aqui ainda não foi com o Toledo ainda não, foi com esse pessoal do partidão e estava

---

* As referências bilbiográficas citadas são as seguintes:

GUEVARA, Ernesto "Che". *A guerra de guerrilhas.* Rio de Janeiro: Compositora Gráfica Lux Ltda., s/d.

DEBRAY, Regis. *Revolução na Revolução.* Havana: Casa de Lãs Américas, 1967.

indo para a ALN e o pessoal de AP já estava decidido, inclusive nós preparamos um congresso para o Marighella levar uns documentos que ficou pronto em maio, junho de 1967, foi quando ele levou os documentos para lá, para a Olas. Nesse tempo já começaram algumas ações pequenas.

Edson – Que tipo de ações?

Roberto – Na verdade, o que foi definido era a guerrilha dos polos. O Marighella achava que o ganho, a gente ia ter um crescimento. Porque, veja bem: eu era um cara jovem, em 1967, eu sou de 1942, tinha 25 anos, eu era faixa preta em artes marciais, judô e karatê, eu era muito forte, um cara bom de briga. Então, a gente começou a treinar para fazer ações. Então, como nós começamos as ações? Tomar armas de alguns caras, principalmente dos vigilantes. A primeira vez que a gente faz isso é um troço pirado. Depois de uns quatro meses era a maior diversão da gente pegar armas dos caras. Apostava um grupo de três quem pegava mais armas, num dia, numa semana.

Edson – Isso com a ALN já surgindo?

Roberto – Já surgindo. Eu tendo isso como experiência, um dia o Marighella falou: "Vamos fazer um assalto a banco". Eu andando no carro, ele falou: "Para aqui". Eu peguei e parei. Ele pegou eu e dois caras que estavam atrás do carro, eu, ele, e fomos num banco, assaltar um banco, rapaz!

Edson – Mas assim, sem preparar, sem nada?

Roberto – Mas há cinco minutos ele falou comigo: "Você é macho pra caramba". Eu falei: "Eu sou".

"Você faz isso"?

"Faço?"

"Então, você vai assaltar um banco. Você já tem experiência em algumas ações"?

"Eu já, tomar armas".

"Então você vai fazer".

E eu já tinha participado daquele negócio do trem, mas de longe, eu era reserva, mas aí ele me pegou e me deu um revólver de brincadeira e me deixou na porta do banco. Você imagina que depois que o assalto saiu eu não conseguia nem andar. Eles me carregaram um quarteirão inteiro para o carro, não conseguia andar, não conseguia fazer o carro funcionar e só eu que sabia guiar, como é que ele iria?

Edson – Ele participou da ação?

Roberto – Ele, eu e mais dois caras, que eu desconfio, que era esse cara que era o comandante aí deles depois, o irmão do Virgílio Gomes.

Edson – Nessa ação você ficou fora?

Roberto – Fora com um revólver de brinquedo para não deixar ninguém entrar. Os três entraram, eles já viviam na realidade, eu não sei se ele queria me testar, fazer alguma coisa, ele gostava muito de mim, o Marighella. Eu guiava muito bem, ele gostava muito que eu guiasse o carro para ele, quando ele chegava e tal.

Edson – Em algum momento vocês foram parados pela polícia?

Roberto – A gente escapou de cada uma que eu vou te contar. Era uma sorte, não era dia mesmo. Um dia eu estava na Heitor Penteado, tinha a maior batida lá, tinha um negócio fechado ali, uma batida, eu e o Marighella não andávamos nas avenidas, eu conhecia muito São Paulo, a gente só andava nas ruas secundárias, nunca eu andei com o Marighella na Paulista, nunca na Rebouças, nunca, nunca, nunca, só em ruas secundárias. No fim de 1966 para 1967, eu fui trabalhar numa firma de planejamento, e lá tinha um núcleo da ALN. O chefe lá era o Farid Hellu, que era o segundo homem da organização em São Paulo, e a gente planejou a maioria dos assaltos em São Paulo, nós planejamos lá. Era um núcleo formado por seis pessoas, um dos

participantes era o Norberto Nering, o Farid Hellu, uma arquiteta, que hoje mora nos Estados Unidos, a Rita, um economista e a mulher dele. Nós recebíamos o levantamento do banco, depois a gente estudava na prancheta todos os planos de fuga, primeiro tinha que fazer o levantamento, todas a situações, se ele entrasse em tal rua, se ele chegasse e estivesse fechada como que ele saía.

Edson – O levantamento era o horário...

Roberto – Isso mesmo. Você ia pagar alguma conta, entrava na fila, via qual era a saída dos bancos, quantos caixas ele tinha, se tinha caixa forte, quantas pessoas trabalhavam no banco. Tudo era mapeado e levado para o pessoal da ação. O pessoal da ação chamava Grupo Tático Armado, GTA, nós tínhamos, aqui, cinco ao final, era um, depois dois, três... Foi crescendo, e que às vezes faziam ação conjunta.

Edson – Esses GTA's atuavam em ações específicas?

Roberto – Depende das ações. Teve ações em que todo mundo participou. Teve uma ação que nós assaltamos dois bancos ao mesmo tempo, lá na Mooca, na Avenida Paz de Barros, uma esquina era a Caixa Econômica Federal, na outra o banco Itaú. Foi lá que matou um cabra deles, você ficou sabendo? E o Chiquinho que era nosso, teve um cara que deu um tiro no estômago dele. Isso foi um troço fantástico. Nós saímos dali e fomos para onde tem o autódromo de Interlagos e tomamos um hospital.

Edson – Para tentar socorrê-lo?

Roberto – Tentar não. Chegamos lá dez horas da noite, tomamos o hospital, operamos o cara e saímos de lá às cinco horas da manhã. Como não tinha sangue, viemos roubar sangue no Hospital das Clínicas em Interlagos. Quando a gente veio roubar sangue no Hospital das Clínicas, saímos aos gritos de lá depois.

Edson – As palavras de ordem contra a ditadura?

Roberto – Lá não. Nós fizemos sempre isso, mas nesse dia não, senão o pessoal podia descobrir que a gente estava no hospital, nós saímos e a polícia chegou. Teve coisas assim de segundos.

Edson – E como o Marighella se comportava nesse cerco, nesse exemplo que você deu?

Roberto – Ele era o cara mais tranquilo do mundo. O Marighella, eu acho que é um troço meio forte o que eu vou falar, ele era louco, porque o cara que não tem medo é louco, ele não tinha medo. Olha, um puta de um troço do exército fechando a rua, e eu subindo, ele atrás com três caras, num fusca meu mesmo, eu guiando com um outro cara do lado, passa um carro com um bando de caras superarmados, eu acho que eles desconfiaram quando passou aquele bando de gente no mesmo carro, ficaram olhando, olhando pra gente e ele tirando sarro. Eu tremendo, quase não conseguia guiar, e ele tirando sarro dos caras: "Tão perto e tão longe" – ele falava – "olha se eles soubessem, hem?" Estava todo mundo armado ali.

Edson – Ele para vocês ouvirem.

Roberto – Falava para nós dentro do carro, baixinho, tirando sarro. Ele é o único cara que eu conheci que não tinha medo de porra nenhuma. Um dia, eu quebrei um puta pau com ele, aqui tem uma rua chamada Teodoro Sampaio, num bairro conhecido, Pinheiros, ela termina num largo, onde tem uma igreja. Eu fui a um ponto com o Marighella ali, um troço perigoso, eu não gostava daquele ponto, inclusive depois ele mudou, era muito perto do largo e não tinha saída, a única coisa que tinha era passar no largo. O largo era um pepino que vivia tendo batida do exército. Você imagina que eu chego no ponto – eu nunca cheguei atrasado, eu chegava rigorosamente no horário – o Marighella está em cima de uma banca de jornal fazendo um discurso (risos). Você imagina, eu com arma no carro...

Edson – Que hora foi isso?

Roberto – Quatro horas da tarde. O que aconteceu? Deram uma batida, tinha um bar, eles foram lá e baixaram cacete nos caras. Ele ficou revoltado, foi lá, esperou o pessoal sair e meteu bronca (risos). Você tem alguma fotografia do Marighella? O Marighella era um cara de dois por dois, muito maior que eu, ele era ridículo, colocava uma peruca. Para você ter uma ideia, eu conheci o Marighella, dois meses depois que eu conheci o Marighella, estive três ou quatro vezes com ele só, eu estou em frente do Mappin, você conhece a cidade? Em frente o Mappin tem a Rua Xavier de Toledo e no fim é a Praça da República, tem uns quatro quarteirões essa rua, você imagina que eu estou aqui no Mappin e estou indo para lá encontrar com ele, eu vejo ele entrar aqui, reconheci ele há quatro quarteirões. Ele era um mulato de dois por dois, o braço dele era deste tamanho, com uma peruca que se dividia no meio, uma peruca preta, então, ele não se disfarçava, nunca que um homem daquele (risos), com uma peruca repartida no meio. E ele na cidade comprando livro, entrando na livraria. Ele era foda!

Edson – Nesse contato, ele tinha algum tipo de preocupação com vocês?

Roberto – Ele tinha muita preocupação com a gente, ele não queria expor a gente. Ele achava que a ação, seguindo a norma da guerrilha, a gente tinha que ter todas as vantagens possíveis, se faltasse algum item era para cair fora. A primeira coisa era a surpresa, nós tínhamos que ter uma surpresa. Nós tínhamos que ter uma condição de fogo que não podia estar tão abaixo que a do adversário, se possível sempre maior, mas era impossível isso para a gente. O pessoal fez a loucura de assaltar quartel, se você ler aquele livro daquele cara carioca que depois ficou aqui na organização...

Edson – O Carlos Eugênio?

Roberto – O Carlos Eugênio vai dizer o seguinte: que nós começamos a deixar de ganhar quando deixamos de seguir aquelas regras de segurança, porque esse negócio de atuação clandestina dá uma força interior fudida, você começa a se achar superior a todo mundo, por exemplo, você pega uma rua e tinha uma barreira, saía um cara com uma arma e um cara com uma metralhadora, os caras corriam com medo da gente. Isso foi dando uma força, todo mundo se achava meio super-homem, chegava um cara e propunha: "Vamos fazer uma ação assim?" "Vamos". "Mas o que é isso?" "Você tem levantamento?" "Não tem." "Tem elemento surpresa?" "Não sei." Quer dizer, nada era obedecido.

Edson – Vocês superestimaram a força que tinham?

Roberto – Isso mesmo, você vê, o Marighella sempre falava pra gente. Muito, muito. Quando se reunia muita gente, esse pessoal do GTA, ele falava para a gente: "Olha vocês tomam cuidado, vocês tem que ser frios, tem que analisar, tem que ter todas as condições, esse negócio do ponto, não tem que ter sentimentalismo". Na realidade alguns caras namoravam alguma menina, aí chegava no ponto com uma menina, era o seguinte: você tinha que chegar no máximo um minuto antes ou dois minutos depois, se não, se manda; o cara não chegava dez minutos depois, o Jeová, que era um puta quadro da ALN, era um geólogo da USP, não se formou, era um cara que tinha dois metros de altura, você via o Jeová de tudo quanto era lugar, "lá vem o Jeová"; Por que caiu? Ele marcou com um cara um ponto numa hora, o cara foi preso uma hora antes, apanhou, aguentou quarenta minutos, abriu o ponto. Em 40 minutos tem que abrir mesmo, é muita porrada. Vai lá e o Jeová está lá no ponto, uma das maiores lideranças da ALN.

Edson – Era a orientação do Marighella?

Roberto – Claro. Cadê o um minuto, dois minutos que você tem que ficar ali e se mandar? E se mandar para longe, não ficar para ver

não. Muita gente também foi presa porque fazia uma ação e depois voltava para ver a merda que tinha feito, ia ver o resultado. Depois que começou uma puta de uma decadência, é claro, o pessoal ficou mais com medo. Agora, o Marighella era um cara que de primeira ele conquistava as pessoas, um cara de puta humanidade, o companheirismo, a preocupação com as pessoas, com a defesa do Brasil, com os mais humildes.

Edson – Você tem algum exemplo que demonstre esse lado humano, esse lado solidário?

Roberto – O Marighella é isso que eu lhe falei. Esse lance que eu te falei, dele subir lá, aquilo marcou muito para mim, depois eu quebrei um puta pau com ele por causa da segurança. Sabe o que ele me falou: "Eu não consegui, vi os operários apanhando!" Ele arriscou a vida dele e a minha também, quebramos um puta pau, nesse dia nós conversamos muito feio porque ele contrariou todas as coisas que ele dizia, que ele prega. Se expôs muito, às quatro horas da tarde, o cara sobe, todo mundo ficou sabendo que era ele ali. Ele era um cara assim é... Várias reuniões, a gente fez com os dominicanos, ele se vestia de padre (risos), gostava de ficar conversando com as freiras (risos), queria ganhar as freiras no papo, ele vibrava com isso, ele vibrava com isso.

Edson – Isso dentro do convento?

Roberto – Dentro do convento. Era muito longe, um convento com freiras e aquele puta crioulão lá, com batina até no joelho (risos). Eu fiz isso umas três vezes, ele queria ganhar as pessoas.

Edson – Ele queria atrair as freiras para a luta como atraiu os padres?

Roberto – É, como atraiu os padres. Então, ele tinha aquele lado, se preocupava muito com a gente, valorizava.

Edson – Ele tinha algum tipo de brincadeira?

Roberto – Eu não me lembro disso. Eu me lembro que ele era muito brincalhão, gostava muito de contar caso quando a gente estava muito tenso, exemplos do que ele tinha passado, ele contava muitas histórias do Partido Comunista. Na verdade ele ridicularizava esse pessoal da ditadura, principalmente esse pessoal da repressão, ele dizia: "Ah! Esses caras não são de nada. Tem que fazer cara feia, ir para cima". Nesse dia mesmo, que um carro ficou andando atrás de mim uns cem metros, todo mundo naquela tensão, mas até ria do que ele falava: "Olha a cara daquele babaca, que filho da puta, eu quero sair daqui". E o cara com uma puta metralhadora, uma C-14, com dez caras dentro. Ele gostava muito de contar caso, contar piada, na hora da tensão ele conversava muito com a gente, preparava muito as pessoas. Ele acreditava muito que o povo fosse dar sustentação para a gente, mesmo nos últimos momentos, assim que ele podia estar acreditando, porque a gente se isolou muito, esse livro desse rapaz mostra bem, que a gente, na verdade, passou só para a ação militar, não teve mais ação política. O pessoal não acreditava, a dominação, a divulgação jogou o povo contra a gente, nós éramos vistos com bandidos. Isso foi deixando o Marighella meio... A gente tenso, e o Marighella meio... Porque aí a gente misturou tudo, os dominicanos, que eram da parte da inteligência, começaram a assumir coisas que não eram para eles fazerem, faziam até transporte para o lugar onde nós íamos fazer assalto, isso não era para eles, não tinham estrutura para isso.

Edson – No momento em que o cerco vai se fechando, você teve algum contato com ele?

Roberto – Eu tive contato com o Marighella uns 20 dias antes dele morrer. Ele morreu dentro de um carro que estava no meu nome, num ponto que eu me encontrava com ele, na Alameda Casa Branca. Aquele carro não era meu, foi comprado no meu nome pelos

dominicanos. Ele mostrava sempre pra gente que ele estava sempre otimista, dava sempre notícia de fora e: "Não, agora a gente vai ter apoio; não, agora a gente vai caprichar mais na propaganda". Tanto assim que uns dias antes, num 1º de maio daquele ano, nós fizemos uma puta de uma divulgação aqui em São Paulo. Eu me lembro que eu fui escalado para ir na Praça da Sé, eu fui muito carregado mesmo, de manifesto. O pessoal tinha ido de madrugada e tinha colocado em cima dos prédios, era feriado e o vento começava a levar os manifestos. Quando eu cheguei lá na Sé, já estava caindo muito e a repressão chegou braba na Praça da Sé, eu estava carregado. Então, eu fui até uma banca de jornal e coloquei ali em cima, como estava ventando... Quando eu cheguei ali tinha uns três caras da ALN, não pegaram ninguém ali.

Edson – Nesses 20 dias antes da morte de Marighella, ele se encontrava numa posição de recuo ou ele...

Roberto – O que o Marighella cobrava era a ida para o campo. Ele cobrava muito da gente aqui de São Paulo.

Edson – O que ele falava?

Roberto – Eu não sei o que falhou nesse negócio do campo. Ele falou que não eram recursos, que a gente tinha, a gente fazia os assaltos de cara limpa, todo mundo de cara limpa. Então, tinha uma expectativa de que o cara ia se queimar logo, tinha que se mandar logo. Daí não foi embora, ficaram anos e anos assaltando com cara limpa. Deixa eu contar para você uma parte aqui. O grande pepino nosso sabe quando foi? Um troço inteligente que a repressão fez: quando teve o Congresso de Ibiúna, que eles levaram o pessoal do Dops, ficaram lá 40 dias e o resto ficou mais tempo. Eles ficharam todo o pessoal de Ibiúna. Na ALN, 80% era universitário, principalmente da PUC de São Paulo, as grandes lideranças do grupo armado, era o Fleury, que era da PUC, e o Takao, que eu não sei se era da PUC. Mas eles

ficharam todo mundo. Eles tiveram dificuldades nos primeiros tempos por causa de quê? Porque todo mundo usava nome falso, embora fosse um negócio meio liberal, Marighella condenava esse negócio do pessoal, como a gente se conhecia... Eu pegava o Marighella e ia levar numa reunião com 20 caras, daqueles 20 eu conhecia 15, de tanta conversa e já tinha ficado o dia inteiro e daí já começava a chamar pelo nome, ele ficava puto com esse negócio, ele achava que esse negócio de segurança tinha que ser seguido à risca. A repressão baqueou a gente quando ela começou, fez um álbum, com o nome de todo mundo do congresso e na tortura eles identificavam, eles apagavam o nome e colocavam o nome de guerra. Então, eles mapearam todo mundo, esse foi o grande troço, eu acho, que liquidou a gente.

Edson – Ele direcionava a luta para o campo nesse momento? Em outubro, antes da morte dele, afinal você teve contato com ele em outubro.

Roberto – Isso nós não discutimos muito já no fim não. Ele fazia um levantamento de que a repressão tinha tido um ganho político, inclusive em termos de repressão mesmo. Ele não acreditava que os caras dessem uma resposta tão rápida. A Oban, ele não acreditava que no começo o Exército fosse para a repressão, repressão armada, que fizesse um centro de torturas, não pensava que eles fossem até lá, eu acho que eles foram muito rápidos, montaram essa aparelhagem de toda repressão muito rápido, acho que eles não esperavam que tanto oficial do Exército aderisse tanto à tortura como aderiu, praçinha, general, capitão.

Edson – Cair de pau em cima?

Roberto – É, torturar e gostar de fazer aquilo que fazia. Ele achava que o Dops era mais fácil, já exercia essa função, já estava fazendo isso há muito tempo, mas ele, eu acho que ele não acreditou muito que o Exército fosse entrar tão pesado assim.

Edson – Ele chegou a comentar algo das prisões por que passou?

Roberto – Comentou muito. Falava da prisão, aquele episódio do Rio que ele reagiu à prisão, ele contava muito sobre aquilo lá. Eu o levava em muitos lugares e, às vezes, ele ia contando.

Edson – Sempre incentivando?

Roberto – Sempre incentivando. A vida só valia enquanto você lutava pelos pobres, o resto era...

Edson – Em relação à morte, Roberto, como que você vê essas versões sobre a morte de Marighella?

Roberto – Não existe o herói na tortura. Tem um limite. É claro para mim que os operários, naquela época, resistiram mais do que a gente, classe média, universitários, e é claro que nós resistimos muito mais do que os padres, eles não estavam preparados para isso. A prisão é uma violência, a tortura é um massacre, é muito complexo. Quando eu encontrei os dominicanos, os dominicanos tiveram uma ligação direta comigo, porque a gente estava montando um esquema de gráfica, eles eram muito meus amigos antes, quando eu era da Ação Católica, frequentei muito o convento dos dominicanos, quando eles vieram para a ALN, eles vieram muito depois.

Edson – Antes da JEC e da JUC você já frequentava?

Roberto – Já frequentava. E lá tinha um cara fantástico, que era o padre Chico, um grande orador. A missa das 19h dele parava um quarteirão todo lá, era fantástico.

Bom, mas aí vieram esses grupos de dominicanos, a missão que eles tinham era fazer o quê? A inteligência dentro da ALN; analisar, informar, mesmo depois dos levantamentos ver como é que a gente ia fazer aquilo, providenciar documentos, mandar informação pra fora, criar uma rede pra fora, de levar o pessoal embora, o Betto foi lá. Meu caso mesmo, levei o [Norberto Guerra] entreguei na mão

dos tupamaros lá no Sul, lá em Porto Alegre, ele depois foi assassinado ali na fronteira e apareceu que ele se enforcou numa pia. Na realidade, não dá para você ter uma certeza sobre as coisas. Deixa eu contar uma coisa, eu fui preso no dia 4 de novembro de 1969, a uma e meia da manhã. Antes da morte de Marighella, ele foi morto as 20 horas, em torno das 20 horas. Ele foi morto num carro que estava no meu nome e num ponto que era o meu, a Alameda Casa Branca. Eu que encontrava com o Marighella lá algumas vezes. Os dominicanos também tinham esse ponto, isso eu achava ruim com o Marighella, às vezes os pontos coincidiam, era muita gente num ponto só, [não]era muito seguro. Os dominicanos, o Ivo e o Fernando, eles começaram a ser seguidos aqui em São Paulo, daí eles marcaram encontro com o Sinval, que não era padre ainda, mas estudava no convento dos dominicanos, no Leme. Foram pra lá encontrar com o Sinval, e o pessoal do Fleury foi junto com eles no ônibus, eles são tão inocentes que não perceberam. Quando eles desembarcaram, o Ivo levou no bolso dele o documento do carro que estava no meu nome, eles chegaram lá... Eles saíram daqui à noite, eles chegaram pelas oito horas lá no Rio, foram presos, levaram lá para a Marinha, eles apanhavam da hora que chegaram até a hora que saíram de lá, 11 horas da noite. Das nove horas, mais ou menos a hora que eles chegaram, às duas da tarde não perguntaram um "a" para eles, só apanharam, só apanharam.

Edson – Isso ele te relatou?

Roberto – É. Depois, quando eu vi os dois, eu fui preso então à uma e meia, cheguei lá devia ser umas duas horas, porque eles bateram em mim antes de sair de casa, no carro foram buscar um outro amigo meu, um engenheiro também, que eu conheci lá no grupo, então eu cheguei lá pelas duas e meia, três horas. Quando eu cheguei lá tinha uns 300 presos. Eles me levaram numa sala e deixaram todo mundo num corredor grande, tinha uns caras, batiam nas pessoas,

chegavam com alicate e tiravam mecha de cabelo, o coro comendo lá. Daí me levara numa sala meio escura que estavam três paus-de-arara armados, estava cheio de água e o pessoal da tortura brabo lá, tiraram eles de um lugar, que eu não sei se era o pau-de-arara, estava escuro lá, botaram na minha frente, eu não reconheci os caras.

Edson – Os dois?

Roberto – É, eu não reconheci primeiro o Fernando, eu não reconheci a voz, nem o jeito. O Fernando eles tinham passado um maçarico aqui e a cara dele estava completamente deformada, estava deste tamanho, de um lado só estava tudo torto, a boca dele estava toda inchada, não dava para saber o que ele estava falando, barbaridade.

Edson – E você, chegaram a te perguntar sobre Marighella?

Roberto – Claro. Eles vieram logo em seguida para cá, então, eles prenderam uns dominicanos. Eu tinha muita relação com eles, e esses sim falaram muita coisa a meu respeito, que eu dava cobertura ao Marighella, que eu fazia isso, fazia aquilo, que eu conhecia o Toledo, isso foi complicando um pouquinho. O problema da polícia é o seguinte: se você tentar a história mentirosa, isso você aprende com outro cara, se ele tem a mesma história mentirosa, se bateu, acabou.

O problema é o seguinte: eles põe você no pau-de-arara, tapam seu nariz assim, põe uma sonda aqui, tapa a sua boca e eles perguntam a você: "Olha! Fulano de tal está ali, ele falou isso, isso, que no dia tal você saiu para tal lugar, em tal carro, você estava num tal jeito, fazendo assim, assim. Quem que você foi encontrar lá?" "Não sei". Fodeu! Eles levantavam o negócio para fazer afogamento. E o que era isso aí? Era salmoura e urina. Como que você quer que um cara resista a isso?

Edson – É complicado.

Roberto – (Emocionado) É foda, cara. Não tem jeito. Esses caras passaram por tudo isso.

Edson – Eles queriam o Marighella?

Roberto – Queriam o Marighella. Só o Marighella, chegar no Marighella. "Cadê o Marighella? Cadê o Marighella?"

Edson – Você sentia uma certa irritação deles, um medo em relação ao Marighella?

Roberto – Ah! Com certeza. Eles estavam completamente dopados. Eles pegavam esse negócio de Mogadon, punha na boca e mastigava. Isso aí foi uma tortura direto, troço brabo com todo mundo até mais ou menos quatro horas da tarde, quatro horas acabou, sumiu. Deixaram a gente no chão. Daí levaram para a sala de um delegado, ficou todo mundo numa sala meio escura, e daí levaram a gente para baixo.

Edson – Isso no Dops?

Roberto – No Dops. Então, a gente estava sendo torturado pelo segundo ou terceiro andar e as celas eram lá embaixo, lá pra baixo mesmo, no porão. Era um tal de um delegado, Edson Mainhotti, porque na tortura sempre tem um jogo fudido, tem os mauzinhos e um bonzinho, e o Edson Mainhotti era o bonzinho. Então, fechou todo mundo e disse: "Não vou deixar mais torturar vocês. Vou mandar buscar um lanche." Mandou buscar lanche, água. Chamava um e falava: "Você falou muito, não falou muito, cuidado!" Estava querendo tirar o sono da gente. É um jogo que eles fazem. E aí levou a gente lá pra baixo e eles não, os dominicanos não. E aí estava todo mundo lá, e aí você imagina, todo mundo arrasado, machucado, ensanguentado, uns colchões muito ruins jogados nos cantos, uma luz forte assim o tempo inteiro, o banheiro sem nada fechado, aquele banheiro que você faz no chão, um troço brabo. Bom, aí quando chega lá pelas nove horas eles aparecem lá, o Fleury, o Raul Pudim, esse pessoal todo, fizeram uma puta festa dizendo que tinha matado o Marighella.

Edson – Vocês, até então, não sabiam o que estava acontecendo?

Roberto – Não. E os caras saíram. O caras se mandaram. Já tinham sumido. Daí passou um dia, não sei daí quantos dias passaram, apareceu um jornal lá, *A Última Hora*, quando eu fui ver, tomar consciência das coisas. Eu tive uma sorte. Acho que foi uma sorte. Sabe o que é? Me bateram muito na minha casa, antes de sair, você já fica meio zonzo, eu fui jogado da escada, três andares, me davam muito tapa por trás nas duas orelhas, eu já comecei a ficar zonzo, não enxergava direito, cheguei lá já estava uma confusão. O que eu posso te dizer depois é que um cara, um operário me chama para ouvir um depoimento de um dominicano, era o Ivo, porque o Ivo tinha aparecido na noite e eu não tinha notado, eu nem sei quando voltaram, com um machucado muito grande na nádega. E daí esse cara disse: "Eu quero que você seja testemunha do que esse cara vai falar". E aí ele ficou tão desesperado: "Não, eu não quero que vocês achem que nós somos os culpados do que nós fizemos lá". Ele estava desesperado, mas confirmou.

Edson – O que ele confirmou?

Roberto – Que ele estava lá na rua no dia da morte do Marighella. Ele e o Fernando, que tinha ido lá, quando o Marighella entrou eles saíram do carro correndo.

Edson – Teve um que foi mordido?

Roberto – É o Ivo, quando ele saiu o cachorro veio e mordeu a nádega dele. Quando ele retornou tinha que fazer curativo na nádega que ele tinha machucado. Esse operário pressionou muito o Ivo para ele falar, e é o Genésio.

Edson – Genésio Homem?

Roberto – Que a gente chamava ele de Rabotti. Ele me chamou e chamou mais umas duas pessoas, o marinheiro que estava preso lá mais um cara. Daí a gente viu que eles tiveram algum envolvimento, mas

dizer que foi aquilo ou não foi é muito complicado. Você vê, quando a gente foi lá tinha uma rixa muito grande, era o pessoal da ação, do GTA, com os dominicanos, eles não perdoavam os caras. Eu sempre fui de uma linha que essa é essa que eu estou te falando, o cara depois de preso, a resistência dele vai até um certo limite, depois ele... Eu não sei hoje qual é minha posição, eu sou muito temeroso em acusar, esse troço, essa história é um troço fudido, que eles tiveram participação eles tiveram, saíram de lá às cinco horas e voltaram à noite.

Edson – Só confirmando aqui, quem estava com você, o Genésio, o Yves e...

Roberto – Eu, Genésio e um sargento da marinha, Cavalcanti, foi de madrugada.

Edson – Isso depois da morte do Marighella?

Roberto – Um ou dois dias depois. E ele realmente falou que estava no carro, que ele saiu correndo e que o cachorro mordeu a nádega dele.

Edson – Mas você, que teve contato com Marighella, você não acha que essa valentia dele não fez com que ele se despreocupasse com a sua segurança?

Roberto – Sem dúvida. O Genésio, hoje, garante que tinha um cara na segurança do Marighella, quando eu estive com o Marighella, nunca chegou um cara antes no meu carro, ele chegava direto. Nunca o Marighella veio com mais outras pessoas, nesse mesmo local. Por que exatamente naquele dia ia ter? Se ele sabia... Isso é que está, vê como há um erro de organização: como que o Marighella vem pra cá, eu era um cara que saía mais com ele, guiava o carro, levava ele para tudo quanto era lugar, eu estava preso uma e meia da manhã, os dominicanos tinham sido presos no dia anterior, e ninguém sabia, tinha 300 caras da organização presos, é muito complicado.

Edson – Por mais que a imprensa fosse censurada alguma coisa tinha que vazar.

Roberto – Rapaz, alguma coisa de segurança tinha que ter, ele não podia ir num troço sem conversar com dois, três caras que tinham ligação com aqueles caras. Essa história toda é muito loucura, não é? Se a história da polícia toda é verdadeira, a segurança é uma irresponsabilidade, ou não é?

Edson – Você discutiu com ele sobre segurança?

Roberto – A gente teve várias discussões. Nesse dia que ele fez esse negócio, depois que eu encontrei com ele, eu fiquei puto, ele se expôs muito, ele já estava visado: "Pô Mariga, eu te vi a quatro quarteirões, imagina um cara do Dops que é treinado para isso".

Edson – E a reação dele?

Roberto – Ele dava risada, ele era foda, ele era um cara forte. Ele ouvia muito a gente, levava na gozação (risos), mas ouvia muito. A gente teve muita briga sobre segurança.

Edson – Fora da discussão política você o viu alterar com alguma pessoa, ele muito tenso?

Roberto – Várias vezes eu vi o Marighella muito tenso, muito triste, quando ele sabia das perdas, quando o pessoal relatava para ele, tinha época que ele sentia que o negócio não estava avançando, perder um quadro naquela época era um troço, nós éramos muito poucos.

Edson – E ele na ação, ele assumia a liderança da ação?

Roberto – Era. Ele não fazia muita ação. Nessa, que eu te contei, mesmo com a polícia chegando, a gente ouvindo aquele barulhão, ele estava tirando um puta sarro. Nessa ele mandou: "Você vai fazer isso, você vai fazer aquilo". Ele entrou tranquilo, e fez discurso quando o pessoal foi pegar o dinheiro.

SALOMÃO MALINA*

Edson Teixeira – Na sua trajetória política qual foi o seu contato com Carlos Marighella?

Salomão Malina – Eu entrei no partido nos anos 1940. Eu não conhecia Marighella, ele era daquele grupo da Bahia, também não conhecia ninguém ali, eu estou falando assim para concatenar as ideias, para você ter um pouco a ideia. Eu ouvi falar a primeira vez do Marighella foi em 1946, com a constituinte, Marighella foi eleito.

Edson – Isso em qual cidade?

Salomão – Ele foi eleito pela Bahia, mas a constituinte, no Rio, funcionava onde hoje é a Assembleia Legislativa, ali funcionava a Assembleia Constituinte, naquela época. O partido tinha uma bancada de 15 deputados e um senador, se não me falha a memória. Os nomes desses deputados eram mais ou menos conhecidos, o partido teve

---

* Este depoimento foi realizado no dia 16 de dezembro de 1998, na sede do Partido Popular Socialista, em São Paulo, com Salomão Malina, ex-militante do Partido Comunista Brasileiro.

uma atuação destacada e o Marighella era um desses nomes. Depois, em 1947, cassaram o registro do partido e eu perdi contato com o Marighella, continuei ligado ao partido e caí em janeiro de 1947. O pessoal me mandou trabalhar no Imprensa Popular, eu era tão burro na época que o que mandava a gente fazia. Você conhece o Rio?

Edson – Sim, conheço.

Salomão – O pessoal escolheu um lugar que era uma beleza, era ali na Rua do Lavradio, você andava uma esquina, quase na esquina da Relação, era a polícia central naquela época, atrás tinha um morro, o morro de Santo Antônio, me parece que demoliram lá no Rio, e se a polícia fosse escolher um mesmo lugar que a gente não ia escolher outro: era ali. Bom, ficamos lá, fui preso, saí dois anos depois. Depois foi tudo meio conturbado pelo "Manifesto de Agosto", fui preso novamente em 1953, depois em 1954 fui candidato – naquele tempo você era candidato para driblar os caras – e em 1954, com o processo que eu tinha lá, decretaram a minha prisão, com o golpe que houve, e aí eu vim embora para São Paulo. Quando eu cheguei em São Paulo, fui trabalhar na Seção de Organização e aí o primeiro-secretário do partido era o Marighella, aí eu tive um contato com ele aqui, mas era muito restrito. Eu era de uma seção, ligado a outro secretário, e ele era da Executiva Nacional, que estava em São Paulo. Meu contato com ele era relativamente pequeno, era ocasionalmente em alguma reunião.

O que posso dizer para você da época? Você ia encontrar um cara boa praça, liberal, se dava bem com o pessoal, não enchia o saco, porque tinha uma escola naquela época no partido, que achava que para você ser um bom comunista tinha que encher o saco de todo mundo, cumprir um monte de exigências absurdas, coisas que você, que está estudando a história do partido, deve conhecer. Ele não era dessa escola, infelizmente tinha pessoas que por índole pessoal se davam muito bem nesse sistema.

Edson – Mesmo esse contato sendo escasso, qual foi a impressão que ele te causou?

Salomão – Eu prefiro continuar, porque depois aí tive maior contato com ele num segundo período. Pessoalmente ele sempre me tratou muito bem, de forma assim, discutia coisas do partido, mas nada assim que fosse mais substantivo. Em 1957, já depois da denúncia do Kruschev, o partido começou a fazer uma série de modificações e eu fui transferido para o Rio de Janeiro. Fui pra lá, fui dirigente distrital lá no Rio e o primeiro-secretário lá era o Marighella. E aí sim foi onde eu tive um contato mais próximo, como pessoa, ele foi uma pessoa para mim, pessoalmente, foi muito importante na minha vida, porque eu tinha uma visão política quase religiosa e aquela denúncia chocou muito a mim, como a muitas pessoas. Devido a minha precária formação teórica, ao meu atraso, pela minha cabeça que eu tinha, aquele esquema de fazer tudo certinho correspondia exatamente à minha maneira de pensar. Então, de repente descubro que não é nada daquilo, que é uma outra história, aquilo me baratinou. Nesse momento o Marighella entendeu essa história e foi muito paciente comigo, várias vezes marcou encontro comigo em horas que não havia necessidade, fora de uma atividade política, eu comecei a sentir que era mais bater papo comigo, para me explicar e foi me explicando as coisas. Ele entendeu muito melhor que eu o que houve, melhor do que eu, tanto que ele começou a ser discriminado no partido, aí dava para perceber, porque como eu era considerado um dos mais sectários, alguns deles se abriam comigo e metiam o pau no Marighella, porque ele era visto como um cara que queria mudar as coisas.

Edson – O que ele conversava com você nesses encontros?

Salomão – Naquele período era mais para explicar o que foi o culto a personalidade, a causa daquilo, que aquilo não foi uma coisa qualquer, era sério e com um pouco de história, ele era um homem intelectualmente avançado, ele tinha não só uma boa cabeça, mas

uma boa bagagem, pelo menos maior do que a minha. Ele realmente conhecia as coisas, foi me chamando a atenção para certas coisas do Lenin, do Trotsky, quer dizer, uma revisão daquela história, que do jeito que eu conhecia comecei a ver que aquilo era algo que não estava havendo, que a denúncia do culto era algo de positivo e não negativo, dentro do processo geral, que aquilo tinha sido uma deformação, que superar aquilo foi uma coisa até boa pra mim, foi muito importante isso, se não fosse isso sei lá, talvez eu tivesse saído do partido, tivesse mudado o rumo da vida. E foi diretamente o Marighella, foi uma pessoa que influiu e fez isso desinteressadamente, eu não tinha nenhuma ligação com ele assim, ele teve essa boa vontade, provavelmente terá feito isso com outras pessoas também, eu não sei, mas pelo menos comigo, eu devo isso a ele.

Edson – Ele te procurava fora do âmbito do partido, na sua casa?

Salomão – Em casa não. Não estava também tão mole o negócio não, às vezes ele podia até passar, mas em geral não era, por exemplo: às vezes, ele marcava um encontro comigo, ele dizia vamos almoçar. Aí num canto qualquer a gente sentava, num lugar longe do troço e durante a comida conversava sobre as coisas do partido, que virtualmente falávamos e o resto era para falar sobre essas coisas aí. Na medida em que fui sentindo o interesse dele, eu comecei também a me abrir, a mostrar minhas dúvidas, as minhas dificuldades, ele foi discutindo comigo, me orientando, me dando material para ler. Nesse sentido ele foi uma pessoa muito importante para mim, eu devo isso a ele. Depois foi também um período curioso, porque foi a primeira vez que eu fui ver, logo depois disso, o Prestes, eu não sabia que ia ver o Prestes, foi um grupo da direção, não foi a direção inteira, o fato é que de repente numa reunião: o Prestes! Aquilo foi muito importante também pela figura que era o Prestes, mostrando os caminhos da mudança. Aí depois de 1958 a coisa começou a virar, o Comitê Central mudou a direção, o Prestes desapareceu pelo

processo que tinha com ele, o Marighella foi para a Executiva, na época, já nova, com a nova, ele era responsável pela área de finanças e por outras coisas lá. Eu fui para o Secretariado do partido no regional do Rio, então eu tinha um contato com ele, mas era muito... Ele andava muito atrapalhado na época, você imagina, negócio de finanças, o partido saindo da legalidade, ele era muito solicitado, a gente se cruzava na época, conversava, mas eu nunca tive assim uma coisa maior. Ele ficou nisso um tempo, depois do 5º Congresso, se não me falha a memória, ele saiu do que estava e ficou responsável pelo trabalho de massas. Geraldo deve ter lhe dito melhor, na época já era chefão lá. Meu negócio ainda era no Estado, era lá. Então, era comum no trabalho, eu encontrava o Marighella, ele conversava comigo, essa coisa, mas não havia assim um contato maior. Eu estava atarefado com as maluquices nossas e ele com as dele lá. Eu o conheci mais no período anterior, pessoalmente. Mais para frente eu comecei a perceber, aí foi uma coisa de percepção, duas coisas começaram a acontecer, na primeira é o seguinte: mais uma vez, quer dizer, o partido, aquela... Carimbava um pouco as coisas. Qual era o caminho do Marighella? Que era um companheiro de "direita". Essa visão que se tinha de Marighella. Mas aí, logo depois, em 1961, com aquela tentativa do golpe contra o Jango, o golpe no golpe, foi um período muito conturbado. Eu acho que foi ali, do que eu posso detectar, o próprio Marighella começou a desenvolver uma atitude, ele começou a depositar, como dizer, uma esperança, uma confiança exagerada em certos movimentos da área militar. Aí começou aquele negócio dos sargentos, marinheiros, ele andou fuçando esse troço todo. Umas duas vezes eu tentei conversar com ele. Como eu tenho um passado, que eu entendo também dessas coisas, eu tinha um pouco os pés na terra mais do que ele, tinha uma ideia mais clara, que podia não ser bem o que ele estava pensando. Ele me ouvia, tudo bem, mas estava na dele. Depois veio 1964, ele foi preso, eu soube disso aí já separado, ele veio aqui para São Paulo, eu tinha uma tarefa aqui na direção,

ele sabia, mas ele me evitou. Uma ou duas vezes, nesse período, eu cruzei com ele pessoalmente. Teve uma vez engraçadíssima: eu estava indo para o Rio, pra uma reunião lá de qualquer coisa, num carro com um companheiro, paramos no meio do caminho, descemos para tomar um café, quando descemos está ele também tomando (risos). Ele estava dirigindo o Partido Comunista em São Paulo. Aí conversei com ele, nós tínhamos uma certa intimidade, eu disse a ele: "Ô Marighella em que você está metido?"

E ele: "Não, deixa ficar". Ele evitou entrar numa conversa maior. Ainda me lembro que ele disse: "Ah! Não tem nada não! Você sabe que comigo, você tá tudo limpo". E uma vez, acho que foi antes, ele me pegou um dia numa reunião da direção do Comitê Central e me pediu uma série de explicações sobre negócio de armamento. Eu percebi inclusive que ele não entendia nada desse troço. Ele escreveu aquele troço, uma bobagem, com a cabeça dele! Bom, eles acabaram perdendo aqui, houve intervenção, e arrebentou-se o partido. E ele apareceu lá em Cuba pra Olas, que o partido se recusou a participar, mas essas coisas eu já soube por outras vias. Eu não tive nenhum contato pessoal com ele. Mas eu o reconheci uma vez, uma coisa dessas. Foi mais ou menos um, dois meses antes da morte dele. Eu tinha um encontro com um companheiro, um ponto como se chamava na época, e eu cheguei um pouco adiantado. O ponto era ali numa área que você desce, não sei se você conhece a Avenida Paulista, aquela região, era uma área que de noite era suficientemente movimentada para poder circular, não era deserto de todo, era escura, não era uma área de muito policiamento. O companheiro marcou comigo e eu cheguei adiantado. Aí, pra não ficar parado, eu fui dar uma volta naquela região, eu andei algumas esquinas, calculei 15 minutos e voltava para chegar na hora. Não me lembro se na ida ou na volta, eu ia descendo uma rua daquelas ali, naquela região, eu vi duas pessoas andando, eu reconheci alguém de longe, porque não estava muito escuro, era de noite, eram umas oito horas, por aí. Quando chegaram mais perto, um

deles eu vi, era o Arruda. E o outro, eu custei a ver, era o Marighella usando uma peruca, eu custei a ver: "Pô, eu conheço esse cara". Era a peruca. Quando eles passaram, o Arruda não me viu, do jeito que ele estava virado eu passei do lado deles, ele estava falando com o Marighella e dali ele não prestou atenção. O Marighella, Mariga me conheceu e piscou o olho pra mim, ainda me lembro desse episódio. É claro que eu fui embora, ele também. Passado um tempo eu li no jornal e ouvi no rádio que mataram ele, naquela região, foi por ali que mataram ele, ou pelo menos foi ali que o corpo dele apareceu, parece que foi ali que mataram ele.

Edson – Na Alameda Casa Branca.

Salomão – É, nessa área que é ali atrás, naquela área, não sei se foi exatamente no ponto. Foi meses antes da morte dele, foi um, dois meses, não muitos meses não. Foi num período relativamente curto.

Edson – No máximo dois meses para ser mais exato.

Salomão – Próximo, suficientemente próximo. Ele devia usar aquela área lá. Isso que eu posso lhe dizer.

Edson – Desse contato mais próximo, em que conversaram sobre as denúncias do 20º Congresso. Em alguma situação, além de uma conversa propriamente política, que era a pauta da conversa, mas você consegue reconstruir algum tipo de conversa, algum assunto, uma brincadeira, um comentário da vida comum, que ele tenha feito?

Salomão – Marighella era um homem muito aberto. Comentava coisas do dia a dia corrente, comentava, às vezes, um fato assim. E outra coisa, ele era um homem fraternal, porque foi um momento, por exemplo, para mim as dificuldades pessoais eram grandes e ele sempre se revelou uma pessoa fraternal, muito camarada, com muita boa vontade e também muito aberto para discutir as coisas, então, ele discutia futebol, coisas do cotidiano. Conversava sobre as coisas,

gostava de música, gostava de fazer prosa, piada. Nas reuniões do partido, ele gostava de fazer desenhos, era muito comum ele fazer isso aí. Ele era muito engraçado, um gozador.

Edson – Alguma situação específica que você se lembre dele falando sobre futebol, sobre música.

Salomão – Ele falava tudo isso. Talvez se eu fizer um esforço, mas uma coisa tão... no meio de tantas outras, que tiveram muito mais peso. A minha tendência aí é gravar algumas coisas que chamavam a atenção.

Edson – Outra pergunta: por que ele era chamado de "direita" dentro do partido durante um certo período?

Salomão – Era um negócio de carimbação. O que houve aí é o seguinte: naquele período, logo depois ficou tudo meio conturbado, tinha uma luta interna muito forte e digamos assim, de uma maneira muito esquemática, você podia ver duas linhas de ação. Uma basicamente da direção da época, a maior parte, que estava manobrando, trabalhando no sentido de manter o *status quo*. Tanto manter uma forma de afunilar aquilo sem mexer no que estava feito. E, um outro grupo, ao qual depois o Prestes aderiu, disposto a mudar as coisas, dizendo: "Não. Não é assim não. Vamos mudar mesmo". O pessoal majoritário desse primeiro grupo, inclusive no comitê estadual do Rio, era o pessoal ligado a primeira área. A tendência deles era olhar com desconfiança, inclusive quando eu fui para o secretariado, cheguei a ter na mão, alguns ficaram lá, ainda no tempo do secretariado do tempo do Marighella, onde tinha pedaços da intervenção dele grifados exatamente para dar essa ideia de uma pessoa de concepções equivocadas, erradas, fora da ortodoxia, por aí um pouco. Então, quando a gente fala "direita" tem um pouco essa conotação. Foi uma época muito complicada, o partido dividido e Marighella era olhado como um homem que poderia ser chamado hoje de reformador, estava aberto para isso. E aí os outros que não eram isso diziam que ele era

de "direita", que isso ia tirar o caráter revolucionário do partido, era absurdo, tanto que o manifesto de 1958, que sai e muda a direção, foi um negócio muito difícil, só saiu por um voto, uma coisa assim, se não me falha a memória, foi muito difícil. Então, havia um pouco esse negócio, como havia também o contrário. Esse pessoal que queria mudar chamava os outros de conservador, sectário, dogmático, mas do ponto de vista da estrutura orgânica do partido, era esse pessoal conservador que tinha a maioria naquele momento.

Edson – Não sei se você se recorda, mas esse rótulo e a forma como o partido conduziu, ele ficou sabendo?

Salomão – Ele era bastante inteligente para saber o que era dito dele, mas ele sabia certamente.

Edson – Você acha que isso teve alguma contribuição para que ele abandonasse o partido um pouco mais tarde?

Salomão – Se você quiser um palpite, eu acho que muito ao contrário. Ele jogou muito forte pela saída pela democracia, das reformas democráticas e o golpe, o próprio movimento chocou ele profundamente e aí talvez aconteceu um pouco com ele, é um palpite meu, que ele caiu um pouco para o outro lado, "não tem mesmo jeito por aí", o golpe foi uma coisa, muita gente tinha a ilusão, o Prestes chegou a dizer que "se o golpista botar a cabeça de fora a gente corta a cabeça", mas não era a cabeça de uma pessoa só, era, majoritariamente, o pensamento das forças. O fato é que o trabalho de massas, tinha muito militar, muita ilusão, que o Jango tinha militar, aquela bobagem toda. Mas, na época, isso teve muita força, e eu acho que isso influiu muito na cabeça dele e ele, até para ser coerente com o que pensava desde o começo, ele estava achando que aquilo era um caminho sem volta, sem retorno, de repente o troço vira ao contrário. Eu acho que isso deixou ele, desequilibrou a cabeça dele. Depois vem a prisão, aquele troço todo. E também por que me parece que ele

tinha uma relação ruim com o Prestes, mas eu não quero entrar por aí, porque eu não conheço os detalhes da história direito. Em todo caso, para você que está estudando talvez possa acrescentar.

Edson – Ele chegou a comentar algo a respeito?

Salomão – Nunca discutiu isso comigo, podia até ter discutido, eu nunca fui íntimo do Prestes ou alguma coisa, podia até ter discutido. Mas era uma coisa, mais ou menos, nas reuniões, nas intervenções, algumas reuniões que eu participei com ele, falava muito rapidamente. Agora o comentário geral era de que havia um certo mal-estar.

Edson – Principalmente nessa fase?

Salomão – Principalmente, porque no princípio, ao contrário, ele foi um dos homens em que o Prestes se apoiou para virar, para dar a virada. Foi muito chato naquele momento. Foi ele, o Dias, uma meia dúzia de caras que viraram aquilo com o Prestes e se apoiavam em outras pessoas, como eu, que ajudaram a virar. Não era uma coisa que vinha, se tinha alguma coisa no passado eu não sei, eu não conheço. O fato é que, naquele momento, parece que a relação dos dois não era muito boa, mas eu acho que, basicamente, a questão central foi essa, eu acho que ele errou politicamente, ele mesmo deve ter dito, naquela vez em que ele foi preso, deve ter feito uma autocrítica, "eu joguei com isso aí, deu errado, eu estou aqui na cadeia, fudido aqui". Ele pensava né, o que está dando certo, a China, Cuba, na época se falava em revolução na Argélia, um fato numa situação real concreta. Eu acho que foi isso, não foi só na cabeça dele não. Ele deve ter pensado; a gente está tenteando aqui, enquanto isso aí deu a merda que deu, enquanto no mundo está acontecendo uma série de coisas positivas na direção que nós desejamos, não é do jeito que a gente queria, mas está acontecendo, inclusive Cuba, a América Latina. Eu acredito que foi esse conjunto de fatores que empurrou ele para lá como muitos companheiros, Câmara Ferreira, um monte de gente.

MANUEL CYRILLO*

Edson Teixeira – De início eu gostaria que você fizesse uma apresentação de como foi a sua aproximação com a vida política, evidentemente que isso vai esbarrar na sua trajetória de vida.

Manuel Cyrillo – Eu sou Manuel Cyrillo, hoje tenho 52 anos de idade. Sou baiano, mas desde 1954 que eu moro em São Paulo. O meu início na militância política, minha tomada de consciência estava bem fixa em outro Brasil, em outra época, porque eu não vim do movimento operário e do movimento estudantil. Eu não vim de nada. Vim do movimento popular, dos bairros. A minha turma de rua, do bairro, terminou se engajando, quatro companheiros de Ação da ALN vieram daí.

Edson – Isso em São Paulo?

Manuel – Em São Paulo, no bairro das Perdizes. Como é que isso aconteceu? Na época do Jânio começou toda aquela tentativa de

* Este depoimento foi realizado no dia 18 de dezembro de 1999, na cidade de Campinas, São Paulo, com Manuel Cyrillo, militante da ALN, na década de 1960.

golpe da direita. Eles não deixaram o Jango tomar posse, foi quando o Brizola resolveu resistir. Havia dois amigos nossos que estavam servindo o exército naquela época, aliás, estavam servindo a aeronáutica, o serviço militar, estavam na PA, Polícia da Aeronáutica. Provavelmente, por influência do clima de quartel, de discussão dentro do quartel – esse quartel parecia ser mais progressista – esses dois terminaram se engajando na resistência lá do Sul. Se mandaram, foram para lá e ficaram. Depois que o incidente foi superado, eles retornaram para São Paulo, só que com uma nova cabeça.

Edson – Qual era o nome desses seus amigos?

Manuel – Saber eu sei, mas prefiro não falar. Quatro companheiros, contando comigo. Aliás, a repressão não teve informação sobre eles, até teve indicação, alguns fazem parte do processo, do processão da ALN, mas não sabem direito o que eles fizeram, nunca foram presos. O quarto terminou sendo assassinado em 1972. Eu fui preso em 1969, em 1972 [ele, o quarto companheiro citado] foi assassinado. Os outros estão por aí, até entraram no processão da ALN, mas não teve nada. Retornam do Sul com uma outra consciência, um grau de politização muito maior. A turma era grande, turma de rua, de bairro. Continuamos a ter nossa vida normal de garoto, de moleque.

Edson – Qual era a média de idade de vocês?

Manuel – Eles eram um pouco mais velhos do que eu. Tanto é que eu nasci em 1946, em 1962 estavam servindo o Exército, deviam ser uns dois ou três anos mais velhos que eu, mas tinham irmãos da minha idade, mais próximos, todos muito próximos. Tinha um time de futebol na rua, ali embaixo da Perdizes, onde é hoje a Avenida Sumaré, na época, eram vários campos de futebol, futebol de várzea, não estava globalizado ainda e a gente jogava futebol. Tinha um time, o Anchieta (risos), mas, gradativamente, levávamos uma vida

normal, de ir à festas, jogar futebol, conversar nas padarias, toda noite estar todo mundo junto, cada hora uma fase, de papagaio a xadrez (risos), passando pelo futebol, namoro, brigas, tudo normal. Só que, paralelamente a tudo isso, a gente começou a organizar grupos de discussão, acompanhava notícias de jornal, particularmente após 1964, a gente tomou mais gosto ainda. O livro *Porque Resisti à Prisão* foi muito interessante pra gente. E a gente vem vindo gradativamente, crescendo mais, em termos, o grau de consciência. Por outro lado, o grupo começou a diminuir, um filtro natural, normal, muitos continuaram próximos, mas com outro tipo de interesse, com outro tipo de vida, mas a gente andando pra frente, conforme a coisa foi se aguçando, a resistência crescendo em termos nacionais, a gente foi se engajando mais e mais também. Enquanto grupo, nós chegamos a fazer parte de alguns episódios interessantes. A gente tinha contato com o pessoal de teatro, alguns de nós faziam parte do teatro de Arena. Não foi por qual caminho, não sei se formalmente ou informalmente, mas a gente começou a fazer segurança para os espetáculos, segurança informal também, a gente conhecia muita gente do CCC. O CCC também ficava em Perdizes, pelas imediações, era gente que conhecíamos, numa boa. Um dos nossos amigos, esse que foi assassinado, o João Carlos, estudava no Mackenzie, que era grande a presença do pessoal do CCC. Ele fazia Engenharia e estava próximo desse pessoal, particularmente, do Direito.

Edson – Foi uma escolha que vocês fizeram?
Manuel – Sim, claro.

Edson – Houve um certo maniqueísmo para atraí-los diante das escolhas que pudessem fazer?
Manuel – Não.

Edson – Vocês se identificaram com a ALN.

Manuel – Isso. Aí a gente entrou. Não foi o grupo que entrou, foi uma célula, uma base da ALN. Mas, gradativamente, um puxou o outro, que puxou outro, que depois puxou outro. Eu, particularmente, entrei direto no Grupo Tático Armado, o GTA. A partir daí, eu fiz uma ação – aliás, todos nós entramos no GTA, foi uma opção nossa entrar para a ação armada, a gente já tinha uma prática anterior, a gente estava querendo dar um salto de qualidade.

Edson – Por que vocês escolheram a ALN?

Manuel – Olha! A gente acreditava num caminho. A avaliação que a gente tinha é que a proposta da ALN era mais ampla. Ela não se definia como socialista, comunista, era uma luta de resistência, uma luta pela democracia. A gente achava que esse era o caminho certo, achava que diversos setores da sociedade tinha seus interesses contrariados pela ditadura, ou pela violência da ditadura, tanto é que esses setores foram resistindo à ditadura, forçando mais e mais endurecesse. Fundamentalmente, era isso. A gente não se achava marxista, a gente só não estava satisfeito era com a situação nacional. É exatamente a proposta da ALN: de libertação nacional, de redemocratização. Foi uma opção política.

Edson – Como foi o primeiro contato com a ALN? Foi com esse amigo de vocês?

Manuel – É. Isso eu não exponho.

Edson – Você, fale o que quiser.

Manuel – Não, não é que eu não queira, é que eu não sei. Não sei como apareceu o primeiro contato com a ALN. Eu sei até quem foi, mas não sei como aconteceu.

Edson – E daí vocês foram para o GTA?

Manuel – Isso.

Edson – Era o primeiro GTA?

Manuel – Não. Na verdade era uma terceira leva de GTAs, porque quando eu entrei, eu e meus dois amigos, nós ainda fizemos uma ação juntos, no dia 27 de dezembro de 1968. A minha primeira ação armada e a última deles no GTA. Eles saíram e foram para o exterior para receber treinamento, já tinha uma outra leva que já tinha ido. Só tive essa ação conjunta com eles.

Edson – Qual foi a ação?

Manuel – Foi de expropriação de explosivos. Tinha uma empresa, que era uma pedreira, tinha seu alvará de funcionamento como pedreira, só que clandestinamente fabricavam explosivos lá dentro. Tinham os paióis, os depósitos, todos os aprontos, tinham uma fábrica em si. A gente recebeu essa informação e foi uma ação muito discreta, boa para ser uma primeira ação, pelo menos para mim. A gente foi lá com um mandado de busca e apreensão, um mandado judicial assinado por um juiz lá, chamado Carlos Marighella (risos). Então, a gente foi lá, tinha uma frota enorme de carros, cada um com dois companheiros, um companheiro mais um outro, todo mundo proibido de fumar, todo mundo tinha que sair de lá com a capacidade de seu veículo carregada de caixas. Até a minha prisão nós usamos bastante.

Edson – Então, você já tinha um contato com Marighella?

Manuel – Em toda a minha militância política – eu comecei a minha primeira ação no dia 27 de dezembro, entrei na véspera, nessa mesma época, está fazendo aniversário. Eu terminei sendo preso no dia 30 de setembro de 1969. Não dá um ano, dá alguns meses. O que é muito, a média de vida mundial de quem sobrevive na guerrilha gira em torno de quatro meses. Nesse período eu tive um encontro com Marighella, já em setembro de 1969, na véspera da minha prisão.

Edson – Voltando a essa ação, a diferença de idade de vocês para os comandantes da ALN era muito grande?

Manuel – Era grande. Porque, por exemplo, o Leonardo estudava Direito, mas deveria ter uns 30, 30 e poucos anos. E o Pedrinho – o nome de guerra do Marquito – também deveria ter uns 35 anos, 40 anos. Nós éramos mais novos, e é complicado avaliar a idade dele. Mas, eu diria eu aparentava perfeitamente.

Então, as coisas eram muito bem preparadas. Você vê esse caso dessa pedreira. Eu não participei da preparação porque eu estava entrando no GTA naquele momento, mas a gente percebe que teve um levantamento minucioso, que chegou alguma informação através de alguém, chegou a informação que uma determinada pedreira fabricava explosivos ilegalmente, guardava em tais lugares. Tudo isso a gente sabia, tinha um mapa do local dos paióis, eram subterrâneos alguns, tipo um poço e a gente tinha essa informação toda. Pra preparação a gente conseguiu saber de todos os canais. Através do mandado de busca e apreensão, assinado e carimbado por Carlos Marighella. Provavelmente tenha sido brincadeira de alguém que forneceu esse documento.

Edson – Era um documento oficial?

Manuel – Documento oficial, do poder judiciário, um mandado de busca e apreensão. Ele se apresentou na fábrica, a porteira estava fechada. Não era uma fábrica, era uma pedreira. Ele se apresentou como tenente da polícia federal, mostrou documento, deu voz de prisão e nós entramos. Então, você vê que o grau de preparação era legal. Cada carro com um motorista e um ajudante já tinha uma rota de fuga traçada. Essa pedreira era distante, era lá na zona Leste, um distrito qualquer de São Paulo, que margeava a Dutra. Cada carro sabia como sair de lá e ir até o lugar onde iria depositar a sua carga. Eu não sabia dos outros, tudo com muita organização. Tudo isso é preparação.

Edson – Retornando a sua trajetória na ALN, logo após essa ação de dezembro, em janeiro você cai na clandestinidade. A partir daí você vai para o Sul de Minas. Não é isso?

Manuel – É.

Edson – E como fica o contato? Quando você volta? Trilhe por esse caminho agora, a sua trajetória dentro da ALN.

Manuel – Eu fiquei meio solto. Era um pessoal ligado ao grupo de apoio nosso, politicamente bacana, não faziam grandes perguntas sobre quem eu era, por que estava escondido ali. Essa história de resistência geral à ditadura, era muito ampla. Eu fiquei lá com a vida normal. O cara tinha lá as atividades dele.

Edson – Qual o lugar que você ficou?

Manuel – Fiquei em Juiz de Fora. Ele tinha lá as atividades dele. Eu ia com ele pra baixo e pra cima, o que dava uma grande disponibilidade de tempo. Durante as atividades dele, eu ficava por lá com ele, mas totalmente isolado da organização. Uma pessoa que tinha esse contato comigo, ela dizia que ia me buscar lá no momento adequado, quando as coisas estivessem normalizadas. Eu confundo um pouco o período que eu fiquei lá, calculo um mês, um mês e meio, foi por aí. Foi quando houve a recomposição do GTA, e aí eu voltei. Chegou um novo comandante do GTA, Virgílio Gomes da Silva. Ele estava vindo do interior, se não houvesse o problema com o Leonardo, com o Pedrinho, ele nem viria para a cidade, ficaria no trabalho de campo da ALN, tinha toda uma estratégia lá.

Quando eu volto de Juiz de Fora encontro o GTA se reestruturando, com um novo comandante, incorpora uma série de novos companheiros, outros são afastados, mandados para fora, todo um remanejamento, tudo estava começando. O novo comandante, o Jonas, Virgílio, ele tinha uma experiência anterior, antes da ida dele, estava retomando. A gente tinha dificuldade de armamento naquele

momento porque grande parte ficava na casa do Leonardo e foi exatamente a casa que caiu. O próprio Pedrinho morre lá dentro. Ele vai chamar o Leonardo e termina assassinado ali na casa. Então, a gente estava com pouco armamento e a gente começou do zero. Foi uma experiência assim: o nosso GTA teve uma trajetória muito interessante porque algumas das discussões nossas aconteciam, já dentro da ALN, já estavam presentes naquele momento e terminou orientando a gente por um caminho diferente do que vinha sendo traçado anteriormente. Por que isso? Tem explicação: anteriormente, o GTA era área que deveria ser deflagrada, conflagrada, posterior ao início da guerrilha rural, mas com estratégia. Mas porque começou aqui? Primeiro, porque historicamente nossos quadros estavam aqui. Existia uma série de trabalhos no campo, do partidão e outras organizações, mas eram coisas muitos esparsas e cada um estava numa determinada etapa da vida, de processo, de engajamento, que não poderiam ser atacados, não poderiam ser recrutados, não poderiam ser incorporadas à gente, até porque a posição política do Marighella não era essa. Ele achava que cada um pudesse se organizar como conseguisse, nesse momento inicial de briga, de luta e lá na frente, depois, depois, a gente ia ver como ficava. A história ia mostrar quem de fato seria uma vanguarda, quem de fato seria uma liderança, quem daria o tom e a tônica do processo todo. Então, ele até estimulava a multiplicidade das organizações, como a VPR, o PC do B, o PCBR e a ALN. Havia uma proximidade com várias delas, mas a pretensão não era de fundir, por problemas de toda ordem, inclusive de segurança. Não se achava um dono da verdade: "o caminho correto é o meu, quem não estiver comigo é um pequeno-burguês, reacionário". Coisas desse tipo, um voluntarista, que é uma crítica que a gente houve a torto e a direito. Quer dizer, todo mundo tem a sua verdade e é o dono da sua verdade, não aceita a posição do Marighella e outra aberta, vamos para a prática e vamos ver quem está certo, quem vai conseguir alguma coisa, sempre com a abertura suficiente pra gente

juntar forças, pra se unir, pra congregar. Estou falando tanto que eu vou me perdendo... (risos)

Edson – Não, de forma alguma, afinal, está descrevendo todo o cenário.

Manuel – Mas a gente começa do zero nessa retomada do GTA. A gente vai incorporando essas visões críticas. Eu estava falando, voltando um pouco, que no início do GTA era algo para viabilizar a saída do pessoal, era uma forma de você treinar, checar, ver melhor aquele companheiro, ver a disposição dele, se ele aguentava, se ele tinha estrutura para aguentar o tranco de um processo armado como esse, se a gente poderia investir nele. É uma coisa complicada você investir em alguém com esse grau de risco todo e há um custo tão elevado, de vidas, muitas coisas estavam em jogo, um ponto estava em jogo e o cara não quer nem ao menos testar. Às vezes o cara entra em pânico, tem medo, não tem disposição, esse engajamento maior, não gosta de pólvora e também recursos. Então, o GTA foi muito usado pra isso, pra testar o cara e mandar pra fora. Foram centenas de pessoas para o exterior nessa primeira fase de GTA e ele sendo usado para isso.

Quando a gente retorna já havia a preocupação de que tinha que ter preocupações políticas maiores, tem que divulgar mais todo o programa da organização, ter mais discussões internas e a gente começa a se voltar para esse tipo de ação, uma série de ações, até ações de desapropriação de dinheiro, assalto a banco, para falar o português claro. A gente aproveitava a oportunidade pra fazer comícios armados, panfletava o local, a gente fazia um escarcéu quando estava melhor estruturado. Em junho, julho de 1969, a gente começa a fazer ações mais complexas, inclusive de expropriação pra promover esse tipo e atividade política. Por exemplo, a gente não assaltava mais um banco, a gente optava por zonas bancárias que tivesse mais de uma agência, um mesmo trecho, bloqueava as ruas todas em volta, isolava aquela

área, panfletava a área interior, no meio da ação parava o trânsito inteiro, entrava nas lojas e no comércio e panfletava. A gente fazia um escarcéu, a gente se preparava para tudo. E isso exigia um grau de preparação grande, a gente tinha isso, cumpria à risca. No início da nossa retomada, a gente teve até problemas de uma preparação um pouco falha, andava acontecendo acidentes, incidentes, a gente termina saindo superbem nisso tudo. Houve baixa, morreu gente no conflito com a polícia, mas a gente se saiu bem, consegue e aprende muito com isso. Então, a gente muda um pouco o rumo, o foco de ação do GTA. A gente ocupa uma torre de transmissão de rádio, foi exatamente no dia em que o estadunidense pisou na lua. A gente ocupou a torre da Rádio Nacional, aqui em São Paulo, que hoje é a CBN, na época era uma das rádios de maior audiência, às sete horas da manhã. Havia um programa de maior audiência, que era policialesco, relacionado ao crime, nem sei, devia ser o próprio Gil Gomes, mas não sei quem era o locutor-chefe desse programa. Era o programa de maior ausência e a gente ocupa a torre e bota uma mensagem gravada do Marighella, nós deixamos lá um gravador e ele repetiu duas ou três vezes aquela mensagem.

Edson – Dessas ações que você narrou até agora, qual era a participação de Marighella em termos de comando? Tinha alguma orientação específica por parte dele? As decisões passavam por ele?

Manuel – Não.

Edson – Tudo isso era decidido pelo GTA?

Manuel – Não só era decidido. Provavelmente, haviam algumas orientações: façam isso, não façam aquilo. Mas não havia esse grau de centralização, de ele ser o comandante, não era isso não. Pelo contrário, o grau de autonomia dos grupos era muito grande, era o oposto. É aquela história: que quem quiser fazer que faça. A gente seguia a risca aquelas coisas todas. A própria teorização dele, o primei-

ro esboço que ele entregou pra gente, o *Minimanual do Guerrilheiro Urbano*, já era. A gente estava muito mais na frente do que ele estava propondo ali. A gente não tinha transmitido a ele. Ele ainda não tinha prendido a nossa experiência. Ele veio com uma coisa mais velha. Nunca mais votei a ler o *Minimanual do Guerrilheiro Urbano*, só li esse esboço, tenho ele aí e nunca li. Eu me lembro que a primeira vez que eu li com o pessoal, o esboço, a gente achou como se fosse o GTA da época que eu estava em Juiz de Fora e não mais aquele GTA que estava fazendo ação da Rádio Nacional, ação contra Nelson Rockfeller, ações de cunho político muito presentes, muito mais fortes. Esse tipo de expropriação a gente junta o dinheiro, era uma zona liberada, era complexo mesmo. E a gente buscava muito mais, não queríamos mais pegar o dinheiro escondido porque precisávamos do dinheiro, não era isso mais. E aí uma vez não se leva esse tipo de coisa em consideração, se bem que na prática era mínimo o efeito que a gente causava ali, de qualquer forma era uma tentativa e essa tentativa hoje não é registrada, não existe, não acho correto.

Mas, ele tinha esse comando. Por exemplo, o episódio da Rádio Nacional: ele sabia que ia ter a ação, ele fez o texto, agora não foi uma decisão dele "Vai lá e ocupa a Rádio Nacional" – não era assim. "A gente tem chance?" "Está tudo esquematizado para ocupar a Rádio Nacional?" Não vinha de cima pra baixo. A gente estava vivendo uma fase de preparação mesmo, difícil mesmo. Como é que houve a reunião da Olas? Como é que houve o rompimento? Como é que nasceu a ALN? Estava tudo acontecendo naquele momento e a gente não chegou a existir efetivamente. A gente estava numa fase de preparação quando termina desaparecendo.

Edson – Até esse momento que você está narrando, quem era o Carlos Marighella para você? Você não o conhecia, mas evidentemente tinha algum contato, seja através de alguma leitura, seja através do que for.

Manuel – Não era um companheiro qualquer. O cara tinha um carisma muito grande. Por exemplo: se depois de uma ação chegasse uma informação que o Marighella acha isso assim, assim, tinha um grande peso. Se fosse uma crítica ou se fosse um elogio, vibrou, achou fantástico, tudo tinha um peso muito grande, a figura dele. É um mito assim...

Eu tinha um respeito muito grande, tinha uma confiança muito grande nele, na proposta dele. Eu achava que o caminho era por aí. Essa história de não exigir grandes centralizações, uma tentativa de alguém que tinha consciência da força do outro lado. Sabia que a repressão sobre a gente ia ser muito forte. Eu acho que foi um caminho, mas pra mim, com a clareza que ele encontrou. Tenho essa clareza, que ele optou por isso conscientemente. Ele próprio fazia questão de não ser visto como eu o via, ele fazia questão de não ter essa... De ser um a mais. Ele escreveu isso e praticava isso. Se tenho essa visão, é problema meu a importância que eu atribui a ele, mas ele próprio se preocupava em se colocar como um a mais naquelas horas todas, por todas as razões do mundo: teóricas, éticas, mas lhe garanto também por uma questão de segurança.

Dois meses depois da minha prisão ele estava morto, já devia ter passado pela cabeça dele essa possibilidade da morte, podia estar presente, estava presente para mim, imagina pra ele. Ele com toda experiência, a vivência, os problemas anteriores, as ditaduras anteriores.

Edson – Quando foi esse contato que você teve com ele?

Manuel – Foi depois do sequestro do embaixador.

Edson – Foi o único contato que você teve com ele?

Manuel – Foi, foi. É uma coisa que também é muito explorada, alguém de repente já deve ter falado. Ele achou incorreta a ação do embaixador, coisas desse tipo. Foi exatamente nessa reunião, a única reunião que participei com Marighella e não teve nada disso. Real-

mente, ele trouxe uma visão de crítica, e se você parar para analisar, todas procedentes. Acontece que a gente também contra-argumenta de uma forma lógica, com grau de verdade, de força, com ele na reunião. Tanto é que ele acata, aceita nossa posição, sai de lá com o outro tipo de entendimento.

Edson – Qual o teor da reunião?

Manuel – O problema é o seguinte: a ALN que participou daquela ação, no Rio de Janeiro, não foi a ALN sediada no Rio, fomos nós de São Paulo. A primeira crítica dele era essa. A ALN do Rio não sabia que ia acontecer aquela reação. Foi um absurdo, um puta erro. Algo que a gente, tranquilamente poderia verificar que ia aguçar muito a repressão, que ia perturbar muito o cotidiano da cidade, que iria trazer problemas para a nossa organização lá dentro, a gente não teve o cuidado de avisar. Então, essa parte da coisa a gente aceitou como um erro nosso. Essa era uma das críticas dele. O outro é que ele questionava a gente ter discutido mais essa ação, pelo grau de importância, afinal de contas o embaixador era o embaixador estadunidense junto à ditadura, um embaixador estadunidense, ela devia ter sido avaliada e discutida pela organização. É um pouco da sua pergunta anterior, a gente fez sem consultar nada e nem ninguém. Fomos pelo grupo de São Paulo – até com a participação do Toledo, Joaquim Câmara Ferreira, direção nacional da organização – sem levar a uma discussão da organização nacional e até à própria figura do Marighella, que estava no Rio, exposto e não participou de nada disso, não avaliou, não mediu, não pesou. Esse foi o outro ponto. Quanto a isso a gente respondeu com a própria teoria dele: está certo que a gente errou, está certo que a gente correu risco de perder quadros no Rio, de perder trabalhos e contatos, enfim, não potencializamos como poderia ter potencializado, não capitalizamos com poderia ser capitalizado, mas era um ato revolucionário, justo, correto, estava dentro da nossa linha. A gente tinha todo o direito de ir lá e fazer.

Ele concordou, ele aceitou isso, até porque, a partir daquele momento, a gente podia fazer tudo isso, não precisava haver mudanças, não tínhamos riscos de segurança, não tinha nada, a organização podia ter feito tanta coisa assim previamente. A perda seria mínima. Ele seguiu concordando. Mas, uma reunião superlegal.

Edson – Essa reunião foi onde? Como você sentia o Marighella, ele estava tenso, descontraído?

Manuel – A reunião foi em São Paulo e com o GTA. Era uma reunião do Marighella com o GTA de São Paulo. Então, estava o comandante do GTA – naquela época já haviam dois grupos de GTA, os vice-comandantes de cada grupo – e é por isso que eu estava, eu era vice-comandante de um desses grupos. Ele era uma figura muito segura, humana, era um cara brincalhão, um *bon vivant*, sabia viver a vida, com toda experiência, durante a conversa sempre descontraído, sempre brincalhão.

Edson – Que tipo de brincadeira?

Manuel – Ele estava revendo alguns companheiros, alguns que tinham ido para Cuba e haviam retornado. Dois eram do partidão, era um congraçamento mesmo.

Edson – Ele não entrou direto no assunto?

Manuel – Por toda a reunião ele conversava com a gente, um quebra gelo, com espontaneidade, com naturalidade, com personalidade.

Edson – Você já sabia dessa característica dele?

Manuel – Já tinham me falado, mas eu o conheci nessa oportunidade, achei ele fantástico, parecia que era muito próximo, não tinha mito não.

Edson – Aquela sua visão de mito acabou?

Manuel – Acabou por acabar. Ele falou, na hora do papo sério, mais ao Jonas, Virgílio, que era o comandante do GTA. Mas todos nós participamos e ele terminou acatando a nossa linha. A gente relatou, fez um relato minucioso da ação. O Toledo estava presente, o comandante e o vice-comandante de cada GTA, mais o Toledo, umas dez pessoas.

Edson – No sequestro do embaixador estadunidense, você era vice-comandante do GTA. Explique como foi isso.

Manuel – Eu terminei ficando como vice porque a gente assumiu o comando lá. E ele me colocou como vice-comandante, o Jonas, que era o comandante, porque sabia do meu potencial, por segurança ele me coloca como o vice-comandante. Somos nós que vamos abordar diretamente o embaixador, ele de um lado e eu de outro, abordagem direta. Nós é que checamos todo o planejamento da ação, o pessoal, a preparação.

Edson – E a tensão naquele momento?

Manuel – Depois de seu batismo de fogo, a guerrilha, particularmente a urbana, te dá um nível de tranquilidade muito grande. Por definição a guerrilha só aparece quando tem superioridade tática, naquele momento, no lugar, ela tem a surpresa, a superioridade tática, superioridade militar, superioridade de fogo, tudo, ela é superior a tudo do inimigo naquele ponto, naquele lugar, naquele instante. Então, isso é tranquilo. Você fazendo uma ação bem planejada não tem erro. Você sabendo de onde pode vir o problema, se preparando para enfrentar, pra resolver, não tem erro. Ali é você. O resto do mundo inteiro, o inimigo pode estar ocupando, pode estar vigilante, pode estar te esperando, mas você não vai lá. Vai no local que você escolheu, na hora que escolheu, pra fazer do jeitinho que você quer. Isso dá uma tranquilidade muito grande, porque você prevê todas as possibilidades, se prepara para enfrentar e enfrenta. Até quando foge

você tem superioridade, inclusive militar, por mais exército que o inimigo tenha. Particularmente, isso acontece na área urbana, porque você vira a esquina e pronto: desapareceu. No mato é ainda mais complicado porque as esquinas são mais longas (risos). As esquinas são mais longe uma da outra e você fica mais exposto, te cerca numa área maior e você está ali. A área maior é a cidade.

Edson – E embaixador como ele reagiu?

Manuel – Bem, pois é! Uma coisa importante a dizer é que esse foi o primeiro sequestro político da história moderna do mundo. Tudo foi uma grande novidade. Eu não fui condenado por sequestro, porque não estava previsto em lei. Fui condenado por quebra de imunidade diplomática e por cárcere privado, não existia o sequestro, não estava especificado no Código Penal, na Lei de Segurança, em nada. Os jornais da época – a gente conseguiu fazer romper a censura e fazer anunciar o sequestro – anunciaram o rapto do embaixador estadunidense, não se tinha palavra ainda para o termo correto.

O impacto político foi muito grande pelos limites das coisas, pela figura do homem que a gente estava pegando, pelo sucesso da ação. Tudo era um outro mundo, uma outra realidade. Também para o embaixador, coitado. Ele não tinha referências de comportamento, não havia sequestro, hoje em dia qualquer pequeno empresário tem que ter referências de comportamento num sequestro. Ele não tinha essa referência, ele não sabia o que estava acontecendo, não sabia que ele estava sendo sequestrado. Não tinha essa referência. Nós capturamos ele em Botafogo, a gente subiu o morro o mais rapidamente possível, chegamos lá no alto do Jardim Botânico, na época uma área muito deserta, com uma ou outra casa sendo construída, uma ou outra já pronta, muito mato, muita vegetação, um ermo danado. Ele pensou que seria executado. A gente subiu, fomos lá para cima, paramos o carro e queria que ele saísse, pediu para que ele saísse do carro. Ele pensou que seria executado. Aí ele teve uma reação

inicial extremamente perigosa, porque ele pulou em cima da arma do Virgílio e tentou resistir a execução dele ali. Quando eu percebi, eu estava sentado ao lado, quando eu percebi eu pensei: meu deus do céu tenho que fazer alguma coisa para desmoralizar esse cara. Foi quando dei essa coronhada pra ele cair na real, pra ele perceber que estava nas mãos de inimigos, de alguma forma ele tem que entender isso e rapidamente se subjugar, ficar quieto, entender que estava numa situação de profunda desvantagem ali. E não dava pra falar alguma coisa, explicar isso pra ele, o meio que eu encontrei foi a coronhada. Eu lembrei de uma terapia anestésica, uma pancada, um tapa, às vezes, na cara e foi o que eu fiz, bati e dei a tal da coronhada. Na hora ele se consolou. Ele estancou. A gente fez com que ele serenasse, largou a arma, ele estava segurando a arma na mão.

Edson – Nesse momento estavam você e o Virgílio?

Manuel – Não me lembro o que estava acontecendo lá na frente não. Mas devia estar o nosso motorista, o motorista do embaixador e um terceiro elemento, esse estava no meio. Mas mesmo que estivessem os três na frente, era um cadillac de embaixada, com um banco alto, bem relaxado, não dava para eles fazerem nada, pelo contrário, tinha espaço suficiente lá atrás para toda essa movimentação.

Edson – O embaixador poderia ser assassinado ali?

Manuel – É, quando ele percebeu que se tratava de um sequestro, que nós estávamos querendo romper com a censura da ditadura, libertar companheiros nossos que estavam presos, com isso cada um ia falar a experiência de tortura, estariam denunciando a tortura.

Edson – Vocês falaram isso para ele?

Manuel – Falamos com ele ao longo do sequestro. Quando ele teve essa visão mais completa do que estava acontecendo, pediu desculpas pra gente, particularmente, pra mim, e explicou porque ele reagiu.

Foi aí que ele falou – eu não sabia o que tinha acabado de acontecer – meses antes, um ano e pouco antes, foi uma tentativa, uma emboscada contra o embaixador estadunidense na Venezuela. Ele disse que só aquilo é que vinha na mente dele. Ele achava que seria executado ali. As pessoas não sabiam o que era sequestro, ninguém conhecia e muito menos ele, daí aquela reação. Ele chega a pedir desculpas, era uma figura fantástica, fala certas coisas interessantes pra gente, que a gente acaba pedindo autorização pra gravar e grava um depoimento com ele. Depois iríamos tomar uma outra rádio para por a fita.

Edson – O que ele falava?

Manuel – Nós tivemos um relacionamento muito aberto com ele. Todos que estavam na casa conversavam muito com ele, porque todos nós fazíamos plantão de vigilância com ele dentro do quarto, ou à noite o deixávamos sozinho, ficava na porta, ele era um prisioneiro mesmo, estava preso. Então, isso dava oportunidade para a gente conversar, conversava muito, ele falava o português superbem, ele era casado com uma portuguesa, ele havia sido anteriormente embaixador em Portugal., casou com uma portuguesa lá. Falava a língua portuguesa. Então, conversamos com ele. Assim que a gente ficou com ele em casa, no quarto que ele iria ficar, com todo o esquema de plantão organizado, essa história toda. A gente foi ver o que ele tinha na pasta dele. Na pasta tinha remédio que ele tomava, a gente comprou mais. Tinha lá umas cigarrilhas, a gente comprou mais, da mesma marca. Ah! Nós lavamos a camisa dele que estava manchada de sangue. Dentro da pasta tinha uns documentos do governo estadunidense e com um carimbo de *Top Secret*. Isso aí dá uma tese de mestrado, de doutorado (risos). Não era tão secreto assim, porque tinha lá, fulaninho de tal, eram nomes que você abria o jornal e você lia os nomes, que o cara, ou era empresário, militar ou era político. Fulaninho de tal, nascido em tal ano assim, assim, tal dia, mês e ano. Fazia isso assim, assim. Umas biografiazinhas supersucintas, bem curta, umas seis ou

sete linhas para cada um e páginas e páginas daquilo. Várias pessoas, nome de tudo quanto é tipo de gente. Pegamos aquilo e levamos lá pra ele ver: o que é isso aqui embaixador? Ele disse: "Isso aí não tem nada a ver comigo. Eu sou funcionário de carreira do Departamento de Estado, isso aí é coisa da CIA."

Era o seguinte: a CIA estava muito preocupada com a reação do povo brasileiro à ditadura militar, a amplitude dela e agora estava começando essas ações armadas, isso estava impressionando os caras e a resistência popular geral. Eles estavam achando que a qualquer momento eles iam ter que descartar a ditadura militar pra gente manter o controle aqui dentro. Estavam a fim de abortar o endurecimento da ditadura pelo menos naquele documento. E daí? E os nomes? Os nomes são pra gente escolher uma alternativa civil para o Brasil, um governo civil. Agora esses aí não, porque inicialmente eles mandaram uma relação muito mais extensa, que conforme nós fomos aprontando o dossiê, nós vínhamos remetendo, essa é a última leva. Até onde eu sei o nome já está escolhido, já está definido.

Falou o nome do chefe da CIA um tal de Willian Benton, ele era o terceiro secretário da embaixada. O embaixador é um cargo político, vem, cai, troca, e o terceiro secretário é um nome fixo, um nome que fica no país. Willian Benton.

Edson – Qual era o nome escolhido?

Manuel – Ah! Sim. Coisa cinematográfica, que você lê num livro, vê num filme e nunca pensa que pode estar acontecendo com a gente. Sabe qual é o nome? Eles foram mais à esquerda do que se imagina: Dom Hélder Câmara.

Ele falava: "Eu não entendia o que se passava na cabeça dos militares, o Costa e Silva foi impedido, está doente – nós estávamos sob uma Junta Militar – por que não Pedro Aleixo, que era o vice-presidente da República?" – ele não acreditava nessa história. "Eu conversei muito seriamente com o Chanceler, dr. Magalhães Pinto,

mas eu não entendia: por que não Pedro Aleixo? Por que não Pedro Aleixo?” (risos).

Edson – Eu queria adiantar um pouco mais, depois do sequestro vem uma série de quedas e depois sua prisão. Como foi sua prisão?

Manuel – Não foi numa ação propriamente dita.

Edson – Como é que ficou depois do sequestro?

Manuel – Isso aí. Nós saímos da casa onde estava o embaixador, depois da ação, e fomos pra um apartamento junto com o pessoal lá do MR-8. Dois dias depois nós ainda estávamos lá esperando abaixar a poeira da repressão para vir a São Paulo. Eu e o Virgílio, nós ainda estávamos nesse aparelho deles, com dois companheiros deles, o Salgado e um outro. Esse Salgado é o nome quente dele, depois você pode levantar. Esse aparelho foi suspeitado, invadiram e a gente até suspeitou do episódio quando pela manhã. Eu e Jonas avisamos ao cara: “Olha! Isso aí tem coisa, fica ligado. Nós vamos sair”. Nós passamos o dia inteiro fora, pegamos uma máquina fotográfica e fomos dar uma de turista no Rio, pra poder não ficar em casa. Nós achamos muito suspeito o que aconteceu lá, marcamos um ponto no final da tarde, início da noite, um pouco mais avançado, umas nove horas. Marcamos esse ponto para ver se não tinha acontecido nada, aí nós voltávamos para casa. Quando a gente foi no final da tarde, eles não apareceram, no final da noite não apareceu, as nove horas aí apareceram, de *short*, coitados, sem camisa, descalços e eles contaram: “vocês estavam certos, a repressão foi lá, saímos assim, nós nem viemos antes porque esperamos escurecer, do jeito que a gente está... E agora a gente vai ter que se mandar”.

Caiu, caiu tudo, caíram todas as nossas armas, todas as nossas armas nós levamos de São Paulo, eles não tinham metralhadora, eles tinham revólveres, uma série de bombas que nós levamos pra poder deixar na casa do embaixador, parte da nossa segurança, nossa baga-

gem de mão, a peruca do Jonas, ele era careca, em São Paulo andava de peruca, quando foi para o Rio ele inverteu, deixava a peruca em casa e andava careca para mudar de cara, de fisionomia. Então, no dia seguinte a gente viu no jornal uma noticiazinha do aparelho que foi estourado, tudo que foi encontrado lá, a fitinha que tinha essa gravação da conversa com o embaixador. Ela está na mão do Exército. Eu sempre falo isso, amanhã ela chega no Arquivo Nacional.

Edson – E os textos que vocês viram ficou com alguém?

Manuel – Eu acho que ficou com alguém. Eu não me lembro não. Deve ter ficado com a gente mesmo. Já que você está fazendo essa pesquisa no Rio de Janeiro, procura ver lá. Dois dias depois do sequestro, num dia de jogo de futebol, era um jogo Palmeiras e Vasco, era o início de um campeonato Rio – São Paulo daquele ano. E quando os caras chegaram nove horas da noite falaram: "e não temos lugar para vocês, têm que se virar sozinhos". Porque o nosso dinheiro o grosso ficou lá no apartamento. Sem mala, sem roupa, sem porra nenhuma, sem arma, sem nada e sem casa, no Rio de Janeiro em pleno pós-sequestro. A gente tirou a ideia. Falei pro Jonas, ele gostou, vamos nessa e deu certo. Falei vamos lá pra

porra do Maracanã, a gente se mistura com a torcida do Palmeiras, compra um ingresso. Pegamos o dinheiro com o cara lá do Rio pra poder se virar, pra poder chegar em São Paulo. A gente tinha pouco dinheiro, eles deram o pouquinho que eles tinham, porque eles estavam em casa. A gente foi para o Maracanã, compramos um ingresso que deixava um bilhetinho na nossa mão, para provar que foi ao jogo.

Edson – A ideia foi sua?

Manuel – É. A gente pode até voltar de ônibus com a torcida, eles podem estar de ônibus lá, a gente volta de ônibus (risos), compra bandeira. Só que na teoria é uma coisa e na prática é outra. O campeonato muito no começo, era uma das primeiras rodadas, não tinha torcida

palmeirense em campo, nem do Vasco, meia dúzia de gato pingado vendo o jogo e a gente lá. Mas, a gente fez tudo que tinha planejado, compramos o ingresso que deixava o papelzinho na nossa mão. Aí acabou o jogo, a gente chegou já tinha começado. Acabou, a gente com o papel na mão, fomos pra rodoviária, pegamos um Cometa e viemos embora, cada um num horário. Nós nos separamos na saída do Maracanã. Cada um foi de táxi até a rodoviária, cada um pegou um ônibus e seja o que deus quiser! Isso pra gente ter uma chance, se um fosse preso dava pra outro poder passar. Era eu e ele só. Ele estava com a máquina, deixei com ele. Afinal, ele era mais visado, tinha militância no exterior, eu era clandestino por causa daquele episódio que eu lhe falei, mas não era tão procurado, ninguém sabia o que eu tinha feito na porra da vida, o que estava fazendo. Eu deixei a máquina com ele que poderia ser uma saída, o cara vindo com um ingresso do jogo e uma máquina não pode ser. Mas ninguém nem parou. Tinha um monte de barreira.

NOÉ GERTEL*

Edson Teixeira – De início eu gostaria que você fizesse uma rápida explicação de sua trajetória política e como você chegou a ter contato com Carlos Marighella?

Noé Gertel – Bem, não há grandes coisas a dizer. Eu entrei no Partido Comunista em 1931, eu era estudante de Direito aqui no São Francisco, era uma época que quase todos os estudantes se interessavam por essa coisa, eu me interessei, ingressei no movimento...

Edson – Aqui em São Paulo?

Noé – Aqui em São Paulo. Primeiro na Juventude Comunista. Não, minto, primeiro o Socorro Vermelho, organização internacional que prestava assistência aos presos políticos, chamava-se Socorro Vermelho Internacional Seção Brasileira, em todo o mundo havia uma seção. Comecei a trabalhar com outros estudantes de Direito, de Medicina, um grupo razoável de estudantes. Em seguida veio a

---

* Este depoimento foi realizado no dia 23 de dezembro de 1998, na cidade de São Paulo com Noé Gertel, ex-militante do Partido Comunista Brasileiro.

Aliança Nacional Libertadora. Eu entrei, participei, depois caí na clandestinidade. Vieram os integralistas, a marcha dos integralistas, que nós dissolvemos na Praça da Sé. Eu fui visto lá pela polícia, por um dos investigadores que me conhecia e tive que cair na clandestinidade. Estamos falando de 1934. Em 1935 veio a Aliança, depois a repressão, 1935, 1936, eu quero me lembrar como o Marighella entrou aí. Eu encontrei o Marighella em São Paulo, fui embora para o Rio de Janeiro em 1937, mas o encontrei aqui antes disso. Aí ele veio para São Paulo e eu me encontrei com ele na Praça da República, ele veio para São Paulo passando pelo Rio de Janeiro. Vinha da Bahia, também saiu de lá por causa da repressão, do interventor Juracy Magalhães, ele queria ver o Marighella na cadeia. Eu me lembro que encontrei com ele aqui nessa praça, por causa desse problema de ligação, ele queria um contato. Ele veio pelo Comitê Central, para prestar assistência política ao partido em São Paulo. Eu disse a ele: "O que você fazia no Rio?" Ele chegou ao Rio de Janeiro sem ligação. Nessa época o que aconteceu? Ele tinha saído da cadeia em 1936, tinha sido barbaramente torturado. Ele disse: "Eu fazia o seguinte: como tinha pouco dinheiro, eu gastava um tostão para comprar *A Noite* e ler a crônica do Humberto de Campos e o outro tostão era para comprar um pão". Dormiu várias noites na praia de Copacabana, nos bancos. Bem, esse primeiro contato foi rápido. Em seguida eu fui para o Rio de Janeiro, em 1937. Em 1940 caí, fui condenado e o Marighella havia caído aqui, em 1937 ou 1938, com toda a direção do partido, direção regional, caiu todo mundo, todo mundo caiu. Foram para Fernando de Noronha em 1939. Em 1940 caiu o Rio de Janeiro, inclusive eu, mas não fui para Fernando de Noronha, já a guerra estava aí e Fernando de Noronha era um posto estratégico para os americanos, aquela coisa toda, quando o Getúlio começou a pensar em desativar o presídio de Fernando de Noronha e desativou. O Brasil entrou para a guerra em 1942, em 1941 o pessoal já foi pra Ilha Grande e nós que estávamos presos no Rio, eu e toda a direção

do partido, Bangu, Honório – você já deve ter ouvido falar em tudo isso. Fomos para a Ilha Grande e lá eu conheci o Marighella melhor, conheci e convivi com ele. Você sabe que cadeia é cama e mesa todo dia.

Edson – Como que era o comportamento dele?

Noé – Marighella era um homem fora do comum. Ele tinha uma capacidade de liderança inata, eu não sei como é que isso funciona. Inicialmente, eu devo definir o seguinte: Marighella era um homem de partido, um homem forjado pelo Partido Comunista, muito inteligente, muito lido, muito culto, interessado pela literatura, mas fundamentalmente política, política brasileira, sobretudo História do Brasil. Estudava muito e tinha uma capacidade política de dirigente, qualidades de um dirigente comunista, que são qualidades excepcionais, não era fácil ser um dirigente comunista no Brasil ou em qualquer lugar do mundo, não era fácil não, não era nenhuma brincadeira. Marighella tinha todas essas condições, além de ter o que se chama hoje de carisma muito grande. O que acontecia? O presídio, quando eu fui para a Ilha Grande, eu fui meio arrebentado, passei 6 meses incomunicável. E a primeira coisa que eu vi foi o Marighella. Se eu não me engano ele era o presidente do coletivo. Pelo menos ele era um dos homens responsáveis pela vida no presídio, digo responsável político e nesse caso significa que ele era da fração comunista, que dirigia não ostensivamente, dirigia o quê? Dirigia 60, 70 presos políticos de todas as camadas sociais do Brasil. Não é mole você conviver num presídio com gente que fez 1935, cabo, soldado, sargento, oficiais do Exército, marinheiros, camponeses, trabalhadores da Great Western, que aderiram em 1935, fizeram greves e que eram ex-camponeses semianalfabetos, gente dedicada ao partido, queria a revolução. Tinha de tudo, tinha classe média, tinha intelectuais, viver e sobretudo, harmonizar essa vida não fácil. Havia uma fração comunista que cuidava desses problemas. Por que não é fácil? Porque

você tem que dirigir corretamente a relação com os guardas, a relação com o diretor, com a diretoria, tudo isso é política diária, mas é uma política que precisa ter cuidado. O coletivo era também responsável pelo trabalho cultural, tinha uma escola, uma universidade etc. Tinha professor, gente que sabia fazer contas, sabia ler, estudar e alfabetizar, não havia problema. O grande problema era a situação política do país e o nosso relacionamento com a direção da casa e com a vida externa também, com o movimento político fora. O partido se reorganizava com a chamada Comissão Nacional de Organização do partido, tinha várias tendências cá fora e que entrava lá dentro, os comunistas levavam para a cadeia os problemas que o partido vivia aqui fora. No momento em que se leva problemas políticos internos de um partido para a cadeia, onde tem muita gente, acaba-se fracionando lá dentro também, será preciso tomar muito cuidado. Então, tinha esses problemas todos e outros, esses problemas tomavam conta o tempo todo. Marighella sabia onde tinha o nariz, havia momentos de crise, era Marighella que tinha tudo, era respeitado como se fosse um líder, não como um pai, não é isso, um líder, realmente era um líder. Era um homem a quem os companheiros levavam problemas domésticos. Dada a seriedade com que ele encarava essas coisas, você via o Marighella cuidando, conversando, às vezes, particularmente, com um companheiro, um camponês, um ferroviário, um ex-cabo, um ex-marinheiro, cuidando de problemas particularíssimos, ele ouvia, provavelmente aconselhava, não sei, mas era muito ouvido por todos. Qualquer outro tipo de problema, como é curioso isso, ele não era experiente, não era um velho, conselheiro, não era nada disso o Marighella. Era um líder político. Era um homem imaculado nesse sentido, você percebia que o Marighella era um homem voltado para isso, você não sabia nada do Marighella, você não sabia se ele tinha mulher, se tinha pai, se tinha mãe, se tinha irmã, nada, se tinha visita. Dele não se sabia nada. Agora dificilmente o Marighella tinha momentos de isolamento, porque era muito solicitado, sabe essa vida

diária, mas quando ele tinha, ficava numas pedras lá na Ilha Grande, um pouco afastadas, assim, ele ficava lá, lendo, às vezes ficava pensando, pelo menos é o que se dizia, um pouco de mito também tudo isso. Ele construiu a fração comunista responsável pela vida política dos presos políticos; nem todos eram comunistas, a maioria era aliancista, o pessoal do 21°, do Rio Grande do Norte, os oficiais do 3º RI do Rio, marinheiros, o pessoal do Minas Gerais, que tinha feito uma tentativa de revolta,etc. David Capistrano foi da Brigada Internacional na Espanha e estava lá. Correia de Sá, o querido Correia de Sá, foi cabo do 3º, foi também da Brigada Internacional; major Costa Leite, Agildo Barata. Joaquim Câmara Ferreira, tenente Tourinho, sargento Renê Bastos, o último soldado que se entregou no 3º Regimento, muito marinheiro, muito soldado, muito operário, de São Paulo. Esse era o homem Marighella. Sem dúvida nenhuma, Marighella tinha uma capacidade de liderança superada só pelo Prestes. O Prestes tinha, não é uma coisa composta, feita, era natural nele. O Prestes era um homem cordial, amável, mas tinha isso, era muito difícil você entrar na intimidade com ele. Já o Marighella não, o Marighella tinha um lado, o lado baiano do Marighella.

Edson – Ele fazia poemas lá dentro?

Noé – Fazia. Lá, tínhamos um jornalzinho e ele fazia, gozando os outros, gozando os presos, gozando a vida. Ele mesmo fazia o jornal, ele tinha uma letra bonita, de forma, fazia o jornal, de vez em quando esse jornal saía. Era manuscrito. E o trabalho, ele trabalhava, ele tinha uma habilidade manual muito grande. Nós fazíamos um trabalho no coco, caixinhas, não sei o que lá, umas bobagens. E o coco, não sei se você sabe, tem um brilho natural, a casca do coco tem um brilho próprio, que é mais forte do que o verniz, lindo, muito bonito. Você tira a casca, vai lixando, lixando, até chegar a um ponto que tem um brilho natural muito bonito. Com aquilo ele fazia umas caixinhas com uns desenhos marajoara, nós tínhamos lá um livro de uma,

Heloísa Torres, uma estudiosa da arte marajoara, ele copiava aquilo; trabalhava como qualquer outro, e era o melhor que tinha nessa área.

Edson – No artesanato?

Noé – Era. Era o que fazia as coisas mais bonitas e mais bem feitas. No futebol era o melhor jogador que tínhamos lá, sem dúvida nenhuma, zagueiro com o pé descalço. Era o melhor futeboleiro que nós tínhamos.

Edson – Daqueles que brigam?

Noé – Ah! Sim. Ele gostava muito de futebol. Nós tínhamos – eu não gostava de futebol não, jogava vôlei – mas ele não era bom de vôlei não. Era também o melhor professor que tínhamos. Ensinava português, mais didático, mais comunicativo, o que sabia fazer aproveitar mais era ele, como professor era ele, um pedagogo nato. Era, enfim, o melhor camarada, o melhor coração, o melhor comunista.

Edson – Você se lembra de alguma conversa com ele?

Noé – Lembro-me de uma que eu tive uma vez, meio séria. Houve um problema interno, eu acho que era no coletivo. O pessoal que estava no exílio e tinha voltado da Europa, Gay da Cunha, Tourinho, tenente França, Costa Leite, não sei mais quem, não me lembro, alguns estavam em Buenos Aires e alguns em Montevidéu, era o pessoal da Brigada Internacional. A Guerra Civil Espanhola tinha acabado, o Brasil já estava em guerra, então, eles negociaram, consultaram o governo pra ver se podiam voltar. O que aconteceria se eles voltassem? Estavam todos condenados, condenados em 1935 pelo Tribunal de Segurança Nacional, foi Trifino Correia, que era muito amigo do Prestes, que mandou o recado, o governo disse: se eles voltarem estão em cana. Aí voltaram assim mesmo, foram presos e foram parar na ilha. Aí era esse pessoal, mais visitas, mais problema externo, uma série de fatores lá dentro da cadeia. O partido aqui fora

ofereceu colaboração e apoio ao governo no esforço de guerra. Nós tínhamos a disposição e o que tivéssemos para dar ao governo para ajudar a derrotar o nazifascismo. Nós estávamos em guerra contra o nazifascismo. Até onde ia essa colaboração, era uma colaboração integral, aqui fora. Lá dentro começou a discussão, vamos colaborar aqui dentro trabalhando para o presídio, uma parte achava que sim, seríamos igual a preso comum, aqui no meio do mato, ia cortar lenha. Uma parte dirigida pelo Marighella achava que não, isso jamais. A conversa que eu tive com o Marighella foi essa, quando essa coisa estava quente, eu disse: "Marighella, isso pode levar à cisão". Minha preocupação era a unidade. Meu querido amigo Câmara Ferreira era favorável a esse discurso, discurso colaboração total dentro da cadeia. Devíamos passar a trabalhar para o presídio como se fôssemos presos comuns, trabalho forçado, como prova de colaboração.

Edson – Marighella era a favor?

Noé – Não, Marighella era contra, absolutamente contra. A conversa que eu tive com o Marighella era de que "isso pode levar a uma cisão". Ele disse com toda clareza: "Vai levar a uma cisão". Na noite em que ele foi eleito presidente do coletivo, nessa noite mesmo, Marighella foi de cubículo em cubículo e perguntava: "Tá com o coletivo ou tá com a casa?" A casa era a diretoria do presídio. O diretor era um homem acessível, tio do Érico Veríssimo, um caudilho gaúcho, aquele tipo coronel gaúcho, um bom homem, mas não era esse o problema, era sim que tipo de linha política nós deveríamos adotar. Então, ele perguntou a um por um, foi de cubículo em cubículo: "Tá com o coletivo ou está com a casa?" E dependendo da resposta: "Fora!" Os camaradas arrumavam as malas e iam embora, iam pedir para o diretor do presídio arranjar alojamento. Não foi bem a metade. Hoje eu não sei analisar esse problema, hoje, sabe, a distância, naquele momento claro, eu concordei, fiquei com ele e rompi com os demais. É difícil você saber se tinha algum princípio

nisso, se havia necessidade de expulsar do coletivo esses camaradas, só por que divergiam.

Edson – Como ficou a situação depois?

Noé – Aí veio a abertura. A situação política começou a desanuviar, veio a anistia, todo mundo saiu. A guerra acabou, veio a anistia, Getúlio decretou a anistia, Prestes foi libertado, essa discussão, colabora, não colabora, não tinha mais sentido, aqui fora não havia mais esse problema. Marighella fez isso da cabeça dele, ele achava que tinha que fazer isso, por que era isso? Na conversa ele me explicou muito: "Olha o que vai acontecer é que qualquer preso nosso vai ter contato direto com guarda nessa brincadeira. Aí eu vi, vai dar encrenca, vai brigar com a o guarda ou não vai brigar, e isso não pode". Porque toda a nossa relação, a custo de muita luta, de muito trabalho, a relação com a casa era através do Coletivo. Nenhum guarda, nenhum diretor da cadeia, nenhum carcereiro, podia ter relação direta com o preso. O que eles quisessem tinha que ser através do Coletivo, isso evitava, eu não digo traição, mas evitava conflitos, promiscuidade. Preso que conversa com guarda é promíscuo, era muito ruim para nós, nós não queríamos. Era assim que o Marighella queria: "o Coletivo vai perder autoridade". Essa briga pro coletivo ser tratado como governo, isso foi uma briga, greve de fome, briga, muita briga, muito barulho.

Edson – Marighella presente nessas brigas?

Noé – Participou disso tudo. Ele foi preso em 1939, acho que em 1940 ele estava na Ilha.

Edson – Você fala 3º, está se referindo ao...

Noé – 3º Regimento de Infantaria da Praia Vermelha, que se levantou em 1935.

Edson – Agora sobre os momentos de lazer, ele gostava de jogar futebol, jogava de quê?

Noé – Ele jogava de zagueiro, beque, descalço. Ele já tinha jogado futebol na Bahia, antes, no Ginásio, na praia.

Edson – Ele comentou isso?

Noé – Comentou. Era bom zagueiro, ótimo zagueiro. Aliás, era bom em tudo, ele supera o que a gente possa imaginar, porque ele era bom em tudo. Ele era um excelente professor, por exemplo, sem nunca ter sido professor na vida.

Edson – Você teve aula com ele?

Noé – Eu assistia de vez em quando. Eu também era professor. Eu me lembro que ele ensinava português e matemática. Marighella aprendeu inglês sozinho lá, lia, lia muito e acabou aprendendo. Não sei se falava, mas ele aprendeu muito.

Edson – Marighella era uma pessoa muito extrovertida...

Noé – Muito, muito, muito...

Edson – Qual era a brincadeira que ele mais gostava?

Noé – Ele achava graça, ele tinha o senso do pitoresco. Então, inventavam lá um apelido para alguém e ele começava a pesquisar: "Que diabo, por que esse apelido"? Sei lá, chamava Caroço, ele queria saber que diabo que houve ali que deram o apelido de Caroço, e fazia uma espécie de pesquisa gozada. Ele levava, sabia viver, levava a vida como deve ser levada. Ria quando era preciso rir, a fisionomia dele era sempre muito séria, o Marighella tem os traços de um homem que não ri.

Edson – Fisicamente, como ele era?

Noé – Fisicamente? Alto, mais alto que eu, forte, mulato não era não, era morenão. Você sabe que eu gosto de contar um episódio que eu tive com o Marighella. Marighella, no golpe, em 1964, foi baleado

no Rio de Janeiro – essa história você conhece – a polícia daqui, na época, ainda era uma polícia que não estava comprometida com o terror, com a repressão brutal Doi-Codi, era o Dops, uma polícia inteligente. Mandou buscar o Marighella lá no Rio de Janeiro. Ele veio, mesmo ainda ferido, veio num carro de preso. Ele levou uma bala aqui, quase entrou pelo coração, impressionante. Ele veio para cá, eu não estava clandestino, em julho. Foi quando, hein?

Edson – 9 de maio de 64.

Noé – 9 de maio. Eu estou falando então de julho, julho, já vou te explicar por que eu sei que é julho. Eu estava aqui, um frio desgraçado e eu chateado. A polícia esteve lá em casa, eu fui depor, mas me soltaram. Ainda não era repressão que veio depois com os militares, aquela brutalidade. Resolvi visitar Marighella na prisão. Telefonei para uma cunhada dele, casada com um proprietário de uma malharia. Eu fui visitar o Marighella.

Edson – Ele estava hospitalizado?

Noé – Não. Era no Dops, no xadrez. No dia 9 de julho, aniversário de São Paulo, era feriado – por isso que eu me lembro que é julho – eu peguei um puta de um pacote de roupa, estava frio, que você não imagina o frio em São Paulo, pacote de malha, de revistas, livros, fui ao Dops, peguei o elevador, tinha uma sala assim, estava como nós assim, uma poção de tiras, a mesa do delegado lá no fundo: – “Dá licença doutor?”

“Pois não”!

“Eu queria visitar o professor Carlos Marighella”.

Com a cara e a coragem que eu fiz, hoje eu fico pensando. Era a polícia civilizada, não havia se instalado ainda a grande repressão que veio com os generais, o governador era o Adhemar de Barros, eu joguei também com isso e sabia que não seria preso.

“Faça o favor de entrar!”

Aí eu entrei com o pacote, sentei na frente do delegado, ele disse:

"Um momento."

Passou a mão no telefone e falou não sei o quê, ele dava as costas ao falar:

"Olha, eu sou o delegado substituto, porque hoje é feriado e o titular não está aí. Eu não posso dar a licença pro senhor.

Eu falei:

Eu posso entregar isso ao menos?

O delegado:

– Ah! Sim. Põe o nome dele aí, vai lá na carceragem e o carcereiro entrega para ele.

Aí eu escrevi um bilhete assim: "Marighella aí vai uma roupa, revista e um grande abraço e tal... Mande um bilhete de volta dizendo o que você quer, mande de volta, embaixo do bilhete, o que você quer!" Ele escreveu o seguinte: "Noé, não preciso de nada, a não ser sabão e pasta de dente".

Aí atravessei a rua, comprei a pasta de dente, sabão, cheguei lá e entreguei e fui para casa tranquilo, com o dever cumprido. Aí, quando ele saiu foi lá pra casa, saiu logo depois, foi interrogado, fotografaram ele de todo o jeito. Ele era uma personalidade por causa daquela resistência dele no cinema lá no Rio. Foi lá pra casa e ficou algum tempo comigo, até escreveu um poema lá.

Edson – Qual poema?

Noé – Poema da Avenida Angélica, uma coisa assim. Ele lá da janela onde estava, do quarto que eu dei para ele, tinha um cemitério lá. Ele fez uma imagem desse poema em cima de um poema de Castro Alves. Ele dizia que eram os gorilas, que aqueles túmulos lá pareciam os gorilas avançando (risos).

Edson – Bom eu conheço a que o Vladimir me mostrou.

Noé – O Sachetta. Aí você vê pela mãe do Marighella, quem ele era. Ela parece uma rainha, uma coisa linda, parece uma princesa.

Impressionante. A mãe dele é interessante. Essa fotografia diz tudo, tudo. Inclusive um fotógrafo de bom gosto, ele botou uma margarida, acho, botou na mão, ela está com uma expressão soberba.

Edson – De 1945 a 1964, você não teve muito contato com ele?
Noé – Não, trabalhei com ele rapidamente, politicamente.

Edson – Aqui em São Paulo?
Noé – É, ele vinha pouco. Foi deputado, aí eu perdi contato. Depois foi cassado, aí ele passou a dirigir o partido, era ele e o Prestes, ele era da Comissão Executiva do Partido, aí nos víamos pouco; quando ele passou à luta armada, o vi uma vez.

Edson – Como foi esse contato?
Noé – Foi um encontro. Tive um encontro com ele, que ele pediu. Pra dizer a verdade eu não me lembro bem o que ele queria. Era qualquer coisa ligada, era um documento, precisaria de um documento, uma coisa assim, eu trabalhava em publicidade, eu tinha facilidade de arrumar algumas coisas, depois não vi mais. Sabia que ele estava na luta armada, ele tinha vindo de Cuba, eu não trabalhei nisso, não concordei, fiquei no partido, aí ele foi expulso, ele e o Câmara Ferreira.

Edson – Como você ficou sabendo da morte dele?
Noé – Eu fiquei sabendo pelo rádio. Estava com o rádio ligado e aí fiquei sabendo em casa. Interromperam uma transmissão de futebol que estavam fazendo e o cara falou. Era fatal aquilo, porque a coisa ficou limitada , ficou limitada a Fleury e ele, não tinha mais sentido. É verdade que ele estava organizando coisa séria, até hoje não sei como e o que ele organizou por aí, mas a ideia, se eu não me engano, era o negócio do Araguaia.

Edson – Você aceitou?

Noé – Eu não estava de acordo. Ajudei o Câmara, que era muito meu amigo, naquilo que foi possível sem me comprometer com a organização deles. Ajudei ele pessoalmente, mas não concordava com aquilo, não quer dizer que eu não cheguei a pensar nisso, a garotada se entregou à luta armada com um heroísmo fantástico.

Edson – Voltando um pouco, a Clara falou para mim que ele gostava muito de exercício físico, além de futebol, lá na prisão ele pratica esportes, exercícios, corria?

Noé – Não, era futebol e natação. Nadava muito bem, tinha praia o dia inteiro. Lá na Ilha Grande era praia. Exercícios ele fazia, tinha muita consciência, era um homem fortíssimo.

Edson – Bebia ou fumava?

Noé – Não. Lá na cadeia não tinha bebida. Aqui fora era guaraná. Eu almoçava com ele às vezes, num boteco qualquer, nos encontros que a gente tinha, eu nunca vi o Marighella beber.

Edson – Ele comia muito?

Noé – Quando saíamos para comer gostava, sobretudo, de peixe.

Edson – Aquela revista *Veja* diz que ele era apreciador de batida de limão, se fosse não teria problema nenhum.

Noé – Craque de futebol ele era, craque mesmo, isso ele era. Nós chegamos a jogar futebol contra os integralistas que estavam presos também, era uma puta responsabilidade.

Edson – Nesse futebol ele caçoava, brincava ou jogava sério?

Noé – Tinha que jogar sério contra os integralistas, era uma competição contra os integralistas, era natação, futebol, vôlei, corrida e não sei mais o quê. No futebol ganhamos, no vôlei ganhamos, na natação ganhamos, graças a um companheiro que era campeão de natação.



CADERNO DE IMAGENS



Maria Rita,
mãe de Marighella.

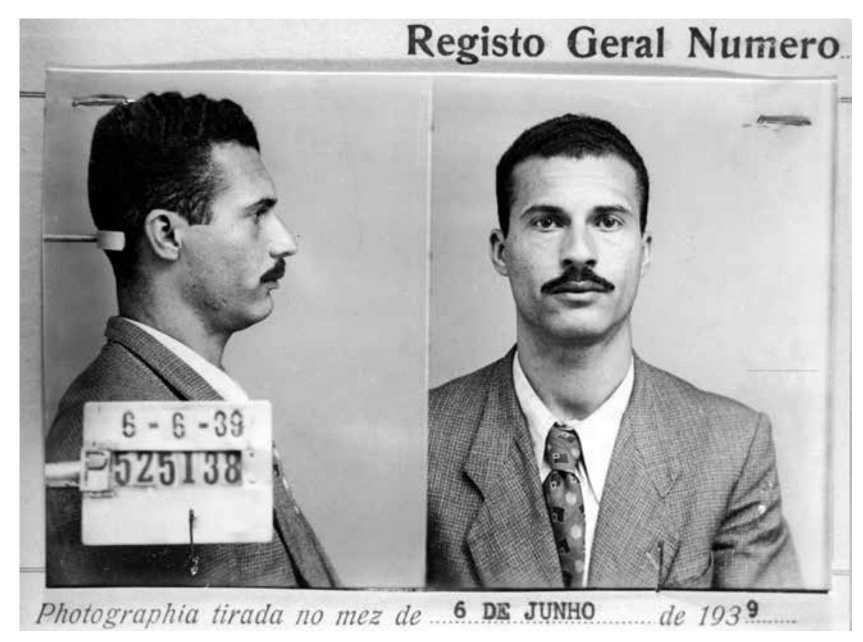


Augusto, pai de Marighella.

Marighella [centro] Tiro de Guerra – 1929.



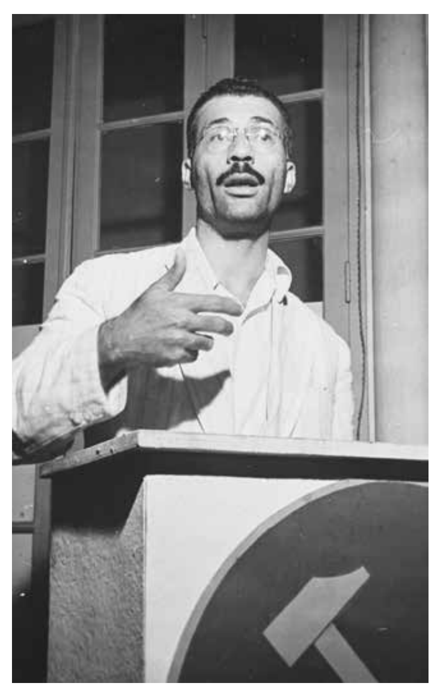
Carlos Marighella, jovem.



Carlos Marighella, preso, SP, 1939.



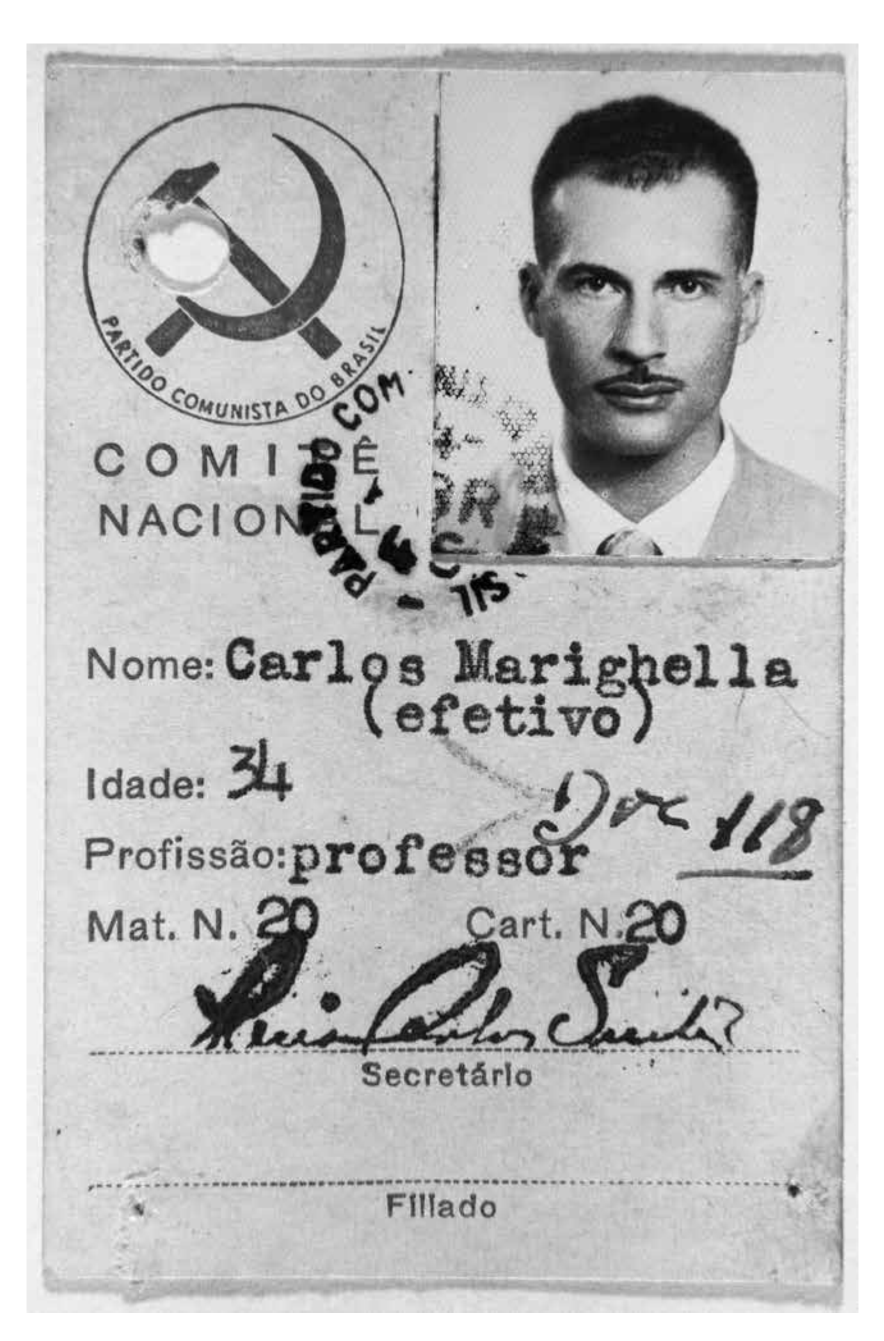
Marighella, 1945.



Marighella, sede do Partido Comunista, RJ, 1945.



Marighella, deputado, 1946.



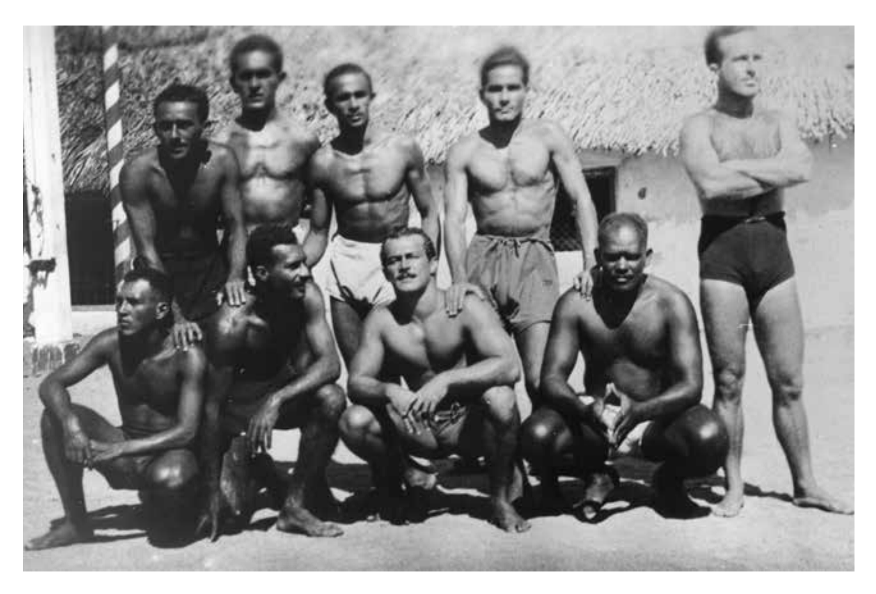
Carlos Marighella, carteira do Comitê Nacional do PCB, 1946.



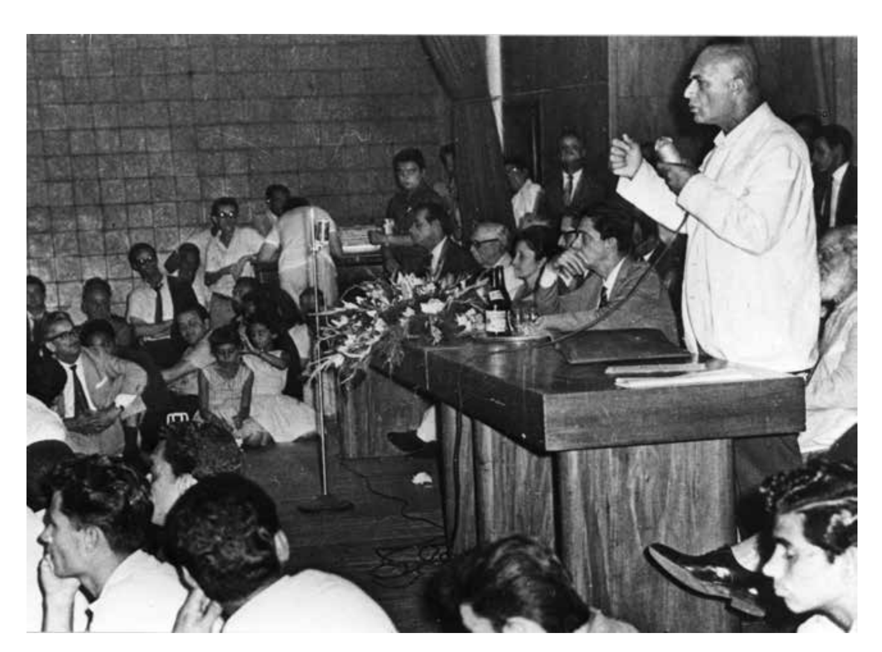
Carlos Marighella, bancada comunista Constituinte, 1946 .



Marighella, bancada comunista, 1946.



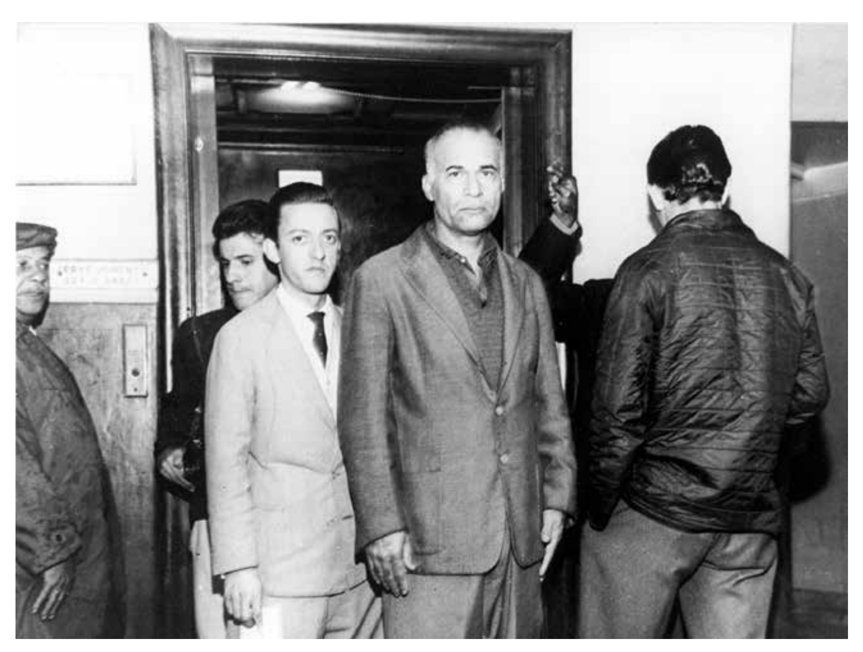
Marighella, preso político durante o Estado Novo.



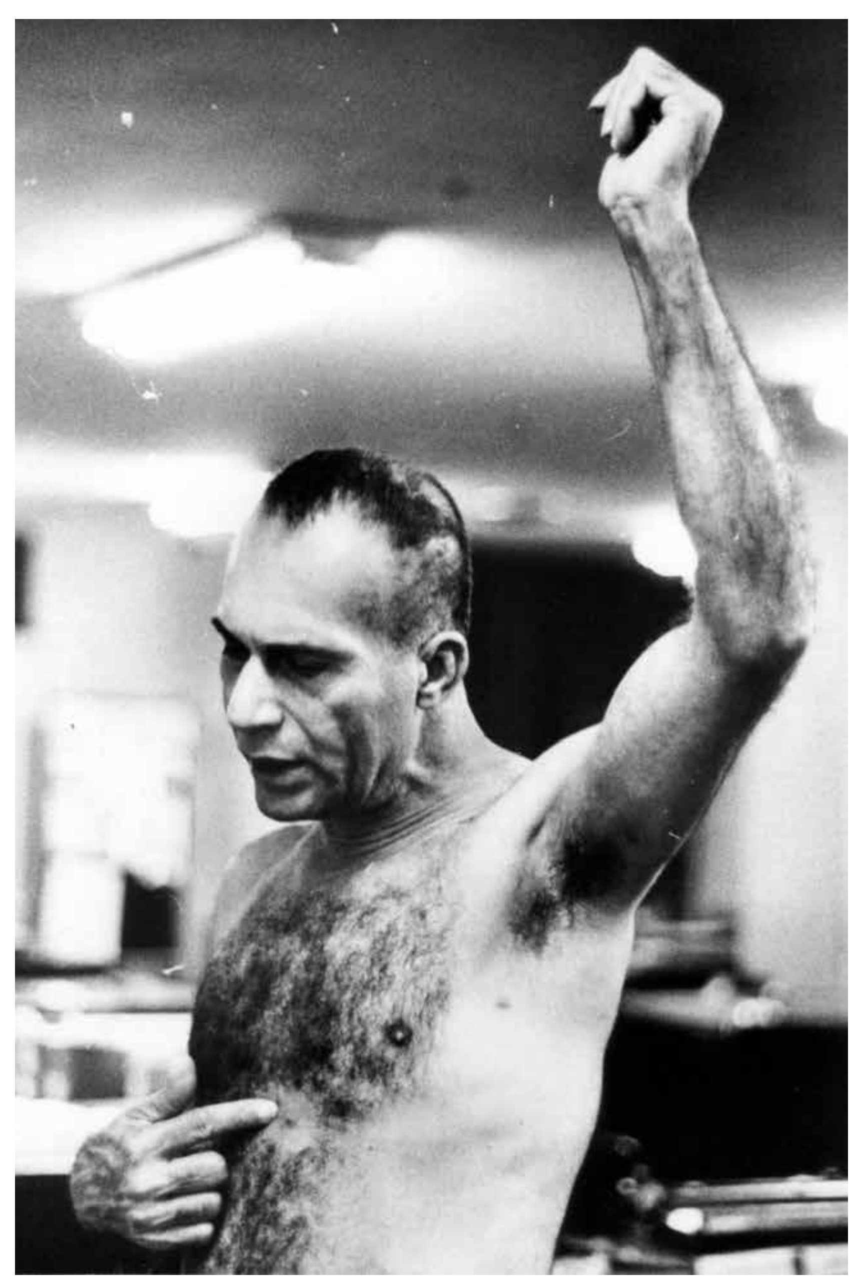
Marighella, Congresso de Solidariedade a Cuba, RJ, março de 1963.



Carlos Marighella, preso no DOPS junho de 1964.



Carlos Marighella, preso no DOPS junho de 1964.



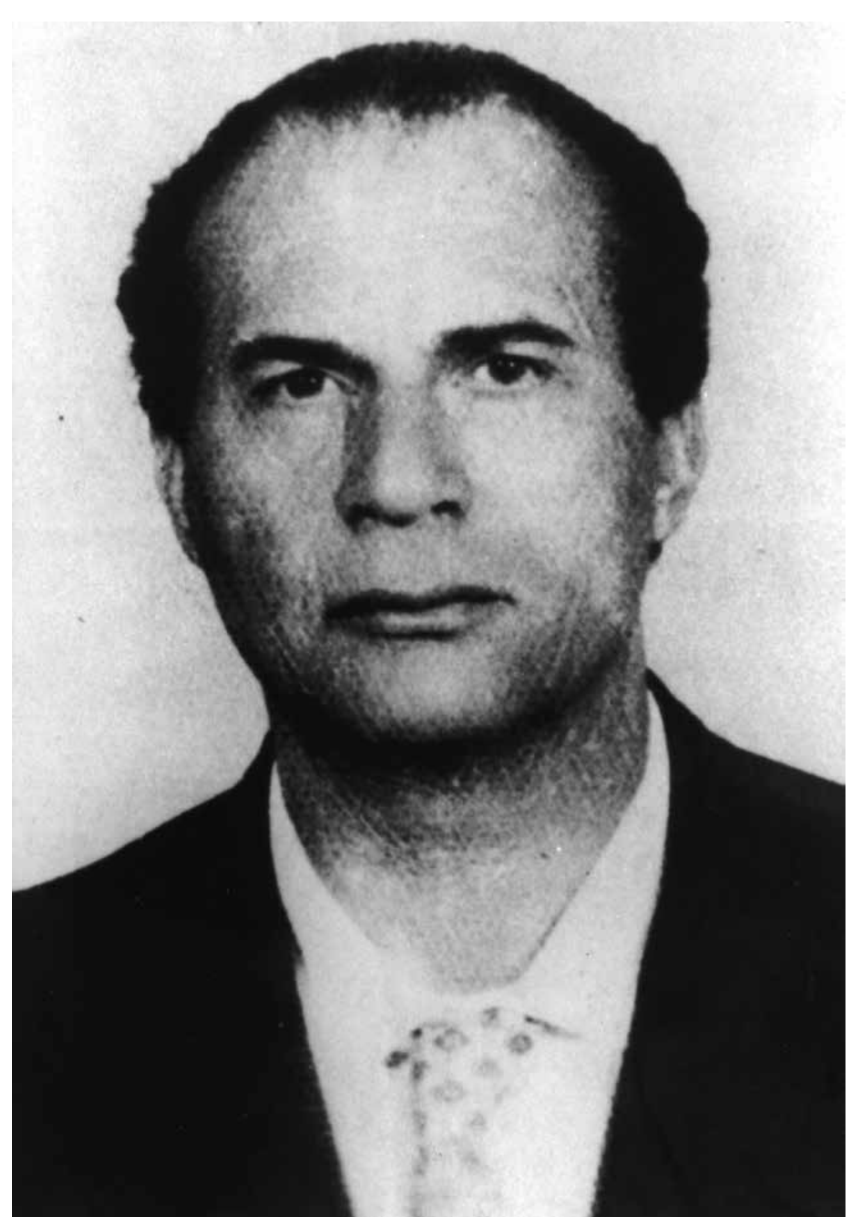
Marighella, baleado, maio de 1964.



Por que resisti à prisão, RJ, 1965 [edição clandestina].

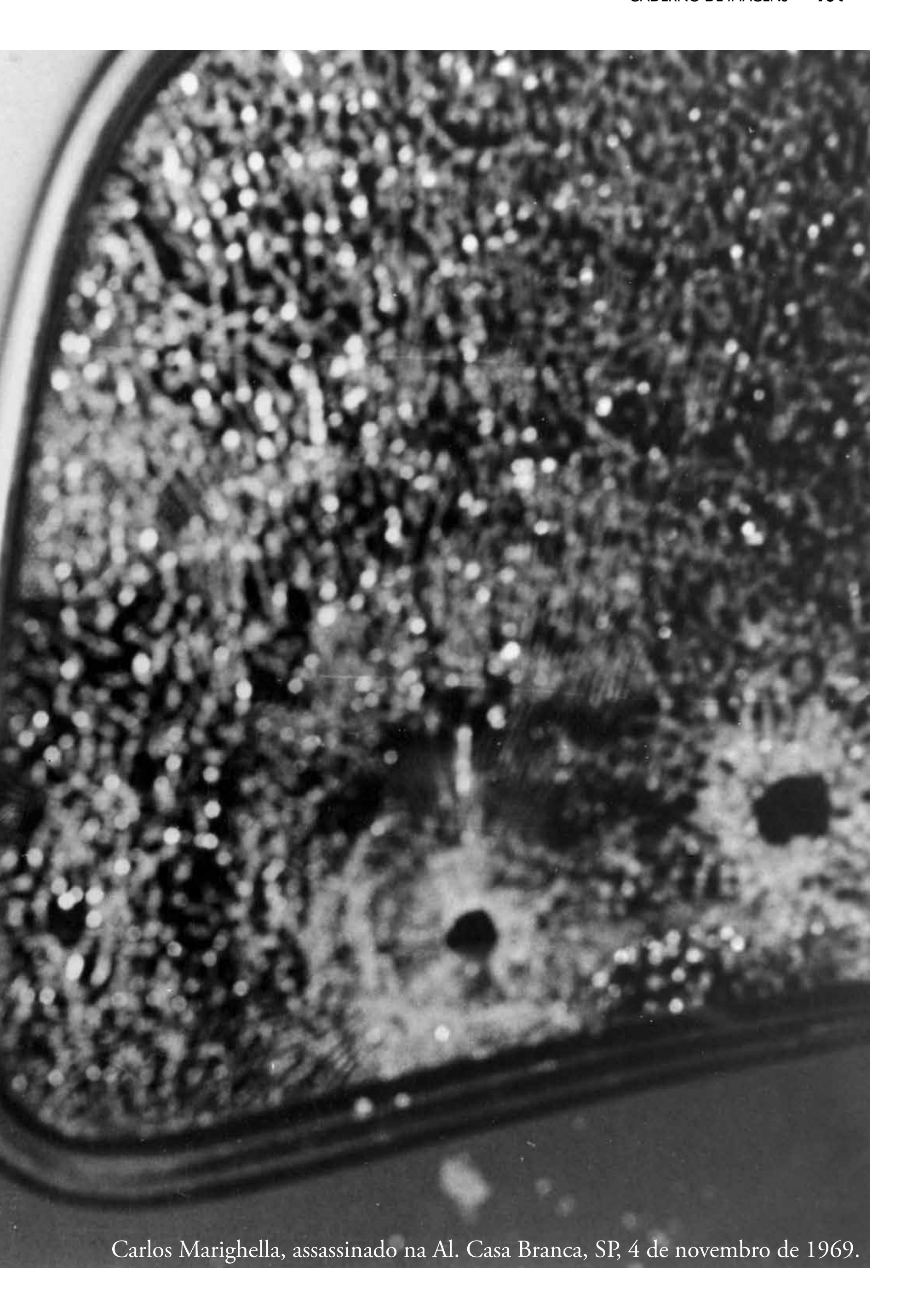


Marighella, *Veja*, 20 novembro de 1968.



Marighella, última foto conhecida antes do assassinato em novembro de 1969.

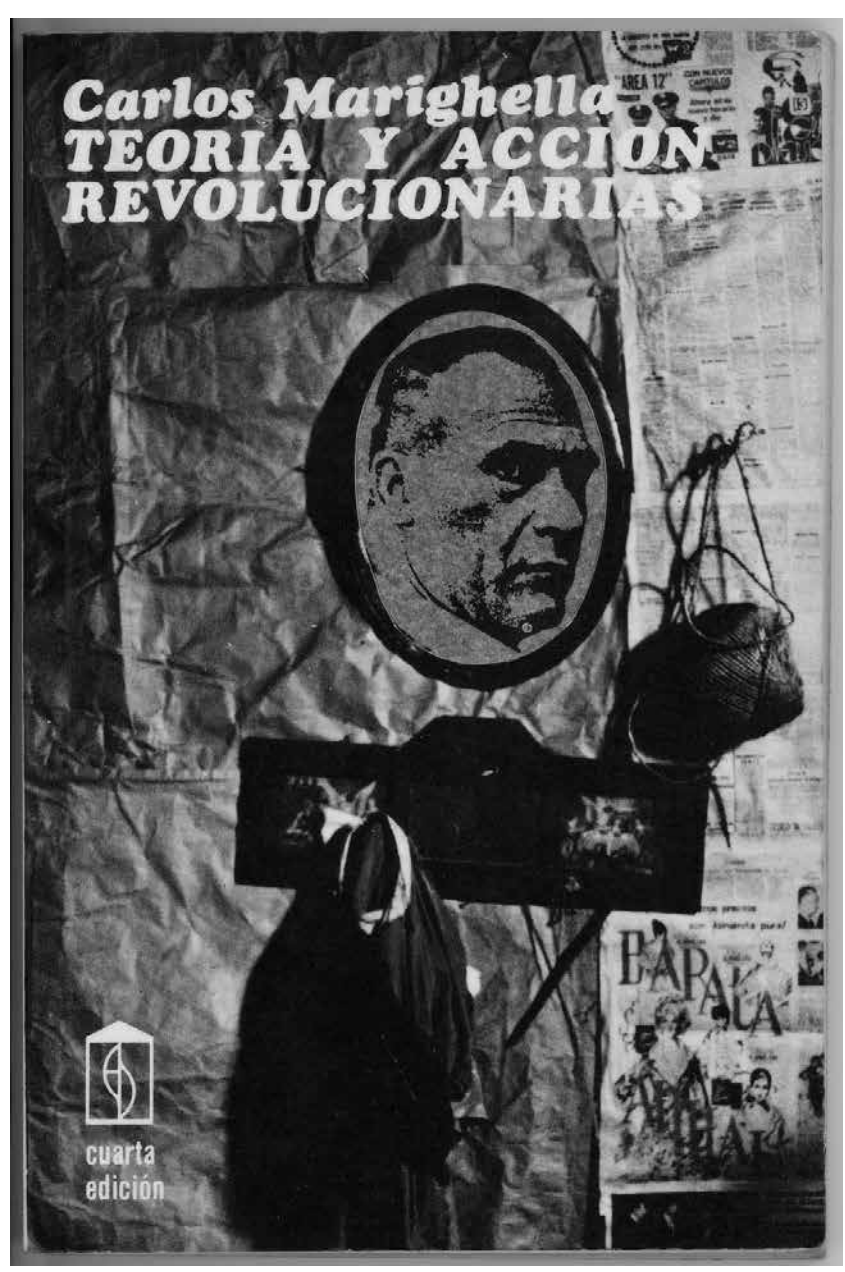




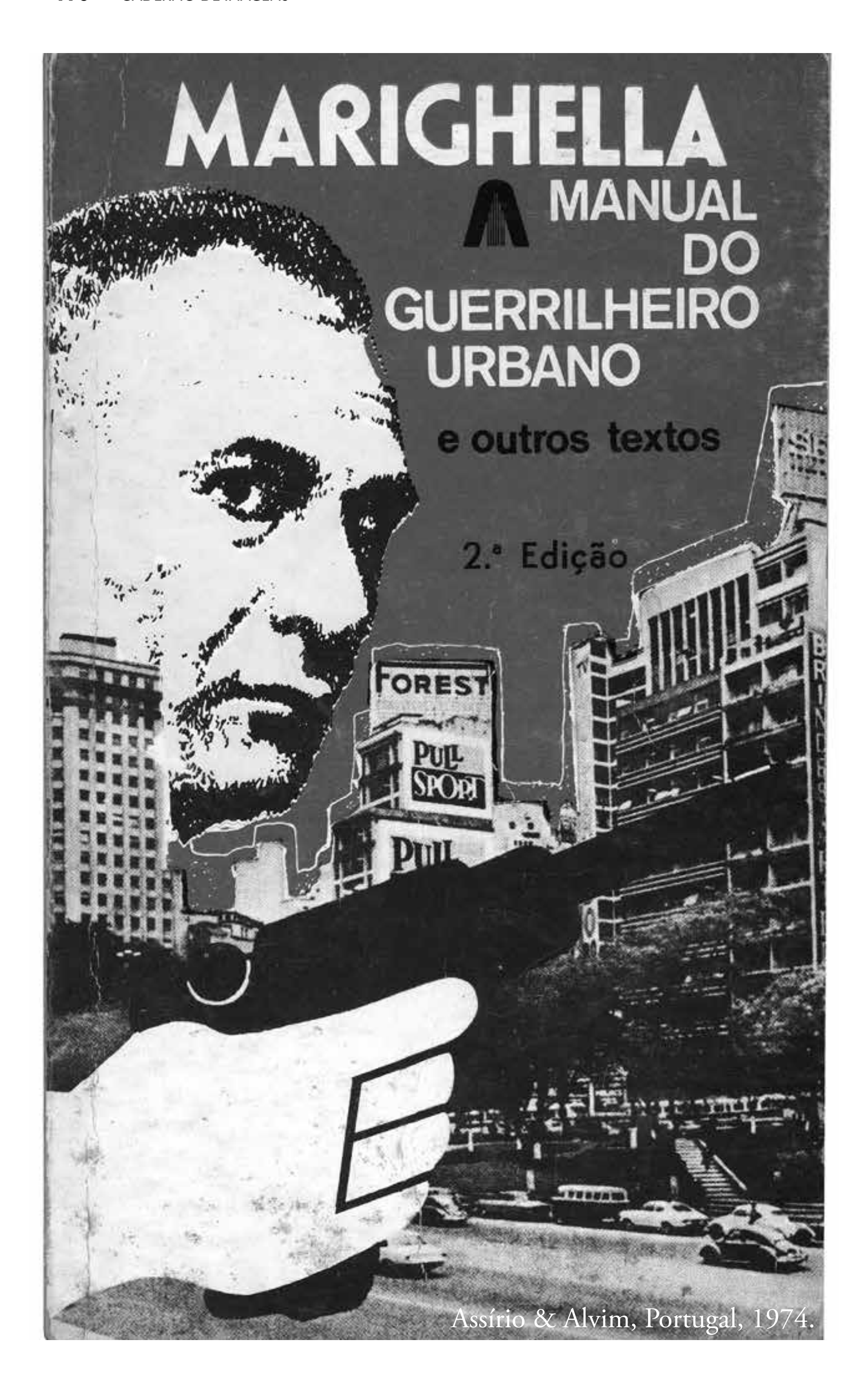
Carlos Marighella, assassinado na Al. Casa Branca, SP, 4 de novembro de 1969.



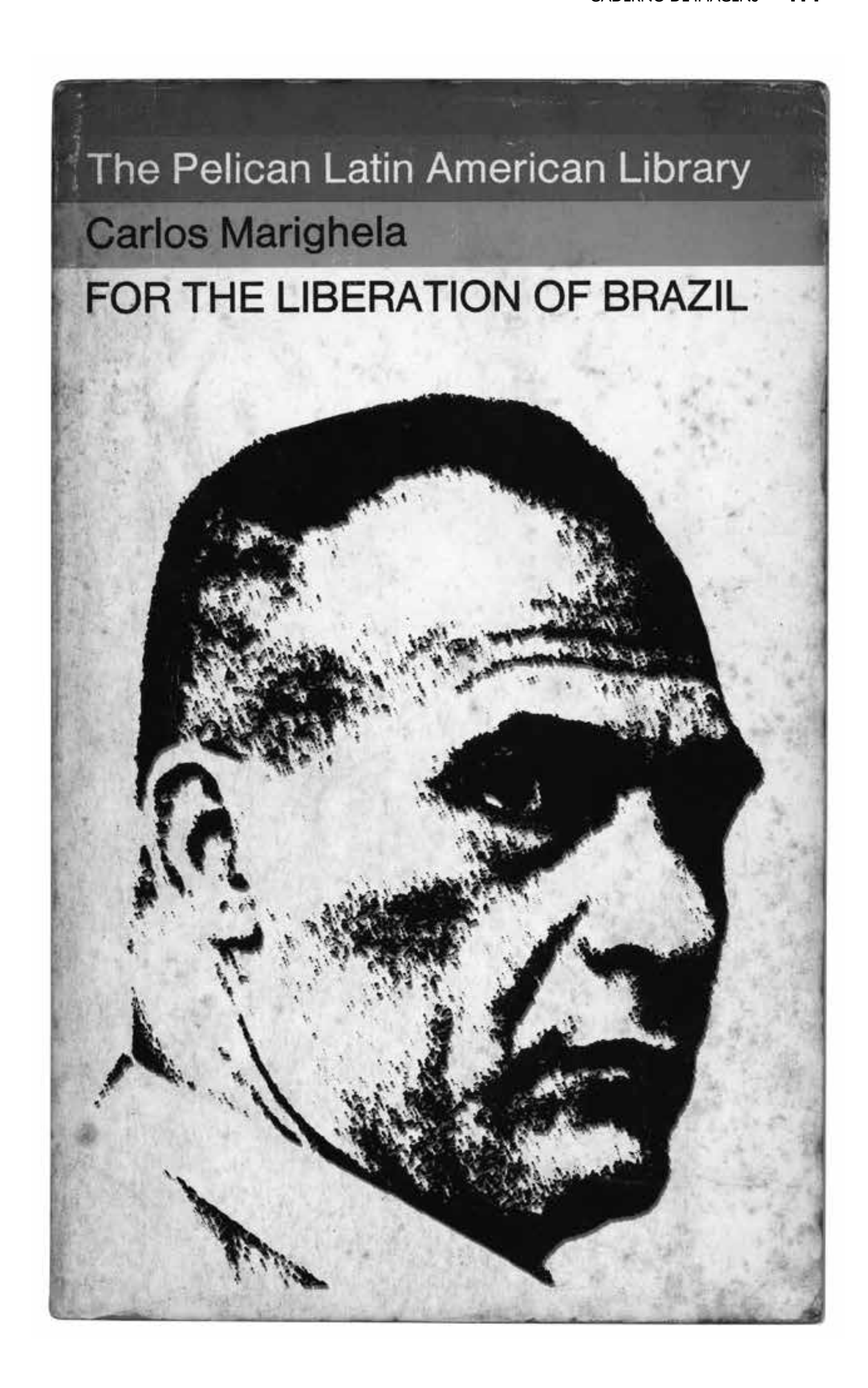
Marighella, traslado.

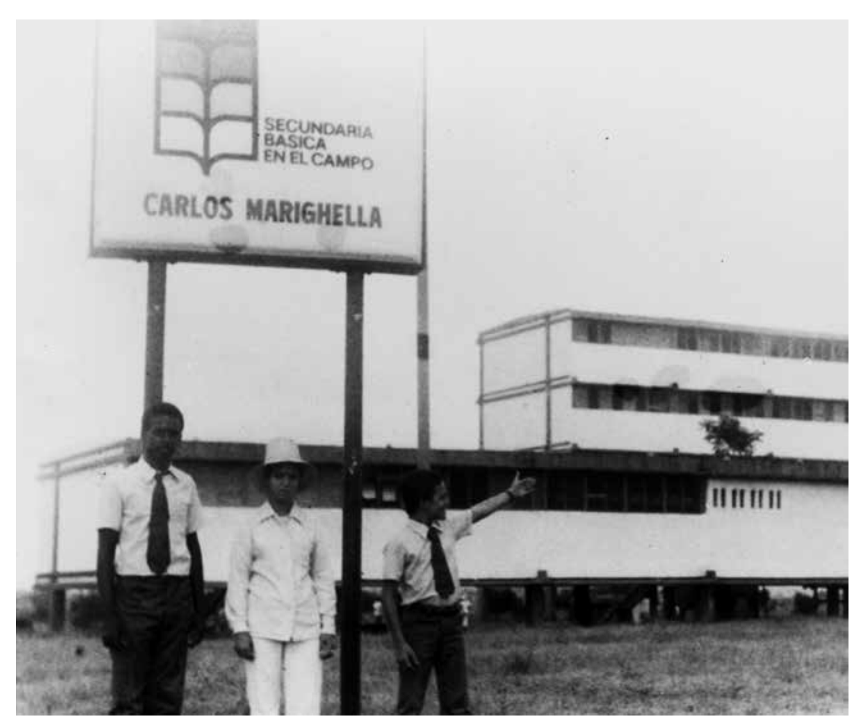


Marighella, traslado.



Assírio & Alvim, Portugal, 1974.


The Pelican Latin American Library
Carlos Marighela
FOR THE LIBERATION OF BRAZIL



Escola cubana Carlos Marighella.